

FERNANDA APARECIDA RIBEIRO

ANITA GARIBALDI COBERTA POR HISTÓRIAS

ASSIS

2010

FERNANDA APARECIDA RIBEIRO

ANITA GARIBALDI COBERTA POR HISTÓRIAS

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Doutora em Letras (Área de conhecimento: Literatura e Vida Social)

Orientador: Prof. Dr. Antonio Roberto Esteves

ASSIS

2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

R484a Ribeiro, Fernanda Aparecida
Anita Garibaldi coberta por histórias / Fernanda
Aparecida Ribeiro. Assis, 2010
227 f.

Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências e
Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista.
Orientador: Antonio Roberto Esteves

1. Garibaldi, Anita, 1821-1849. 2. Literatura latino-
americana. 3. Literatura e história – América Latina. 4.
Mulheres na literatura. I. Título.

CDD 809.89287
860.9

A Deus, por ter me dado a vida...

A minha família querida...

AGRADECIMENTOS

Ao caríssimo prof. Dr. Antonio Roberto Esteves, por sua extrema dedicação a este trabalho e por ter me dado a chance de (des)cobrir ainda mais a história de Anita Garibaldi.

A minha família, sempre presente ao meu lado, pela força e carinho, sem os quais não conseguiria vencer essa etapa.

A minha querida professora Dr^a. Cleide Antonia Rapucci, por me fazer enveredar nos caminhos da Crítica Feminista e por suas sugestões no Exame de Qualificação.

À estimada professora Dr^a. Ana Maria Domingues e suas indicações preciosas que deram novo rumo a este trabalho.

A minha amiga Fátima Marcari, por me incentivar a fazer a seleção de doutorado.

A minha amiga Kátia Rodrigues Mello Miranda, pela correção do trabalho e por sua amizade.

À CAPES, pela Bolsa concedida, o que me ofereceu condições propícias à execução do presente trabalho.

“Sou morena, mas sou bela,
filhas de Jerusalém,
como as tendas de Cedar,
como os pavilhões de Salomão.
Não repareis em minha tez morena:
pois fui queimada pelo sol”

Cântico dos Cânticos, 1:5-6a

RIBEIRO, Fernanda Aparecida. **Anita Garibaldi coberta por histórias**. 2010. 227 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras. Assis, 2010.

RESUMO

Com base na teoria do romance histórico contemporâneo na América Latina e da crítica literária feminista, o presente estudo tem por objetivo investigar a construção da personagem feminina Anita Garibaldi em romances latino-americanos, a partir do modelo histórico construído por Giuseppe Garibaldi em suas *Memórias* (1860). Idealizando sua companheira, nessa narrativa, o herói italiano constrói a imagem de uma mulher guerreira, que se move no espaço público. Mesmo seguindo o texto de Garibaldi, os historiadores posteriores complementaram a biografia da heroína brasileira, destacando a experiência dela no espaço privado, cumprindo o papel que a sociedade outorgava às mulheres no século XIX. Assim, o modelo que a história apresenta é de uma mulher ambígua, que transita entre o espaço público, aberto e o espaço privado, fechado. O trabalho que aqui se apresenta mostra como cada romancista recria a imagem de Anita, distanciando-se ou se aproximando do protótipo histórico criado por Garibaldi. Com esse intuito, escolheu-se como *corpus* literário os romances *A guerrilheira* (1979), do brasileiro João Felício dos Santos; *Anita* (1999), do também brasileiro Flávio Aguiar; *Anita Garibaldi* (2003), do argentino Julio A. Sierra; e *Anita cubierta de arena* (2003), da argentina Alicia Dujovne Ortiz. Em todos eles, verifica-se o intuito de reaver uma personagem da história aclamada como heroína, cuja imagem foi elaborada discursivamente por um homem que lhe concedeu características masculinas. Constata-se, desta forma, como a literatura cumpre o papel de leitora privilegiada da história.

Palavras-chave: Romance histórico latino-americano contemporâneo; mulher na literatura; *A guerrilheira* (1979); *Anita* (1999); *Anita Garibaldi* (2003); *Anita cubierta de arena* (2003).

RIBEIRO, Fernanda Aparecida. **Anita Garibaldi covered by stories**. 2010. 227 f. Theses (Doctor in Language Studies) – UNESP – São Paulo State University, Faculty of Sciences and Language Studies. Assis, 2010.

ABSTRACT

According to the theory of the Contemporary Historical Novel in Latin America and on the Feminist Literary Criticism, this study aims to investigate the construction of the female character Anita Garibaldi in Latin American novels, from the historical model built by Giuseppe Garibaldi in his *Memórias* (1860). By idealizing his female companion, in this narrative, the Italian hero builds the image of a warrior woman who moves herself in the public space. Even according to Garibaldi's text, later historians complemented the biography of the Brazilian heroine by highlighting her experience in the private space where she accomplished the role that the society granted the women of the nineteenth century. So, the model that History presents is one of an ambiguous woman who passes between the public space, open and the private space, close. The work presented here shows how each novelist recreates Anita's image, moving away from the historical prototype created by Garibaldi or approaching it. With this purpose, we chose as literary corpus the novels *A guerrilheira* (1979) by the Brazilian writer João Felício dos Santos; *Anita* (1999), by another Brazilian writer, Flávio Aguiar; *Anita Garibaldi* (2003) by the Argentine writer Julio A. Sierra; and *Anita cubierta de arena* (2003) by the also Argentine writer Alicia Dujovne Ortiz. In all of them, one verifies the intention of redeeming a character of the History acclaimed as heroine whose image was discursively elaborated by a man who granted her male characteristics. One notes, for that reason, how literature fulfills its role of privileged reader of History.

Palavras-chave: Contemporary Latin America Historical Novel; woman in literature; *A guerrilheira* (1979); *Anita* (1999); *Anita Garibaldi* (2003); *Anita cubierta de arena* (2003).

SUMÁRIO

PALAVRAS INICIAIS	08
1 “QUANDO UMA MULHER SE TORNA HEROÍNA”	18
2 A DONZELA-GUERREIRA DE ATOS E PALAVRAS	88
3 UMA MULHER DE AMOR E DE LETRAS	153
PALAVRAS FINAIS	214
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	223

PALAVRAS INICIAIS

Em *Las libres del Sur* (2004, p. 32), romance da argentina María Rosa Lojo, há uma afirmação do poeta indiano Tagore, transformado em personagem ficcional, referente à construção da identidade de um povo: “*lo que hace a cualquier pueblo es su memoria, lo vivido, soñado y sufrido en común. Una historia que pertenezca a todos, tanto al pueblo llano como a las clases altas*”. A literatura, especialmente o romance histórico, realiza essa função de reaver a memória através da releitura da história e do reavivamento das figuras lendárias do passado. Mesmo apresentando uma interpretação distinta daquela apresentada pela história hegemônica, permanece sempre o propósito de rememorar a tradição histórica e, por meio dela, fortalecer a identidade do povo. Assim ocorre com o romance histórico latino-americano, que muitas vezes traz à tona personagens pouco lembradas ou cujas histórias de vida não são muito conhecidas. Neste trabalho, o foco são os romances que recriam a história da heroína brasileira Anita Garibaldi.

No Brasil do século XIX, diversas foram as lutas contra a Monarquia, a favor da instauração da República. Entre elas, destaca-se a Revolução Farroupilha (1835-1845) no sul do país. Os grandes estancieiros, desgostosos com o preço do charque, rebelam-se contra o governador da província. A revolução ganha corpo e novas ideias, abrangendo a causa republicana e a abolição dos escravos. Em meio à guerra, nasce uma história de amor entre um revolucionário italiano e uma jovem brasileira. A história que Anita protagoniza ao lado de Garibaldi no Brasil, no Uruguai e na Itália é lembrada pela história e revivida pela literatura.

No dia 04 de agosto de 1849, Anita falece em Madriole, Itália, quando Garibaldi e os legionários fogem da perseguição austríaca por causa das lutas pela unificação italiana. Dez anos depois, quando já é considerado um herói de seu país,

Garibaldi publica, pela pena do escritor francês Alexandre Dumas, a primeira versão de suas *Memórias*, nas quais descreve a sua vida, os feitos heroicos e, conseqüentemente, relata os inúmeros episódios compartilhados com Anita, com quem viveu dez anos. Ela o acompanhou pelas batalhas na América do Sul e na Itália e, por isso, acaba passando à história com o epíteto de “heroína dos dois mundos”.

As *Memórias* de Garibaldi são, praticamente, a fonte primeira da história de Anita. Nelas, o revolucionário constrói a imagem de sua companheira como uma mulher-soldado, uma pessoa corajosa com princípios claros de igualdade e justiça, uma espécie de guerreira-nata e destemida nos campos de batalha. Nesse sentido, ele edifica o mito heroico de Anita, destacando que ela é uma mulher que irrompe no espaço público como vencedora e atua no espaço masculino como se fosse o seu próprio universo. Essa figura de Anita é repetida pelos demais historiadores depois dele que corroboram a solidificação da heroicidade de Anita Garibaldi.

Contudo, no Brasil, a história de Anita permanece praticamente oculta no século XIX porque ela transgride as regras da sociedade patriarcal vigente para se amasiar com um revolucionário. Com o fim do Império e a implantação da República em 1889, a imagem dela é evocada pelos historiadores brasileiros, no intuito de promover heróis que lutaram pelo novo regime. Assim, a versão das *Memórias de Garibaldi* por Alexandre Dumas, possivelmente uma das mais conhecidas e lidas, é traduzida somente em 1908, no estado do Rio Grande do Sul.

Os historiadores brasileiros, no entanto, dão ênfase não somente à atuação de Anita Garibaldi no espaço público, mas também à sua participação no espaço privado, como mãe, esposa e dona de casa. Assim, ela seria também uma mulher que atua dentro dos padrões estabelecidos por uma sociedade que se embasa em

princípios patriarcais. Cria-se, então, uma personagem feminina ambígua – um protótipo feminino exemplar na esfera domiciliar e uma heroína valente na guerra – como se as funções desempenhadas no espaço público e privado não tivessem entrecosques ou embates sociais.

Acredita-se que essa dualidade da figura feminina tenha sido refletida em obras literárias sobre Anita, pois se trata de uma mulher que rompe com as regras que estabelecem a opressão feminina e emerge em um espaço vetado às mulheres. A personagem feminina na literatura, como adverte Ruth S. Brandão (2006, p. 29), tem as suas singularidades:

Marcada pela letra e pela materialidade dos significantes, é, principalmente, figura de linguagem e figura literária. Como fetiche, remetendo à ilusão de completude, que, se se cobre de letras, revela-se, entretanto, insuficiente para se definir. É necessário sempre mais e mais palavras para se dizer sobre ela que nunca se diz toda. Muda de posição no discurso, é percebida de diversas maneiras, encarna o pretendido enigma de uma feminilidade que se pode representar falicamente, mas que, se se mostra com adornos fálicos, estes, entretanto, são o brilho do que ela não é.

A história de Anita Garibaldi é marcada pela escrita, já que é pelo relato de suas memórias que Garibaldi edifica a imagem de sua companheira, provavelmente não como deveria ter sido, mas sim como ele queria que ela fosse lembrada. Por isso, a construção primeira da figura de Anita é de uma heroína intrépida e uma mulher fiel ao italiano. Os historiadores posteriores a Garibaldi, no afã de completar a história de Anita, buscam outras informações sobre a heroína, destacando a vida dela em Santa Catarina, antes de conhecer Garibaldi. Ou seja, mesmo validando o mito heroico de Anita concebido pelo italiano, eles assinalam o lado privado dela, como uma mulher de seu tempo.

Na literatura, os escritores dão enfoque maior a um ou ao outro âmbito da vida de Anita, mas sempre rodeada de elementos do universo masculino. A cada romance, é provável que ela mude de posição no discurso por ser representada ou

como uma guerreira ou como uma mulher preocupada consigo mesma. Contudo, o que deve permanecer é a ambiguidade da personagem feminina, em continuo trânsito entre os espaços público e privado.

Nesse contexto, este trabalho tem como proposta analisar a imagem de Anita Garibaldi na literatura latino-americana, com o intuito de averiguar a releitura do modelo histórico em quatro romances históricos, dois brasileiros e dois argentinos. São eles, respectivamente: *A guerrilheira* (1979), de João Felício dos Santos; *Anita* (1999), de Flávio Aguiar; *Anita Garibaldi* (2003), de Julio A. Sierra, e *Anita cubierta de arena* (2003), de Alicia Dujovne Ortiz.

João Felício dos Santos é um conhecido romancista mineiro, que publicou diversas narrativas, entre elas *Xica da Silva* (1976) e *Carlota Joaquina – a rainha devassa* (1949), nas quais se percebe a tendência de protagonizar a personagem feminina. Flávio Aguiar, gaúcho de Porto Alegre, foi professor de Literatura Brasileira na USP e se utiliza dos conhecimentos das estratégias narrativas para elaborar seu romance. Julio A. Sierra é um jornalista independente na Argentina e escreveu uma obra sobre as damas de seu país. A argentina Alicia Dujovne Ortiz é romancista e jornalista e escreveu uma conhecida biografia de Evita Perón em 1995.

Os romances de Sierra e Dujovne Ortiz sobre Anita despertam uma curiosidade à primeira vista uma vez que Anita Garibaldi sequer conheceu a Argentina. O único elo com esse país está no fato de Garibaldi, quando eles moravam em Montevideú, ter lutado contra o cerco que o ditador argentino Rosas promoveu contra a cidade, no intuito de obter o comando do estuário do Río de la Plata.

Ademais de o *corpus* literário ser formado por romances históricos sobre

uma personagem histórica feminina, a autoria de um deles também é feminina e, com isso, seria possível que a releitura que a escritora argentina apresenta seja distinta da visão masculina. Por ter escrito outros romances, pressupõe-se que a interpretação de Alicia Dujovne Ortiz não esteja tão próxima daquela elaborada pela história, pois o título do romance, *Anita cubierta de arena*, muito mais do que apontar para um episódio da história de Anita, faz referência aos diversos discursos que encobrem a vida da heroína.

Já em relação a Julio A. Sierra, por ser jornalista e ter escrito biografias, é provável que o seu romance esteja mais preso à história, como se percebe pelo título e subtítulo do livro *Anita Garibaldi – Guerrillera en América del Sur, Heroína de la Unidad Italiana*, que evoca a imagem de Anita como heroína dos dois mundos, iniciada nas Memórias de Garibaldi.

Entre os autores brasileiros, o contraste está em um de eles ser romancista experiente e o outro um estudioso da Literatura e das teorias narrativas. Se o título do romance de Felício dos Santos aponta para uma característica de Anita no espaço público e está associado à situação política do Brasil nos anos 70, o de Flávio Aguiar somente traz o nome da protagonista, o que se pode deduzir que a releitura oferecida por esse último não esteja tão próxima à história oficial.

A construção da imagem de Anita Garibaldi inicia-se com um relato masculino, as *Memórias* de Garibaldi, que destaca o desempenho dela no universo público e concebe uma figura feminina ambígua, que circula entre o espaço aberto e fechado. Esse modelo é validado por diversos historiadores que também destacam a vivência de Anita no universo da casa como um “anjo do lar”. É desse protótipo histórico que partem os escritores dos romances aqui analisados, cada qual oferecendo a sua leitura e criando a personagem literária conforme a ideologia

que possui e os recursos literários utilizados, como cartas, personagens secundárias e/ou ficcionais, o discurso indireto, entre outros.

Assim, pressupõe-se que a interpretação da figura de Anita em cada romance do *corpus* deste trabalho seja distinta pelas razões já expostas. A primeira é o distanciamento em que cada autor se coloca em relação à história no momento da elaboração da obra literária, validando ou desconstruindo a imagem de Anita na história. A segunda é a representação da personagem feminina em romances de autoria masculina e feminina, pois se conjectura que homem e mulher tenham visões distintas em relação à mulher. Por último, as estratégias narrativas que os escritores utilizam para elaborar o enredo e a personagem, com ênfase no embate das funções sociais do espaço público e privado, pelos quais Anita oscila.

Nesse sentido, para a elaboração deste trabalho, tem-se como ponto inicial a imagem de Anita elaborada pela história, a partir da construção discursiva de Garibaldi. O primeiro capítulo, intitulado “Quando uma mulher se torna heroína”, apresenta os principais dados biográficos de Anita Garibaldi, a partir das *Memórias* de Garibaldi, e alguns episódios de sua vida destacados por Wolfgang L. Rau (1975), evidenciando-se o lado público da personagem e a sua fidelidade ao italiano, sempre tendo em conta que Garibaldi é o responsável pela elaboração de seu mito heroico inicial.

Depois, são apresentadas duas mulheres da família Garibaldi que corroboram para a construção da imagem de Anita pelo herói italiano. A primeira é a neta Annita Garibaldi (1931), que descreve a avó como uma mulher exemplar tanto no espaço público como no espaço privado, oferecendo alguns dados da vida de sua avó que não são descritos nas *Memórias*. A outra é a bisneta Anita Garibaldi (1989) que proporciona uma versão dos fatos pela voz da própria Anita por meio de

cartas que teria escrito, demonstrando que não há nenhum fato da biografia de Anita que pudesse “macular” a sua imagem de mulher.

Em seguida, o trabalho trata da imagem de Anita retomada pelos brasileiros Lindolfo Collor (1949), Valentim Valente (1949), Wolfgang Ludwig Rau (1975), Paulo Markun (1999), Ivonne Capuano (1999), finalizando com a dissertação de Antonio Manuel Elibio Júnior (2000). Lindolfo Collor apresenta diversos fatos sobre Anita que não haviam sido publicados até então e apresenta suposições sobre os sentimentos da heroína. Valentim Valente trata somente dos dez anos de convívio de Garibaldi e Anita, em um texto narrativo construído no limite da história e da ficção, que muitas vezes lembra os contos de fada. A obra de Wolfgang L. Rau é uma das mais completas, expondo uma pesquisa ampla e a ideologia do autor que se deixa levar pela fascinação por Anita. Paulo Markun e Ivonne Capuano repetem praticamente os demais historiadores em suas obras, publicadas na ocasião dos 150 anos de morte da heroína. Por fim, Antonio M. Elibio Jr. resgata as representações de Anita na história, com destaque aos primeiros historiadores brasileiros que se referiram a ela.

Considerando o *corpus* literário ser formado por romances históricos, faz-se necessário oferecer um breve panorama do gênero, sua recriação na América Latina em meados do século XX e suas características principais. Em seguida, são dedicados alguns parágrafos sobre a Crítica Literária Feminista e seus objetivos, pois as obras literárias trazem à tona a imagem da mulher na história.

Para finalizar o primeiro capítulo, resumem-se os quatro romances históricos analisados neste trabalho. Em *A guerrilheira*, o destaque é a divisão da narrativa em duas partes, tendo a primeira a função de construir a personalidade da protagonista e a segunda, de abarcar os fatos que atestam a característica principal

da personagem: guerrilheira. Em *Anita*, o foco não é voltado somente aos protagonistas Anita e o mulato Costa, mas também à questão de a literatura oferecer outras leituras possíveis ao passado histórico. Em *Anita Garibaldi*, a ênfase está no fato de o romance ser uma espécie de reconstrução das “memórias” de Garibaldi e nas cartas da personagem Anita à sua irmã. Em *Anita cubierta de arena*, o relato se centra nos pensamentos e sentimentos da protagonista em busca de sua identidade em meio a diversos papéis sociais que é obrigada a desempenhar.

Para a análise da imagem de Anita nos capítulos seguintes, optou-se por dois temas complementários: o espaço público e o espaço privado. O segundo capítulo, “A donzela-guerreira de atos e palavras”, contempla a figura de Anita no universo masculino, em meio à guerra e outros elementos considerados da alçada masculina pela sociedade patriarcal, demonstrando como cada escritor parte da construção da imagem de Anita realizada por Garibaldi nas *Memórias*, para corroborá-la ou não.

No romance *A guerrilheira*, encontra-se o arquétipo da donzela-guerreira que tem sua origem no mito de Palas Atena e discute-se a escolha do título do romance – o único dentre os selecionados que não leva o nome de Anita. Em *Anita*, o que se verifica é a leitura que a literatura oferece do passado histórico, questionando a versão apresentada por Garibaldi.

Já na análise do romance *Anita Garibaldi*, destaca-se a intertextualidade em diversas cenas com as *Memórias* de Garibaldi, validando o relato do italiano. Em *Anita cubierta de arena*, sublinha-se que as razões pelas quais Anita vai à guerra e luta com intrepidez são diferentes daquelas apresentadas pela história. A análise aponta, em todos os romances, a presença feminina junto às tropas, acompanhando os soldados pelas campanhas. Por fim, verifica-se a referência

implícita de Evita Perón nos dois romances argentinos, em que se percebe o paralelo entre as posturas de Evita e Anita.

O terceiro capítulo, “Uma mulher de amor e de letras”, enfoca a vivência da personagem literária no universo feminino, na casa e nas funções domésticas, e o modo como ela rompe os códigos sociais para poder se inserir no âmbito público. A protagonista de *A guerrilheira* é totalmente avessa às tarefas domésticas e luta com atos e palavras para ganhar a liberdade de frequentar o universo masculino. Já em *Anita*, a personagem se utiliza da leitura para adentrar no espaço reservado aos homens, tendo o mulato Costa como seu ajudante nessa tarefa.

Em *Anita Garibaldi*, a protagonista primeiramente se divide entre a liberdade do espaço público e as funções domésticas, e, após escolher acompanhar Garibaldi, se dedica a provar para a sociedade que seu relacionamento é autêntico. Em *Anita cubierta de arena*, a intenção é mostrar uma releitura de eventos ocorridos com Anita a partir da ótica feminina, bem como descrever a personagem feminina preocupada consigo mesma, que busca a sua identidade em meio ao espaço público. Por fim, há uma análise sucinta das características de Anita em cada romance, alguns deles associando a cor amorenada da pele à natureza.

Os propósitos dessa divisão de capítulos são de apresentar a construção da imagem mítica de Anita na história, analisar se os escritores corroboram ou não com tal construção ao elaborar a personagem literária e verificar quais os recursos que utilizam em suas narrativas para reconstruir a história de Anita Garibaldi.

Como a imagem de Anita na história foi iniciada dez anos depois de sua morte, tendo sido elaborada por um homem que é considerado herói de sua pátria e que constrói tal imagem no âmbito da guerra, ela passa a ser uma personagem feminina ambígua que flutua entre os espaços privado e público. Como já se

afirmou anteriormente, é bem provável que essa ambiguidade tenha sido retratada pelos romances analisados, pois os escritores partem das obras de Garibaldi e dos demais historiadores para elaborar a personagem em seus romances. O que se verifica é a tentativa de completude para se definir uma mulher que é mostrada com “adornos fálicos” e cuja feminilidade está associada ao universo da guerra. Cabe a cada escritor a releitura dessa imagem heroica de Anita Garibaldi. Contudo, o que prevalece em cada romance analisado é o intuito de reaver a memória de um povo através da recriação do passado histórico, ou seja, das raízes desse povo por meio da imaginação. Por isso, é provável que cada obra apresente uma “Anita textual”, tecida por história e ficção, coberta por histórias.

1 “QUANDO UMA MULHER SE TORNA HEROÍNA”

Só se poderia, pois, escrever um romance evocativo, em que a escassez de dados históricos seja suprimida, sem deturpações, pela imaginação do escritor.
Valentim Valente. *Anita Garibaldi*.

Anna Maria de Jesus Ribeiro (1821?-1849) entra para a história por causa de seu companheiro Giuseppe Garibaldi (1807-1882), a quem deve o seu codinome de heroína, bem como o nome e o sobrenome italianos com os quais é conhecida: Anita Garibaldi.

Até os dias de hoje a certidão de Anita Garibaldi não foi encontrada, mas seus biógrafos supõem que ela teria nascido no ano de 1821, conforme aponta Wolfgang L. Rau (1975, p. 66). O nome Anna Maria de Jesus pode ser constatado na certidão de seu primeiro casamento (RAU, 1975, p. 72), realizado no ano de 1835 na igreja Santo Antonio dos Anjos, em Laguna, e o sobrenome Ribeiro vem de seu pai Bento Ribeiro da Silva.

As informações sobre sua infância e seu relacionamento com o primeiro marido, o sapateiro Manuel Duarte, estão baseadas praticamente na tradição oral e, mais tarde, são registradas pelos primeiros historiadores que se dedicaram a ela. Assim, são conhecidos acontecimentos como: a mudança da família para Morrinhos pelo fato de Aninha (como é conhecida pela sua família e amigos de Laguna) agredir um moço que a cortejou com propostas indecentes; o caráter forte e decidido dela, que culmina com várias atitudes ríspidas; a imposição da mãe para que ela se casasse com Manuel e a falta de afinidades do casal, que resultou na infelicidade conjugal.

Enquanto o corsário italiano Garibaldi e outros partidários da Revolução Farroupilha (1835-1845) se dirigem a Laguna em julho de 1839 para tomar a

cidade, Manuel se alista na Guarda Nacional do Império e se retira da cidade, deixando Aninha com a mãe. O que acontece com Manuel depois – se falece durante a guerra, se volta à cidade, se vive por muito tempo – é desconhecido e não há nenhum documento para comprovar qualquer hipótese.

Conforme Rau (1975, p. 116), Aninha passa a frequentar a casa de uma família amiga na Barra depois que o marido parte com os imperiais. É desse lugar que Garibaldi a vê de seu barco, como relata em suas memórias a Alexandre Dumas (2006, p. 90-91), e vai à sua procura, iniciando, assim, uma relação com aquela que viria a ser sua companheira pelos próximos dez anos. Como o italiano não consegue pronunciar o nome Ana no diminutivo em português, ele se utiliza do diminutivo em língua italiana: Anita.

A partir deste momento, a maior parte dos fatos vividos pela personagem é narrada nas *Memórias de Garibaldi*, que será divulgada e repetida em várias ocasiões. Em outubro de 1839, o revolucionário italiano recebe a incumbência de fazer incursões pelo litoral brasileiro e Anita o segue a bordo da escuna “Rio Pardo”. Conforme os relatos que constam nas *Memórias*, Anita se mostra uma verdadeira guerreira, combatendo corajosamente ao lado de Garibaldi e incentivando os soldados a lutarem com coragem. No dia 15 de novembro, há um contra-ataque dos imperiais ao exército farroupilha em Laguna, os farrapos perdem o domínio da cidade catarinense e dali se retiram. Uma parte da tropa, inclusive Garibaldi e Anita, segue a coluna de Teixeira Nunes em direção à cidade de Lages, onde são bem recebidos.

Em 12 de janeiro de 1840, estando à procura da tropa imperial comandada por Mello Albuquerque, os farroupilhas são surpreendidos na região de Curitiba, perto do rio Marombas. Nessa ocasião, Anita é feita prisioneira e levada ao

acampamento dos imperiais. O coronel Albuquerque lhe dá permissão para verificar se o corpo de Garibaldi está entre os mortos do combate e, não o encontrando, Anita busca uma maneira de fugir para ir ao encontro de seu companheiro, o que consegue à noite, provavelmente por algum descuido da guarda.

Os farrapos voltam para o Rio Grande do Sul e Garibaldi e Anita se instalam em São Simão, onde ela permanece durante a sua primeira gravidez. Dias após o nascimento de Menotti, na casa de uma família amiga em Mostardas, o povoado é atacado por Moringue, capitão imperial que quer se vingar de Garibaldi por uma derrota sofrida alguns anos atrás. Conforme o relato do italiano, Anita, mesmo em fase de recuperação, tem energia para fugir a cavalo com o filho nos braços, por dentro da mata.

Depois de atravessar o vale do rio das Antas, em direção a São Gabriel, onde está a nova sede dos farroupilhas, o corsário percebe que sua participação na Revolução já é pequena e, em meados de 1841, a família Garibaldi se muda para Montevideu. Na capital do Uruguai, eles são recebidos pela família Castellini até que Garibaldi arranje uma casa para se instalarem.

No início, Garibaldi busca prover o sustento da casa ministrando aulas e, depois, trabalhando como corretor de cargas para navio. Anita fica em casa, cuidando do lar e de Menotti. Eles se casam no dia 26 de março de 1842 para regulamentar a união e para tornar legítimo o filho. Tal cerimônia tem sido tema de polêmica por parte dos historiadores, uma vez que Anita já era casada e não há informações confiáveis sobre a morte de seu primeiro marido.

Tempos depois, Garibaldi é convidado a cooperar com o presidente do país, Fructuoso Rivera, em uma guerra contra o ditador argentino Juan Manuel Rosas. Durante a primeira expedição do marido, Anita frequenta a casa da primeira dama,

doña Bernardina, que se torna sua amiga. Para ajudar a defesa de Montevideu durante o sitio imposto por Rosas, em 1843, Garibaldi organiza, com o auxilio de Francisco Anzani, a Legião Italiana, composta por inúmeros exilados políticos. Essa legião é a base da lenda garibaldina na Europa. Enquanto vivem no Uruguai, Garibaldi e Anita têm mais três filhos: Rosita, Teresita e Riccioti. A primeira falece de difteria em 1845, quando o pai está em campanha na cidade de Salto.

Anita parte para Itália em dezembro de 1847 com os filhos e chega a Gênova em março do ano seguinte, onde é recebida pela família Antonini. Uma semana depois, ela vai para Nizza, ao encontro de sua sogra Rosa Raimondi, onde aguarda a chegada do marido. Garibaldi parte de Montevideu em abril de 1848, com alguns homens da Legião Italiana, chegando dois meses depois em sua cidade natal.

Garibaldi não fica muito tempo com a família, pois inicia, em seguida, uma série de lutas, visando à unificação de seu país. Em algumas ocasiões, Anita vai ao seu encontro. A primeira ocorre em novembro de 1848, em Livorno, e a segunda, em fevereiro do ano seguinte quando o marido é eleito deputado em Macerata e consegue instaurar a República Romana. Anita permanece com Garibaldi até abril, voltando a Nizza grávida de seu quinto filho.

Em 03 de junho de 1849, Roma é sitiada pelas tropas francesas e Garibaldi e seus legionários organizam a defesa da cidade. Anita, ao saber do cerco, vai ao encontro do marido. No dia 02 de julho, com a queda da República, Garibaldi, Anita e quase três mil homens se retiram de Roma, fugindo da perseguição francesa e austríaca. A tropa segue em direção a Veneza, mas a maioria dos soldados vai desertando pelo caminho e o pequeno exército que chega a San Marino é dissolvido por Garibaldi. Durante esse percurso, Anita dá mostras de muito

cansaço. Após sair de San Marino, ela fica cada vez mais doente, a ponto de ser carregada por Garibaldi e alguns homens que o ajudam na fuga.

Em 04 de agosto de 1849, Anita falece na Fattoria Guiccioli, em Madriole. Por causa da aproximação dos austríacos, seu corpo é enterrado às pressas na areia, nas proximidades do Adriático. Diz a tradição, repetida pelos historiadores, que dias depois uma menina encontra um braço para fora da sepultura. Avisadas as autoridades, descobre-se que se trata do corpo da companheira de Garibaldi. Os restos mortais de Anita ainda passam por vários enterros até serem finalmente depositados em um monumento em sua homenagem, em Roma, no ano de 1932.

Essa é a saga da personagem histórica cuja trajetória foi resumida nessas páginas, a partir dos relatos das *Memórias de Garibaldi* (2006), de Alexandre Dumas, bem como da obra *Garibaldi e a Guerra dos Farrapos* (1977), de Lindolfo Collor e da biografia *Anita Garibaldi* (1975), organizada por Wolfgang L. Rau. Estes autores, no entanto, também partem das *Memórias* de Garibaldi, na tentativa de preencher algumas lacunas.

Anita Garibaldi é conhecida no Brasil e na Itália como a “heroína dos dois mundos”, pois combate pela república em sua terra natal e pela unificação do país do homem a quem ama e com o qual vive seus últimos anos. A construção de sua imagem como heroína inicia-se com a publicação das *Memórias* do revolucionário italiano, que contém diversas versões até se publicar a definitiva, em 1882.

Ao longo de sua idade madura, Garibaldi redige várias versões de suas *Memórias*. A primeira é traduzida para o inglês e publicada em 1859. O escritor francês Alexandre Dumas entrevista o italiano, em 1860, e teria ganhado dele um manuscrito contendo informações desde o seu nascimento até a Retirada de Roma, em 1849 – ano da morte de Anita. Nesse mesmo ano aparecem duas edições

francesas das *Memórias de Garibaldi*, traduzidas do manuscrito original por Alexandre Dumas, a tradução para o italiano com a apresentação da baronesa Dudevant e a versão inglesa de William Robson. No ano seguinte, Elpis Melena traduz para o alemão as *Memórias*, com o intuito de ajudar a consolidar e manter vivo o mito Garibaldi. Uma vez retirado da cena política de seu país já unificado e depois de reescrever o trabalho várias vezes, Garibaldi consegue publicar aquela que considera a versão definitiva de suas *Memórias* em 1882.

Quando é publicada a versão de Alexandre Dumas, Garibaldi já é considerado o herói da unificação da Itália. Nessas *Memórias*, elaboradas a partir das anotações do próprio italiano, Anita é descrita como uma esposa leal, uma mulher valente e digna de lutar ao lado de seu companheiro. Assim, Garibaldi é o responsável pela edificação da personagem histórica Anita como uma heroína corajosa, imagem essa que será reproduzida pela história. As imagens usadas por ele para descrever a atuação dela apontam sempre nessa direção.

No Brasil, em 1907, é publicada a tradução da versão francesa de Alexandre Dumas, no jornal rio-grandense *O intransigente*, sem indicação do nome do tradutor. É essa primeira tradução brasileira que se populariza no país, sendo a base dos livros de história e também dos romances analisados neste estudo.

Uma possível leitura dessas *Memórias de Garibaldi* mostra que se trata de uma narrativa em prosa, na qual se conhece a identidade do autor francês, Alexandre Dumas, muito notório na sua época e que entra para o cânone, mas o narrador é Giuseppe Garibaldi, o herói italiano. O revolucionário apenas fornece os dados biográficos e Dumas elabora o texto, no qual se cruza um emaranhado de vozes: a sua própria, a de Garibaldi, a do coronel Médici, entre outros. Apesar de haver essa polifonia, é possível verificar que o “eu” do protagonista Garibaldi é

predominante e que sua identidade é diferente da identidade do autor. A perspectiva do narrador protagonista é retrospectiva, pois elabora um relato sobre os acontecimentos vividos por ele desde sua infância até a Retirada de Roma, em 1849.

O que sobressai é o pacto (ou contrato) estabelecido com o leitor a partir do título – as memórias não são de Dumas, mas sim de Garibaldi, a personagem principal – e que é reforçado no final da apresentação do livro, feita pelo escritor francês, em que diz: “Deixemos que ele próprio nos conte os episódios extraordinários da sua aventurosa existência” (DUMAS, 2006, p. 23). Assim, a responsabilidade da veracidade dos fatos não compete ao autor Alexandre Dumas, mas sim ao próprio Garibaldi, que teria lhe entregado um manuscrito sobre sua vida e que no texto das *Memórias* se torna o agente principal dos acontecimentos.

Philippe Lejeune, na obra *O pacto autobiográfico* (2008), descreve os elementos constituintes da autobiografia e de seus gêneros vizinhos como as memórias, a biografia, o romance pessoal, o poema autobiográfico, o diário e o auto-retrato ou ensaio. Sobre as memórias, são três as categorias que preenchem os requisitos: a) forma de linguagem: narrativa e em prosa; b) situação do autor: identidade do autor (cujo nome remete a uma pessoa real) e a do narrador; c) posição do narrador: identidade do narrador e da personagem principal e perspectiva retrospectiva da narrativa.

Ao abordar essas categorias e uma quarta – assunto tratado: vida individual, história de uma personalidade – Lejeune se refere à autobiografia e exclui essa última característica do gênero memorialístico. Apesar dessa exclusão, pode-se dizer que, no caso das *Memórias de Garibaldi*, trata-se de contar a vida dessa personalidade tão conhecida na Itália.

Não são os fatos de sua vida individual que sobressaem no texto, mas as ações que o tornam o herói da unificação italiana. De sua vida particular, ou daqueles que o cercam, o italiano frisa apenas os episódios que reforçariam a sua imagem de herói. Por isso, Anita Garibaldi é descrita como uma heroína destemida como qualquer soldado intrépido que se destaca nos combates por suas iniciativas e ousadia.

Se Garibaldi, em 1860, é considerado o herói da unificação da Itália, a imagem de sua companheira Anita, falecida em 1849, não pode ser associada à de uma mulher que abandona o primeiro marido para se tornar a sua amante. Inicia-se, nesse relato, o processo de canonização, por assim dizer, da imagem de Anita como heroína impávida e companheira fiel de Garibaldi.

Por isso, em suas *Memórias* o revolucionário toma o cuidado de omitir todo detalhe ou episódio que talvez pudesse ser interpretado negativamente pela sociedade e, em consequência disso, prejudicasse sua imagem. De acordo com a mentalidade da época em que vive, Anita é descrita como uma autêntica heroína romântica que acompanha Garibaldi pelas lutas republicanas, não demonstrando medo frente ao perigo, sendo uma mulher fiel, delicada no amor e forte nas armas; uma mulher guerreira, sempre pronta a combater: “[...] minha corajosa Anita já começara a canhonada. Ela mesma apontava e disparava a arma que se encarregara de dirigir e exortava com palavras os nossos homens algo temerosos” (DUMAS, 2006, p. 97).

É interessante notar que Garibaldi deixa de relatar vários episódios da vida de Anita – que os historiadores, principalmente brasileiros, resgatam mais tarde, como seu primeiro casamento com o sapateiro Manuel – principalmente fatos da vida que ela levava antes de encontrar o italiano. Talvez a única passagem que

possa ser associada a Manuel Duarte seja a seguinte frase ambígua que aparece logo após o relato do primeiro encontro de Garibaldi e Anita: “Se algum erro foi cometido, por ele somente eu devo responder. E um erro teve lugar se, ao enlaçarem-se, dois corações dilaceraram a alma de um inocente” (DUMAS, 2006, p. 91). Adotando-se a hipótese de que essa “alma de um inocente” seja uma menção a Manuel, é possível interpretar essa passagem como uma referência implícita do italiano à vida de Anita antes de se conhecerem. Nesse trecho, então, o revolucionário estaria assumindo a culpa de se relacionar com uma mulher casada e, assim, inocentando Anita de qualquer julgamento.

O revolucionário compara as atitudes de Anita às de um soldado valente, concluindo que ela é mais destemida, pois não foge do perigo. No trecho a seguir, ele constrói a imagem dela como um ser incólume, ressaltando que Anita é uma companheira fiel que permanece ao seu lado, independentemente da situação de perigo que enfrentam: “Anita, entrementes, permaneceu próxima a mim, no local mais perigoso, negando-se a descer de bordo e a valer-se de qualquer proteção, sem nem sequer se agachar como o faz o mais valente dos homens ao ver aceso o rastilho do canhão inimigo (DUMAS, 2006, p. 98).

Garibaldi não se contenta em dizer que Anita é guerreira e ousada, descrevendo seus feitos na guerra. Ele lança mão da comparação, elevando a imagem da amada ao patamar dos deuses, a quem os perigos dos combates não causam dano algum:

Na missão de transportar as armas até a orla e no seu retorno à embarcação, ela talvez tenha realizado vinte vezes o trajeto, cruzando invariavelmente sob o fogo inimigo dentro de uma pequena barca com dois remadores [...]. Ela, porém, de pé sobre a popa, no encruzamento dos tiros, surgia, ereta, calma e altaneira como uma estátua de Palas, recoberta pela sombra da mão que Deus naquelas horas pousava sobre mim (DUMAS, 2006, p. 99).

Nessa passagem, Anita não é descrita como um ser humano, mas sim

como um ser mitológico, que passa ileso sob o tiroteio, na função de auxiliar a tropa farroupilha em sua retirada. Se a ocasião da saída dos farrapos da cidade de Laguna é de desonra para eles, essa fuga é dignificada no relato de Garibaldi pela valentia de sua companheira.

O arquétipo de Palas Atena se refere à mulher que “cria e combate. Está pronta para lutar por suas próprias necessidades e direitos, para defender conquistas culturais e a dignidade e causas humanas” (RAPUCCI, 1997, p.70). Atenas é considerada tanto como a deusa da sabedoria como a protetora, conselheira e patrona de homens heroicos. Assim, deduz-se que Anita seria uma heroína, guerreando ao lado do herói Garibaldi e defendendo as mesmas causas pelas quais ele luta.

Mesmo quando Anita é capturada pelos imperiais na batalha de Curitibanos, Garibaldi encontra uma maneira de defender o fracasso sofrido, dignificando a atitude de sua companheira por não pensar somente em si mesma:

Excelente amazona e montada num admirável ginete, Anita poderia ter disparado e escapado àqueles cavalariáneos; porém, o seu peito de mulher encerrava um coração de heroína. Em lugar de fugir, ela tratou de exortar os nossos soldados a defenderem-se, achando-se de súbito rodeada pelos imperiais (DUMAS, 2006, p. 120).

Dessa forma, Garibaldi atesta que a captura de Anita não se dá por fraqueza ou descuido próprio e enfatiza o gesto honroso da amada em não fugir, fato que serve de incentivo aos soldados à defesa. Uma das ideias centrais do trecho transcrito talvez seja a palavra “amazona”, que pode ser associada às reminiscências das mulheres guerreiras das sociedades matriarcais ou ao feminino de cavaleiro. Conforme o *Dicionário de símbolos* (2002, p. 201):

[...] o ideal da cavalaria se resume em um acordo de lealdade absoluta para com as crenças e compromissos aos quais toda vida está submetida. Ele exprime uma recusa da corrupção ambiente, sobretudo quando essa corrupção se apresenta como felonía.

Ou seja, o cavaleiro é a figura de fidelidade total ao seu superior ou ao ideal pelo qual combate, não permitindo que a perfídia desvirtue o seu caráter. Assim também seria Anita, pelas palavras do seu companheiro: uma mulher guerreira, leal e que não abandona a luta para salvar somente a si própria.

Sobre os motivos que impulsionam Anita a lutar ao seu lado, Garibaldi afirma que Anita é “tão ardentemente apaixonada quanto eu pela causa dos povos” (DUMAS, 2006, p. 100). Com essa declaração, ele passa a imagem de mulher politizada que luta pela revolução, como se ela fosse uma mulher alfabetizada que lê e conhece os pensadores franceses.

Na verdade, Anita é natural do interior de Santa Catarina, da primeira metade do século XIX, nascida em uma família pobre, provavelmente analfabeta ou semi-alfabetizada. Sendo assim, mesmo que ela soubesse ler – o que não é comum em seu tempo e na sua classe social – seria pouco provável que tivesse tido contato com livros que expressassem ideias revolucionárias, normalmente escritos em francês. De tal modo, se Anita fosse “apaixonada pela causa dos povos” seria algo mais intuitivo. Mesmo Garibaldi, na época em que está no Brasil, tem contato apenas com a doutrina de Saint Simon.

Ao escrever sobre os feitos de sua companheira, Garibaldi destaca principalmente a atuação dela na guerra, um espaço público e masculino por excelência. A imagem por ele construída será repetida e ampliada por outros autores e historiadores.

Em 1931, aparece a tradução em português do livro *Garibaldi in América* (*Garibaldi na América*), escrito pela neta de Garibaldi e Anita, que leva o nome da

avó brasileira. Annita Garibaldi¹, a neta, é filha de Ricciotti e, querendo saber mais sobre a estada do seu avô na América do Sul, empreende uma viagem até o Brasil e o Uruguai para conhecer os lugares por onde ele passou, em pleno período de vigência do fascismo italiano, regime que exalta os heróis nacionais.

As poucas referências sobre sua avó presentes no livro têm a função de reforçar a imagem que Garibaldi cria em seu texto: mulher de “extraordinária coragem, de energia pouco comum e de atividade, participando diretamente nos combates e estimulando o valor dos marinheiros”² (GARIBALDI, 1931, p. 42). Nesse sentido, Annita corrobora com a imagem de sua avó construída nas *Memórias de Garibaldi*: a da mulher que se sobressai no espaço público, como é a guerra, sendo uma pessoa combativa e animada. No espaço privado, Anita também seria uma mulher exemplar:

É a mulher que conhece a espera extenuante, enquanto Garibaldi está no campo de batalha, quase sempre exposto à morte; é a mulher do silencioso sacrifício de uma pobreza honrada, durante longos anos de assédio em Montevidéu; é a mulher que conhece o magnífico amor, assim como o martírio de Itália, que a consagra heroína (GARIBALDI, 1931, p. 42).

Entretanto, mesmo exaltando as atitudes da avó nos combates, Annita não deixa de citar o espaço privado, a casa, onde a mulher espera a volta do homem. Aqui são mencionadas as palavras “sacrifício”, “magnífico amor” e “martírio”, como em um propósito de santificação da imagem da mulher no lar. Anita Garibaldi não é somente exaltada pela neta por sua atuação na guerra, tida como espaço público e masculino por excelência pela sociedade patriarcal, mas também porque teria sido um modelo de esposa fiel, que soube aguardar o retorno de seu companheiro no

¹ Para distinguir os nomes de avó e neta, será utilizado para a autora do livro *Garibaldi na América* o seu primeiro nome, Annita, grafado com dois “n”.

² Por ter sido a tradução de 1931, optou-se, neste trabalho, em realizar uma atualização ortográfica dos trechos retirados do livro *Garibaldi na América*.

silêncio do lar. A elevação da figura de Anita estaria relacionada aos espaços público e privado, nos quais, segundo Annita, a avó teria tido êxito porque soube atuar como guerreira e também como esposa do lar.

Para reconstruir o trajeto de seu avô Giuseppe Garibaldi pela América, Annita visita os lugares onde ele esteve. Assim, ela também revela alguns detalhes da vida da sua avó que não constam das *Memórias* de Garibaldi. Sobre a vida de Anita em Laguna, por exemplo, a neta comenta que as pessoas se recordam de “sua risonha juventude, seu ânimo viril. Seu primeiro matrimônio e a incidência do sapato de noiva que lhe saiu do pé ao retirar-se da Igreja” (GARIBALDI, 1931, p. 42).

No trecho citado, Annita menciona o primeiro casamento de sua avó em 1835, antes de conhecer Garibaldi, fato que, como já se destacou, é omitido pelo italiano em suas *Memórias*. A neta também cita rapidamente o episódio do sapato que teria saído do pé da avó após o casamento – a superstição da época previa a ruína do casamento se a noiva tropeçasse na Igreja – um detalhe simples, que até esse momento é desconhecido pelos historiadores, mas que será lembrado pela literatura ao narrar as bodas de Anita com Manuel.

Pode-se associar o episódio do sapato com a história de Cinderela, mas sob uma ótica invertida. Se no conto de fadas o sapato de Cinderela é um elemento que proporciona felicidade eterna à mulher por se casar com o “príncipe encantando”, o sapato de Anita simboliza a infelicidade e o insucesso de seu casamento com Manuel. Chevalier e Gheerbrant (2002, p. 803) comentam que alguns intérpretes consideram o pé um símbolo fálico e o sapato um símbolo vaginal, e, “entre os dois, um problema de adaptação que pode gerar angústia”. Nesse sentido, a saída do sapato do pé de Anita reforçaria a ideia de que o

casamento estaria fadado ao insucesso.

Annita também recolhe algumas informações sobre o sapateiro Manuel: “o marido desaparece do ambiente mais imediato, internado enfermo no hospital ou agregado às tropas revolucionárias, e não reaparece mais. Dois anos mais tarde, com a certeza da sua morte, Anita e Garibaldi se casam em Montevideú” (GARIBALDI, 1931, p. 42-43). Mesmo revelando o fato do casamento de Anita com Manuel, a autora afirma que a união de seus avós é legítima porque se tem certeza da morte do primeiro marido.

Trata-se, aqui, de uma das lacunas da biografia da personagem pois, até os dias de hoje, não foi possível encontrar o registro do falecimento de Manuel. Na ata de casamento de Garibaldi com Anita, no Uruguai, em 1842, essa se declara solteira, tendo “sua mãe” como testemunha. Isso é uma evidente falsificação de uma situação tão comum em tempos de comunicação difícil, caos e guerra, que historiadores tentarão de justificar ou elucidar, sem resultados positivos.

Annita também apresenta comentários sobre a vida social dos avós em Laguna, recordações que o povo ainda guarda: “[...] o batismo do filho de um vizinho do Morro, cujos padrinhos foram Garibaldi e Anita, dando ao menino o nome de Eduardo. O batizado foi seguido de um baile, no qual ambos tomaram parte ativa, segundo se recorda em Laguna” (GARIBALDI, 1931, p. 42).

Sobre a batalha de Curitibanos, a autora reproduz a opinião de alguns historiadores, destacando a frase que Garibaldi teria dito a sua mulher, quando vivem em Montevideú: “Dizem alguns historiadores de Anita que ela tivera trato benévolo por parte do coronel inimigo. Pode ser; mas Garibaldi alude ao feito, anos depois, dizendo: ‘Tratei melhor a mulher de Lavalleja do que o fostes pelos curitibanos’ ” (GARIBALDI, 1931, p. 54). Assim, pode-se entrever no texto uma

alusão ao provável abuso que sua avó teria sofrido como prisioneira, como era costume na época. Anita, mesmo sendo companheira de Garibaldi, não teria tido melhor sorte. Essas são as poucas as referências que Annita faz a sua avó em *Garibaldi na América*, pois, como explicita o título da obra, trata-se da história de Garibaldi e não de sua companheira.

Começa-se a evidenciar aqui a falta da *herstory*³, ou seja, da história de Anita Garibaldi. Apesar da existência de várias biografias sobre sua vida, todos os historiadores partem do relato de Giuseppe Garibaldi em suas *Memórias*, de relatos de outras pessoas que com ela conviveram ou mesmo de uma versão mais ou menos pessoal dos vestígios recolhidos. Contudo, não se tem a perspectiva da própria personagem histórica.

Em 1989, foi publicado no Brasil o livro *Anita Garibaldi, a mulher do general*, de Anita Garibaldi, bisneta do casal Garibaldi⁴. Trata-se de um relato híbrido de difícil catalogação, embora apareça dentro de uma coleção da editora Martins Fontes, intitulada “Uma Mulher”, que traz biografias e autobiografias de mulheres que participam da história e cujas vidas foram encobertas pelos relatos masculinos. Seria, então, uma tentativa de resgate da *herstory*.

A bisneta Anita não se comporta como uma historiadora que busca e revela as fontes das informações e dos documentos contidos em seu relato. Ao contrário, ela relata, em sua obra, uma história em que a bisavó expressa sentimentos e pensamentos por meio de cartas escritas, principalmente para sua irmã Felicidade. É sabido que Anita escreveu ou pediu para que outros escrevessem cartas em seu

³ Conforme Macedo e Amaral (2005, p. 96), o termo *herstory* é um contraponto da palavra inglesa *history*, que é lida pela crítica literária feminista como *his-story*, ou seja, a história dele, do homem. A crítica feminista detectou “a omissão do papel desempenhado pelas mulheres como agentes sociais na História” e indica um duplo objetivo para as historiadoras feministas: procurar o lugar da mulher na História e devolver a ela a História, que seria então *herstory*, a história dela, da mulher.

nome e algumas delas foram preservadas, especialmente na Itália, mas não se tem registro dessas cartas no Brasil, quando ela ainda vive em Laguna ou mesmo quando segue Garibaldi durante a Revolução Farroupilha.

É bem provável que a bisneta Anita tenha criado essas cartas para demonstrar uma leitura dos acontecimentos distinta da história oficial hegemônica, por meio da visão feminina. Nesses escritos, ela deu voz à personagem de sua bisavó, fazendo com que a própria Anita defendesse seus atos e sentimentos, comprovando que ela era uma mulher guerreira, corajosa, que lutava pelos oprimidos, especialmente pelas mulheres. Assim, pode-se dizer que o livro não é uma biografia no sentido tradicional, mas uma narrativa ficcional que ratifica a heroicidade de Anita erigida por Garibaldi.

Mesmo assim, a bisneta Anita também contribui para a manutenção do mito de Anita Garibaldi. Em seu livro, ela mostra a bisavó como uma mulher que possui ideias de liberdade e justiça, tal como Garibaldi, e chega mesmo a dizer que ela é uma pessoa pura e sem mácula, já que seu primeiro casamento não teria se consumado por falta de amor. Além disso, reitera a ideia de que ela é uma pessoa fiel ao italiano.

As famosas cenas de Anita relatadas por Garibaldi em suas *Memórias* são descritas no livro da bisneta por meio das cartas da personagem. Por exemplo, o seu aprisionamento em Curitiba:

Além disso, tinha caído prisioneira dos imperiais, que zombavam de mim e dos farrapos dizendo que estávamos desesperados e que estávamos até usando frágeis mulheres nos combates.

[...]

Então implorei que pelo menos me deixassem ver José pela última vez, mas ninguém me dava atenção...

Finalmente chegou um tal general Albuquerque, que sentiu pena do meu desespero e consentiu que eu fosse até o campo onde se

⁴ Para distinguir os nomes, a autora será nomeada neste trabalho como “bisneta Anita”.

travara a batalha, para procurar o corpo de José.

[...]

Ninguém imaginava que uma mulher sozinha iria aventurar-se no mato. Saí da clareira pé ante pé, sem fazer barulho. Cheguei perto de alguns cavalos atrelados e segurei a crina de um que estava parado atrás dos outros, onde a escuridão era maior. Logo depois, eu estava fugindo como o vento, através das matas, sem que ninguém tivesse notado (GARIBALDI, 1989, p. 68-69).

A narradora do relato é Anita Garibaldi, que descreve os mesmos fatos das *Memórias*, porém com um foco narrativo distinto. A bisneta Anita também coloca na voz de sua ancestral o testemunho de que sabia que Manuel morrera e que por isso sua união com Garibaldi não teria nada de ilegítimo:

Algumas semanas atrás, enquanto eu ainda estava indecisa, chegaram os nossos primos de Lajes e nos contaram o encontro que tiveram com um sobrevivente do massacre do Moringue. Ele tinha visto com seus próprios olhos a morte de um homem, nas mãos do “degolador”. E esse homem, segundo ele, era o Manuel. Não entendi muito bem como isso era possível, mas o testemunho parecia seguro (GARIBALDI, 1989, p. 101).

Ao colocar tal afirmação na voz de sua bisavó, a autora de *Anita Garibaldi, a mulher do general* reforça a ideia de que a mulher deve se relacionar apenas com um homem e que somente com a morte dele fica “livre” para se envolver com outro. Assim, no livro, Anita resolve seguir Garibaldi depois que tem a informação de que Manuel está morto. Tem-se aqui o intento dos historiadores de Anita em mostrar a união dela com o italiano como “legítima”. A bisneta Anita também enfatiza a ideia de que não haveria nenhum aspecto que poderia “manchar” o casamento de seus bisavós, compartilhando a ideologia patriarcal e religiosa arraigada na sociedade.

As *Memórias de Garibaldi, Garibaldi na América e Anita Garibaldi, a mulher do general* são os textos que a família Garibaldi apresenta para consolidar a imagem mítica de Anita, elevando-a à categoria de heroína romântica.

Em 1949, o historiador gaúcho Lindolfo Collor publica *Garibaldi e a Guerra dos Farrapos*. Embora a ênfase do livro seja a história do revolucionário italiano e a

luta dos farroupilhas contra o Império, ele oferece vários dados da trajetória de Anita que não haviam sido publicados pelos textos anteriores.

Por exemplo, ele narra um fato da infância de Anita, que teria resultado na mudança da família de Morrinhos para Laguna: é o episódio de um carreteiro que, por impedir a passagem de Anita, teria levado chicotadas no rosto e, conseqüentemente, prestado queixa na delegacia contra ela. Collor garante que Anita “revelava desde criança um caráter independente e resoluto. Sabia impor-se pela energia” (COLLOR, 1977, p. 262).

O autor também oferece uma descrição física da heroína, “uma jovem de mediana estatura, morena, grandes olhos negros, feições não muito regulares mas delicadas” (COLLOR, 1977, p. 260). Trata-se de um detalhe que não é mencionado por Garibaldi, nem por sua neta ou bisneta. Outro dado que não é referido por eles é o local de nascimento de Anita que, segundo Collor, é a localidade de Morrinhos, no atual município de Tubarão, Santa Catarina.

Lindolfo Collor apresenta outras singularidades sobre a vida de Anita antes de conhecer Garibaldi: ele informa que ela tinha catorze anos quando fica noiva de Manuel; durante o tempo de noivado, aparece outro pretendente, um sargento de milícias chamado João Gonçalves Padilha, mas a mãe acha por bem não desfazer o compromisso com o sapateiro. Ele também diz que Anita se declara a favor dos republicanos quando estoura a Revolução Farroupilha no Rio Grande e que seu marido se alista no exército imperial pouco tempo antes da entrada dos farrapos em Laguna, deixando a esposa na casa de uma família amiga.

O autor de *Garibaldi e a Guerra dos Farrapos* formula uma crítica à sociedade em que vive Anita que se baseia nas convenções e que condena o “novo mundo” ao qual ela adentra quando resolve seguir o amado. Para Collor, o amor de

Garibaldi e Anita está acima das normas sociais, exaltando esse sublime sentimento que faz a heroína desprezar a sociedade em que vive para dedicar-se ao homem que ama:

Anita pertence agora a um mundo diferente daquele, diferente pela espontaneidade dos sentimentos, pelo desassombro das resoluções, pela sinceridade das atitudes, pela coragem de afirmar-se a si mesma na plenitude da sua personalidade. É natural que o mundo das convenções, das regras restritivas, das hipocrisias não a compreenda. O seu amor é grande demais para ser alcançado pela vulgaridade da gente de todos os dias (COLLOR, 1977, p. 279).

Nas entrelinhas da obra de Collor aparece a visão tradicional da sociedade patriarcal, predominante em Santa Catarina no século XIX, segundo o qual homens e mulheres têm papéis e espaços sociais diferentes. A partir de tal visão, quando uma mulher sai de sua esfera privada e passa a frequentar o espaço público é incompreendida pela sociedade, que a marginaliza e a desmoraliza.

É o que ocorre com Anita ao abandonar Laguna para participar da guerra ao lado de seu amante. Mesmo que o marido a tivesse abandonado antes, a sociedade dita que a mulher deve ficar em casa e cuidar das tarefas domésticas enquanto espera pela volta dele. Ao passar para o espaço das batalhas e se tornar a mulher de um soldado (sendo casada), Anita torna-se motivo de escândalo, por transgredir aquilo que a sociedade prezava como a moral e os bons costumes. Os monárquicos de Laguna e aqueles que não simpatizam com os farrapos encontram no relacionamento de Garibaldi e Anita o pretexto para atacar moralmente os farroupilhas:

Considerava-se aquele escândalo de fugir com uma mulher casada imperdoável afronta à face de toda a população da Laguna. Antes do fato, ninguém reparara jamais na apagada existência de Duarte. Agora o sapateiro era apresentado como uma das vítimas da invasão. [...] Era um símbolo da dignidade ofendida dos lagunenses (COLLOR, 1977, p. 287).

Segundo acredita Collor, Anita não fica imune aos ataques dirigidos a ela,

sofrendo pela incompreensão da sociedade:

As amigas mais íntimas exproavam-lhe acerbamente o proceder e lhe davam conta do rumor que se fizera pela sua fuga com o italiano. [...] Ninguém a compreenderia. Apenas uma que outra lhe manifestava um pouco de complacência. Sofria por ver-se alvo dos comentários malévolos do povo (COLLOR, 1977, p. 287).

Essa não é a única passagem em que o autor se refere aos possíveis sentimentos de Anita. Em diversas ocasiões, ele faz referência a como a heroína se sente e reage frente aos acontecimentos. Na descrição da subida da serra, mais tarde, no Rio Grande, já com o filho Menotti, Collor aponta que “Anita enfrentava com resignação todas as privações. Só a abalava a idéia de perder o filho, frágil fio de vida com três meses de idade” (COLLOR, 1977, p. 387). Percebe-se, aqui, a ideologia patriarcal que influencia o historiador a dizer que Anita era uma mulher “resignada” e que seus sentimentos maternos provocavam o medo de perder o filho.

Ao relatar a chegada a São Gabriel, após a travessia da serra, o autor declara que Anita, “já reposta das fadigas da retirada, entregava-se aos que-fazeres domésticos e aos cuidados do menino. Sentia-se, afinal, mais tranqüila naquela modorra” (COLLOR, 1977, p. 394). Nessa passagem é possível perceber que, mesmo denunciando anteriormente a posição moralista da sociedade frente às atitudes de Anita, o historiador também está imbuído de alguns conceitos patriarcais, já que declara que Anita se sente bem quando está protegida pelo espaço privado, conformando-se com o papel doméstico da mulher.

Cabe ressaltar que essas colocações sobre os eventuais sentimentos de Anita são suposições de Lindolfo Collor, já que nenhum outro historiador se refere a documento, carta ou qualquer outro relato de Anita ou de alguém que com ela conviveu para poder comprovar tais afirmações. Assim Collor retira tais suposições

de sua compreensão dos fatos.

Em outros momentos de sua obra, Collor ratifica o heroísmo de Anita, expresso nas *Memórias* de Garibaldi. Na cena da captura de Anita pelos imperiais em Curitiba, por exemplo, ele repete a ideia de que ela poderia ter fugido, mas não quis abandonar os soldados que a acompanhavam. Para justificar esse heroísmo, ele cita trechos da fala do coronel Albuquerque: “Nunca imagináramos ‘ver uma mulher tão valorosa’. Enchia-nos de orgulho o fato de ser ela uma catarinense, ‘uma compatriota, que dava ao mundo tão sublime provas de valor e intrepidez’ ” (COLLOR, 1977, p. 332).

Collor não cita a fonte de onde retira esses trechos da fala do coronel. Contudo, Yvonne Capuano, em *De sonhos e utopias* (1999), reproduz o comentário que esse coronel teria feito ao seu amigo Marechal Leite de Castro, que se encontra no livro sobre Anita, escrito pelo almirante Henrique Boiteux e publicado em 1935. Trata-se de uma das primeiras fontes brasileiras sobre a vida de Anita, que acaba sendo repetida por praticamente todos os historiadores posteriores.

É interessante notar que Lindolfo Collor faz referência às mulheres que seguem a tropa farroupilha: “Como de costume, grande número de mulheres acompanhava a soldadesca. Ocupavam-se algumas, destras cavaleiras, em cuidar as pontas de gado, sempre em risco de se extraviarem” (COLLOR, 1977, p. 387). Isso demonstra que Anita não teria sido a única a partir com os homens para a guerra, ao contrário, são muitas as mulheres que acompanham os soldados, a maioria de classe social inferior.

Assim, se Anita entrou para a história, não foi somente por sua valentia, mas sobretudo porque seu companheiro tornou-se, anos depois, o herói da unificação da Itália e a imortalizou em suas memórias. Se ele fosse um soldado a

mais nos campos de batalha, possivelmente não se teria conhecimento da existência de Anita, como ocorre com essa multidão de mulheres anônimas que seguiam as tropas.

Lindolfo Collor descreve a vida de Garibaldi e Anita no Uruguai, destacando, novamente, os sentimentos de Anita: “Tratava Anita de ambientar-se na grande cidade. Discreta, cuidadosa das atitudes, lograva com facilidade fazer-se respeitada entre as suas novas relações” (COLLOR, 1977, p. 401). Também afirma que a heroína possui uma “integral identificação” com Garibaldi e que a fama de ambos corre de boca em boca em Montevideú.

Sobre a relação do casal, o autor assevera que ela se sentia “plenamente feliz agora. [...] Mas humilhava-a, ainda assim, a condição de companheira clandestina daquele homem, por quem abandonara a família e afrontara a maledicência da Laguna e adjacências” (COLLOR, 1977, p. 402). Também seria “a maior aspiração de sua vida” assinar o nome de Anita Garibaldi. Esse raciocínio tem a função de justificar a farsa que acabou produzindo a legalização da união: Collor relata que Anita recebe a notícia do falecimento de Manuel e, com isso, pode legalizar o seu casamento com Garibaldi. Deve-se reiterar, entretanto, que até os dias de hoje não se encontrou a certidão de óbito de Manuel ou qualquer outro documento, o que impossibilitaria comprovar a viuvez de Anita.

No epílogo de seu livro, Lindolfo Collor traça resumidamente os últimos anos de Anita Garibaldi, destacando alguns relatos sobre cenas da vida do casal, como o ciúme que ela teria de Garibaldi:

Diz-se que um dia chegou Garibaldi ao acampamento de cabelo e barba aparadas:

- ‘Que é isso, coronel? Porque (sic) fez cortar sua estupenda cabeleira?’

- ‘Que queres, amigo?’ – foi a resposta. ‘Minha mulher é ciumenta e diz que uso os cabelos compridos para dar na vista das belas. E

tanto me atormentou por motivo desses malditos cabelos, que resolvi sacrificá-los em bem da paz do lar' (COLLOR, 1977, p. 433).

O autor oferece também uma descrição dos sentimentos de Anita quando Garibaldi lhe propõe ir à Itália, possivelmente baseados em sua análise dos fatos vividos na capital uruguaia:

Anita concorda em partir. Está cansada daquela vida monótona às portas de Montevideú, à margem da sociedade. Irrita-a a pobreza em que vivem, não por si, mas por entender que o governo do país não dá suficiente atenção aos serviços de Garibaldi (COLLOR, 1977, p. 435).

Na Itália, Anita volta a demonstrar seu heroísmo lutando ao lado de Garibaldi, como nessa cena de bravura ocorrida nos sopés dos Apeninos, durante a Retirada de Roma:

Vinha Anita à retaguarda do destacamento dos dragões, quando os surpreende um esquadrão de *hussards*. Estabelece-se o pânico. Tratam os soldados de salvar-se como podem. Anita, de chicote em punho, grita-lhes indignada: 'Covardes! Enquanto uma mulher se bate, vocês fogem!' (COLLOR, 1977, p. 440).

Para comprovar suas asserções, o historiador cita as reminiscências do coronel Hoffstetter, que constam das *Memórias de Garibaldi*, de Alexandre Dumas, exaltando a imagem de Anita:

Anita, a heróica amazona, exemplo de indômito valor [...] o anjo da morte a havia tocado, mas a sublime heroína não se abateu; a grande alma lutou até os extremos, sem um minuto de fraqueza, sem uma queixa pelo sacrifício da própria vida em favor da pátria do seu herói amado, a Itália, sua pátria de adoção (COLLOR, 1977, p. 440).

No relato de Hoffstetter, presente nessa asserção, pode-se perceber a ênfase de várias ideias – “indômito valor”, “sublime heroína”, “sacrifício” – que atestariam o caráter heroico de Anita.

Sobre a doença que teria resultado na morte de Anita, o autor de *Garibaldi e a Guerra dos Farrapos* lança uma hipótese: ao iniciar a Retirada de Roma, ela já

se encontra enferma e, durante a fuga, “Anita e Garibaldi passam a noite sobre um monte de feno trazido por alguns soldados, e aí encontrou a valorosa mulher a origem, possivelmente, da febre tifóide que a levou à morte” (COLLOR, 1977, p. 440).

Ele também declara que Garibaldi quer deixar Anita com amigos na República de San Marino e ela se opõe, obrigando o marido a levá-la consigo. A partir desse momento, inicia-se o “seu calvário”, pois a febre é contínua e a sede insaciável e, assim, Anita vai definhando. A cena da morte de Anita é recolhida do relato do Primo Gironi:

Garibaldi, ajoelhado, chorava convulsamente, segura entre as suas uma das mãos de Anita.
- ‘Não, não, não está morta! exclamava... É com certeza um novo desfalecimento. Tem sofrido tanto a pobre Anita! Voltará a si, não está morta, lhe digo! É impossível!... Olha-me Anita!... Fala!...’ (COLLOR, 1977, p. 441).

O livro de Lindolfo Collor, apesar de tematizar a história de Giuseppe Garibaldi, abarca muitos aspectos da vida de Anita, apresentando fatos, relatos e documentos que, até sua publicação, em 1949, não são de conhecimento geral. Assim, o autor contribui para a solidificação, ampliação e divulgação do mito do heroísmo de Anita Garibaldi.

Valentim Valente, também no ano de 1949, publica o livro *Anita Garibaldi, heroína por amor*, uma narrativa que muitas vezes lembra os contos de fada, como ocorre com o primeiro parágrafo do livro: “Era uma vez, nos dias sugestivos de outrora, uma brasileira morena ‘adormecida’ à beira de uma laguna. Chamava-se Ana Maria de Jesus, nome que diz amor e sacrifício” (VALENTE, 1949, p. 11).

O modo de introduzir o relato e a referência ao conto “A Bela Adormecida” apontam para a ideologia do autor em relação a Anita, pois, nos contos de fada, a mulher é aquela que espera a salvação de seu suplício pelo príncipe encantado. No

caso de Anita, esse príncipe não é outro senão Garibaldi, descrito na obra como “belo, másculo e forte” e que tinha “olhos de macho dominador” (VALENTE, 1949, p. 16).

É curioso notar que, no livro de Valente, Anita é uma mulher que gosta de ler versos de escritores como Gonçalves Magalhães e de contar as lendas brasileiras ao seu companheiro. Quanto à sua vida na esfera pública, ele a descreve como nas *Memórias* de Garibaldi, lutando e vestindo roupas masculinas. Em certo momento, o autor a descreve nos trajes masculinos, mas com um xale de seda nas costas, o que revela que ele não a concebe totalmente como uma mulher que se move no âmbito público e faz questão de pincelar algumas características tipicamente femininas.

O último parágrafo da obra é revelador, pois, em certo sentido, nega o heroísmo de Anita: “Assim termina a história de Anita Garibaldi, a brasileira que influenciou no destino do Libertador italiano. Ele e ela vivem na História como o Herói e a Heroína de Dois Mundos. Mas o dela não foi propriamente heroísmo: foi antes amor” (VALENTE, 1949, p. 294). Assim, Valentim Valente quase que nega a imagem guerreira de Anita, elaborado por Garibaldi, afirmando que se ela é tida como uma heroína é devido ao amor pelo companheiro e não porque é uma mulher que lutou por convicção pela causa dos povos.

Algumas décadas mais tarde, em 1975, é publicada a obra *Anita Garibaldi*, de Wolfgang Ludwig Rau, considerada uma das biografias de Anita Garibaldi mais conceituadas, pela cuidadosa pesquisa e pelo empenho do autor em “produzir uma alegoria de relativo valor artístico e alicerçada historicamente” (RAU, 1975, p. 16). Nessa obra são publicados inúmeros documentos e relatos sobre Anita, vários deles até então inéditos, que parecem elucidar algumas questões até então não

resolvidas. O autor transcreve documentos interessantes como o registro de casamento de Anita e Manuel, no qual se pode confirmar o matrimônio e averiguar o nome verdadeiro da heroína: Anna Maria de Jesus.

Baseado no relato de um habitante de Laguna ao poeta Araujo Figueiredo, Rau descreve Anita como “uma moça alta, um pouco corpulenta, busto grande e proeminente, olhos grandes pretos ovais, cabelos pretos, soltos e abundantes, rosto oval um pouco sardento” (RAU, 1975, p. 53). O próprio Rau, para confirmar sua asserção, cita uma descrição do general Gustav Von Hoffstetter, que conhece Anita durante a Retirada de Roma, e diz que ela tinha “cútis muito escura, fisionomia interessante e constituição delicada” (RAU, 1975, p. 53). Sobre sua altura, baseado no laudo policial de sua autópsia, Rau afirma que ela tinha por volta de 1,65m. Esses relatos revelam que Anita não era branca, dando origem ao fato de várias pessoas passarem a acreditar que ela era descendente de africanos.

No entanto, ao comentar sobre a povoação do sul do litoral de Santa Catarina, Rau reitera que a região foi habitada primeiramente pelos índios carijós e que no século XVIII várias famílias açorianas se deslocam para a região, a fim de se estabelecerem e cultivarem a terra. Ao contrário do que acontecia no nordeste brasileiro, os negros eram a minoria. O biógrafo de Anita comenta, então, que foi

[...] relativamente pequena a influência negra na composição da população litorânea catarinense, - branca em geral, - encontramos com frequência os descendentes dessa mistura simpática de açoriano com carijó, facilmente reconhecíveis pela tez morena, cabelos lisos pretos e olhos escuros orientais, de indonésio (RAU, 1975, p. 37).

Alguns historiadores e pesquisadores levantaram a suposição de que Anita era mulata por causa de relatos que revelavam que ela tinha a pele morena. Mas, com o trecho transcrito anteriormente, Rau tenta desfazer a ideia de que Anita tivesse em suas veias sangue africano. Para ele, teria quando muito sangue

indígena.

Quanto à data de nascimento de Anita, o biógrafo aponta o ano de 1821, baseado em um discurso do Dr. Otacilio Costa, possivelmente no dia trinta de agosto. Não há, entretanto, nenhum documento que comprove tal afirmação. Quanto ao local, confrontando as mais diversas localidades, ele chega à conclusão de que Anita “é natural da região dos lagos da cidade de Laguna, no sul catarinense” (RAU, 1975, p. 45).

Sobre a relação entre Anita e Manuel, no oitavo capítulo de seu livro, Rau (1975, p. 114-115) afirma que Manuel abandona Anita em Laguna, já que ele não a leva consigo na tropa legalista, como fizeram muitos soldados na ocasião da tomada da cidade pelos farrapos. No décimo capítulo, o autor defende sua heroína, dizendo que ela não amava Manuel, que se casou por insistência de sua mãe, que “jamais conseguiu participar realmente da intimidade conjugal” (RAU, 1975, p. 123). Essa era uma atitude comum na época. No entanto, com esse argumento, Rau defende a atitude de Anita em seguir Garibaldi, pois seu casamento com Manuel não teria sido válido.

No capítulo quinze, intitulado “Quando a mulher se torna heroína”, baseado em um relato de Marechal João Vicente de Castro, em uma visão machista e patriarcalista em que o homem é superior à mulher, Rau diz ser louvável uma mulher se destacar por sua bravura. Para ele Anita o fez por amor:

Praticou feitos guerreiros de fama imorredoura: sofreu privações e dores que lhe poderiam valer o emblema de mártir. Mulher exemplar do homem a quem amou e mãe carinhosa, combatente diante de encarniçados inimigos, sempre lutando ao lado de seu companheiro e marido, o imortal José Garibaldi (RAU, 1975, p. 165).

A fascinação de Rau por Anita é tão forte que ele a coloca na condição de mártir, que morre em benefício do outro. Ele a eleva ao patamar de herói

juntamente com Garibaldi, indicando, como acontecia com os heróis gregos, que talvez ela tivesse um poder extraordinário que a ajudasse a suportar as piores provações. Em momentos como este Wolfgang L. Rau permite que seu desejo de exaltar a heroicidade de Anita o leve a associar a imagem dela à dos mártires e das santas que sofreram perseguições e privações em nome de Deus. Desse modo, ele parece se esquecer de que Anita era uma mulher comum, cuja história foi construída por seu companheiro para que ela também fosse vista como heroína.

O autor discute em seu livro vários fatos da vida de Anita que ainda causam polêmica entre os historiadores. Um deles, por exemplo, refere-se à fuga do acampamento dos imperiais em Curitiba. Alguns historiadores, baseados nas *Memórias*, afirmam que Anita encontra Garibaldi nos campos de Vacaria; outros, como Annita, dizem que foi em Lages ou em suas imediações. Essa última hipótese é acatada por Rau, “porque não havia razões urgentes para uma retirada imediata maior dos republicanos” (RAU, 1975, p. 182) da cidade de Lages. Para tanto, ele cita como prova as datas dos ofícios do Coronel Teixeira Nunes, confirmando que os farrapos ficaram dois meses na cidade, de janeiro a março de 1840. Assim, é provável que Anita tenha encontrado seu companheiro nas proximidades de Lages e não em Vacaria, como muitos autores afirmam.

Outra polêmica na qual o autor acredita pôr fim é a questão do possível letramento de Anita. Ainda na Introdução de seu livro, Rau comenta que a caligrafia e a assinatura das cartas dela são divergentes entre si, mas informa que, durante sua pesquisa na Itália, ele teve oportunidade de ver uma carta de Anita à sogra Rosa Raimondi, “com sua assinatura pessoal legítima [...] demonstrando mesmo pouco hábito de escrever” (RAU, 1975, p. 19), o que o leva a afirmar que Anita era alfabetizada. No livro *De sonhos e utopias* (1999), de Yvonne Capuano, encontra-se

a reprodução dessa carta. Contudo, a autora discorda de Rau ao dizer que Anita não era alfabetizada e sugere “a hipótese de que [ela] tenha aprendido a assinar seu nome com a ajuda do próprio Garibaldi” (CAPUANO, 1999, p. 329).

Paulo Markun (2003, p. 248), no entanto, ressalta que, quando Anita está na Itália, Garibaldi escreve uma carta em espanhol para ela e que o fato “de tê-la redigido em espanhol é mais uma mostra de que ela sabia ler – afinal, seria muito mais fácil encontrar quem dominasse o italiano em Gênova, caso Anita fosse analfabeta, como sustentam alguns”. Por isso, é possível acreditar que Anita soubesse ler, mas, por enquanto, não se pode afirmar o mesmo quanto à escrita.

Para Rau, Anita, enquanto mora em Montevidéu, pode desenvolver seus conhecimentos e “sua prolongada convivência com Garibaldi e seus amigos aperfeiçoou seu saber e sua linguagem, ampliando consideravelmente a instrução inicial recebida da mãe” (RAU, 1975, p. 243). Opõe-se, assim, a muitos críticos que afirmam que Anita Garibaldi era uma pessoa inculta.

Ao longo de seu volumoso estudo, o autor catarinense também reproduz outros relatos e documentos referentes a Anita, sempre na intenção de mostrar que ela merece ser lembrada como uma mulher que se destaca na história por sua coragem e por seu amor a Garibaldi.

Por ocasião das comemorações dos 150 anos de falecimento de Anita Garibaldi em 1999, são lançadas duas novas biografias sobre a heroína: *Anita Garibaldi: uma heroína brasileira*, de Paulo Markun e *De sonhos e utopias: Anita e Giuseppe Garibaldi*, de Yvonne Capuano.

O primeiro livro foi prefaciado pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, que relembra a aproximação dos 500 anos de descoberta do Brasil, o que faz o povo buscar as figuras que se destacam na história e que levam à reflexão

dos atos do passado para enfrentar os problemas atuais.

Para a elaboração de sua biografia, Markun também se baseia na história de Giuseppe Garibaldi, destacando a sua vida e a sua participação na Jovem Itália, antes de vir ao Brasil, fugindo de uma condenação à morte. Utilizando-se das *Memórias* de Garibaldi e das biografias já existentes sobre Anita, o autor recompõe a história da “heroína dos dois mundos”, exaltando sua figura guerreira e corajosa.

Sobre questões polêmicas, como onde e quando ela nasceu, ou como teria sido seu primeiro encontro com o corsário italiano, Markun repete os demais historiadores. O que chama atenção em seu livro é o grande número de mapas e gravuras coloridas que incrementam o relato e fornecem dados visuais para a história narrada.

A obra de Capuano, como indica o título, conta a história do casal Garibaldi. Dividida em duas partes, ela traz primeiramente os “Antecedentes históricos”, relatando a história da Itália e do Brasil no final do século XVIII e início do século XIX, para situar Anita e o marido no período histórico em que viveram.

A segunda parte inicia-se com o relato da vida de Garibaldi, sua infância e juventude e o primeiro exílio. Depois, são descritas as peripécias do italiano como corsário feroz pelo litoral brasileiro e uruguaio, sua prisão em Gualeguay, sua estada na estância de Camaquã e sua participação na conquista de Laguna. Nesse momento, a autora apresenta a história de Anita e continua seu relato descrevendo as aventuras do casal Garibaldi pelo Brasil, Uruguai e Itália. Finalmente, traz o relato da vida de Garibaldi após a morte de Anita em Madriole, seu segundo exílio, seu segundo casamento, a continuação de sua luta pela unificação da Itália e traz ainda informações sobre os descendentes do casal.

Assim como Markun, Capuano se utiliza das inúmeras obras existentes

sobre Garibaldi e Anita; uma série de gravuras também complementa a narração. Como se percebe, apesar de abarcar a vida de Anita por completo, a ênfase maior é sobre a vida de Giuseppe Garibaldi, pois há inúmeros relatos e documentos sobre sua vida que são preservados desde a época em que se torna um militante da Jovem Itália. A autora cita muitíssimo as *Memórias* de Garibaldi como uma fonte fidedigna, especialmente para relatar os primeiros anos de vida do italiano.

Em sua dissertação de mestrado, *Uma heroína na história: Representações sobre Anita* (2000), Antonio Manoel Elibio Júnior discute como se deu em cada época a representação de Anita Garibaldi, especialmente em Laguna e no Estado de Santa Catarina, através da leitura de diferentes enunciadore, desde biografias, artigos de jornal e monumentos em sua homenagem. Ele destaca três períodos distintos das representações de Anita:

[...] o final do XIX e primeiras décadas do século XX contexto que procurou consolidar a República instaurada em 1889, a década de 30 momento em que se celebrou o Centenário da República Catarinense e final do século XX quando se comemorou os 150 anos de falecimento de Anita Garibaldi (ELIBIO Jr., 2000, p. 15).

Sobre a biografia escrita por Annita, a neta, afirma Elibio que a autora converte a história de Anita em um conto de fadas, ocorrido em um vilarejo do Brasil, tratando a avó como uma mulher de condição humilde, que se torna uma heroína por causa de seu caráter fiel e amável. O príncipe desse conto de fadas é Garibaldi, um herói que luta pela justiça e igualdade e que consagra Anita como sua companheira fiel e corajosa.

Ainda segundo Elibio, no início do século XX houve uma tentativa de elevar a figura de Anita, relacionando-a com o ideal republicano. Uma das primeiras pessoas que exaltaram a imagem dela foi Henrique Boiteux, provavelmente o primeiro brasileiro a traçar um perfil heroico da jovem lagunense:

Na sua lide ao infatigável italiano não passou despercebida a beleza de uma filha do lugar, atraído por sua vez, pelo porte másculo e leonino do estrangeiro, aureolado pelo nomeada (sic) que o cercava. Ao primeiro encontro de ambos, acordes foram os sentimentos vibrados, fugindo a intrépida catarinense do lar paterno, procurou a bordo da escuna Rio Pardo, ex-Libertadora, onde arvorava a sua insignia o chefe da esquadrilha, arena a que a fazia sagrar mulher sem igual em bravura e intrepidez. Era Ana de Jesus Ribeiro, nascida no lugar denominado Morrinhos, filha de Bento Ribeiro, separada do marido, na Laguna, rompeu o pacto jurado para desde logo começar a escrever a epopéia brilhante que o destino lhe traçara [...] fazendo-se parte estandarte do exército libertador e cujas façanhas encheram de admiração os seus contermporâneos (sic) (apud ELIBIO Jr., 2000, p. 32).

Outro autor destacado por Elibio é João Vicente Leite de Castro que, em 1911, consagra Anita como uma compatriota mais fervorosa do que foi Joana d’Arc na França e também como uma mulher extraordinária cujos atos são glorificados por causa de seu amor por Garibaldi. Assim, ele ainda reforça o valor do papel feminino dentro de uma sociedade que tem arraigados os princípios patriarcais:

De fato, uma mulher só é verdadeiramente mulher quando é mãe, e foi por este lado que ainda mais resplandeceu a vida de Anita, por que foi também o simbolo (sic) da dedicação, da ternura e do amor maternal. [...] o amor maternal é o móvel mais forte e mais constante do coração da mulher.

[...]

A expedição seguiu sem demora para o seu destino, tendo-se tornado para a gloriosa Anita uma via dolorosa em que ela tornou-se ainda mais admirável, por haver mostrado um outro sentimento, que são raras as mulheres que o tem (sic), mesmo em circunstancias (sic) não difíceis (sic) - a resignação (apud ELIBIO Jr., 2000, p. 35).

Nesse trecho, Leite de Castro deixa à mostra a sua concepção patriarcal de que a mulher só se realiza quando é mãe, ou seja, o seu lugar é o da casa, o espaço fechado. Anita se destacou no espaço público, esse fato ele não nega, mas para Leite de Castro são louváveis a “renúncia”, o sofrimento e a maternidade, isto é, as virtudes atribuídas às mulheres e que remetem ao ambiente privado.

Tendo em vista tais ideias, é importante lembrar-se da segunda onda do movimento feminista que advém na década de 60 do século XX, tendo como um dos objetivos é combater a ideologia que favorecia a opressão da mulher. A crítica

literária feminista, nos anos 70, advém para denunciar que tal submissão era reforçada na representação da mulher na literatura e pela posição secundária da mulher como escritora e crítica literária.

Na dissertação *Uma heroína na história: Representações sobre Anita*, Elíbio assinala, de acordo com Carlos Schlappal Marques Leite, que é imprescindível haver comemorações e cultos aos grandes nomes da história para que o povo veja um futuro à vista e Anita Garibaldi é aquela que semeia as ideias de progresso e que deve ser lembrada pelos seus conterrâneos.

O objetivo de Marques Leite, bem como o de Henrique Boiteux, citado anteriormente, não é somente o de elevar a imagem de Anita ao patamar de heroína, mas sim de exaltar os valores republicanos através de sua participação nas lutas contra a monarquia. Em um país cuja República é recente, se faz necessário recuperar a imagem daqueles que teriam lutado pelos ideais republicanos.

Em linhas gerais, parece que, mesmo sendo uma heroína destemida que se destaca na guerra, Anita é descrita pelos primeiros historiadores brasileiros que dela tratam como uma mulher que cuidou dos seus deveres domésticos e que viveu em função de Garibaldi, ainda que sua vida fosse fora do comum. Há aqueles que também estão preocupados em defender a causa republicana e, por isso, valem-se do mito heroico de Anita como bandeira do novo governo brasileiro.

Ademais, Elíbio Jr. (2000, p. 162) mostra em seu trabalho como a cidade de Laguna se preparou para o primeiro centenário da República Catarinense e como o governo se empenhou para enaltecer a bravura de sua compatriota. O autor acredita que “a cidade era o espaço privilegiado para a produção imaginária sobre a *Heroína dos Dois Mundos*”, e que teria sido Oswaldo Rodrigues Cabral o

responsável por semear na memória dos lagunenses a coragem e a “grandeza moral” de Anita, nesse contexto.

Pode-se perceber, por esses textos analisados, que os autores contribuem para a rememoração do mito de Anita, iniciado por Garibaldi em suas *Memórias*, sublinhando aqueles pontos que eles consideram como positivos no caráter e nas atitudes dela: para alguns, é o fato de combater a monarquia; para outros, é ter sido mãe e cumprir o seu papel social de mulher, mesmo quando se destaca no espaço público. Independentemente da opinião de qual característica deve ser assinalada, Anita é para cada um deles uma heroína que merece ser lembrada pela história.

No âmbito da ficção, os livros *A guerrilheira* (1979), do mineiro João Felício dos Santos, *Anita* (1999), do gaúcho Flávio Aguiar, *Anita Garibaldi* (2003), do argentino Julio A. Sierra, e *Anita cubierta de arena* (2003), da também argentina Alicia Dujovne Ortiz, são os quatro romances que constituem o núcleo deste trabalho. A escolha deles se deu porque Anita Garibaldi é a protagonista de cada obra, ou uma de suas personagens principais, e também porque as obras colocam em discussão a história e a versão legitimada pela historiografia, especialmente a imagem de Anita concebida por Garibaldi em suas *Memórias*. Ademais, são narrativas que se destacam por trazerem algumas das características do romance histórico contemporâneo, como a intertextualidade e a distorção da história, e, principalmente, por oferecer leituras diversificadas para o passado histórico.

Entretanto, há outros romances que trazem Anita Garibaldi como personagem literária e que não são analisados neste estudo: *Os varões assinalados* (1985), de Tabajara Ruas, *Amor que faz o mundo girar* (1990), de Ary Quintella, e *A casa das sete mulheres* (2002), de Leticia Wierzchowski, são alguns exemplos. Excetuando-se o livro de Quintella, nos demais Anita é uma personagem

secundária, que aparece na narrativa como uma das muitas figuras históricas que participam da Revolução Farroupilha.

O objetivo de Tabajara Ruas, na trilogia *Os varões assinalados*, é narrar a saga dos farrapos em sua luta contra o Império, na maior e mais conhecida guerra que ocorreu dentro do Brasil. Portanto, o autor não pode deixar de mencionar Garibaldi e Anita, que normalmente aparecem associados à causa dos farroupilhas.

O segundo livro da trilogia tem o título de *A república de Anita*, menção ao feito dos revolucionários gaúchos terem conquistado a cidade de Laguna, onde Giuseppe Garibaldi conhece aquela que se tornaria sua companheira e, futuramente, seria reconhecida como a heroína brasileira. Entretanto, Anita aparece apenas no final do livro, em episódios que retomam as *Memórias de Garibaldi*: no momento em que o corsário italiano está no barco com seu binóculo quando a vê pela primeira vez; no ataque da marinha imperial quando Garibaldi manda Anita buscar reforços com Canabarro e ficar em terra, mas ela volta para ajudá-lo; a captura de Anita pelos imperiais no combate em Curitiba; o pedido dela ao coronel Albuquerque para verificar se o corpo de Garibaldi está entre os mortos e a fuga dela do acampamento militar.

No terceiro livro, *A carga dos lanceiros*, narra-se rapidamente o episódio em que Garibaldi abandona a Revolução, levando Anita e Menotti para o Uruguai. Como se afirmou anteriormente, a ênfase da narração é a Guerra dos Farrapos e não somente a história do casal Garibaldi.

Em *Amor que faz o mundo girar*, apesar de Anita ser a protagonista, o romance não inova na visão histórica da heroína, apesar de ser relativamente recente. Ele não apresenta uma versão distinta ou uma nova interpretação da vida da heroína e nem desconstrói a imagem que Garibaldi concebe de sua

companheira. Ao contrário, Quintella repete em seu livro a imagem de Anita como heroína, que Garibaldi erige em suas *Memórias*. Ele recria a vida de Anita a partir da morte de seu pai e, até o penúltimo capítulo, são descritos os fatos que ela vive no Brasil, como seu casamento com Manuel, seu encontro com Garibaldi e a vida que leva ao lado deste durante a campanha farroupilha. Também apresenta fatos da Revolução Farroupilha, da chegada de Garibaldi no Brasil, sua entrada para a guerra e seu envolvimento com Manuela, a sobrinha de Bento Gonçalves. No último capítulo, o autor resume os acontecimentos ocorridos no Uruguai e na Itália, inclusive a morte de Anita.

Como está apresentado na contracapa, o livro pode ser tanto “biografia, como romance”, pois a proposta do autor é apresentar a figura de Anita como é vista pela história. Sua narrativa não desenvolve características marcantes do romance histórico contemporâneo como a intertextualidade, a paródia, as múltiplas interpretações do passado, entre outros. Em alguns momentos do enredo, a narrativa apresenta apenas pequenas divergências da história, como Anita alfabetizada, mas sem aprofundar tais questões. Em termos gerais são retomados os episódios narrados nas *Memórias* de Garibaldi, sem acrescentar outra leitura para os mesmos.

Já *A casa das sete mulheres* traz uma visão feminina da Guerra dos Farrapos, por intermédio da visão feminina da personagem Manuela, que pertence à família de Bento Gonçalves. A narração se volta para a vida e os sentimentos das sete mulheres que estão confinadas na estância da família, esperando notícias dos homens e da revolução. É principalmente por meio de cartas que essas mulheres se inteiram das novidades do campo de batalha e dos lances políticos.

Nesse contexto, Anita Garibaldi é uma personagem apenas citada no

romance. Seus feitos são narrados por terceiros à protagonista Manuela. Parece que a intenção da autora é apresentar uma visão diferente da guerra: a visão feminina, das mulheres que esperam, rezam e sofrem pelos seus. Todavia, essa releitura não ocorre com a história de Anita Garibaldi. Assim como em *Os varões assinalados* e *Amor que faz o mundo girar*, os fatos descritos no livro de Wierzchowski são retirados diretamente das *Memórias de Garibaldi* sem qualquer releitura dos mesmos, nem elementos que se contrapõem à versão do italiano.

Como as obras literárias analisadas neste trabalho são romances históricos, torna-se imprescindível um breve resumo da travessia realizada por essa teoria, desde o século XIX, na Europa, quando o escritor escocês Walter Scott iniciou esse tipo de narrativa literária, até suas modificações em meados do século XX pela literatura latino-americana.

Na Europa do século XIX, palco do nascimento e esplendor inicial dessa categoria literária, há a “crença na possibilidade de figuração realista do passado como passo decisivo para a compreensão e resolução dos conflitos do presente” (FIGUEIREDO, 1998, p. 480). A América Latina, que vive o período das independências políticas e da invenção de uma tradição literária, importa a visão de história europeia, a qual não soluciona seus problemas de compreensão da realidade.

A problematização da reinterpretação do passado latino-americano leva os escritores do continente, por volta dos meados do século XX, a procurarem recursos literários que traduzam a memória e a visão de história que possuem. Assim, as características primitivas do romance histórico, como a existência de um telão de fundo onde se movem as personagens, a questão das personagens principais serem fictícias e as personagens históricas serem apresentadas como

eram vistas pela história e atuando nas ações documentadas e a visão otimista da história são superadas ao longo do século XIX e início do século XX.

Em meados do século XX, o romance histórico volta a ocupar espaço em vários países. Esse romance, no entanto, diferencia-se em vários aspectos do romance histórico clássico teorizado por Lukács a partir das obras de Walter Scott. Os escritores mantêm a essência do romance histórico que é, segundo Picoche (apud MATA, 1995, p. 47), “*mezclar los hechos verdaderos y ficticios de modo que el lector no pueda diferenciarlos sin un estudio serio*”. Ou, como afirma Alexis Márquez Rodríguez (1991, p. 24), o romance histórico supõe que:

[...] el novelista trabaje con un material histórico, con hechos reales, veraces, ocurridos en la realidad, y con personajes que han sido parte de esos hechos. Pero una vez en conocimiento de éstos – resultado de una rigurosa investigación de los mismos –, el novelista va a trabajarlos, a novelizarlos, a ficcionarlos...

Nessa nova modalidade de romance histórico ou, como está sendo nomeado neste estudo, romance histórico contemporâneo, encontram-se várias características particulares como a intertextualidade, a ficcionalização dos personagens históricos e a releitura da história com o objetivo de oferecer outra(s) versão(ões) distintas daquelas instauradas pela história, entre outras.

Muitos são os estudos sobre esse tipo de romance na América Latina, especialmente após as décadas de setenta e de oitenta, quando esse gênero ganha características que se distinguem do modelo do século anterior. Diversos críticos como Roberto González Echevarría (1984), Raymond Souza (1988), Linda Hutcheon (1988), Fernando Aínsa (1991, 1997 e 2003), Alexis Márquez Rodríguez (1991), Seymour Menton (1993), Marilene Weinhardt (1994, 1998 e 2004), Peter Elmore (1997), Maria Cristina Pons (1996), Celia Fernández Pietro (1998), Glória da Cunha (2004), André Trouche (2006), Magdalena Perkowska (2008), entre outros,

discutem e teorizam as diferenças do romance histórico clássico – concebido pelo escritor escocês Walter Scott no século XIX e teorizado por Lukács (1938) – para o romance histórico latino-americano da segunda metade do século XX.

Muitos desses estudiosos nomeiam de formas distintas esse gênero narrativo: novo romance histórico (Aínsa e Menton), metaficção historiográfica (Hutcheon), ficção histórica (Weinhardt), narrativa histórica (Cunha) e narrativa de extração histórica (Trouche). Neste estudo será utilizado o termo romance histórico contemporâneo para designar esse gênero narrativo tão próspero na América Latina e para distingui-lo do modelo clássico.

Hebe N. Campanella discorre, na introdução do seu livro *La novela histórica argentina e iberoamericana* (2003), sobre qual seria o ponto ou a dosagem entre a verdade histórica e a ficção em um romance histórico, recorrendo ao conceito de “efeito de realidade”, de Roland Barthes, e de verossimilhança no texto literário, e conclui:

En fin, donde se ‘entrecruzan’ lo ficcional de la Historia como escritura y la historicidad de la ficción entendida como refiguración del tiempo humano en su devenir, allí se halla la novela histórica, en ese punto de equilibrio siempre inestable de lo verdadero y lo verosímil. El aprovechamiento artístico de su dinamismo y su potencia creadora, depende del talento del novelista (CAMPANELLA, 2003, p. 28).

Contudo, o interessante não é localizar o equilíbrio entre ficção e história, mas perceber como o texto literário interpreta o passado histórico por meio de seu discurso. De todas as características que os críticos levantam sobre o romance histórico contemporâneo, acredita-se que uma das principais seja aquela que Magdalena Perkowska aponta na introdução de seu livro, *Historias híbridas* (2008, p. 42):

[...] los novelistas dibujan un nuevo mapa para el concepto de la historia y su discurso. Vista desde esta perspectiva, la novela

histórica latinoamericana no cancela la historia sino que redefine el espacio declarado como “histórico” por la tradición, la convención y el poder, postulando y configurando en su lugar las historias híbridas que tratan de imaginar otros tiempos, otras posibilidades, otras historias y discursos.

Esse é o foco do romance histórico contemporâneo na América Latina: redefinir a relação com a história, não com o objetivo de anulá-la, mas sim de recolocar a história dentro de um espaço novo, em que se permitem diversos tempos, várias versões e outros discursos que auxiliam na interpretação do passado.

O escritor Mario Vargas Llosa já havia afirmado em seu texto “La verdad de las mentiras” (1990, p. 7): *“En efecto, las novelas mienten – no pueden hacer otra cosa – pero ésa es sólo una parte de la historia. La otra es que, mintiendo, expresan una curiosa verdad, que sólo puede expresarse disimulada y encubierta, disfrazada de lo que no es”*.

Se Vargas Llosa atenta para o fato de os romances trabalharem a ficção, tida aqui como uma “mentira”, como uma forma de abordar o mundo e expressar a sua leitura, ou a “curiosa verdade”, Mercedes Giuffré (2004, p. 23-24) sublinha que no romance histórico não há mentira, mas uma forma distinta de interpretação da história:

La N. H. [Novela Histórica] es una forma de pensar el pasado y de repensar la escritura de la historia. No miente sino que interpreta, e intenta comprender el presente que resulta del pasado, valiéndose de las herramientas que aporta la imaginación.

Em *La nueva novela histórica de la América Latina* (1993), Seymour Menton aponta várias características dos romances históricos contemporâneos. Entre elas pode-se citar a impossibilidade de conhecer a realidade histórica, pois o que ficou do passado são vestígios – relatos, memórias, fotos, textos, entre outros – que são interpretados conforme a ideologia da época ou das pessoas que investigam tal

assunto.

Assim, a visão que se tem da personagem histórica Anita Garibaldi não foi a mesma sempre. No século XIX, especialmente na região em que vivia em Santa Catarina, ela era vista como uma mulher adúltera, rebelde, que lutava contra o regime de seu país. A imagem dela como heroína começa a surgir no Brasil no período da Proclamação da República, quando os historiadores da época passaram a buscar na história aqueles que lutaram por essa forma de governo.

A metaficção é um traço marcante em romances históricos contemporâneos que a crítica Linda Hutcheon prefere chamar de metaficção historiográfica, destacando que a narrativa literária:

[...] recusa a visão de que apenas a história tem uma pretensão à verdade, por meio do questionamento da base dessa pretensão na historiografia e por meio da afirmação de que tanto a história como a ficção são discursos, construtos humanos, sistemas de significação, e é a partir dessa identidade que as duas obtêm sua principal pretensão à verdade (HUTCHEON, 1991, p. 127).

Esse tipo de obra contemporânea pode apresentar um narrador que interfere na narrativa para falar do ato de criação. Esse procedimento coloca à mostra o questionamento da autoridade que o narrador possui ao apresentar o seu texto, a contestação da versão da história sobre um determinado fato histórico e a impugnação, muitas vezes, de uma só interpretação do texto.

Das obras literárias que constituem o *corpus* deste trabalho, talvez seja o romance *Anita*, de Flávio Aguiar, o que mais deixa explícito esse tipo de narrador. Por exemplo, ao descrever a vida de Costa pelo sul do país, o narrador comenta sobre o assunto: “Como isso se deu é o tema desta nossa parte, talvez a mais difícil de recompor, pois nas notas futuras que tomou ele pouco escreveu sobre esse período de sua vida, que envolvia o jogo constante com crimes e mortes” (AGUIAR, 1999, p. 40). Nesse trecho, percebe-se a intervenção do narrador comentando a

dificuldade de elaborar o relato, o que deixa explícito que o que será apresentado é a sua interpretação das notas do manuscrito da personagem. Ou seja, isso é um recurso literário chamado *mise en abyme*, uma narrativa em abismo, ou a narração dentro da narração, já que é impossível distinguir-se de quem é a voz: de Costa, do narrador, da neta Guadalupe ou de outra pessoa.

Pode-se citar, como exemplo da intrusão do narrador, a análise do narrador de *Anita* sobre a descrição que Costa faz dos personagens da Guerra dos Farrapos que foram importantes para a sua vida:

Nos escritos, ele evocou as figuras que encontrara: [...] o sargento Charrua, pelo seu destino, e o major Teixeira Nunes, pela coragem e idéias ousadas. Acho eu, o narrador, que ele foi um pouco injusto, esquecendo, nesse momento, o general Netto; mas é verdade que este teve maior importância em sua vida depois, muito depois (AGUIAR, 1999, p. 65).

Aqui se evidencia a onisciência do narrador em relação à história narrada, conhecendo o seu final. Por isso, ele consegue dizer que, em um momento posterior, tal personagem terá uma importância maior no enredo e, assim, questionar o relato da personagem Costa.

Em *A guerrilheira*, há alguns exemplos também de narrador intruso, como no momento em que o narrador revela que escolhe relatar primeiro um acontecimento para depois o outro, ocorrido cronologicamente no mesmo momento: “Agora, que já temos o pau virado, pelo menos neste assunto, e não há mais perigo de se entornar o caldo (no que esta novelinha seria muito prejudicada...), pode-se contar o episódio por inteiro” (SANTOS, 1987, p. 67). Além de evidenciar que escolheu contar primeiro um episódio para depois o outro, o narrador atesta que está escrevendo uma “novelinha”, ou seja, uma narrativa ficcional. Assim, não se pode confundir a narrativa com uma biografia de Anita Garibaldi. Esses trechos são citados aqui para exemplificar a interferência do narrador em seu próprio relato e

que a narrativa é um texto no qual se selecionam os fatos e as personagens a serem descritos.

Como os romances em pauta tentam reviver a vida de uma mulher do século XIX, que entra para a história após a construção mítica que seu companheiro realiza nas *Memórias* que escreveu, é quase impossível não analisar a ideologia que permeia a visão de cada romancista ao compor a personalidade de sua protagonista. Tal análise é fundamental, principalmente, se forem considerados os princípios básicos da crítica literária feminista, que discute a posição e a representação da mulher nos textos literários escritos tanto por homens como por mulheres e que problematiza as causas da opressão feminina frente ao patriarcado.

A Crítica Feminista parte do pressuposto de que a experiência da mulher como leitora e como escritora é distinta da experiência masculina, o que resulta em mudanças significativas no campo intelectual, marcado pelo rompimento de paradigmas e pela descoberta de novos caminhos. Assim, as mulheres começaram a ler a literatura com a proposta de desconstrução da ideologia patriarcal, que ainda influencia a sociedade nos séculos XIX e XX, e de seus procedimentos que relegavam a mulher a um papel secundário na sociedade e na literatura.

Segundo Lúcia O. Zolin, a Crítica Feminista tem sua origem com a publicação de *Sexual Politics*, de Kate Millet, em 1970, uma obra que “traz à tona discussões acerca da posição secundária ocupada pelas heroínas dos romances de autoria masculina, como também pelas escritoras e críticas literárias” (ZOLIN, 2005, p. 189). Mesmo na literatura brasileira, na qual se encontram obras protagonizadas por mulheres, essas são descritas subordinadas e dependentes dos homens e, com isso, não são agentes de sua própria história. Os valores literários são ditados pelos homens e, assim, eles direcionam a leitura de modo que leitores e leitoras aceitem

a subordinação feminina como algo próprio de sua natureza e não como uma prática imposta pelas normas sociais.

Surge, então, a representação da mulher dentro de três estereótipos culturais básicos: a mulher sedutora, a mulher megera e a mulher-anjo. Os dois primeiros trazem uma conotação negativa da imagem da mulher e o último, uma visão positiva. O objetivo da crítica literária feminista é derrubar essa fórmula que vinha sendo utilizada na literatura canônica, mesmo em obras de autoria feminina.

Kate Millet parte da discussão de que o conceito do patriarcado é que gera a opressão feminina por meio de um rígido sistema de papéis sexuais que distinguem homens e mulheres na sociedade. Com o pressuposto de que a sociedade sempre valorizou a visão masculina como a “universal” e “oficial”, e, com isso, a voz feminina foi silenciada e subordinada à voz masculina, as feministas consideram a diferença de gênero como fator essencial para marcar a conduta e a relação entre homens e mulheres nessa sociedade, demonstrando que o gênero é uma construção histórico-social. Assim, elas pretendem fazer com que a posição da mulher na sociedade seja aceita não em segundo plano ou como inferior, mas, sim, tão importante e “normal” como a do homem, respeitadas as diferenças entre eles.

A crítica anglo-americana, desse modo, volta-se para a busca de uma *identidade feminina* e do *lugar da diferença* na literatura. Assim, os seus objetivos são:

- 1) denunciar a ideologia patriarcal que permeia a crítica tradicional e determina a constituição do cânone na série literária; 2) empreender uma arqueologia literária para resgatar obras de mulheres que foram excluídas da história da literatura; 3) estudar a produção literária da mulher contemporânea, particularizando-a como um lugar privilegiado para a experiência social feminina (ZOLIN, 2005, p. 198).

Contudo, a noção de identidade está relacionada diretamente com a estrutura lógica patriarcal, reforçando a imagem da mulher como “outro”, o que

poderia ressaltar a supremacia masculina.

Uma tendência mais contemporânea, conforme Zolin, é conceituar a noção de gênero não como oposição homem/mulher, mas como uma característica variável de “posicionalidades discursivas sexuais”, isto é, “uma subjetividade múltipla e não unificada, capaz de abarcar o que as estruturas da representação de gênero deixam de fora, por exemplo, os espaços sociais ou os discursos produzidos nas margens” (ZOLIN, 2005, p. 200-201). Nesse sentido, o conceito de gênero não está vinculado à oposição binária homem/mulher, mas a discursos concebidos dentro de certos contextos político-sociais.

A Crítica Feminista assume, dessa forma, o papel de desmascarar a repressão dos papéis femininos legitimados pela ideologia dominante na sociedade e pela literatura canônica. Todavia, a repressão é marcada principalmente pelo discurso. Assim, pois, Giulia Colaizzi (apud RICHARD, 2002, p. 144) afirma que:

o feminismo é *teoria do discurso*..., porque é uma tomada de consciência do caráter discursivo, ou seja, histórico-político do que chamamos realidade, de seu caráter de construção e produto e, ao mesmo tempo, uma tentativa consciente de participar no jogo político e no debate epistemológico, para determinar uma transformação nas estruturas sociais e culturais da sociedade.

Em geral, os enfoques feministas podem ser divididos em três grupos: o feminismo britânico, orientado pelas teorias marxistas; o feminismo francês, que se baseia na psicanálise; e o feminismo estadunidense, que é essencialmente textual. Uma importante representante desse último enfoque é Elaine Showalter, que enfatiza a expressão.

Elaine Showalter, em “*A Literature of Their Own*” (1986), analisa os textos de escritoras inglesas do século XIX e demonstra que o desenvolvimento da tradição seguida pelas autoras é semelhante em qualquer subcultura literária. Ela propõe uma classificação para essas fases históricas das subculturas literárias

escritas por mulheres dos Estados Unidos: *feminine*, *feminist* e *female*.

A primeira, feminina, é a fase inicial em que as autoras imitam modelos e tradições da literatura dominante (leia-se: masculina) e outorgam às suas personagens femininas papéis secundários. A segunda, a fase feminista, é uma fase de protesto, em que se insurge contra a condição subordinada da mulher na sociedade e na sua representação na literatura, mas não se consegue se desvencilhar completamente da literatura dominante e de seus modelos. Já a última fase, muitas vezes traduzida para o português como “da mulher”, aponta para uma identidade e autonomia feminina, na qual as mulheres encontram um conhecimento de si mesmas e dos problemas em questão e o interesse se volta para os textos escritos por elas mesmas.

Essa classificação pode ser válida para literaturas escritas por mulheres de outros países, como da Argentina. Gardarsdóttir (2005, p. 173) afirma que no “*contexto de la literatura argentina finisecular escrita por mujeres debemos necesariamente partir de las nociones de protesta (feminista) y de descubrimiento (identidad)*”. Isto é, a literatura escrita por mulheres na Argentina já passou pela primeira fase – a feminina, de imitação – e o crítico literário deve partir ou da noção de protesto, que é a segunda fase denominada feminista, ou mesmo da fase “da mulher”, em que se busca a identidade.

Atualmente, há diversos estudos sobre a narrativa feminina, suas principais características e diferenças em relação à escrita masculina. Pode-se citar aqui, por exemplo, Corina Mathieu (2004, p. 63) que, ao abordar a narrativa histórica de escritoras da Argentina, reafirma a asserção de Gardarsdóttir de que, a partir dos anos oitenta, a narrativa feminina no país assume um caráter de contestação que a impulsiona a temática de busca de identidade da mulher. Desse modo, o romance

histórico torna-se, então,

[...] un medio de otorgar reconocimiento en la participación de los hechos a los que la historia marginó: las mujeres, los mestizos, los indios, los conversos. La escritora argentina se halla abocada a incluir su propia discursividad en el género y demostrar que la mujer puede ser generadora de su versión de la historia por medio de la ficción.

Na Espanha, Biruté Ciplijauskaitė (1988, p. 125) publicou um livro sobre esse tema, destacando que *la novela histórica femenina* também tem suas singularidades, pois: *“se trata de una presentación de ambientes en gestación más bien que de una acción precipitada [...] En varias novelas aún tratándose de una figura histórica lo que importa más es la esencia íntima de la mujer, casi atemporal”*. Nesse sentido, o que se pressupõe é que o romance escrito por Alicia Dujovne Ortiz apresente a personagem feminina não como a história registra, atuando em batalhas e lutando por causas nobre, mas sim como uma mulher de seu tempo, com preocupações distinta às dos homens.

Será por meio do discurso literário que se analisará como a imagem da mulher – nesse caso, de Anita Garibaldi – é apresentada ao leitor, já que se trata de uma mulher do século XIX, que abandona a vida que tem em Laguna para seguir um revolucionário que acabou transformando-se em um herói do primeiro mundo, carregando consigo, nessa construção, sua companheira. Cada autor tem uma ideologia diferente sobre a figura dessa heroína e, por isso, cada obra apresenta a personagem Anita de uma perspectiva diversa, com preocupações e sentimentos distintos. É a visão que eles possuem do papel feminino, especialmente da companheira do herói italiano, que influencia na construção da imagem de Anita em seus textos.

O romance *A guerrilheira*, de João Felício dos Santos, narra a vida da personagem literária Anita Garibaldi entre os anos de 1835 e 1841, ou seja, desde o

início da Revolução Farroupilha e de seu primeiro casamento com o sapateiro Manuel Duarte, passando por vários acontecimentos que ela vive ao lado de Garibaldi durante a Guerra dos Farrapos até a sua partida para o Uruguai.

O título recorda não somente uma pessoa que participa da “luta armada de voluntários não-disciplinados militarmente” (BORBA, 2004, p. 697), lembrando que a menção do termo está associada a uma visão política da sociedade brasileira dos anos 70 que propicia as técnicas da guerrilha, mas também o espírito guerreiro e combativo de Anita, uma mulher do século XIX que participa de uma guerra, lugar tido como espaço totalmente masculino, embora muitas mulheres acompanhassem as tropas nas batalhas.

A narrativa é dividida em duas partes. A primeira, intitulada “A terra”, com cinquenta e dois capítulos e representando cerca de um terço do romance, trata da vida da personagem em Morrinhos, Santa Catarina, no período anterior ao surgimento de Garibaldi em sua vida: são apresentados os fatos de sua juventude, o casamento com Manuel Duarte e a posterior separação do casal.

Anita é descrita como uma jovem diferente das demais por suas atitudes e convicções, que vão de encontro com as normas da sociedade patriarcal: ela não se restringe ao espaço privado da casa, cuidando das tarefas domésticas e permanecendo calada frente às discussões. Ao contrário, participa de serões em que os homens da cidade discutem a política brasileira e a Revolução Farroupilha, defendendo seu ponto de vista e apoiando a causa dos republicanos. Ela contesta, com palavras e ações, a opressão da mulher, a escravidão dos negros e a soberania do rei.

A protagonista, desde o início da obra, é caracterizada como uma mulher decidida, que não se importa com a opinião das outras pessoas, que batalha para

conseguir aquilo que deseja e não se deixa refrear por ninguém. Assim, não caberia no romance o fato do casamento de Anita com o sapateiro Manuel como uma imposição da mãe dela, na tentativa de domar o gênio da filha. No romance, Anita se apaixona por Manuel e é dela a ideia do casamento:

Eu te amo, Manuel, porque dizes coisas lindas embora idiotas. Eu te amo porque és belo, és jovem e és forte. Mas eu te amo também porque és manso [...]
Sabes? Quero casar-me contigo. Quero ter uma porção de filhos lindos como tu. Entonces, amor, hás de ser unicamente meu [...]
(SANTOS, 1987, p. 60-61).

Por ser uma personagem que luta por seus anseios, Anita não espera que Manuel peça a sua mão ao padraсто, nem que ele marque a data do casamento e procure uma casa para morarem: é ela própria quem resolve tudo isso. Portanto, o episódio do casamento em *A guerrilheira* se modela conforme a personalidade da protagonista.

A função da primeira parte do romance, pode-se dizer, é enfatizar o caráter guerreiro, contestador e dominador de Anita, que não se deixa levar pelo senso comum e impõe os seus desejos. Também são destacados episódios de sua infância através da lembrança de outras personagens, nos quais se evidencia o seu lado belicoso – denominado “rebelde” pelas pessoas que a rodeiam.

A segunda parte do romance, “A guerra”, composta pelos capítulos quinquagésimo terceiro até o centésimo sexagésimo oitavo, narra a vida de Anita desde o momento da chegada de Garibaldi a Laguna até a partida do casal para o Uruguai. A personagem, marcada por sua bravura e coragem, pode concretizar seu ideal de lutar pela liberdade e igualdade entre os homens ao entrar para o exército dos farrapos.

Se antes de conhecer Garibaldi a protagonista dá mostras de não tolerar as regras que diferenciam os papéis sociais, na Revolução Farroupilha ela vai

corroborar sua tese de que as mulheres também conseguem realizar as mesmas tarefas dos homens, conforme ela mesma declara a Garibaldi: “Ah, Papin, quando me encararás como um soldado farroupilha em lugar de me fazeres uma boneca mimada? Vamos, chico: como tu, eu também sei topar uma entestada braba, cuê! Também sei mirar a dar tiros, amor...” (SANTOS, 1987, p. 202).

O fato de um escritor escolher uma personagem ou um tema histórico não o obriga a ser fiel à historiografia. Como já foi dito, o compromisso da literatura é com a verossimilhança, ou seja, em tornar os fatos possíveis dentro do contexto da obra literária. O acesso ao fato histórico só se dá por meio de relatos, textos, recortes, materiais dos quais a literatura se utiliza para apresentar a sua versão sobre os fatos.

Se a primeira parte de *A guerrilheira* tem como um dos objetivos a construção do caráter da personagem, a segunda enfatiza os episódios que fazem de Anita a heroína que setores da história exaltam. Sua bravura se manifesta plenamente com sua entrada nas tropas farroupilhas, lutando por seus ideais ao lado de Garibaldi. Nas lutas entre farrapos e imperiais, Anita será a mesma mulher guerreira, corajosa e determinada que foi em sua infância e adolescência.

Como exemplo, pode-se citar o episódio em que Garibaldi, precisando deixar Laguna para lutar contra os barcos imperiais, tenta enganar Anita para que ela fique na cidade. Ela não se deixa iludir e se joga às águas para alcançar a frota farroupilha, para o espanto de seu amante: “Io ou quem poderia pensar que havias de te atirar às águas!? E os tubarões, doida, linda, maluca? Não tens medo das feras?” (SANTOS, 1987, p. 147). O romance explica, aqui e em outros momentos da narração, o espírito de bravura que teria feito Garibaldi se encantar por ela. Anita não é como as demais mulheres que aceitam com resignação o papel social e o

lugar que a sociedade lhes impõe e faz prevalecer as suas vontades, mesmo que seja para romper com as regras sociais. Ele, como um revolucionário, isto é, um homem à frente de seu tempo, tem a capacidade de entender e valorizar a atitude dela.

No prefácio do livro, há um breve resumo histórico sobre o contexto da Guerra dos Farrapos: a Regência única de Padre Feijó, os três partidos políticos existentes e um rápido comentário da biografia de Anita Garibaldi. Possivelmente, o narrador considerou necessário tal resumo para o melhor entendimento do leitor, já que se trata de um romance sobre um período da história do Brasil do século XIX, relativamente pouco conhecido. Nesse prefácio o narrador afirma que a personagem principal de seu romance é Ana Maria de Jesus Duarte – mais conhecida como Anita – e lhe atribui a característica de “Guerrilheira nata, consciente e singularíssima, desde muito cedo apaixonada pela insurreição e suas promessas” (SANTOS, 1987, p. 10), ressaltando, como no título do livro, a personalidade batalhadora e a determinação de sua protagonista.

João Felício dos Santos busca na história o tema para seu romance, criando um texto literário que se baseia no discurso histórico, delineando-o conforme seus princípios, de acordo com a visão que tem de Anita.

O romance de Santos não perpetua nenhum dos estereótipos femininos cultivados pela literatura canônica e já mencionados anteriormente: mulher sedutora, mulher megera ou mulher-anjo. A imagem da protagonista é de uma mulher audaciosa que abandona sua vida em Laguna para ficar ao lado do italiano Giuseppe Garibaldi, lutando por justiça e igualdade entre os homens. A epígrafe do livro já é um indício de como ler o romance:

A história é o fato de quebrar a linha
entre o exemplo e a esperança. Nunca no

meio certo para provar que não existe
semelhança numa comparação.
Escrevê-la, mesmo em forma de romance,
é juntar os pedaços como ponteiros.
Mas a escolha do tamanho
depende da ideologia.

Assim, o autor se utiliza do material histórico e acrescenta-lhe sua criação, modelando a personagem conforme a visão que dela possui. Ele quebra a linha mais perto da história do que da ficção quando pinta uma protagonista valente e lutadora, mas em outros aspectos predomina a imaginação.

A palavra-chave da epígrafe poderia ser “ideologia”, porque a personagem e o romance serão construídos a partir da concepção do autor sobre a história, a representação da mulher na literatura e sobre o ato de criação. Assim, Anita será moldada por meio da concepção que Felício dos Santos possui da personagem histórica e da maneira em que ele quer descrevê-la para seus leitores. Como se percebe desde o título, ele sublinha o lado guerrilheiro desta mulher.

Se a personagem histórica Anita já havia sido descrita por Garibaldi em suas *Memórias*, como uma mulher valente e corajosa, a protagonista de *A guerrilheira* vai se sobrepor a esse modelo, acentuando as características de donzela-guerreira⁵. No romance, ela combaterá a favor dos farroupilhas, não por causa de Garibaldi, mas sim porque acredita serem injustas a escravidão e a soberania do imperador. Ela se traveste com roupas masculinas, não para esconder a sua feminilidade, mas por serem mais cômodas e facilitar os seus movimentos. Ela não vai à guerra como uma substituta de seu pai ou de um irmão, mas sim porque percebe que é preciso fazer justiça por aqueles que não sabem lutar e que é preciso apoiar, com ações e palavras, as causas humanitárias a favor da liberdade

⁵ Conceito estudado por Walnice N. Galvão em seu livro *A donzela guerreira* (1998), que será melhor explicitado no capítulo seguinte.

e da igualdade entre os homens. Assim é caracterizada a personagem guerreira de João Felício dos Santos.

O romance *Anita* foi escrito por Flávio Aguiar, professor de Literatura Brasileira da USP e crítico literário. A obra contempla a vida de Anita Garibaldi por meio do relato da personagem Costa, que teria entrado para o exército farroupilha antes da tomada de Laguna e seguiu Garibaldi nas campanhas pelo Brasil, Uruguai e Itália, podendo, por isso, relatar a vida da heroína, já que teria sido uma testemunha dos fatos vividos por ela.

Para contar a história, o narrador usa a estratégia do manuscrito que a personagem Costa deixa a sua neta Ana Guadalupe, no qual conta a sua história com o objetivo de que ela conheça sua origem. O narrador, alegando curiosidade, diz ter lido o manuscrito refeito e repassa a história que leu para os seus leitores. No prólogo do romance, o narrador comenta a proveniência do relato:

A origem desta história está num manuscrito que o próprio Costa deixou junto com seu testamento. O manuscrito foi propositadamente destruído. Mas a pessoa que o destruiu arrependeu-se e refez a história, num outro manuscrito, que depois também foi refeito. Por um desses entrelaçamentos de amizades e descendências familiares, tive em mãos a última cópia dessa história (AGUIAR, 1999, p. 09-10).

Assim, o enredo de *Anita* é produzido a partir da leitura da reconstituição das memórias que o “mulato Costa” escreveu ao final de sua vida. Nesse sentido, além da onisciência do narrador, o leitor tem em mãos um palimpsesto cuja história final é de autoria do próprio narrador. Com o recurso do manuscrito, garante-se a ficcionalidade da obra de Aguiar.

Celia Fernández Pietro (1996, p. 213) já havia destacado em um artigo seu que no romance histórico romântico, ou seja, do século XIX, já se utilizava o artifício do “*manuscrito encontrado*” e isso “*aseguraba la historicidad de lo narrado, justificaba omnisciencia del narrador autorial y le permitía intervenir con comentarios*

y comparaciones entre situaciones o costumbres del ayer y del hoy".

Nesse sentido, o narrador do romance *Anita* também tem onisciência sobre a história de Anita e de Costa e, constantemente, realiza intervenções no relato. Por exemplo, em certo momento, ele destaca que, por relatar sua trajetória, Costa não pode deixar de destacar a pessoa que considera ter-lhe ajudado a mudar de vida, mesmo sem a intenção de fazê-lo. Anita Garibaldi é sua grande paixão e, depois de morta, a lembrança dela se perpetua nos quadros que pinta em sua casa em Paris. Assim, o narrador, ao recontar a história de Costa, não pode deixar de destacar a figura dessa mulher como alguém que marcou para sempre a vida de sua personagem e provavelmente por causa disso o título do livro leve o nome da heroína.

O romance está estruturado em dez partes, num total de cento e dez capítulos, além do prólogo e do epílogo. Anita é nomeada, pela primeira vez, no sétimo capítulo. Entretanto, o narrador somente inicia a descrição da vida dela no capítulo vinte e dois e se estende até o capítulo oitenta e oito, quando narra a morte da heroína.

A personagem Costa recebe inúmeros nomes ao longo do enredo, conforme a etapa de sua vida: Sundiata, ou Assudan, Umar (infância), Tarquínio ou Quinho da Costa (adolescência), Talco (da Costa), José da Costa (fase adulta, quando conhece Anita), Maximiano dos Santos, senhor Laplace e Théodore de La Fox, ou senhor Teodoro (já ao final de sua vida, após a morte da esposa de Garibaldi). Para não haver confusão com os nomes ao longo da análise, escolheu-se o nome Costa para nomear a personagem, já que esse nome, conforme afirma o narrador, parece ter sido retirado das próprias *Memórias* de Garibaldi: "*il mulatto Costa*".

Cada parte do livro engloba uma fase da vida de Costa: sua origem, sua infância, sua adolescência, sua vida adulta e sua morte. Na primeira parte, denominada “N’Dry”, o narrador relata a vida da mãe de sua personagem, uma mulher africana que vive às margens do rio Níger, onde ela conhece Pa D’Jan, o homem que lhe deixa a escrita, o livro de santos e um filho no ventre. N’Dry é vendida com seu filho e vai para o Brasil, instalando-se em Recife.

Na parte II, intitulada “Djamene”, tem-se a narração da infância e da adolescência de Costa, quando ele se apaixona por Djamene e, para salvá-la, mata um major da polícia que protegia o bordel de sua mãe, tendo que fugir para o engenho de um coronel amigo. Em “O Índio Vago”, o narrador conta como Costa sai do engenho e se dirige ao sul do Brasil, aprendendo a lidar com arma, gado e violão, tornando-se uma mistura de “monarca” (gente rude do sul), de “peão” (homem do campo) e de “índio vago” (pessoa de má fama, bandoleiro).

A parte IV mostra a entrada de Costa para o exército farroupilha e a sua amizade com “O Sargento Charrua”. Em “O Anu”, são narrados os episódios da tropa dos farrapos em Laguna, o início de sua relação com Garibaldi e Anita e as primeiras lutas enfrentadas por ela, tendo Costa presenciado os fatos e percebido que sentia algo especial pela moça.

Os acontecimentos de “O abismo” tratam dos percalços de Garibaldi e Anita junto à tropa farroupilha desde a saída de Laguna até os campos de Cima-Serra, onde Garibaldi negocia sua saída do exército e parte para o Uruguai. Nessa época, Costa briga com alguns homens em uma bodega e é punido pelos superiores farroupilhas, tendo que sair do Brasil junto com o casal Garibaldi. Na parte VII, “A Generosa e a Salobra”, o narrador descreve a vida das personagens no Uruguai, onde Garibaldi forma a Legião Italiana, enquanto Anita cuida da casa e dos filhos,

aprendendo a ler com Costa.

“Geneviève” é a parte mais extensa do romance: trata dos episódios da Itália até a morte de Anita, da fuga de Garibaldi para o seu segundo exílio na América e a ida forçada de Costa para Paris. Geneviève é uma mulher que Costa conhece na Itália e a primeira com quem sente vontade de ter uma vida em comum. Na penúltima parte, “Goguette”, descreve-se o êxito do café parisiense *A Estrela do Sul* e a vida dupla de Costa na França e em Hamburgo até o incêndio do café, quando Costa volta para a América. É nessa parte que o romance explica o porquê de Costa não aparecer na historiografia: quando está em Paris, Garibaldi vai visitá-lo e o mulato lhe faz um pedido: “Ouvi dizer que o senhor pretende escrever suas memórias, ou pedir a alguns escritores que o façam. Quero que, quando fizer isso, eu desapareça. Suma. Não exista. Tanto este que aqui lhe fala, em Paris, quanto qualquer outro “eu” que tenha conhecido” (AGUIAR, 1999, p. 277).

“Guadelupe” é a última parte do romance e traz o relato da última etapa da vida de Costa no Brasil, sua amizade com a neta e a morte dele. O narrador, no epílogo do livro, descreve a cena em que Guadelupe recebe o manuscrito de seu avô, do qual, após ler várias vezes, destrói uma parte. Também narra a cena em que Guadelupe, no velório de Costa, encontra um lenço com as iniciais A. G. no bolso do paletó de seu “padrinho” (era assim que a menina o chamava, sem saber dos laços de sangue que os uniam), pensando que ele o fizera por atenção a ela. Somente após a leitura das “memórias” é que ela sabe do valor sentimental do lenço e que pertencera a Anita Garibaldi, a grande paixão de seu avô. Mesmo tendo passado muitos anos da morte de sua amada, a lembrança dela se reaviva nas letras A. G. – que no lenço se referem à Anita Garibaldi, mas que também são as iniciais de Ana Guadelupe, a neta.

Ao colocar Costa como um dos protagonistas do livro, o escritor Flávio Aguiar realiza uma inversão, pois Costa é um ser à margem da sociedade brasileira patriarcalista e escravagista do século XIX. Contudo, no romance, por meio da sua escrita, ele consegue perpetuar sua voz e sua história. Nos romances românticos do século XIX, os protagonistas geralmente pertencem à sociedade burguesa e vivem grandes paixões que podem ser concretizadas ou não. Mesmo quando a personagem não é dessa classe social, suas características e seus atos são descritos como se fossem de um membro da classe dominante. Costa se contrapõe ao perfil dos protagonistas dos romances românticos por não atuar como se pertencesse ao grupo social dominante do século XIX. Assim, o romance *Anita* vai se tornando o reverso desse modelo de narrativa.

Certa vez, Costa chega a imaginar-se “como um personagem de um conto distante: como seria se contasse sua vida, por exemplo, ao general Netto; ou ao próprio Garibaldi” (AGUIAR, 1999, p. 266). Ele não conta sua vida para nenhum dos comandantes da Guerra dos Farrapos, mas deixa um manuscrito relatando sua história para a neta Guadalupe. Por causa disso, o narrador do livro pode contar sua história para quem quiser ler e é assim que os leitores da obra o vêem: como uma personagem literária.

O romance discute a questão das versões dos textos baseado na ideia de que cada pessoa muda a história conforme sua ideologia. Isso aparece explicitamente, no romance, na cena em que Anita lê a vida de Santa Taís em castelhano e descobre que o relato é diferente do livro de Costa. Este argumenta que não há uma só interpretação e:

[...] explicava que eram versões. Que as histórias podiam mudar de acordo com quem as contava. Ela não se conformava.

[...]

- São histórias, dona Anita, as histórias são assim, acontecem

coisas que aqui na nossa vida não podem mais acontecer (AGUIAR, 1999, p. 139).

É o que busca fazer o autor de romance histórico contemporâneo: oferecer uma versão do fato histórico, conforme a visão e a ideologia que tem do passado e que quer repassar ao leitor. Na obra literária são narrados fatos que “não podem mais acontecer”, pois o que se tem são apenas vestígios do passado que são organizados em forma de discurso. Assim, as histórias podem apresentar diferentes leituras conforme a pessoa que as relata.

No romance de Aguiar “acontecem coisas” que não ocorrem na história, mas que incrementam o enredo. Cada obra escrita sobre Anita Garibaldi é uma versão de sua história e pode conter divergências entre um relato e outro, pois cada escritor tem uma experiência de vida distinta e seu modo de enxergar o mundo influencia o seu relato.

Mesmo na história, não há textos imparciais, pois o fato de uma pessoa registrar o passado histórico implica que ela tenha selecionado e organizado os vestígios que encontrou sobre determinado assunto e construiu seu texto conforme sua interpretação. Também na literatura, os escritores leem as biografias e textos históricos e deles retiram aquilo que julgam ser relevantes para o seu texto, construindo sua narrativa conforme a visão que possuem da realidade e do passado histórico, mesmo que isso resulte no questionamento da versão oficial da história e na proposta de releitura do passado.

Como se percebe, o objetivo primeiro do narrador de *Anita* é descrever a vida de Costa e, nesse relato, emerge a personagem Anita em meio a outras personagens e a diversos acontecimentos históricos, literários e culturais que são vivenciados por Costa, ao longo da narrativa.

O romance *Anita Garibaldi*, do argentino Julio A. Sierra, narra a saga da

heroína desde a sua infância no Brasil até a sua morte na Itália. O subtítulo do livro, “*Guerrillera en América del Sur, Heroína de la Unidad Italiana*”, explicita a ideologia do autor em relação a sua personagem: a de querer exaltar e idealizar uma mulher que lutou a favor do povo, em busca de ideais de justiça e liberdade. O narrador é um legionário italiano que visita seu antigo chefe na ilha de Caprera e, durante a visita, Garibaldi relata ao seu interlocutor a vida de Anita. A obra seria, então, a reconstituição das “memórias” de Garibaldi por um conhecido seu, que demonstra a preocupação de querer ser o mais fiel possível à narração.

O livro está dividido em seis partes, um epílogo e uma breve introdução, na qual o narrador se apresenta como um legionário que lutou ao lado de Garibaldi durante a unificação da Itália. Ele narra a vida e a morte de Anita, vivificada pela exposição de Garibaldi, sempre lembrando ao leitor que ouviu do próprio italiano a história que está narrando e explicitando que o corsário teria autoridade para falar da vida de sua esposa, já que a maioria dos fatos foi vivida por ele e os demais foram relatados a ele pela própria Anita.

Cada parte do romance abarca uma etapa da vida de Anita, com exceção da segunda, que trata especificamente de Garibaldi. Na primeira parte, intitulada “Aninha”, encontra-se a narração da vida da personagem antes de conhecer Garibaldi. Ela é uma garota que se diferencia das demais devido à sua personalidade rebelde, que não se modela aos padrões impostos pela sociedade em que vive. Há a descrição de como ocorre seu casamento com Manuel, assim como a separação, e o relato do momento em que Anita vê Garibaldi no *Te Deum* celebrado na tomada de Laguna pelos farrapos.

Na primeira parte do romance, o narrador constrói a personalidade de sua protagonista como uma moça que se sente livre para andar pelo espaço público e

cavalgar sem destino pelos arredores da vila. Assim, ela quebra com o paradigma patriarcal vigente na época que dita que a mulher deve se restringir ao espaço privado, ou seja, ao lar, cuidando das tarefas domésticas.

Mas o romance também apresenta Anita como uma pessoa que é capaz de se sacrificar para o bem estar das pessoas. Por isso, como está no subtítulo do livro, Anita é ao mesmo tempo uma mulher guerreira e heroína: guerreira porque luta com ardor por seus ideais de justiça, liberdade e igualdade; heroína porque sabe renegar suas vontades para acatar algo em benefício dos outros. A heroicidade, aqui, está associada aos princípios religiosos de renúncia e caridade com o próximo.

Os episódios narrados nessa parte teriam sido relatados por Anita a Garibaldi, já que se trata da vida da personagem antes de conhecer o italiano, isto é, no romance, a protagonista conta os episódios de sua infância e juventude a Garibaldi, dando sua interpretação, e este, já ao final da vida, repassa-os à sua maneira para o narrador.

A segunda parte, “Garibaldi”, relata a vida do italiano desde sua infância em Nizza: como se torna marinheiro; o contato com os seguidores das ideias de Saint Simon; a entrada para a sociedade secreta de Mazzini, na luta pela unificação da Itália; sua fuga para a América do Sul; sua entrada na Revolução Farroupilha e os percalços pelos quais passa até chegar a Laguna. Mesmo que o romance de Sierra seja sobre a vida de Anita, ela só se torna conhecida historicamente por causa de Garibaldi, que luta pela república na Itália e também no Brasil. Por ter sido sua mulher e lutar ao seu lado é que Aninha torna-se Anita Garibaldi.

Em “*Anita, Guerrera de la República*”, narra-se o primeiro encontro de Garibaldi e Anita, a reação do povo da cidade ao se inteirar da relação do

marinheiro com Aninha e a convivência do casal enquanto o exército farroupilha ocupa a cidade de Laguna.

Na quarta parte, “*Adiós a la Patria*”, são descritos os episódios marcantes do casal Garibaldi desde a saída de Laguna: a tomada de Lages; o combate no rio Marombas, com a captura de Anita pelos imperiais e sua posterior fuga; a ida para o Rio Grande do Sul, onde Anita tem seu primeiro filho, e a partida da família Garibaldi para Montevidéu.

Em “*Uruguay*”, como o título indica, encontra-se o relato da vida de Anita e Garibaldi nesse país: a participação de Garibaldi no exército uruguaio para combater o ditador argentino Rosas que queria a hegemonia do estuário do Río de la Plata e a permanência de Anita em casa, cuidando das tarefas domésticas e dos filhos.

Na última parte, “*Italia*”, descrevem-se os últimos anos de vida de Anita: sua relação conflituosa com a sogra Rosa Raimondi; sua participação nas lutas pela liberdade ao lado de Garibaldi; a Retirada de Roma e sua agonia e morte em Madriole. No epílogo, resumem-se os sete sepultamentos da heroína cujos restos mortais se encontram, desde 02 de junho de 1932, em um monumento em sua homenagem na cidade de Roma.

A narrativa é precedida por uma epígrafe de Antonio Tabucchi: “*No excluyo haber modificado esta historia con razones y añadidos propios de la presunción de quien cree extraer de la historia de una vida el sentido de una vida*”. Esta citação indica que o autor, propositalmente, modificou a história de Anita em favor da ficção, para que seu relato pudesse ser verossímil. O leitor pode constatar, no entanto, que o romance mantém-se bastante preso aos fatos históricos.

O narrador diz ter-se valido, em sua história, de suas conversas com

Garibaldi, quando o revolucionário já se encontra com certa idade e havia parado de lutar. O herói italiano relembra sua vida ao lado de sua mulher brasileira e o que ela lhe contou de sua vida no Brasil. Em muitas passagens, o narrador ressalta que os fatos são narrados por ele tal como escutou de seu chefe.

Pode-se dizer que a narrativa seria mais uma das versões das *Memórias* de Garibaldi, pois, historicamente, Garibaldi relatou suas *Memórias* a vários escritores, como ao francês Alexandre Dumas, entre outros. O narrador coloca Garibaldi como a testemunha perfeita para causar o efeito de veracidade à sua narração, já que ele foi o companheiro de Anita e o seu relato é tido, no livro, como algo inquestionável.

Intercalando a história de Anita, há vários capítulos com informações históricas sobre os fatos narrados. Esses capítulos explicam o momento histórico narrado e de certa maneira, eles quebram a sequência do enredo, já que esse é interrompido para detalhar o que ocorria na história.

Apesar de quebrar a sequência do enredo, esses capítulos acrescentam dados importantes que a história registra. Geralmente, o capítulo seguinte do romance parte do fato histórico relatado nesses capítulos. Não se está afirmando que esses dados históricos são incongruentes com o enredo, mas somente que eles quebram a sequência da narrativa literária que vinha sendo desenvolvida. Muitas vezes esses capítulos explicam fatos como o de Garibaldi vir para o Brasil no primeiro exílio seu, ou, então, porque a cidade de Laguna é importante para os farrapos, entre outras explicações, que poderiam ser inseridas no relato resumidamente, sem estar em capítulos separados e destacados na narrativa.

Tão frequente no romance de Julio A. Sierra, o recurso das cartas é, evidentemente, retirado do livro *Anita Garibaldi, a mulher do General* (1989), escrito pela bisneta Anita Garibaldi. Nesse livro, a autora vale-se da estratégia narrativa

das cartas para compor o seu relato e dar verossimilhança à narrativa. O autor argentino se apropria de várias cartas para construir o seu texto, concordando com a mesma descrição que a bisneta Anita faz de sua bisavó. Vale lembrar, novamente, que essas cartas possivelmente sejam uma criação da bisneta, já que não há comprovação de que existiram.

Historicamente, Anita Garibaldi deixou algumas cartas na Itália, como já observou Wolfgang L. Rau (1975), em sua biografia sobre a heroína, mas as caligrafias divergem entre si, pois foram escritas por outras pessoas. Assim, a informação que aparece em *Anita Garibaldi, a mulher do General*, de que Anita teria escrito metade das cartas pode ser considerada distorcida, já que provavelmente ela não escreveu carta alguma, tem-se apenas o registro de uma assinatura de um bilhete que enviou à sua sogra, quase ao final de sua vida. A existência das primeiras cartas, enviadas à sua irmã Felicidade ou ao seu tio Antonio, também é duvidosa, já que nunca se encontraram tais cartas. Assim, a bisneta Anita constrói um fato dentro de seu livro para defender o seu ponto de vista, ou melhor, com tal recurso, a autora tenta comprovar as atitudes de sua bisavó e o mito heroico de Anita construído por Garibaldi.

Todas as cartas de Anita que aparecem no romance de Sierra são retiradas do livro *Anita Garibaldi, a mulher do General*, como se pode comprovar com o seguinte trecho a sua irmã Felicidade:

Ontem, na igreja, entre os comandantes, vi um homem que me pareceu maravilhoso. À luz das velas, seus longos cabelos loiros brilhavam como se fossem de ouro. Era bronzeado, tinha olhos claros. Logo pensei: um marinheiro. Depois, ouvi dizerem à minha volta que ele é estrangeiro e está no comando da esquadilha revolucionária (GARIBALDI, 1989, p. 43).

Entonces, en la iglesia, entre los comandantes, vi a un hombre que me pareció maravilloso. A la luz de las velas, sus largos cabellos rubios brillaban como si fuesen de oro. Estaba bronceado, tenía ojos claros. Luego pensé: un marinero más. Pero enseguida escuché que

alguien cerca de mí decía que era un extranjero que estaba al mando de la escuadra revolucionaria (SIERRA, 2003, p. 58).

O fragmento transcrito relata o momento em que Anita teria visto pela primeira vez Giuseppe Garibaldi. A bisneta coloca na voz de sua bisavó a narração do episódio e ela é reproduzida por Sierra em seu livro. O autor argentino não reproduziu todas as cartas, mas selecionou aquelas – ou trechos delas – que se encaixariam em seu enredo, reforçando a ideia que queria transmitir aos seus leitores.

Relembrando a epígrafe de Antonio Tabucchi, o autor deixa explícito que pode manipular as informações que os biógrafos e historiadores apresentam sobre Anita. Contudo, o que ele faz é reproduzir os episódios memoráveis sobre Anita que estão relatados nas *Memórias* de Garibaldi e transcrever várias cartas ou trechos que estão no livro *Anita Garibaldi, a mulher do General*. Sierra repete em seu romance a imagem da heroína brasileira concebida por Garibaldi e corroborada por sua bisneta. Assim, apesar de indicar o texto de Tabucchi, o escritor praticamente não modifica a história, mas apenas cria um enredo no qual se entrelaçam várias vozes – a de Garibaldi, a de Anita e a sua própria – para contar a vida da heroína brasileira conforme a visão da história.

O romance *Anita cubierta de arena*, de Alicia Dujovne Ortiz, narra a vida de Anita Garibaldi desde o momento em que ela conhece Giuseppe Garibaldi até a sua morte, na Itália. O título do livro recorda o primeiro sepultamento de Anita em Madriole: por causa da aproximação do inimigo, os camponeses enterram-na na areia. Alguns dias depois, uma criança vê seu braço, que sai da areia, e assim descobre-se o corpo.

O ponto de partida da narração está na última versão das *Memórias* de Garibaldi, em que o italiano relata seu encontro com Manuela Sáenz, a amante de

Bolívar, em um pequeno povoado do Peru. Essas *Memórias* de Garibaldi estão divididas em duas partes. Na primeira, ele retoma praticamente o livro de Alexandre Dumas, com pequenos acréscimos. Na segunda, ele se refere ao período posterior a 1849, sobre o seu segundo exílio. É nessa parte que ele relata seu encontro com a amante de Bolívar, que está acamada, semi paralisada por causa de uma apoplexia. Desse fato histórico surge a narrativa de *Anita cubierta de arena*, que apresenta uma versão do assunto tratado naquele encontro inusitado.

O romance de Dujovne Ortiz é estruturado em nove partes, sendo que a primeira e a última se cruzam no encontro entre Manuelita Sáenz e Garibaldi. As demais trazem a história de Anita contada pela narradora, de modo que o relato da conversa do italiano com a amante de Simón Bolívar rodeia a história principal, ficando essa no centro do livro e do enredo.

O livro comenta, nas “*Palabras Previas*”, que tal encontro não parece ter sido fruto do acaso, já que se trata do encontro do herói da unificação italiana com a companheira do Libertador da América – os dois homens compartilham as mesmas ideias revolucionárias.

O romance se inicia no capítulo “*Manuela en la penumbra*”, com a descrição do encontro, feita pela narradora onisciente a partir da perspectiva de Garibaldi, e, depois, através da visão de Manuelita. Essa pede ao italiano, então, que desabafe toda tristeza que traz desde a morte de sua companheira.

No entanto, a descrição da vida da heroína brasileira por Garibaldi não aparece no livro. Em seu lugar há o relato de um narrador, que escolhe sua protagonista como foco narrativo, pois é a partir da visão de Anita que o enredo é construído. O desabafo do italiano não é narrado no livro, cabendo ao leitor imaginar tal história contada por Garibaldi, assim como Manuelita a imagina.

Como o romance é escrito por uma mulher, Alicia Dujovne Ortiz, que busca reescrever a história de uma brasileira do século XIX e que se utiliza de outra personagem feminina (Manuelita) para iniciar o enredo e por o foco narrativo ser a protagonista mulher, pode-se considerar que a voz narrativa seja também feminina, pois o destaque do romance está em questões femininas como a busca de identidade e o papel social feminino em uma sociedade de raízes patriarcais.

A história de Anita começa a ser narrada no capítulo “*Anita en el mar de leche*”, em que a narradora descreve os primeiros meses do casal Garibaldi, enquanto os farroupilhas ocupam a cidade de Laguna, e as primeiras atuações de Anita na guerra. O passado da protagonista é relembrado em poucas passagens. Por exemplo, sobre seu casamento com Manuel, a narradora comenta: “*El marido blandengue de carne fofa y agua en las venas se ha marchado a la guerra. Él es legalista, ella revolucionaria. Él está con el Imperio [...]*” (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 20). Nada mais se sabe do casamento de Anita com Manuel.

Já em “*Anita nada en los torrentes*”, há a narração da saída dos farrapos de Laguna para Lages, a batalha de Curitibanos quando Anita é presa pelos imperiais e sua fuga até reencontrar Garibaldi e a tropa farroupilha em Vacaria. A travessia da Serra das Antas, o nascimento do primeiro filho e a partida para o Uruguai são fatos que se narram em “*Anita bajo la higuera*”. No entanto, o que sobressai não são a coragem e o espírito guerrilheiro de Anita, imagem que Garibaldi perpetua em suas *Memórias*, mas sim suas atitudes, pensamentos e sentimentos de mulher frente ao homem que ama, como se verá adiante.

“*Anita en la terraza*” e “*Anita no tiene camisa roja*” são os capítulos que abarcam os acontecimentos de Montevideú quando Anita é proibida, de forma velada, de lutar ao lado de Garibaldi, tendo que permanecer em sua casa, cuidando

dos filhos. Mesmo assim, ela encontra um espaço que a ajuda a buscar sua identidade naquela cidade que lhe é estranha. O terraço da casa torna-se o lugar privilegiado da personagem porque é uma parte da casa que dá acesso ao mundo exterior, fazendo com que ela também participe do espaço masculino, o qual pertence o seu marido.

Em Montevideú, a protagonista tem que ser e atuar como as demais mulheres: cuidar da casa e dos filhos, não se intrometer nos assuntos dos homens, vestir-se e pentear-se dentro do padrão social estabelecido. Mas, ao subir ao terraço, Anita não precisa manter a aparência de mulher que a sociedade impõe, e, por isso, é como se ela vestisse as roupas confortáveis que usava quando acompanhava Garibaldi nos combates no Brasil.

A ida para a Itália e a permanência de Anita em Rieti são descritas em “*Anita alrededor del centro*”. Em “*Anita cubierta de arena*” são relatados os momentos do cerco de Roma, a fuga dos garibaldinos e a morte de Anita. Ao final desse capítulo, há um pequeno trecho em que Garibaldi conta a Manuelita como foi a constatação da morte de Anita, de como se inteira de que ela é enterrada na areia e de como seu corpo é descoberto. Este é o único momento em que a narradora passa a palavra diretamente para Garibaldi relatar a história de seu ponto de vista e com suas próprias palavras: “*Era el 4 de agosto, a las siete pasadas de la mañana – concluyó el marino rubio de barba roja [...] Le grité como un loco, la sacudí pidiéndole que me contestara, había soportado tanto que no podía ser, debía de estar desvanecida*” (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 222).

A história da vida de Anita termina com esse relato de Garibaldi, um final triste e amargurado, como é o final do romance de Dujovne Ortiz, pois Manuelita não vê um futuro promissor nas lutas empreendidas por Garibaldi e por Bolívar. Ela

percebe que o herói italiano foi manipulado pelas pessoas a quem serviu com tanta abnegação – os chefes farroupilhas, os caudilhos do Uruguai e os burgueses da Itália –, assim como Anita que, muitas vezes, não entendia o porquê das guerras e indagava as verdadeiras intenções dessas lutas, sendo uma espécie de “consciência” de Garibaldi.

No último capítulo, “*La visión de Manuela*”, retorna-se ao encontro de Garibaldi e Manuela em 1851, após o italiano ter feito o seu desabafo. O epílogo resume a vida de Garibaldi desde esse encontro até a sua morte.

No livro de Alicia Dujovne Ortiz, o enredo segue a trajetória da vida de Anita apontada pela historiografia: o primeiro encontro com Garibaldi, as incursões pela costa litorânea, a saída de Laguna, a batalha de Curitibanos, o nascimento do primeiro filho, a travessia das Serras das Antas, a vida no Uruguai, a ida para a Itália, o cerco de Roma e a sua morte na região de Ravenna.

O romance parte dos acontecimentos descritos nas *Memórias* de Garibaldi e acrescenta uma nova leitura desses fatos. O singular é a forma como a narrativa reconstrói a história: valendo-se de uma narradora que usa o ponto de vista da protagonista, que narra em discurso indireto e destaca a forma como age e pensa, revelando seus conflitos interiores.

A visão dessa narradora sobre os fatos de Anita ganhará uma nova leitura, uma versão distinta do que é relatado na história. O desabafo de Garibaldi a Manuelita não aparece no romance. Isso ocorre porque o italiano deixa sua versão em forma de memórias, revelando o seu ponto de vista.

Como já se disse, o ponto de partida da narração é o encontro de Garibaldi com Manuelita Sáenz, associando a figura do italiano com o Libertador Bolívar. Antonio R. Esteves (2007a) aponta as junções:

Anita-Manuelita y Garibaldi-Bolívar permiten establecer la conexión de dos mundos: la joven América que busca su independencia y la vieja Europa que intenta hacer la revolución liberal, en la defensa explícita del ideal libertario, seguramente compartido también por la autora de la novela.

O romance de Dujovne Ortiz associa as lutas por independência na América do século XIX com o liberalismo que se expande pela Europa nessa mesma época. Contudo, o final da narrativa é melancólico, já que Manuelita percebe o malogro do ideal perseguido por ambos os revolucionários. Mesmo assim, ela encoraja Garibaldi a buscar a realização de seus ideais. Ela tem vontade de fazer várias reprovações a sua conduta em relação a Anita, mas o italiano já se angustia em pensar que sua companheira estava com o braço para fora da areia para pedir-lhe que não a deixasse. Então, a amante de Bolívar lhe afirma:

- Anita no sacó el brazo para tratar de retenerte.
 En el rostro de Garibaldi se pintó el alivio:
 - ¿Ah no? ¿Y para qué?
 - Para empujarte, para obligarte a seguir – mintió (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 230).

Anita-morta não pode mais falar o que pensa, tornando-se, assim, o eco de outras vozes. Manuelita pode transmitir a Garibaldi o que interpreta do gesto de Anita, mas, para não desencorajá-lo, inventa outro significado, também aceitável, pois a mão levantada de Anita na areia tem, no mínimo, dupla significação: ou um gesto de desespero ou o punho revolucionário. Pode-se ler a mão levantada de Anita como um pedido dela a seu companheiro para que não a deixe sozinha, já que viveu seus últimos dez anos acompanhando Garibaldi por diversos lugares, ou, então, como uma forma de incentivá-lo a prosseguir com seus ideais revolucionários, sem remorsos de abandonar o corpo dela em meio à fuga para seu segundo exílio.

A releitura da história é uma das características do romance histórico contemporâneo, da mesma forma que a releitura feita pela narrativa ficcional veta

as versões oficiais da história hegemônica para propor novas leituras. É esse o caminho que *Anita cubierta de arena* trilha para desconstruir a história canonizada de Anita Garibaldi, apresentando outras versões para os fatos vividos por ela.

Anita coberta de areia é a última imagem da protagonista no romance, a que dá nome ao livro de Alicia Dujovne Ortiz, cujo intento é justamente tirar o pó que encobre a figura de Anita. O que se descobre não é a heroína celebrada por Garibaldi em suas *Memórias*, mas sim uma figura humanizada, tirada do pedestal em que é elevada à categoria de guerreira. Anita-mulher, eis a imagem da protagonista em *Anita cubierta de arena*.

Assim, em cada romance, Anita Garibaldi se torna uma personagem distinta e com pensamentos e ideias diferentes acerca de si própria e em relação às demais pessoas. Em cada obra, se revive a sua saga e se faz ressurgir o mito dessa heroína brasileira, conforme a imagem que cada autor possui da sua protagonista. Todos eles partem da descrição de Anita nas *Memórias* de Garibaldi, ou para corroborá-la ou para negá-la. Contudo, em ambos os casos, o que permanece é o interesse em narrar a vida da “heroína dos dois mundos”.

2 A DONZELA-GUERREIRA DE ATOS E PALAVRAS

Vidas que dariam romances... Quantas vezes não se ouviu isso? O surpreendente é que a vida de Anita Garibaldi não tenha dado mais romances. Talvez por ser uma vida tão romanceável, a de Anita tenha sido um desafio que poucos quiseram enfrentar, com medo de que a ficção não ficasse tão fascinante quanto a vida.
Luis Fernando Veríssimo

Em seu livro *Mulheres Públicas* (1998), Michelle Perrot observa que desde a Antiguidade grega a sociedade exclui a mulher do espaço público e que o lugar dela só é entendido na dualidade: enquanto os homens sempre tiveram pleno acesso à esfera pública, aos espaços abertos e à política, as mulheres foram confinadas ao espaço privado, à casa, tornando-se a “rainha do lar”.

A autora assinala que a “mulher pública constitui a vergonha, a parte escondida, dissimulada, noturna, um vil objeto, território de passagem, apropriado, sem individualidade própria” (PERROT, 1998, p. 07). Um dos objetivos da Crítica Feminista é derrubar tal concepção, fazendo com que a mulher tome parte também do espaço público, tendo respeitados seus direitos, deveres e diferenças. Entende-se, aqui, a esfera pública em dois aspectos: “por oposição à esfera privada, designa o conjunto, jurídico ou consuetudinário, dos direitos e dos deveres que delineiam uma cidadania; mas também os laços que tecem e que fazem a opinião pública” (PERROT, 1998, p. 07-08).

Perrot lembra em seu livro grandes figuras femininas como Germana, Marianne e a Virgem Maria que, por serem imagens de mulheres públicas, são representadas como mulheres sublimadas, míticas e inacessíveis. Foi mais ou menos esse raciocínio que Giuseppe Garibaldi utilizou em suas *Memórias*, ao comparar Anita à deusa grega Palas Atenas e ao afirmar que ela era uma “excelente amazona” e que possuía um “coração de heroína”. Enaltecendo a

imagem de sua companheira, implicitamente ele corrobora a sua própria imagem de herói.

No capítulo anterior, foi mostrado como Antonio Manoel Elíbio Jr. destaca a tentativa de diversos historiadores brasileiros do início do século XX em associar a imagem de Anita Garibaldi à nova república. Desse modo, o esforço de Garibaldi em engrandecer a coragem de Anita foi validado por esses estudiosos e por outros que sobre ela escreveram ao longo de todo o século XX.

Nos romances *A guerrilheira*, de João Felício dos Santos, *Anita*, de Flávio Aguiar, *Anita Garibaldi*, de Julio A. Sierra, e *Anita cubierta de arena*, de Alicia Dujovne Ortiz, a imagem da brasileira Anita Garibaldi na esfera pública é construída a partir do relato de Giuseppe Garibaldi, confirmando ou não a concepção de heroína elaborada nas *Memórias* do italiano. Cada escritor enfatizou o lugar de Anita no espaço público conforme o ideal de mulher guerreira que dela possui. Os romances partem dos diversos estudos sobre a vida de Anita para ficcionalizar a personagem e atribuir a ela um caráter mais heroico ou não, conforme o modelo que criam em suas narrativas.

Em *A guerrilheira*, de João Felício dos Santos, Anita é uma personagem dotada de coragem e de iniciativa excepcionais, comum a uma imagem idealizada de acordo com os princípios românticos vigentes na época em que a heroína viveu. A protagonista é descrita como uma mulher que luta por justiça e que não aceita, por exemplo, a escravidão dos negros nem a opressão sofrida pelas mulheres. A entrada de Anita na Revolução Farroupilha por intermédio de Garibaldi é um incentivo que encontra para lutar por suas ideias e para conquistar a liberdade para si e para os demais.

De tal modo, Felício dos Santos concorda com a imagem de Anita heroína.

Mais ainda, ele depura e amplia tal construção, pois as *Memórias* não relatam como foi a vida de Anita antes de conhecer Garibaldi. Já o romance descreve a coragem de Anita como algo inato, que já faz parte de sua personalidade desde criança. Não importa qual o status social do opressor: a protagonista não se intimida e desafia destemidamente aqueles que oprimem o povo. É o que ocorre, por exemplo, no episódio da personagem Licota, comadre de Anita. Ela e mais alguns vizinhos estavam sendo expulsos de suas casas por um padre que dizia ser aquele terreno de uma confraria extinta. Quando soube do fato, Anita foi defender a causa de sua amiga, desafiando ao padre: “E se Vossa Reverendíssima mexer naquela gente que é minha, com ou sem papel de prova, é o mesmo que mexer com onça parida!” (SANTOS, 1987, p. 76).

Sobre sua vontade de “pelear”, ela já a declara abertamente a Manuel, quando ainda são noivos, sendo já um indício de que o casamento não duraria muito e de que, mesmo sem saber, ela já está preparada para entrar na Guerra dos Farrapos em Laguna, assim como para a vinda/vida de Garibaldi: “Tenho é uma garra enorme de pelear... Não sei! De brigar duro pelos que precisam que a gente brigue por eles... Pelos que não sabem brigar... pelos que se deitam, obrigados pelos mandões... pelos que não têm coragem!” (SANTOS, 1987, p. 78).

Seu senso de justiça não engloba apenas as mulheres, mas também os negros. Ao conversar com o general Albuquerque, ela os defende demonstrando razões convincentes para o modo de agir dos negros. Sua maneira de enxergar os fatos desconcerta seu ouvinte, deixando-o atônito por não poder contestar o seu raciocínio:

Os negros mentem, sim, meu general. Mas, mentem quando percebem que, dizer a verdade, termina em açoites! Ademais, chico, se nós comêssemos o que lhe damos para comer e trabalhássemos só a metade do que os fazemos trabalhar, seríamos bem mais

preguiçosos do que os piores deles. Também, me desculpe vancê, seu general, são ignorantes porque ninguém os deixa aprender nada além de labutar (SANTOS, 1987, p. 215).

É por causa de suas ideias de igualdade entre os homens que a protagonista resolve deixar Laguna e seguir lutando por suas convicções ao lado de Giuseppe Garibaldi, não somente durante a Revolução Farroupilha, mas também no Uruguai, para onde eles vão ao final da narrativa. A personagem enfrenta de forma destemida os perigos da guerra e esse espírito decidido a acompanha nas demais lutas pelas quais passa ao lado de Garibaldi.

Como se pode perceber pelo título, a obra de Felício dos Santos é a que mais se aproxima da ideia de mulher guerreira. São várias as cenas que mostram a protagonista combatendo com intrepidez, como no exemplo a seguir:

Somente no repiquete dos primeiros tiros foi que Garibaldi deu com Anita, a seu lado, já disparando sua arma nova, e aos gritos de grande entusiasmo:

- Mirem que não creio em fantasmas, corja de covardes, cascudos de merda! Venham, sem medo, velhacos governistas! – e atirava... e matava... Logo, enchia Garibaldi de ânimo – Não te preocupes comigo, Papin de minha alma! Vá em frente, chico, que esses porcalhões não são de subir ladeira... – e fuzilava... e derrubava... (SANTOS, 1987, p. 243).

Não são somente as atitudes de Anita em atirar nos inimigos que sobressaem na narrativa, mas também suas palavras de incentivo a Garibaldi e aos soldados e também os gritos e xingamentos contra os imperiais, como se a força das palavras tivesse o poder de transformar a realidade.

Outra amostra da disposição da personagem ocorre no litoral de Laguna, onde Anita tem seu primeiro confronto com os imperiais. Ela tenta entusiasmar os soldados, especialmente o comandante que se encontra na outra embarcação. Com a morte dele, no entanto, ela toma uma decisão sozinha e, sem avisar a ninguém, vai até o lanchão para comandá-lo e de lá grita para Garibaldi:

Papin querido, gringo da minha vida! Por aqui, tudo já vai arreglado.

Te cuida dos sotretas aqueles que me vou direto a Imbituba! Não nos espere, chico, que perdes tempo!

[...]

Ah!... sim! Quanto ao comando do barco, já assumi, gringo! Havemos de nos encontrar em Imbituba logo mais ou, pelo pior, amanhã. Tchau, lindo! (SANTOS, 1987, p. 161).

Dessa maneira, a protagonista de Felício dos Santos se destaca na narrativa por sua valentia e iniciativa, que a caracterizam como uma guerreira nata.

É sabido, por exemplo, que na Itália, a personagem histórica Anita vai encontrar-se com Garibaldi, em Roma, e esse exclama: “eis a minha Anita; temos um soldado a mais!” (RAU, 1975, p. 381), pois ela era uma mulher valente, que não tinha medo de lutar e animava os soldados para a guerra. Assim também será a protagonista da obra de Felício dos Santos: uma mulher-soldado, destemida nos campos de batalha e grande incentivadora dos desanimados. Em um determinado trecho da narrativa, a protagonista argumenta com Garibaldi: “Não vês, gringo safado, que os tigres nascem no mato e, nem por isso, as fêmeas deixam de caçar? De pelear? De ajudar os machos nos seus cansaços?” (SANTOS, 1987, p. 259). Dessa maneira, ela defende suas atitudes guerrilheiras e sua permanência no espaço público.

Com esses exemplos citados anteriormente, pode-se associar a protagonista de Felício dos Santos ao mito da donzela-guerreira, conceituado por Walnice N. Galvão (1998). Os traços originais dessa figura são os de uma mulher, filha de pai que não possui filhos varões, que se traveste de homem para ir à guerra ou para vingar o seu pai de uma ofensa. A autora cita a classificação de donzela-guerreira de Hobsbawm: a guerreira propriamente dita; a mulher-consorte, que é aquela que acompanha o homem na guerra, sendo esposa e mãe; e a mulher do apoio logístico, que não se integra ao grupo de guerreiros. Mas a personagem histórica Anita Garibaldi, segundo a classificação de Hobsbawm citada por Galvão

(1998, p. 83), “é mais propriamente uma guerreira-consorte, acompanhando o marido, tendo filhos, etc.”

Contudo, quando se trata de textos ficcionalizados – seja biografia ou narrativa ficcional – as características da donzela-guerreira se acentuam, como ocorre em *A guerrilheira*. A protagonista se mostra, desde o princípio, como uma pessoa predisposta à guerra, que abdica das “fraquezas femininas” e das tarefas atribuídas às mulheres para se engajar na luta, igualando-se a um soldado destemido. No romance de João Felício dos Santos, Anita é uma donzela-guerreira porque está em seu caráter lutar pelos oprimidos e pelas causas justas.

O arquétipo da donzela-guerreira provém do mito de Atena, a deusa-irmã que nasceu da cabeça de seu pai Zeus já adulta e revestida de armadura completa. Era considerada a deusa da guerra, bem como a padroeira de artes ornamentais, como a fiação e a tecelagem. Em sua dissertação de mestrado, Vania Maria F. Vasconcelos (1998, p. 123-124) ressalta que

[...] em Palas Atena, a ambiguidade numa configuração quase andrógina que reúne capacidades tradicionalmente femininas, tais como a sabedoria da espera, a estratégia sutil, a habilidade manual a outras masculinas, como a valentia e a força, a decisão guerreira, a ferocidade, é o que define a ação.

Ou seja, a deusa grega seria uma versão do feminino que infringe o papel social tradicionalmente atribuído às mulheres (o de submissão aos homens e o de se restringir à esfera privada) para irromper no espaço da guerra, não só como guerreira, mas principalmente como vitoriosa.

Walnice N. Galvão lembra que a donzela-guerreira abdica dos elementos que compõem sua identidade e especificidade enquanto mulher para acatar os ideais masculinos como sendo seus. Ela vai à luta no lugar do filho varão que seu pai não teve ou mesmo cobra a vingança em nome de seu progenitor: a guerra e a

retaliação seriam causas masculinas adotadas pela donzela-guerreira, que se disfarça com roupas masculinas e corta o cabelo, encobrindo sua identidade.

Nesse sentido, a donzela-guerreira seria uma personagem ambígua, transitando entre o território feminino e o masculino, podendo ser:

[...] uma personagem decorrente de uma variante do arquétipo do andrógino [...] apesar de fisicamente não compor realmente um corpo andrógino, contém sua ambiguidade no conflito que apresenta entre as emoções femininas e o papel a que se dedica de teatralização constante do ser masculino (VASCONCELOS, 1998, p. 131).

Anita Garibaldi no romance *A guerrilheira* também abdica do papel social imposto às mulheres e prorrompe na esfera pública como uma guerreira destemida e vitoriosa na luta contra a monarquia, a desigualdade racial e, principalmente, sexual. A vitória que alcança nas batalhas provém da habilidade e estratégias relacionadas ao feitio feminino, bem como da coragem e da garra que são tidas pela sociedade como capacidades tipicamente masculinas.

Diferentemente da donzela-guerreira, os ideais pelos quais ela combate não lhe foram inculcados pelos homens, mas são conceitos que possui desde criança. A protagonista de Felício dos Santos também não se traveste com roupas masculinas para esconder sua feminilidade e identidade e, assim, poder ir à guerra. As roupas são usadas para melhor mobilidade e conforto. O que o romance expõe é a atitude guerreira da personagem, que ultrapassa a imagem heroica de Anita construída por Garibaldi, quando este a compara à deusa Palas Atena em suas *Memórias*. Lembrando que a deusa grega era uma mulher virgem e independente do homem, o que não ocorre com Anita Garibaldi, pois ela é uma “mulher-consorte”, com marido e filhos.

No romance *A guerrilheira*, em certa passagem, a protagonista afirma que, se Garibaldi não a tivesse levado para a guerra, ela teria ido por conta própria, já

que sentia a necessidade de estar ao lado dos republicanos e simpatizava com a causa dos farroupilhas. Ou seja, Garibaldi, aqui, teria sido quase que um pretexto para a entrada da personagem no universo da guerra.

Se para a maioria das pessoas a guerra é um lugar de dor, algo violento e cruel, que não se conforma com o feitio feminino, para Anita é algo que lhe proporciona prazer, um prazer comparável ao que sente quando está com Garibaldi, como ela mesma confessa a seu amado:

A gente como que cresce num prazer diferente [...] Um prazer esquisito. [...] Parece que ouço até o barulho da bala entrando nele. Na boca, sinto o gosto do sangue que começa a correr... o cheiro do suor da morte que o faz cair do cavalo... É uma delícia! Sabes, tenho vergonha de dizer, mas penso que gozo como se estivesse numa cama... (SANTOS, 1987, p. 254).

Nesse contexto, percebe-se que a personagem não é descrita conforme o modelo de mulher oprimida do século XIX. Ela se destaca por participar e gostar de guerrear, de atirar nos inimigos e vê-los atingidos pelos tiros que disparava. Ela também alimenta sentimentos de ódio e vingança quando acredita que uma injustiça é feita e vocifera contra seus inimigos, como ocorre no episódio da morte de Teixeira Nunes: “Miseráveis! Cães! – Anita espumava ódios no vento da serra” (SANTOS, 1987, p. 184). Ela também tem vontade de vingar a morte de seus companheiros: “[...] sinto na minha boca o gosto do sangue desses imundos! Como os hei de matar! Ah! Como!” (SANTOS, 1987, p. 185).

Esse ódio expresso por Anita é característico de um guerreiro, pois, conforme afirmam Chevalier & Gheerbrant (2002, p. 489, grifo do autor), um “herói na batalha está em estado de *cólera guerreira*, expressão religiosa e mágica do excesso ou desmesura *heróica* dos cavaleiros com relação aos seus inimigos (e somente com relação a eles)”.

O herói, na antiguidade grega, é o fruto da união de um ser humano com

uma entidade divina. Mesmo não sendo contemplado com a imortalidade dos deuses, goza de um poder sobrenatural que lhe confere um status acima dos seres humanos comuns. O maior representante de sua categoria é Hércules (Heracles), cujas principais características são a força física extraordinária, a coragem para enfrentar qualquer prova ou perigo e uma destreza singular.

No romance *A guerrilheira*, o narrador associa a imagem de sua personagem a uma autêntica heroína:

Anita-Novilha-nos-Sangues, em idas-e-voltas de brutas certezas, parecia uma veterana em peleias de morte: violenta nos insultos como no gás do incentivo, amparava um aqui, animava outro ali, ajudava por toda a parte... Nas voltas, atirava ao acaso, pra dentro do mato, contra o invisível. Mirava no rumo das balas ofensoras... (SANTOS, 1987, p. 182).

Valentia, fortaleza e habilidade não faltam à personagem, que em sua primeira batalha já se sobressai por sua garra e determinação. Ela é construída no romance como uma mulher acima dos seres humanos comuns, capaz de enfrentar e vencer os perigos e as privações.

Antonio Muniz, no *E-Dicionário de termos literários*, salienta que o herói possui uma dupla projeção: “por um lado, representa a condição humana, na sua complexidade psicológica, social e ética; por outro, transcende a mesma condição, na medida em que representa facetas e virtudes que o homem comum não consegue mas gostaria de atingir”. Isto é, sem abdicar de sua condição humana, o ele é revestido de coragem, determinação e força de vontade. É também guiado por ideais nobres e altruístas, como a liberdade, a fraternidade, a justiça, a moral, o sacrifício e a paz, que o elevam moral e espiritualmente acima dos demais seres humanos.

A protagonista de Felício dos Santos possui intuitivamente a noção de liberdade e igualdade entre os homens. Em uma conversa com seu padrasto, Anita

questiona a escravidão e a soberania do rei:

O que não sei é aturar insolências, injustiças, covardias, desaforos, prepotências [...] Não aceito, por exemplo, a escravatura. Não me passa um homem ser dono de outro homem. Vomito! Infelizmente nós também ainda somos escravos de um rei... Que coisa é um rei? Um idiota feito ainda mais idiota pelos ladrões que o rodeiam... (SANTOS, 1987, p. 41).

É por causa de suas ideias de igualdade entre os homens que a protagonista resolve deixar sua vida em Laguna e seguir lutando por seus ideais ao lado de Giuseppe Garibaldi, não somente na Guerra dos Farrapos, mas também no Uruguai, para onde eles vão ao final da narrativa.

O escrivão Galdino relembra em seus pensamentos as atitudes de Anita que escandalizaram o povoado onde morava:

[...] fora ela que, aos treze anos, agredira com um chicote o rosto de um plantador, na serra onde dera seus primeiros passos [...] Ainda com menos idade, era sabido, costumava agredir e ofender com as palavras mais duras os honestos donos de escravos, comprados dentro da mais absoluta legalidade... Por fim, a doidivanas temperamental não achou de agredir o pároco da terra a pontapés? [...] Porque o pároco, um amigo de dom Rafael, fora obrigado a negar à pequena desordeira a comunhão, que Anita se apresentara, como foi público e notório, de bombachas, botas e lenço à mesa da Eucaristia... (SANTOS, 1987, p. 26-27).

O romance apresenta Anita Garibaldi como uma mulher que, desde juvenzinha, possui intuitivamente as noções de liberdade e justiça, como exemplificam seus atos lembrados por Galdino. A protagonista não aceita a escravidão, luta com atos e palavras contra os donos de escravos e também afronta a sociedade e a religião quando vai à missa com trajes masculinos e não de vestido ou saia, como ditavam as normas sociais. Nesse sentido, Anita se opõe a todas as instituições e pessoas que, de alguma forma, são detentoras de poder e exercem a opressão: a monarquia, o catolicismo, os donos de escravos, a sociedade que se sujeita às normas de submissão da mulher, etc.

A personagem, marcada por sua bravura e coragem, pode concretizar seu

ideal de lutar pela liberdade e igualdade ao entrar para o exército dos farrapos. Se antes de conhecer Garibaldi ela dá mostras de não tolerar as regras sociais que diferenciam os papéis masculinos e femininos, na Revolução Farroupilha ela vai corroborar sua tese de que as mulheres também conseguem realizar as mesmas tarefas dos homens e com a mesma eficácia, porque elas são dotadas de qualidades, como ela declara a Garibaldi depois de comandar um navio que ficou sem comandante: “Não é assim que descobri, hoje, todos os muitos que se aprende no fogo?! Se vocês, machões, têm a força desacertada do mar, nós, mulheres, sabemos usar as manhas certeiras do rio” (SANTOS, 1987, p. 163).

Mar e rio estão ligados pelo simbolismo da água, fonte e veículo de vida. Uma leitura que se pode fazer da fala de Anita quando diz que os homens “têm a força desacertada do mar” é associar a impetuosidade e o desejo dos homens na guerra, na qual o mar pode simbolizar:

[...] um estado transitório entre as possibilidades ainda informes as realidades configuradas, uma situação de ambivalência, que é a de incerteza, de dúvida, de indecisão, e que pode se concluir bem ou mal. Vem daí que o mar é ao mesmo tempo a imagem da vida e a imagem da morte (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2002, p. 592).

No entanto, as mulheres teriam “as manhas certeiras do rio”, ou seja, tomando o rio como a personificação do corpo, simbolizando “a existência humana e o curso da vida, com a sucessão de desejos, sentimentos e intenções, e a variedade de seus desvios” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2002, p. 781), elas saberiam lidar e contornar elementos como os sentimentos e as alterações da guerra, enquanto os homens se deixariam levar pelos mesmos até o extremo.

Dos quatro romances analisados neste estudo, é o único que não traz no título o nome Anita é *A guerrilheira*, em que o autor utiliza o codinome que designa a pessoa que participa de uma guerrilha. Secundino González Marrero, na

publicação eletrônica do *Diccionario Crítico de Ciencias Sociales*, da Universidad Complutense de Madrid, afirma que o termo “guerrilha” foi usado para nomear os grupos de voluntários que se assomaram ao exército regular na “Guerra de la Independencia española”.

Contudo, segundo o autor,

[...] el concepto de guerrilla ha venido restringiéndose en los últimos cincuenta años para terminar asociándose con los de insurgencia o revolución: de este modo se piensa en la guerrilla como en aquel grupo que, usando tácticas guerrilleras, se enfrenta a un ejército regular, con el fin de alterar el orden político.

A estratégia usada na guerrilha é o enfrentamento de um exército regular por um grupo irregular armado que possua apoio da população e cujo embate se dá num campo determinado para que tal grupo consiga escapar.

A América Latina é o lugar onde ocorreram mais ações guerrilheiras no século XX (especialmente entre 1955 e 1995) devido aos regimes autoritários e à exclusão social. Esses grupos guerrilheiros, muitas vezes formados por universitários, tiveram como estímulo a vitória de Fidel Castro em Cuba, em 1959.

Como o livro *A guerrilheira* foi publicado em 1979, em pleno período da vigência de diversas guerrilhas latino-americanas, talvez Felício dos Santos quisesse associar a Guerra dos Farrapos, que lutava contra o regime autoritário da monarquia brasileira, com os combates contra o autoritarismo da ditadura militar de 64. Para isso, ele escolheu uma figura brasileira que representa a luta pelos ideais libertários: Anita Garibaldi.

Retornando ao conceito de donzela-guerreira, Galvão (1998, p. 12) afirma que “ao irromper da esfera privada de atuação, ganha outras dimensões, crescendo cada vez mais até atingir a grandeza e provocar um terremoto em nossa estreita conformidade”. Talvez fosse esse um dos objetivos de Felício dos Santos. Ao

descrever Anita como uma guerreira que ganha o espaço masculino, especialmente o campo de batalhas, o escritor não só corrobora a imagem mítica de sua personagem como desperta os leitores de sua “conformidade” em relação ao momento vivido para que também eles possam combater contra a tirania dos militares, seja por ação, seja por palavras ou qualquer outro meio.

O autor Felício dos Santos explicita em vários momentos do romance o fato de seu texto ser um relato fictício e que ele pode descrever as cenas conforme a ideologia que possui. Por isso, há vários episódios descritos nas *Memórias* de Garibaldi que são distorcidos conscientemente na sua narrativa. Tais desvios não são descritos para negar a heroicidade de Anita, mas para dar verossimilhança ao relato e à imagem da personagem construída pelo enredo.

Em “*La nueva novela histórica latinoamericana*” (1991), Fernando Aínsa aponta a releitura da história como uma das características do romance histórico contemporâneo. Ao ficcionalizar a personagem histórica Anita Garibaldi, João Felício dos Santos tem consciência de que seu relato é uma possibilidade de leitura do fato histórico. Um exemplo desse discernimento está nas palavras do narrador ao tratar da alegria de Garibaldi no nascimento de seu primeiro filho:

O que nenhuma história pode registrar, mesmo levando em conta as precisões mais responsáveis dos historiadores profissionais, foi a alegria ingênua, as patéticas e os planos inconseqüentes com que Garibaldi abarrotou a cabana do velho Jurandi e de seu cachorro, o Pelado. Ninguém imaginaria melhor bufo, numa ópera cômica (SANTOS, 1987, p. 260-261).

A ficção, assim, pode lançar uma nova luz àquilo que foi registrado pela história, oferecendo outras leituras possíveis. Para a literatura, não importa se as suas sugestões são verídicas; o seu compromisso é com a verossimilhança, isto é, se os fatos estão em conformidade com a narração dão a impressão de serem verdadeiros dentro do contexto da obra.

Pode-se ilustrar tal afirmação comparando a versão das *Memórias de Garibaldi* sobre o primeiro encontro de Anita e Garibaldi com a versão literária desse fato de João Felício dos Santos em *A guerrilheira*. Em suas *Memórias*, o italiano, ao narrar o seu primeiro encontro com Anita, é muito sucinto, não revelando detalhes nem o diálogo que possivelmente eles tiveram; apenas descreve uma frase que ele teria dito a ela:

[...] da minha cabina no *Itaparica*, eu dirigia o meu olhar à ribeira. O morro da Barra encontrava-se próximo e, do meu bordo, eu descobria as belas jovens ocupadas nos seus diversos afazeres domésticos. Uma delas atraía-me mais especialmente que as outras...

Dada a ordem de desembarque, tomei o caminho da casa sobre a qual havia já algum tempo fixara-se toda a minha atenção [...] 'Virgem criatura, tu serás minha!', foi o que disse ao ter a jovem diante de mim (DUMAS, 2006, p. 90-91, grifo do autor).

Por sua vez, o narrador de *A guerrilheira* descreverá particularidades que não estão no relato de Dumas, mas que se encaixam perfeitamente no enredo do livro. Ele descreve minuciosamente o encontro, no contexto por ele apresentado: há a narração de como as personagens se sentem frente àquela situação e o diálogo que elas têm. A literatura oferece, então, uma interpretação que é coerente com a narração, bem mais extensa e detalhada que as *Memórias de Garibaldi*:

- Que se passa, chico? – Anita prosseguiu. – Em que coisa posso servir o amigo... ou melhor: a revolução?

[...]

- Não vês, Anita, que sou um marinheiro mui rude apenas? Vi-te ontem, de bordo, como una fiammetta eterna... un grandioso spettacolo ancora selvaggio... Amei-te, Anita, porque te vi. Aí está!

[...]

- Então... – só nesse momento Anita vacilou em suas firmezas para perguntar com voz de fluência – então... gostas de mim? Gostas desde que me acenastes, ontem, do barco?

- Amo-te, bella! (SANTOS, 1987, p. 133-135).

O romance de Felício dos Santos também apresenta diálogos que podem ter ocorrido entre as personalidades históricas, como o general Albuquerque e Anita Garibaldi, na ocasião em que esta é capturada pelos imperiais em Curitiba. O

general se sente atraído por Anita, impressionado por sua inteligência, pois era raro uma mulher se destacar em um espaço considerado masculino e ter coragem de expressar as suas próprias ideias em favor da igualdade:

Foi o general que encaminhou a conversa:

- Não estou de acordo em que a guerra seja uma boa ocupação para uma mulher.

Anita procurou pelos olhos baixos do militar:

- E para os homens? [...] Que diferença faz? As mulheres só servem para cozinhar, lavar roupas, fazer bordados certinhos... ninharias?... Não podem ter seus ideais também? (SANTOS, 1987, p. 214-215).

O fato de um escritor escolher uma personagem ou um tema histórico não o obriga a ser fiel à historiografia. Como já foi dito, o compromisso da literatura é com a verossimilhança, ou seja, em tornar os fatos possíveis dentro do contexto da obra literária.

Outra distorção ocorre quando Anita é capturada pelos imperiais em Curitiba. Conforme as *Memórias de Garibaldi* (2006, p. 120), ela teria pedido para procurar o corpo de Garibaldi entre os mortos, mas não o encontra. Assim, ela escapa, valendo-se da embriaguez dos soldados, de forma que teria fugido graças a sua sagacidade em ludibriar os soldados imperiais.

Já em *A guerrilheira*, a personagem não pode examinar os corpos porque os defensores de ambos os lados já haviam enterrado seus mortos. Nesse momento, o general Albuquerque passa instruções para que ela escape sem que o coronel Valentiniano perceba:

Soube que os farroupilhas sobreviventes fugiram para um lugar chamado Campo Verde [...] Esse Campo Verde fica nove léguas, talvez, para o noroeste de onde estamos... Vamos ver: - da algibeira, sacou uma pequena bússola de mão e, muito naturalmente, mostrou-a a Anita, pedindo que a segurasse um pouco enquanto acendia um palheiro forte [...]

Escondido por trás de um tronco seco de cinamomo, Albuquerque se ria, satisfeito ao ver a carreira com que Anita, agradecida, jogando um beijo na direção em que o vira sumir, afundava na mata, pelo lado oposto (SANTOS, 1987, p. 219).

Também no relato que Garibaldi faz do nascimento de seu primeiro filho, em setembro de 1840, em um rancho localizado entre a Lagoa dos Patos e o oceano Atlântico, há diferenças. Doze dias após o nascimento de Menotti, estando Garibaldi na cidade de Viamão, o capitão Moringue, que o romance trata de Moringa, assalta a povoação onde estão Anita e o filho. Ela tem que fugir, a cavalo, com o recém-nascido pela mata.

No livro de Felício dos Santos, Garibaldi, Anita, Menotti e a tropa farroupilha resolvem sair de Viamão para ir a São Gabriel, sabendo que Moringa estava à procura deles. Quando atravessam o último rio para chegarem à cidade, percebem que a vanguarda dos imperiais está na barra do rio e a protagonista, sem hesitar, entrega o filho para uma mulher que está mais próxima, para que fuja com ele, enquanto ela, sem perda de tempo, “mandou que os homens preparassem suas armas, desaperrando ela a sua espingarda, numa ânsia de festa. Os olhos, em rápidos dardejos, não perdiam um só dos movimentos inimigos” (SANTOS, 1987, p. 268). No entanto, Garibaldi não permite que Anita faça o ataque, acreditando que fosse perigoso, e eles seguem para a cidade, sem enfrentar o capitão e sem que esse consiga atacá-los.

Em vários momentos, o narrador explicita seus procedimentos narrativos como para dizer, por exemplo, que fez uma pausa no relato para inserir outra história e, assim, ter uma melhor compreensão dos fatos. É o que acontece quando interrompe a narração para fazer um comentário sobre uma personagem – “Zé Miau, como o militar era conhecido em todo o Rio Grande, embora ainda não falado nesta novela” (SANTOS, 1987, p. 205) – e, em seguida, retoma a narração: “Voltando atrás em nossa historinha, interrompida pelo aparecimento do Zé Miau” (SANTOS, 1987, p. 206). Outras vezes, o narrador esclarece algum fato até ali

desconhecido: “Voltando um pouco atrás em nossa narrativa, para que nada fique obscuro” (SANTOS, 1987, p. 230). Demonstra, assim, sua lucidez sobre o ato de criação literária, como sendo um discurso concebido e ordenado por uma pessoa que visa dar satisfação aos leitores.

Esse tipo de narrador que interfere na narrativa para falar do ato de criação é característico da literatura contemporânea. Tal procedimento coloca à mostra o questionamento da autoridade que o narrador possui ao apresentar seu relato, a contestação da versão da história sobre um determinado fato histórico e a impugnação, muitas vezes, de uma só versão do texto. A consciência do narrador de *A guerrilheira* sobre o ato de criação é uma forma de chamar a atenção do leitor para o fato de que o enredo exposto não é uma história que está ocorrendo naquele momento, e sim a organização de uma narrativa cujos acontecimentos se deram no passado.

Essa ideia de que a narrativa foi escrita pensando-se na recepção do leitor está explícita no último capítulo, que contém uma citação bíblica do livro de Macabeus. Nessa transcrição, o autor afirma que é mais prazeroso misturar água e vinho para beber do que degustá-los separadamente. Pode-se concluir que tanto o autor de Macabeus quanto o escritor de *A guerrilheira* têm noção de que ao relatar um fato histórico é preciso fazer uso da imaginação para que a narração se torne agradável ao leitor.

Também se encontra na fala do narrador, em várias passagens, a explicitação de que o que o leitor tem diante dos olhos é um discurso literário e, com isso, podem ser apresentadas algumas personagens primeiramente, evidenciando que, mais adiante, outras serão inseridas no relato:

Neste ponto, é necessário especificar os freqüentadores mais assíduos aos serões diários do Chaves, o brigão [...] os

companheiros noturnos ainda não falados nesta novela eram [...] (SANTOS, 1987, p. 17).

Como a vizinha Licota, companheira de Anita, desde crianças (e de quem ainda se falará mais pra adiante) (SANTOS, 1987, p. 63).

A metaficção é um traço marcante em romances históricos contemporâneos que a crítica Linda Hutcheon prefere chamar de metaficção historiográfica, destacando que esse tipo de narrativa literária:

[...] nos lembra que, embora os acontecimentos tenham mesmo ocorrido no passado real empírico, nós denominamos e constituímos esses acontecimentos como fatos históricos por meio da seleção e do posicionamento narrativo. E, em termos ainda mais básicos, só conhecemos esses acontecimentos passados por intermédio de seu estabelecimento discursivo, por intermédio de seus vestígios no presente (HUTCHEON, 1991, p. 131).

Ou seja, ambos os discursos – o histórico e o ficcional – têm como intenção a busca da verdade, ou das verdades, já que há vários pontos de vista sobre o mesmo fato, várias ideologias para o mesmo assunto, e que não há uma verdade única que pode ser abarcada, mas vários fragmentos que podem ser agrupados e interpretados de modos diferentes conforme a pessoa que os organiza.

Conforme a autora, o passado somente é conhecido por meio de vestígios e, assim como na história, os fatos narrados pela literatura também sofrem um processo de “construção, ordenação e seleção” e são “construtos linguísticos” cujas estruturas são procedimentos da organização do discurso. O ponto de vista e a ideologia do escritor ou do historiador são determinantes para a construção de seu texto e de sua pretensão à verdade.

Em *A guerrilheira*, Anita não é apresentada somente como a mulher de ação, mas também como uma mulher detentora da palavra, pois, além de lutar pela república no Brasil, ela declara aberta e publicamente o que pensa sobre a política do seu país e luta verbalmente por ele. Por meio da palavra, ela também incentiva as demais personagens na luta por esse ideal e não deixa de combater a diferença

que a sociedade impõe entre homens e mulheres, entre brancos e negros. Ela é uma guerrilheira que combate pela ação e pela palavra. Essa é a personalidade da guerrilheira de Felício dos Santos, que não se amedronta diante do perigo, mas tem garra para enfrentar qualquer combate.

O escritor Flávio Aguiar utiliza em seu romance *Anita* a versão das *Memórias* de Garibaldi, além de textos de outros historiadores e biógrafos como Wolfgang L. Rau (1975), Valentim Valente (1984) e Annita Garibaldi (1931), entre outros. Todavia, a intenção do autor não é mostrar Anita como uma mulher corajosa e fiel a Garibaldi, como o italiano a descreve. Ao contrário, o romance questiona, em vários episódios, a fidelidade de Anita, chegando até mesmo a fazer com que várias personagens desconfiem que ela possa corresponder ao amor silencioso de Costa.

O primeiro fato histórico da vida de Anita a ser descrito pelo narrador é sua participação com Garibaldi em uma festa de batizado, na qual eles são os padrinhos da criança:

O centro das atenções e dos olhares era o casal de padrinhos: o italiano Garibaldi e sua acompanhante, Ana de Jesus Ribeiro, ex-mulher de sapateiro. Dançava-se na casa dos pais da criança, de quem Ana era amiga. Ana era muito moça ainda, morena, de olhos negros e profundos, tinha cabelos negros, que por vezes usava presa em coque, por detrás, outras vezes solta a cobrir-lhe os ombros. Não era alta, tinha seios fartos, cintura bem fina e dançava com graça em seus meneios, para lá e para cá (AGUIAR, 1999, p. 75-76).

Quase todas as informações do trecho podem ser comprovadas pela história: a festa de batizado, o nome e a descrição física de Anita – sabe-se, pelo menos, que Anita não era branca e tinha os cabelos e olhos negros, apesar de os historiadores não terem chegado a uma conclusão se ela era mais ou menos morena –, bem como o seu estado civil. A intenção é inserir a história de Anita em meio ao relato da vida de Costa.

No romance de Flávio Aguiar, é nesse evento que as personagens têm o

seu primeiro contato, quando Costa dança com ela. Nesse primeiro momento, as personagens não trocam nenhuma palavra, mas para Costa é o instante em que passa a amá-la. A partir desse momento, Costa presencia vários acontecimentos da vida de Anita, inclusive sendo atuante em diversos fatos ocorridos com ela.

A historiografia, ao longo dos anos, fez muitas afirmações e suposições sobre o desaparecimento de Manuel e os primeiros encontros da heroína com Garibaldi. No romance de Flávio Aguiar, Costa presencia os fatos, porque faz parte do exército dos farrapos em Laguna, e através de seu relato se podem confirmar ou negar as versões apresentadas:

Chegaram a acusar Garibaldi e os republicanos de terem morto o sapateiro. O fato é que ele partiu com as tropas em fuga para Garopaba e nunca mais foi visto ou se teve notícia dele. O corso e ela se viram pela primeira vez na missa festiva pela República. Depois tiveram um encontro rápido e furtivo à beira de uma fonte, numa das ruelas da vila. Semanas depois estavam juntos (AGUIAR, 1999, p. 79).

O biógrafo Wolfgang L. Rau é quem traz o comentário de que Manuel poderia ter sido morto pelos soldados de Garibaldi, por meio da transcrição do relato de um bisneto do tio de Manuel. No entanto, a obra de Aguiar recusa tal versão e admite o que a maioria dos historiadores concorda: que o sapateiro parte com os imperiais e que não se tem mais notícias dele.

Também há consenso entre os historiadores de que o casal se vê pela primeira vez no *Te Deum* rezado pela república – apesar de Garibaldi não mencioná-lo em suas *Memórias*. O encontro da fonte é citado por Valentim Valente (1984, p. 27), que diz ter sido nesse local que Garibaldi disse a Anita a tão famosa frase “Tu sarai mia!”. Markun (2003, p.137) assevera que existem várias versões baseadas em relatos orais, como a do encontro da fonte citada por Valente, mas que somente a narração de Garibaldi em suas *Memórias* é a que merece crédito.

O importante não é saber o que a história registra, mas sim qual a versão

adotada pelo escritor e como ele descreve a sua personagem. Em *Anita*, Aguiar optou por narrar a vida da heroína brasileira por meio do olhar de uma personagem marginalizada pela sociedade e cujo testemunho foi lido e refeito por diversas personagens até chegar às mãos do narrador, que relata o que leu nos manuscritos de Costa. O romance trabalha com a noção de que a história é a leitura e a interpretação de vestígios e, assim, a literatura também pode oferecer a sua visão sobre o passado histórico.

A ficção pode apresentar outras interpretações para os fatos históricos, no intuito de apresentar uma leitura para os fatos ou de impossibilitar a legitimação de uma só versão. Por exemplo, no romance de Aguiar, quando Anita vai ao encontro de Garibaldi em Roma, logo após o exército francês empreender um cerco à cidade, ela pede a Costa um favor:

- Quero escrever uma carta. Agora já posso escrever eu mesma, mas estou cansada, e o senhor pode imitar bem a minha letra... Além disso, queria vê-lo.

[...]

Ele anotou: Roma, 26 de junho de 1849. Ela pôs-se a ditar:

Caríssima,

Escrevo para dar notícia de minha feliz chegada, depois de uma perigosa passagem pela Toscana, dominada pelos austríacos, que tive de atravessar para chegar a Roma...

[...]

Uma gota de suor correu pelo nariz dele e pingou sobre o papel da carta. Ele apressou-se a secá-la com o punho da camisa que fora branca, entregue agora ao pó das batalhas. Por esse gesto ficou no papel da carta, até hoje, uma pequena mancha no canto esquerdo, como se fora um borrão desfeito: ela pode ser vista na Biblioteca do Risorgimento, em Roma.

[...]

Ele estendeu o papel, ela tomou-o e colocou-o sobre a mesa, assinando: *Anitta Garibaldi*. Ele reparou que de fato as letras dela e dele eram parecidas. Afinal, ela desenvolvera suas leituras lendo a letra dele [...]

Os olhares desta vez se apenetraram, luzidos, alegres (AGUIAR, 1999, p. 220-221, grifo do autor).

Para descrever esse trecho, o narrador utiliza-se de um episódio da vida de Garibaldi e Anita e de uma questão não resolvida para os biógrafos. Segundo Rau,

a carta existe e está exposta em um museu; no entanto, tem-se dúvida de que realmente ela tenha sido escrita por Anita. Rau afirma que, comparando os “fac-similes” das cartas de Anita publicadas em obras garibaldinas, as caligrafias e também as suas assinaturas são divergentes. Esse fato comprovaria o argumento do biógrafo de que as missivas foram escritas por outras pessoas. No romance de Aguiar, Costa é a pessoa responsável pela escritura da que seria a última carta de Anita e também pelo borrão na folha de papel, o que explica a divergência das letras nas cartas da personagem. No entanto, essa é a leitura de Flávio Aguiar; poderia haver outras versões cabíveis a esse fato narrado.

Além da cena da composição da carta, o narrador insinua que não somente Costa sente algo por Anita, mas que também ela, às vezes, parece corresponder, pois o olhar de ambos é brilhante e feliz quando se encontram. Para dar sustentação a sua leitura, destaca que algumas personagens também percebem o brilho diferente nos olhos de Anita; uma delas é o negro Aguiar que, em Rieti, converte-se no “guarda-costas oficial” de Anita:

[...] o que mais intrigava o negro não era a secreta paixão do Costa, e sim o brilho que ele via nos olhos de Anita quando esta encontrava o seu amigo [...] Mas ele não sabia, ou não queria ler por dentro ou por detrás daquele brilho: seria mera curiosidade de amiga, ou algo mais? (AGUIAR, 1999, p. 205).

O sentimento de Costa por Anita não é segredo para o negro Aguiar, mas esse não consegue decifrar o que ela sente por seu amigo: se é simples interesse pela figura de Costa – um mulato culto, alfabetizado, que vive à margem da sociedade e sabe lutar com ferocidade – ou se, de alguma maneira, ela corresponde ao amor que o mulato lhe devota.

O padre Ugo Bassi “também observara o brilho nos seus olhos, que eram sempre muito fortes, quando o Costa estava perto. Para ele, aquele brilho era o do

enlevo da mulher consigo mesma, ao ver-se amada, ou admirada” (AGUIAR, 1999, p. 205). Essa é uma grande novidade que o romance lança: a desmistificação da figura da amada fiel de Garibaldi, concebida por ele próprio em suas *Memórias*.

Luiz Fernando Ramos (1999, p. 294) afirma sobre os “olhares” de Anita e de Costa descritos no romance de Aguiar:

Mas se a “quentura daquele olhar” aqueceu para sempre o coração de Costa, seus próprios olhos sedutores talvez tenham tornado cativos os olhares de Anita. É uma leitura possível como a que fazem aqueles que vêm em Capitu olhos cúpidos. Na verdade, como em Machado, a sedução que o Costa impõe às mulheres estende-se como sedução, através do personagem sedutor, do leitor pelo narrador.

Essa leitura apontada por Ramos também é possível, já que a figura central do enredo não é somente Anita, como poderia fazer pensar o título do romance, mas Costa divide o protagonismo ao seu lado. O narrador, ao dizer que a história narrada provém dos apontamentos do mulato, seduz o leitor pelas suas palavras, pelas peripécias de seu protagonista e pela descrição da amizade de Anita e Costa, desconstruindo a elaboração de mulher romântica (e, por isso, fiel ao seu amado) elaborada por Garibaldi.

Ao insinuar que a personagem Anita pode sentir algo por Costa, a obra de Flávio Aguiar questiona a versão apresentada por Garibaldi e não somente em questão à fidelidade no amor, mas também em relação ao caráter de Anita de maneira geral. Contudo, o próprio narrador deixa a questão da lealdade do amor em aberto, colocando em dúvida tal interpretação ao destacar a cena em que o negro Aguiar entrega a Costa um livro que Anita lhe manda como presente e em que ela sublinha, em uma das páginas, a seguinte passagem:

Direi a Deus: não me condeneis. Fazei-me conhecer, por que me julgais, ou me tratais assim? Pode parecer-vos bem o entregar-me à calúnia, e oprimir-me, sendo eu fatura de vossas mãos, e favorecer o conselho dos Ímpios?[...] E então sabeis, que nada ímpio cometi, não havendo quem possa tirar-me das vossas mãos (AGUIAR,

1999, p. 207, grifo do autor).

O trecho destacado pode ser interpretado de dois modos: ou Anita não se sente culpada pela sua amizade com Costa, ou não sente nada além de amizade por ele. Se o romance destaca que algumas personagens desconfiam que Anita possa corresponder à paixão de Costa, o narrador não apresentará uma solução definitiva para tal questão, deixando aos leitores a interpretação que lhes convenha.

O romance *Anita*, por exemplo, é uma versão da história, elaborada por um autor gaúcho, que escolhe um protagonista quase que fictício (o único registro histórico encontrado é o nome de Costa José, registrado duas vezes na lista dos legionários que saíram do Uruguai junto a Garibaldi, com destino a Itália), para o qual inventa uma história de vida, incluindo a estreita relação com Anita, e cujo olhar se torna o condutor do enredo. Nesse jogo entre história e ficção, o romance torna-se uma versão da história na qual, como a personagem Costa mesmo afirma, “acontecem coisas que aqui na nossa vida não podem mais acontecer” (AGUIAR, 1999, p. 139), mas que são cabíveis dentro do contexto da obra literária.

Anita é um exemplo, assim como os demais romances aqui analisados, de um texto resultante das pesquisas realizadas pelo autor, bem como de certo domínio das técnicas narrativas e da consciência de que está elaborando uma obra de ficção baseada na história. Por isso, o romance não tem compromisso com a verdade ou as verdades legitimadas pela história; ao contrário, o seu pacto é com a verossimilhança. Desse modo, a obra literária está autorizada a apresentar a sua versão dos fatos, como o faz Flávio Aguiar ao colocar Costa como uma testemunha de muitos acontecimentos da vida de Anita Garibaldi.

Aliás, percebe-se a presença de Costa como um agente colaborador e até responsável por alguns acontecimentos da vida de Anita, que não podem ser

explicados pela história: a sua alfabetização – se é que ela realmente aprendeu a ler e a escrever como questiona Yvonne Capuano – a presença da mãe nas bodas no Uruguai e, como se verá adiante, pelas marcas do seu corpo na areia.

A obra de Flávio Aguiar oferece uma leitura para as questões que a história não respondeu. Uma das mais intrigantes é a descrição do corpo de Anita enterrado na areia. Seu braço fica para fora, levando uma menina a descobri-lo. Os médicos examinam o corpo e encontram uma marca no colo, a traquéia rota e os olhos salientes. O médico legista “anotou que o corpo estava sobre o flanco esquerdo, com o rosto abaixado e o queixo apoiado sobre o peito” (MARKUN, 2003, p. 16), o que leva os inimigos de Garibaldi a suspeitarem de estrangulamento. Porém, as acusações não prevalecem, apesar de não terem sido esclarecidas tais marcas, pois, ao final de tudo, Garibaldi torna-se o vencedor e sua versão é considerada a oficial.

Pode-se destacar aqui o episódio do braço fora da areia também em *Anita cubierta de arena* que, inclusive, é aludido no título da obra. O romance de Dujovne Ortiz coloca esse fato da vida de Anita como uma questão crucial para Garibaldi que se sente incomodado, interpretando o fato como um pedido de sua companheira em não deixá-la enterrada ali. Manuelita Sáenz, no entanto, para não deixar Garibaldi mais atormentado, torna esse gesto como um incentivo de Anita empurrando-o à luta. Assim, cada romance apresenta uma leitura distinta para um mesmo episódio, cada qual coerente com o enredo apresentado.

O livro *Anita*, então, dá aos seus leitores uma interpretação coerente com o enredo, contando que Costa acompanha de perto o enterro apressado de Anita na areia. Naquela noite, ele resolve enterrar o corpo em um local mais protegido, e, por isso,

[...] começou a recavar a sepultura, com cuidado, com as próprias mãos. O corpo foi reaparecendo. [...] Ele caiu ao seu lado: foi quando reparou nos olhos, sujos de terra úmida. Sem pensar, fez como sua mãe lhe fizera, certa vez em que ele caíra de rosto na areia: pôs-se a lambar aqueles olhos adorados. Mas se recompôs; precisava agir rápido. Tentou soerguer o corpo, tirá-lo, arrancá-lo da terra. Mas não conseguiu: precisava cavar mais. Nesse momento, a sua mão roçou na dela. Reconheceu ali um objeto pequeno: o lenço com que a vira em Ravenna, em Rieti, o lenço de bordas rendadas. [...] Tentou abrir a mão, não conseguiu. Puxou, arrancou o lenço da mão rígida. Reconheceu que tinha de desistir de seu intento. Cobriu tudo de novo com a terra que tirara, do jeito que pôde (AGUIAR, 1999, p. 245-246).

Assim, é Costa o responsável pelas marcas no corpo da heroína. É ele quem deixa o braço estendido para cima, quando puxa o lenço da mão de Anita. As marcas no pescoço e no colo, ele as faz quando puxa o corpo, na tentativa de arrancá-lo da areia, e, ao enterrá-lo novamente, na pressa de não ser pego, ele deixa o corpo sobre o lado esquerdo, na posição em que foi descoberto dias depois. É dessa maneira que o autor descreve a vida de Anita e os fatos por ela vividos, colocando Costa como responsável por vários acontecimentos.

Em um diálogo entre Anita e Costa surge também um assunto que se destaca ao longo da narrativa e que é apontado no prólogo do livro pelo narrador: o fado. De forma muitas vezes indireta, aparecerá no romance a questão do destino. A ideia de mudar o destino rompe com os preceitos da épica que ajudam a levantar o mito de Anita guerreira, dentro dos princípios do romantismo.

No bilhete que Anita envia a sua mãe, logo após a retirada dos farrapos da cidade de Laguna, ela afirma: “*Não se preocupe. Deus é quem sabe de tudo, e Ele vela por nós. Reze por mim. Em mim, não sinto a sombra de pecado. Estou feliz e sigo meu destino*” (AGUIAR, 1999, p. 106, grifo do autor). Nessas poucas linhas, percebe-se que a personagem não vê nada de errado em ter escolhido deixar a família e amigos para seguir Garibaldi, mesmo sem saber de fato o que ocorreu com Manuel.

Esse trecho demonstra que Anita é uma mulher decidida e que não se importa com o que as pessoas falam dela, mas sim com aquilo que ela sente, com o que acha correto ou não e também com a sua felicidade. Para ela, o seu “destino” é Garibaldi; é estar ao lado dele sempre, lutando com ele e sendo sua companheira fiel. Ela não se sente uma pecadora por abandonar o lar em Laguna porque nunca sentiu amor por Manuel; seu verdadeiro amor é Garibaldi e, por isso, confia que Deus cuide de tudo.

Também se percebe, aqui, a retomada da construção do mito de Anita realizado por Garibaldi em suas *Memórias*, pois, para ele, Anita “marca” a data de sua morte na Itália quando eles se conhecem e pode se transformar na “heroína dos dois mundos”.

No romance histórico contemporâneo encontram-se várias características particulares, como a intertextualidade, a ficcionalização dos personagens históricos e a releitura da história com o objetivo de impugnar a(s) versão(ões) por ela instaurada(s), entre outras. Esses traços são encontrados com maior frequência em *Anita* do que nos demais romances, como se pode verificar.

O narrador de *Anita*, em alguns trechos, faz referências a escritores e personagens literários, estabelecendo uma rede intertextual bastante sólida com a literatura brasileira e europeia. Uma personagem literária que aparece atuando no enredo é o capitão Rodrigo Severo Cambará; é ele quem convida Costa a entrar para o exército farroupilha. Rodrigo Cambará é personagem de Érico Veríssimo (1905-1975), do primeiro volume de sua trilogia *O tempo e o vento*, reaparecendo na obra de Flávio Aguiar com as mesmas características com que foi constituída e atua dentro da mesma época histórica em que foi inserida na obra original.

O romance *Cães da província* (1987), de Luis Antonio Assis Brasil, trata da

história de Porto Alegre durante o reinado de D. Pedro II, enquanto ficcionaliza a vida e a obra de José Joaquim Campos Leão, conhecido como “Qorpo Santo”. Enquanto relata diversos fatos dessa personagem, o narrador acrescenta outros acontecimentos históricos na narrativa, como o “crime da Rua do Arvoredo”, desvendado em 1864, quando se encontram corpos mutilados na residência do casal José Ramos e Palse, acusados de fazer linguíça de suas vítimas – apesar de esse fato nunca ter sido comprovado oficialmente.

Esse fato histórico e também ficcional, evidente homenagem de Aguiar a Assis Brasil, aparece na narrativa de Flávio Aguiar quando o outro Costa – uma personagem que aparece no enredo como o duplo/homônimo de Costa – é convidado por um homem que se identifica como José Ramos, para ir à sua casa. Um mensageiro enviado por Costa lhe conta que José Ramos não sai da residência e que de madrugada alguns homens pegam um baú pesado dentro da casa e o levam para um açougue.

No final de sua vida, quando volta ao Brasil à procura de sua neta, Costa convive com os escritores brasileiros da segunda metade do século XIX. São apontadas as principais características de cada um deles:

Conheceu o senhor Joaquim de Macedo, homem de princípios liberais, de quem ficou mais próximo. Também o jovem senhor Machado de Assis, que todos conheciam como o Machadinho, cheio de idéias novas e radicais [...] e o senhor Alencar, de proceder sisudo e grave, enérgico, trabalhador, severo, mas por vezes com curiosidades sôfregas como as de um menino (AGUIAR, 1999, p. 302).

Costa é descrito no livro como um homem que gosta de ler e, em certo trecho, o narrador enfatiza que ele é dotado de uma “inteligência rara” e que por isso vê além do externo. Ao citar o livro de Alexandre Dumas *Os três mosqueteiros*, o narrador comenta que um leitor ingênuo se limitaria em deliciar-se com as aventuras apresentadas, mas destaca que Costa, que tem um olhar crítico,

“percebeu logo de início que uma das forças do romance estava no papel atribuído à singela Constance Benacieux”. Sua conclusão é que “o que de fato estava mudando nessa nova sociedade eram o papel, a posição e a disposição de um imenso cortejo de mulheres” (AGUIAR, 1999, p. 259). Ou seja, as mulheres burguesas tornam-se leitoras apaixonadas de uma profusão de romances que surge em meados do século XIX e as mulheres de baixa renda vendem suas costuras e seus “favores” ou “prazeres”: é essa a interpretação do livro de Dumas feita por Costa.

Apesar de *Os três mosqueteiros* ser um livro de aventuras, a presença das mulheres é inegável e, muitas vezes, elas são as verdadeiras protagonistas do enredo. Assim acontece com as mulheres presentes no romance de Aguiar. O livro narra as aventuras de Costa, mas é impossível não perceber a presença das mulheres modificando a sua vida, principalmente a personagem Anita. É possível que o título do romance seja *Anita* e não Costa por esse motivo. Desse modo, Anita e Costa compartilham o protagonismo do romance.

Através da literatura, a personagem percebe a mudança que ocorre na sociedade em que vive e verifica que essa transformação está relacionada à mulher – porém, essa não tem voz e ação para atuar na sociedade, mas continua sendo um objeto útil para os homens. Assim, o narrador dialoga com a crítica literária que analisa a literatura do século XIX por meio da personagem Costa, que analisa a ficção de sua época e aponta uma perspectiva que não teria sido observada pela crítica.

No romance de Flávio Aguiar, várias personagens históricas são ficcionalizadas: além de Garibaldi e Anita, aparecem o general Netto, o major Teixeira Nunes, Canabarro, o negro Aguyar e o padre Ugo Bassi, entre outros. São

personagens que participam ativamente do desenrolar das ações, caracterizadas conforme o enredo e não somente como são apresentadas pela visão da história, para dar verossimilhança ao romance.

Apesar de Costa sugerir em seus escritos que Anita teve influência em sua vida e que o leva a se tornar uma “pessoa melhor”, na realidade é a heroína que se transforma com ele. Quanto à amizade entre ambos, o narrador comenta que Costa “contou muitas coisas de sua infância e crescimento no Recife a Anita quando a conheceu. A começar pelo livro da vida dos santos e santas, que ele ainda tinha em mãos [...] Foi nele que Anita começou a aprender a ler” (AGUIAR, 1999, p. 29). Essa é a primeira vez que o narrador cita Anita no enredo e o faz demonstrando que Costa e ela tiveram uma grande amizade, a ponto de ele ensiná-la a ler. Como não há nenhum documento histórico que aborde a amizade das duas personagens, o autor se vale dessa brecha para enriquecer a narrativa, oferecendo um ponto de vista particular para as questões que a história não conseguiu responder.

Deve-se destacar aqui a questão da leitura e da vida dos santos como uma relação com o espaço público e privado. O domínio da leitura, tradicionalmente vedado à mulher pela sociedade patriarcal, permite que a personagem Anita saia do universo feminino e a coloca no âmbito do público, espaço marcadamente masculino pela tradição. No caso das mulheres que entram para o convento ocorre a mesma coisa: somente assim elas podem ser alfabetizadas e entrar para o âmbito público das letras. Aliás, a protagonista não adentra o espaço masculino por meio das armas, lutando nas guerras, como é a imagem histórica de Anita, mas sim pelas letras. Novamente aqui, o romance coloca uma releitura da vida da heroína brasileira, apontando outras direções possíveis para a interpretação do passado histórico das *Memórias* de Garibaldi.

A narrativa de Aguiar colocará em questão também a existência do destino: é Anita quem escolhe viver com Garibaldi ou isso já está pré-determinado? Para a personagem, é ela quem guia a sua vida, como afirma a Costa: “Sou dona de mim, creia. Afinal, eu mesma quis mudar de destino, como o senhor está mudando. Não quis mais ser Ana, a mulher do sapateiro bronco, que depois de algum tempo me dava asco. Quem sou agora, o que serei? Só Deus sabe...” (AGUIAR, 1999, p. 100). Mesmo assim, ela não sabe como será a sua vida desse momento em diante, ou seja, será o destino ou Deus quem a guiará. Ela escolhe Garibaldi e tudo o que lhe ocorrer futuramente será consequência dessa escolha.

O que se pode perceber nos romances estudados é que os autores partem da imagem de Anita construída por Garibaldi em suas *Memórias*, como o romance *Anita* que nega a construção histórica realizada por da heroína a Garibaldi, ou para ratificá-la, como fica claro no título do romance *A guerrilheira*, de Felício dos Santos, ou no subtítulo do livro de Sierra, “*Guerrillera en América del Sur Heroína de la Unidad Italiana*”. A intenção desses dois últimos autores é reforçar a figura de Anita como uma mulher guerreira, que luta contra a injustiça social, a favor dos ideais libertários dos povos.

Por exemplo, Julio A. Sierra também destaca em sua obra a heroicidade de Anita como algo inato e também a descreve como sendo mais corajosa e animada. Ela não só tem potencial para aprender as artimanhas de luta como é dotada de iniciativa, uma habilidade importante em todas as tarefas, especialmente nas guerras, quando se é surpreendido pelo inimigo. Outra aptidão necessária na guerra é incentivar os soldados para o combate. A protagonista possui todos esses talentos, como se percebe no trecho a seguir, em que o narrador relata que o barco de Garibaldi foi surpreendido pelos imperiais nos arredores do porto de Paranaguá:

Fue Anita la que dirigió el ataque con los fusiles. Ella misma dio la orden de disparar, aun cuando el capitán todavía no había dado las señales necesarias. El instinto de ella le indicó cuándo era el momento preciso.

- ¡Disparen! ¡Disparen! – alentaba ella a sus hombres -. Debemos sostener la posición (SIERRA, 2003, p. 118).

Anita é uma mulher que tem instinto para saber o momento de atacar, mesmo que o comandante não tenha dado a ordem precisa. Como um soldado competente, ela auxilia a tropa no combate, o que acentua a sua imagem de guerreira, aquela que incita à guerra. A narração desse fato é congruente com aquilo que Garibaldi relata a Alexandre Dumas: “a minha corajosa Anita já começara a canhonada. Ela mesma apontava e disparava a arma que se encarregara de dirigir e exortava com palavras os nossos homens algo temerosos” (DUMAS, 2006, p. 97). Percebe-se que o italiano cria, em suas *Memórias*, a imagem de Anita como uma heroína destemida – imagem essa que será transposta para o romance de Julio Sierra.

Pode-se verificar aqui que a personagem Anita se apropria de elementos fálicos como o fuzil ou outras armas ao entrar no espaço público, aproximando-se do universo masculino e guerreiro. O mesmo ocorre nos romances de Dujovne Ortiz e Felício dos Santos. *Em Anita cubierta de arena*, como se verá adiante, a protagonista se encanta com o canhão e sua potência, admirando a sua forma. Em *A guerrilheira*, a personagem Anita é descrita como uma mulher familiarizada com as armas e outros elementos do âmbito da guerra. Essa “masculinização” da protagonista aproxima-se da imagem de Anita construída por Garibaldi, introduzindo-a no espaço público da guerra.

Os mesmos fatos relacionados à atuação de Anita na guerra relatados por Garibaldi a Dumas serão narrados em *Anita Garibaldi*, sem grandes mudanças no conteúdo. Há inúmeros exemplos que se podem destacar dessa intertextualidade.

Nas *Memórias*, quando um petardo de canhão atinge Anita e a derruba, Garibaldi pede-lhe que se esconda no porão. No entanto, ela lhe retruca: “Sim, irei mesmo até lá – disse-me ela –, mas para tirar lá de dentro os poltrões que nele se esconderam” (DUMAS, 2006, p. 94). No romance de Sierra, o diálogo entre Garibaldi e Anita também se faz praticamente nos mesmos termos, evidenciando que o autor utiliza-se das *Memórias de Garibaldi* como base para escrever seu livro, sem modificar a história:

- *Tienes que buscar refugio – insistió Garibaldi.*
- *Sí – respondió ella, en medio del fragor de la batalla que continuaba –, bajaré a la bodega. ¡Pero para hacer subir a los cobardes que allí se han refugiado!* (SIERRA, 2003, p. 121).

Um fato conhecido e tido como heroico de Anita ocorre durante o combate entre republicanos e imperiais em Laguna, quando os farroupilhas têm que abandonar a cidade. Garibaldi exalta a ousadia de sua companheira, comparando-a a uma deusa guerreira:

Na missão de transportar as armas até a orla e no seu retorno à embarcação, ela talvez tenha realizado vinte vezes o trajeto, cruzando invariavelmente sob o fogo inimigo [...] Ela, porém, de pé sobre a popa, no encruzamento dos tiros, surgia, ereta, calma e altaneira como uma estátua de Palas [...] (DUMAS, 2006, p. 99).

Nota-se que nas *Memórias* Anita é louvada por sua coragem e audácia em fazer um trajeto de barco e não se esconder do ataque inimigo. O livro de Julio Sierra enfatiza essa imagem de mulher destemida e imortal sempre pronta a auxiliar as pessoas. Como está expresso nas *Memórias*, ela também aparece de pé, no meio do fogo cruzado:

Descendió a la bodega y salió cargando barriles de pólvora, y balas de fusil. Cuando el bote estuvo lleno subió ella de un salto. De pie en la proa ordenó a los dos remeros que la acompañaban que pusieran rumbo a la playa. Los proyectiles de cañones y mosquetes silbaban sobre su cabeza (SIERRA, 2003, p. 135).

Outra cena famosa da biografia de Anita que aparece no romance ocorre

alguns dias após o nascimento de seu primeiro filho. Garibaldi vai a uma cidade vizinha buscar suprimentos para o recém-nascido quando Moringue e seus soldados atacam o lugar onde estão acampados os farrapos. Nas *Memórias*, Garibaldi conta que sua companheira “sob uma inclemente tempestade, montada em seu cavalo, andrajosa, com o seu pobre filho de través sobre a sela, vira-se forçada a buscar refúgio na mata” (DUMAS, 2006, p. 124), e, assim, eles escapam dos imperiais graças à iniciativa e a determinação de Anita.

No livro de Julio Sierra, essa mesma cena é recontada pelo narrador, praticamente nos mesmos termos que estão nas *Memórias*: Anita tomou o menino e “*montó en pelo uno de los dos caballos que había en el establo junto a la cocina y a todo galope se lanzó contra el cerco que le estaba tendiendo Moringue a la casa. Nada pudo detenerla*” (SIERRA, 2003, p. 171). O narrador, como se observa, refaz o relato de Garibaldi, seguindo a ideologia do italiano em engrandecer a imagem de Anita.

A exaltação de Anita também é ratificada no livro de Sierra pela fala do militar Albuquerque, de quem a personagem foi prisioneira. O narrador afirma que o militar confessa no final de sua vida a seus alunos: “*Nunca habíamos visto una mujer tan valerosa. Nos llena de orgullo que sea ella una nativa de Santa Catalina, una compatriota, quien haya dado al mundo tan sublime muestra de valor e intrepidez*” (SIERRA, 2003, p. 151). Essa informação pode ser encontrada no livro de Lindolfo Collor, *Garibaldi, e a guerra dos farrapos*: “Nunca imaginaríamos ‘ver uma mulher tão valorosa’. Enchia-nos de orgulho o fato de ser ela um catarinense, ‘uma compatriota, que dava ao mundo tão sublime provas de valor e intrepidez’ ” (COLLOR, 1977, p. 332).

Os episódios narrados nas *Memórias de Garibaldi*, de Alexandre Dumas,

sobre o relacionamento do corsário italiano com sua companheira brasileira são retomados por Sierra em sua obra, quase literalmente, já que não é intenção do autor modificar a história contada por Garibaldi. Assim, o primeiro encontro deles, alguns episódios ocorridos durante os combates navais no literal brasileiro e até mesmo a fuga de Anita com o filho recém-nascido são descritos de acordo com as *Memórias*.

Sabe-se, historicamente, que Anita parte com Garibaldi, quando este precisa romper o bloqueio naval do Império em Laguna, mas não se sabe exatamente como foi a reação primeira do italiano. O romance de Julio Sierra apresenta duas afirmações do próprio Garibaldi: na primeira, ele tenta persuadir Anita a ficar na cidade, demonstrando que, mesmo com os ensinamentos do grupo Saint Simon, ele está impregnado da ideologia da época que separa tarefas e lugares para homens e mulheres. Na segunda afirmação, ele tenta explicar sua oposição que, mesmo sendo sincera, coloca a mulher como o sexo frágil e que o homem deve protegê-la dos perigos. O narrador relata exatamente o que teria dito Garibaldi:

‘Traté de explicarle que las mujeres no podían formar parte de la tripulación embarcada en una misión de guerra’, me explicó Garibaldi. ‘Le dije una y otra vez que era demasiado arriesgado, que su vida podía peligrar’ (SIERRA, 2003, p. 110).

‘Muchos dijeron que ella se había impuesto a mi voluntad. Pero no fue así’, me dijo Garibaldi [...] ‘Yo estaba feliz de tenerla conmigo. Mi oposición inicial se debió a mi deseo de protegerla, de no exponerla al peligro’ (SIERRA, 2003, p. 111).

Em suas *Memórias*, Garibaldi já confessara sobre o seu posicionamento:

Eu manifestara o desejo de desembarcar Anita, mas ela se opusera, e, como em meu íntimo eu admirava e orgulhava-me de sua coragem, repelidas as minhas primeiras súplicas, nada mais fiz naquelas circunstâncias para impor a minha vontade à sua (DUMAS, 2006, p. 93) .

Essa afirmação comprova o que o narrador de *Anita Garibaldi* relata: que o

italiano se opôs primeiramente que Anita deixasse a cidade para segui-lo nas lutas, mas que no final ele cede e fica feliz com a decisão dela.

No romance, Garibaldi titubeia em levar Anita no barco, mas ela não vacila nem um segundo em firmar a sua decisão e ser irredutível, porque não tem a mesma opinião da sociedade de que guerra é lugar e assunto somente para homens. Na ocasião da partida dos barcos de Laguna, ela aparece como dona de suas vontades e capaz de ir a busca de seus ideais, mesmo sem o marinheiro farroupilha, como ela mesma lhe diz:

Mira, José. Lo tengo bien decidido. Me iré contigo. No puedo vivir en esta ciudad que me desprecia. Además, mi vida sin ti no tiene sentido. Si no me embarco contigo, cuando vuelvas no me encontrarás en Laguna. Me uniré a las fuerzas de los farrapos y me iré a luchar por la causa republicana. Ya no hay sitio para mí en Laguna (SIERRA, 2003, p. 110-111).

Mesmo demonstrando seu valor e sua capacidade nos combates quando parte com seu companheiro, Anita não deixa de sofrer preconceito por parte dos soldados e sua tarefa torna-se mais árdua, pois tem que provar que pode ser um bom soldado, sem deixar de ser mulher:

No escapaba a su inteligencia que un grumete sin experiencia tenía más mérito a los ojos de los hombres de Garibaldi que ella, que en poco tiempo sabía tanto de las artes de navegar y guerrear como el mejor oficial. Pero no por ello iba a dejar de sentirse mujer (SIERRA, 2003, p. 112).

A personagem dá mostras de que uma mulher pode aprender as artes de guerrear como qualquer homem e, às vezes, com mais rapidez e mais eficiência que eles. Entretanto, os homens se mostram inflexíveis a esse fato por pensarem e acreditarem que a mulher não tem agudeza suficiente para combater na guerra. Essa é uma barreira que Anita tem que derrubar para se fazer merecedora de ficar ao lado de Garibaldi.

Julio A. Sierra compartilha com a mesma ideia de Garibaldi sobre a imagem

de Anita: que ela é uma heroína nata, que luta pelos mesmos ideais de seu companheiro e que muitas vezes seu valor e sua valentia superam a garra de muitos soldados.

O romance *Anita cubierta de arena*, de Alicia Dujovne Ortiz, traz alguns trechos que retomam fatos descritos nas *Memórias* de Giuseppe Garibaldi. Por exemplo, o episódio em que o barco de Anita é atingido por uma bomba e Garibaldi lhe pede para ficar no porão. Nas *Memórias de Garibaldi* (2006, p. 94), a resposta de Anita é clara: “Sim, irei mesmo até lá – disse-me ela –, mas para tirar de lá de dentro os poltrões que nele se esconderam”.

Em *Anita cubierta de arena* (2003, p. 45), após os disparos do inimigo que a fazem cair, Anita se levanta e “*vocifera que no se preocupe por ella sino por esos cobardes a los que apunta con el índice rojo y a los que saca de sus escondrijos y arrastra de los pelos para hacerlos pelear*”. Ou seja, no relato do italiano há o anúncio e no romance, o ato em si.

Outro evento memorável é a coragem de Anita ao transportar as armas da embarcação até a praia: Garibaldi afirma que ela fez o trajeto em pé na barca, “ereta, calma e altaneira como uma estátua de Palas” (DUMAS, 2006, p. 99), sublinhando a heroicidade de sua companheira e comparando-a com a deusa da guerra, para ressaltar a sua intrepidez em meio a um combate.

No entanto, a narradora de *Anita cubierta de arena*, ao relatar o mesmo fato, revela que Anita tem um propósito bem diferente: “*Anita en el bote no va remando ni sentada [...] ella va parada en la proa. Así muestra que puede, así convence a José de que es capaz*” (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 49). Aqui, a protagonista não se esquiva do fogo inimigo porque é uma mulher de coragem, mas sim porque quer provar ao seu companheiro que ela tem capacidade de enfrentar

um combate como os homens, que não será uma carga para ele levar e sim uma companheira no amor e nas armas. Desse modo, a narrativa apresenta outra leitura para a “coragem” de Anita, desconstruindo o discurso de Garibaldi e a versão legitimada pela história.

Seu batismo de fogo é descrito no romance inicialmente com a imagem que a história perpetua: “*Anita de pie sobre una pila de cuerpos mutilados, con el fusil al pecho*” (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 44). Contudo, diferentemente da história, a narradora comenta os motivos de a protagonista estar com o fuzil na mão, pois o seu primeiro combate é como uma catarse que a purifica de toda a raiva que guarda da sociedade por tê-la desprezado tantas vezes:

Cada tiro que parte de su arma la sacude y cada sacudón le quita peso. Está por volverse alada a fuerza de sentir que en cada tiro se cobra una ofensa. [...] Y además hace fuego para mostrarle a él que puede hacerlo. Hacerle ver que puede se vuela en ese instante su motivo (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 44).

Esse trecho demonstra que a personagem é atingida pelos julgamentos e códigos da sociedade em que vive, guardando os ressentimentos dentro de si. Novamente, o romance desestrutura a imagem de Anita das *Memórias de Garibaldi*, em que ela aparece como guerreira, elaborando uma personagem movida por razões particulares e não por causas humanitárias, como Garibaldi afirma em suas *Memórias*. As razões para Anita combater não são os ideais de liberdade e igualdade, mas a personagem quer demonstrar ao seu companheiro que também é capaz de guerrear como um bom soldado.

Quanto à captura de Anita pelos imperiais na batalha de Curitibanos e a sua fuga, o biógrafo Rau (1975) aponta algumas divergências sobre o lugar onde ela encontra Garibaldi, diferentemente daquilo que o italiano afirma em suas *Memórias*: que revê Anita em Vacaria, após oito dias, e que ela escapa graças à sua

vivacidade. Para Rau, Anita encontra Garibaldi e a tropa farroupilha ainda em Lages, já que não havia razões urgentes para a retirada dos farrapos da cidade.

No romance, a fuga acontece porque Padilha, um soldado que teria cortejado Anita quando solteira, auxilia-a em sua retirada, depois de quase dois meses de prisão, e não somente oito dias, como afirma Garibaldi. Por causa desse tempo, a tropa farroupilha teria se deslocado para Vacaria e lá Anita encontraria o seu companheiro.

O interessante dos relatos dessa fuga são os perigos enfrentados por Anita para encontrar Garibaldi. A narradora comenta que a sua “*coraje es menos coraje cuando él no la ve, Anita es menos Anita cuando él no le dice con la mirada que ella es ella*” (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 68). Assim, a protagonista é descrita como uma mulher que se faz de valente muitas vezes para provar a Garibaldi que tem condições de segui-lo em meio à guerra. Nesse momento, o romance nega a heroicidade de Anita, como uma mulher que soube lutar pelos mesmos ideais de seu companheiro, mostrando-a como um ser feminino totalmente dependente da aprovação do homem.

Com tal ideologia, poderia-se situar o romance de Alicia Dujovne Ortiz na primeira fase da classificação da literatura feminina elaborada por Elaine Showalter, pois descreve a mulher subordinada e dependente do homem. A afirmação de Gardarsdóttir (2005, p. 173) de que a literatura argentina escrita por mulheres pode ser situada, desde o final do século XX, nas noções de protesto (*feminist*) ou de identidade (*female*) não pode ser aplicada à narrativa *Anita cubierta de arena*, pois o modelo de mulher idealizado por Dujovne Ortiz não é aquela que protesta e contesta a dominação masculina e vai à procura de sua própria identidade. Ao contrário, cada vez mais a protagonista vê no homem (Garibaldi) a sua razão de

existir. Com isso, os interesses dela passarão a ser os mesmos que os dele.

Em seu livro, Lindolfo Collor afirma que “Aninha, apresentada à tripulação como esposa do comandante, dava a impressão de haver caído no mundo dos seus sonhos. Tudo lhe causava interesse. Observava, inquiria, nenhum pormenor lhe era indiferente” (COLLOR, 1977, p. 269). É esse interesse que se percebe em Anita no romance da escritora argentina. Ao subir no barco para partir com Garibaldi, ela vai descobrir outro mundo que lhe é proibido pela sociedade: a guerra. Ela começa a sua descoberta com as armas: “*El cañón la maravilla. Es un grueso, oscuro y reluciente Lavavasseur de fabricación inglesa que se carga por la culata y por la boca. Anita lo palmea como al perro de la casa*” (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 35). Ela também demonstra interesse pelos novos objetos que farão parte do seu cotidiano: “*Quiere entender qué tienen los objetos de muerte por dentro, cómo se arman y desarman, cómo se limpian*” (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 36).

O canhão é comparado ao “cachorro da casa”, como um elemento conhecido e querido. Sobre o simbolismo do cachorro, Chevalier & Gheerbrant (2002, p. 178) revelam que:

[...] seu conhecimento do mundo do Além, bem como do mundo em que vivem os seres humanos, faz com que o cão seja muitas vezes seja apresentado como herói civilizador, na maioria das vezes senhor ou conquistador do fogo e igualmente como ancestral mítico, o que enriquece seu simbolismo de uma significação sexual.

Assim, como o canhão é um objeto fálico e potente, o cão também tem seu significado sexual, além da representação de fidelidade ao seu dono.

Ainda quando o casal Garibaldi se encontra no litoral de Laguna, a narradora afirma que “*ella se siente un poco ella y un poco él. Es más ella a caballo que a pie, más en barco que en bote, y más siendo dos que una sola*” (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 45). Nesse momento, são três os elementos que se identificam

com ela: o cavalo, o barco e Garibaldi.

O cavalo é “o símbolo da impetuosidade do desejo, da Juventude do homem, com tudo o que ela contém de ardor, de fecundidade, de generosidade” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2002, p. 209): é a imagem da força, do instinto e, principalmente, da liberdade. Essas representações podem ser aplicadas ao caráter da protagonista da narrativa de Alicia Dujovne Ortiz, uma jovem que não se deixa prender pelas condutas sociais, que se faz livre para seguir o seu instinto e a fúria de seu desejo.

O cavalo é a montaria do ser humano e, com isso, o seu destino é inseparável ao do homem. Na imagem de Pégaso, da mitologia grega, tem-se a representação da sublimação do instinto. Esse cavalo-pássaro também tem a função de despertar o Imaginário. Nos textos búdicos e gregos, por exemplo, “os cavalos são sobretudo os símbolos dos sentidos atrelados ao carro do espírito, e que o arrastam ao sabor de seus desejos” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2002, p. 210). Assim, o cavalo representa, em *Anita cubierta de arena*, os sentidos e os desejos de Anita que lhe servem de montaria e que a levam conforme seu ímpeto.

O barco pode ser visto como o símbolo da travessia da viagem ou, então, da segurança dos perigos da vida. Ao subir no barco dos farrapos, a protagonista faz uma viagem transformadora: ela não está mais presa às regras da sociedade e está fora do alcance do julgamento das pessoas. O que lhe importa é somente o seu bem estar e o de seu companheiro.

Se essas imagens estão relacionadas à liberdade, a personagem de *Anita cubierta de arena* a submete a Garibaldi e, por isso, se pode dizer que o romance pode ser classificado na primeira fase do feminismo, conforme a classificação de Elaine Showalter (1986), porque Anita não consegue libertar-se da sua relação com

o homem – Garibaldi – e descobrir-se em si mesma.

Anita sente-se mais ela mesma quando está com Garibaldi, como se sua vida dependesse dele unicamente. Para a história, entretanto, ao ser a mulher de Garibaldi e louvada como uma heroína, ela será lembrada pelo nome e sobrenome italianos que ele lhe deu, de forma que sua existência depende da dele.

A vida de Anita com Garibaldi no Brasil foi repleta de acontecimentos marcantes: o relacionamento do casal, o filho Menotti, a sua fuga das mãos dos imperiais e a busca por seu companheiro. No entanto, ao deixar o Brasil, ela percebe que começa a fracassar, na tentativa de ajudá-lo nas tarefas:

[las vacas] se las iba devorando la tierra sin que Anita, hija de arriero, pudiera hacerle ver a su gringo que a ella el ganado jamás se le escapaba. Cada vaca robada o muerta representaba un golpe para ella [...] porque ella en ese entonces luchaba por atrapar a José, mientras que ahora lo tenía, y justo al poseerlo fracasaba (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 95-96).

A vida de Anita, no Uruguai, será bem diferente daquela que ela vive no Brasil. A viagem do casal para Montevidéu já aponta indícios dessa mudança quando a protagonista fracassa na tentativa de lidar com o gado e percebe que, ao ter o companheiro junto de si, não consegue demonstrar a capacidade e as habilidades que revela na fuga do acampamento dos imperiais, quando foge com seu filho recém-nascido do ataque de Moringue e nos combates pela Revolução Farroupilha. A perda do gado ao longo da viagem até Montevidéu significará, também, a perda da aura de luz que ela tem no Brasil, já que sua vida será muito distinta daquela que deseja para si.

O livro de Dujovne Ortiz traz uma versão diferente para os eventos descritos nas *Memórias* de Garibaldi, pois a narrativa apresenta uma visão feminina sobre os mesmos. Anita tem um propósito bem definido ao demonstrar uma coragem singular nos combates: ela quer provar a seu amado que não é uma carga para ele

levar durante a guerra e que ela pode ser útil, lutando ao seu lado como qualquer soldado valente.

Nesse livro, a personagem é tirada do pedestal de heroína e guerreira e a narradora a descreve como um ser humano dotado de sentimento, como no seu primeiro combate, quando dispara a arma para descarregar as mágoas que traz. Aqui se pode fazer uma leitura do título do romance: a expressão “Anita coberta de areia” pode ser referência à imagem de heroína construída por meio dos relatos de Garibaldi e demais historiadores que exaltam a heroicidade de Anita como um ato nobre, uma doação mística aos ideais de liberdade e justiça. A areia é uma forma plástica, que toma forma do corpo que a ela se molda; assim também são os relatos que envolvem Anita Garibaldi, idealizando uma mulher guerreira e uma heroína convicta.

Contudo, o romance nega a imagem de heroína de Anita já que sua intrepidez não é a de uma pessoa que se sente impulsionada a lutar pela liberdade dos povos. Ao contrário, o interesse dela é totalmente pessoal: ela apenas quer estar ao lado do homem que ama, sem se importar com ideologias ou ideias libertárias. Como qualquer ser humano, ela tem diversos sentimentos: de amor, de ciúmes, de mágoas e ressentimentos. *Anita cubierta de arena* se apresenta como uma leitura desconstrutiva da história, interpretando a vida de Anita Garibaldi pela ótica de que a mulher não tinha nenhum interesse pela política, sendo importante apenas a sua felicidade ao lado do homem que ama.

Os romances *A guerrilheira* e *Anita Garibaldi* são os que mais se aproximam do modelo de mulher guerreira que Giuseppe Garibaldi construiu para a sua companheira. Ambas as obras colocam a questão da sociedade que possui os princípios patriarcais que não aceita que uma mulher viva junto com outro homem

que não seja seu marido ou mesmo que uma mulher penetre no espaço da guerra para combater como um soldado valoroso.

Em *A guerrilheira* as atitudes da protagonista rompem, algumas vezes, com códigos rígidos e antigos da sociedade, como é o caso do adultério, que é condenado pelo Antigo Testamento e cuja reprovação segue até os dias de hoje. Conforme alguns historiadores, muitas pessoas se utilizam deste acontecimento para atacar moralmente os farroupilhas. No romance, esse ataque fica por conta de um charlatão que aparece em Laguna e se diz padre. Ele aproveita a ocasião do enfrentamento marítimo de Garibaldi e Mariath para pregar no púlpito da igreja:

[...] reprovando o comportamento de Garibaldi e de todos os outros estrangeiros engajados na revolução: - 'Então, Sequênias, filho de Jeiel, filho de Elão, respondeu a Esdras: - Nós prevaricamos contra o nosso Deus porque tomamos mulheres estrangeiras, do povo desta terra. Envergonho-me de levantar a minha face a ti, Senhor meu Deus, porque a iniquidade se multiplicou sobre minha cabeça! E a guerra guardará todos os caminhos e todas as veredas...' (SANTOS, 1987, p. 167).

Esse trapaceiro utiliza uma citação bíblica de Esdras – o sacerdote que reconstrói o templo de Jerusalém após a volta dos judeus do exílio na Babilônia e proíbe o casamento entre judeus e o povo pagão – no início do seu sermão e completa a argumentação com suas próprias palavras (a partir do trecho “Envergonho-me...”), para sentenciar o ato ilícito de Garibaldi ao tomar para si uma mulher casada. No romance, somente esse trecho traz a reprovação ao fato de Anita e Garibaldi estarem juntos, mas isso não tem muita importância já que crítica é feita por um charlatão, isto é, por alguém que engana as pessoas e, por isso, seu discurso no enredo não tem validade. Aliás, a condenação está na circunstância de Anita viver com outro homem, que não o seu marido, e não no fato dela participar da guerra.

No romance, entretanto, mesmo antes de conhecer Garibaldi, as atitudes de

Anita já eram reprovadas pelas pessoas de sua cidade, inclusive por seu padrasto dom Rafael: “[...] a senhora só quer galopar sem rumo; freqüentar o mercado e o comércio; falar com desconhecidos; matear sem escolha de local... Enfim, fazer propaganda da revolução” (SANTOS, 1987, p. 41).

A reprovação consiste em Anita quebrar as regras sociais impostas às mulheres e querer transitar pelos espaços públicos, conversar com qualquer pessoa e falar sobre guerra, em especial, sobre a Revolução Farroupilha. Essas são atitudes atribuídas pela sociedade aos homens e proibidas para as mulheres. Contudo, a protagonista não se cala frente à acusação e revela que a mulher também pode ter sua própria opinião sobre política e outros assuntos que eram tidos da alçada masculina: “digo que sou analfabeta mas não sou burra! Escuto as coisas, tchê! Avalio, peso, raciocino... Se dizem que sou violenta, não tenho culpa. Nasci assim, ora! O que não sei é aturar insolências, injustiças, covardias, desaforos, prepotências...” (SANTOS, 1987, p. 41).

O fato de Anita seguir Garibaldi pela Guerra dos Farrapos provoca uma reação ainda maior contra a causa farroupilha, acusando-os não somente de rebeldes no sentido político e social, mas também de infringir a “moralidade imposta pela sociedade”:

[...] os farroupilhas não passavam de ciganos sanguinários, saqueadores e ladrões de gado. Constava até que roubavam as mulheres, muitas delas casadas, como o casa da mulher de um sapateiro de Laguna, e obrigavam-na a seguir a tropa como as chinas-de-gado (SANTOS, 1987, p. 173).

O romance *Anita Garibaldi*, de Julio A. Sierra é o que melhor problematiza essa questão de Anita romper com os códigos sociais estabelecidos, mostrando o entrelaço de pensamentos entre a sociedade patriarcal e uma mulher que quer viver conforme os seus próprios princípios.

Nesse romance, a protagonista não se conforma com as regras sociais e suas atitudes vão de encontro com as normas estabelecidas. Isso se percebe nas cartas que ela envia à sua irmã Felicidade, confessando suas vontades e sentimentos, e, afirmando que não segue as condutas que a sociedade exige das mulheres: *“Nada hay que me haga sentir más libre que correr descalza o galopar con el caballo por la playa. [...] Es mi manera de sentirme libre de verdad y no tener que seguir las indicaciones de nadie”* (SIERRA, 2003, p. 21).

As cenas de Anita cavalcando sem destino ou andando pela praia se repetirão no início do romance para confirmar a ideia de que ela gosta da liberdade e que não aceita as regras sociais que exigem que a mulher cuide das tarefas domésticas e que não ande sozinha pelas ruas.

Tanto no romance de Sierra como no de Felício dos Santos, a personagem Anita é apresentada como uma jovem que gosta de galopar livremente. A imagem de cavaleiro remete a uma classe de guerreiros que tem como essência a parte militar. Seu símbolo pode ser inscrito em uma intenção de espiritualizar o combate, por meio da escolha de uma causa nobre e superior, em que o cavaleiro se distingue por seu caráter moral, elevado e sagrado.

O ideal de um cavaleiro pode ser resumido à sua lealdade com os compromissos assumidos, recusando todo e qualquer tipo de corrupção. O cavaleiro serve a um ser superior, que pode ser Deus, um rei, ou mesmo a sua pátria, e concentra as suas forças na luta contra o mal, mesmo que seja alguma instituição da sociedade, se essa estiver contra os princípios pelos quais ele combate. Neste sentido, quando os romances apresentam Anita como uma amazona, todas as representações mencionadas anteriormente são atribuídas a ela. Anita é uma guerreira que luta por justiça e liberdade e que não se deixa

corromper pelas normas da sociedade que vão de encontro à causa pela qual combate.

O romance *Anita Garibaldi* apresenta também a protagonista como uma mulher livre, ou, pelo menos que se quer livre das imposições sociais e, por isso, ela age diferentemente das outras mulheres de seu tempo, como confessa à sua irmã: “*Uso las faldas demasiado cortas y no ando por la calle con los ojos bajos. No voy a misa, ando sola, hago muecas, me contoneo*” (SIERRA, 2003, p. 22). Por se vestir fora dos padrões sociais estabelecidos, não participar da religião católica e agir de maneira espontânea na rua e nos lugares públicos, Anita se torna motivo de escândalo e reprovação para uma sociedade que oprime as mulheres e lhes impõe uma maneira de ser e andar muito rígidas, sufocando sua liberdade de expressão verbal e corporal.

Historicamente, a proibição de andar sozinha pelas ruas se dava, praticamente, às mulheres brancas, de famílias abastadas. Grande parte do sul do Brasil foi povoada por colônias das ilhas de Açores e da Madeira, o que resultou em uma população predominantemente branca. Segundo Joana Maria Pedro, os viajantes normalmente tratam em seus textos das mulheres abastadas, mas, por causa da formação social da região sul, eles mencionam também entre as mulheres “as brancas pobres que percorriam as ruas de Desterro, Curitiba e Porto Alegre. Mulheres nas ruas era um fenômeno comum também em outras cidades do Brasil, mas o perfil racial se apresentava diverso” (PEDRO, 2002, p. 280). Ou seja, não era escândalo na região sul do Brasil ver uma mulher como Anita, que não era de classe alta, circulando pela cidade. O viajante Saint-Hilaire (Pedro, 2002, p. 279) afirma que as mulheres de Santa Catarina “não demonstram o menor embaraço” ao sair às ruas, o que tornaria as atitudes da personagem de Sierra não tão

embaraçosas, como ele faz crer que fossem.

Contudo, o romance aponta para a personalidade decidida de Anita, que não se submete às normas sociais impostas às mulheres. Ela escandaliza a população fazendo o inverso daquilo que se espera de uma pessoa do sexo feminino. Como a própria protagonista mesmo afirma, ela não segue as indicações de ninguém, mas somente o que lhe dá vontade de fazer.

Tanto o romance de Sierra como o de Felício dos Santos mostram a personagem Anita como uma mulher que circula em espaço público, andando na rua ou participando de serão. Essa atitude demonstra a vontade de sair do confinamento do privado e adentrar o universo público, vetado às mulheres.

Além de ter um comportamento diferente do que se exige para as jovens de sua época, a personagem de Julio A. Sierra também tem um pensamento revolucionário, influenciado pelas ideias republicanas de seu tio Antonio, que é partidário dos ideais da Revolução Farroupilha. Ela desabafa à sua irmã: "*Creo que las personas deberían elegir a quienes han de gobernarlas y también luchar para que los pobres dejen de sufrir, para que todos puedan leer y escribir, y para que los enfermos no sean abandonados a la muerte*" (SIERRA, 2003, p. 22).

Nessa asserção da personagem já se distingue uma propensão dela às noções de igualdade e de justiça social presentes no ideal republicano. O narrador projeta em sua personagem os conceitos defendidos por Garibaldi, como a teoria de Saint Simon: a liberdade, a justiça e a igualdade entre os seres humanos.

Quanto ao fim do casamento de Anita e Manuel, que também será alvo de ataque da sociedade contra ela, o narrador do romance de Julio A. Sierra sublinha as diferenças de comportamento e pensamento de Manuel em relação à Anita: ele é calado, tímido, conservador, gosta de sair para pescar e, mesmo sem aderir às

discussões políticas, sabe-se que ele é a favor do Império. Com o casamento forjado e uma mulher que não o ama, Manuel abandona essa vida quando o exército do governo alista homens para combater os farrapos e desaparece, sem se ter mais notícias dele.

Apesar de ser Manuel quem deixa o casamento, muitas pessoas apontam Anita como a culpada do fracasso, declarando que ela não se sujeita realmente ao matrimônio e não se esforça para o sucesso da união:

*- Sin hijos ni placeres, ese matrimonio no tenía más sentido para él – comentaban las comadres a la salida de la iglesia.
- No podía ser de otra manera. Estaba claro desde el día del casamiento, cuando la novia tropezó al salir de la iglesia. Muchas de aquellas mujeres veían en Aninha una pecadora que abandonaba sus deberes (SIERRA, 2003, p. 54).*

Para a sociedade, a imagem de Anita é a de uma mulher pecadora porque não se esforça para o êxito do casamento, agradando seu marido mesmo que não o ame. Todavia, para o narrador, ela é uma mulher nobre porque aceita o casamento com o sapateiro para benefício de sua família. Para ele, a personagem é uma mulher que luta por liberdade e igualdade, mas que sabe se sacrificar para que outros possam ter uma vida mais decente. Mesmo assim, no romance, a protagonista não se entrega a Manuel, como ela própria declara em suas cartas à Felicidade:

Quiero que sepa que mi casamiento no es un casamiento verdadero. Desde el comienzo me rehusé a ir a la cama con Manuel, y él no insistió, por lo menos hasta ahora. Le pedí que me disculpara pues no quería yo ir a la cama sin amor. Él parece resignado a esperar, o tal vez le doy pena (SIERRA, 2003, p. 52).

A ideia de que Anita era virgem mesmo depois de casada com Manuel está presente no livro da bisneta Anita Garibaldi, que, provavelmente, queria que a imagem de sua bisavó fosse imaculada, demonstrando-a como um ser acima das convenções sociais, cuja pureza permanece intacta até seu encontro com Garibaldi,

que teria sido seu único homem. Tal opinião é compartilhada por Sierra, que reforça a virgindade de Anita, elevando-a ao patamar dos santos, especialmente de Nossa Senhora.

Têm-se, então, duas leituras para o mesmo fato: a sociedade que condena Anita e o narrador que a inocenta por meio de suas cartas. O malogro do matrimônio já está traçado quando é imposto aos nubentes e é previsto pela sociedade no tropeço de Anita ao sair da Igreja, após a celebração do casamento. Mesmo com tantos indícios de insucesso, para a sociedade a culpa é somente da mulher por não cumprir seu papel de esposa submissa ao marido.

O relacionamento de Anita com Garibaldi, que vai de encontro às regras sociais vigentes na época, é julgado pelas pessoas de sua cidade, que a veem como adúltera e ao italiano como um aventureiro: “*Un escándalo más en la vida de esa perdida. Rechaza a los lagunenses para aceptar a un recién llegado. Alguien que ni siquiera habrá de echar raíces en esta villa*” (SIERRA, 2003, p. 105).

Anita, nas cartas para sua irmã, defende a sua união com Garibaldi. Esses escritos são confissões sobre sua vida, que revelam o outro lado dos fatos, ou seja, mostram o que a personagem sente em relação aos acontecimentos. Suas declarações são a versão da história em que aquela que viveu os fatos explica o que para ela é verdadeiro:

‘... esta unión es verdaderamente sagrada, y no la otra. [...] Con el tiempo voy a demostrar que nuestra unión es indisoluble. [...] Dicen que yo, sin vergüenza alguna, lo estoy traicionando [Manuel] con un aventurero extranjero. En esas conversaciones, nadie se acuerda de que Manuel desapareció casi dos años y nunca fue mi marido’ (SIERRA, 2003, p. 105).

Desse modo, a narrativa apresenta dois lados dos fatos: o lado da sociedade que julga e condena a Anita, e a confissão da personagem, declarando a sua inocência e a legitimidade da união com Garibaldi. Por se tratar de uma “carta-

confissão”, o leitor tende a aceitar a versão da protagonista e não dar crédito àquilo que as pessoas falam dela, pois se acredita que a sociedade se preocupa com o exterior e com as aparências e Anita dá valor aos seus sentimentos.

Apesar de ser uma mulher que segue o homem amado na guerra, Anita é considerada mais que uma “soldadera” pelo narrador; ela é uma mulher guerreira, que se destaca nas guerras por sua coragem. Um exemplo de seu caráter de bravura está expresso em um episódio em que os legionários italianos são perseguidos pelos austríacos após a saída de Roma. Anita, mesmo doente, enfrenta o inimigo e anima os soldados a fazerem o mesmo:

[...] al ver sus soldados huían cobardemente, trató de detenerlos para hacerlos regresar y enfrentar al enemigo. Dio varias órdenes y trató de estimularlos para que resistieran. Pero como su voz y sus órdenes no eran escuchadas, tomó un chicote y se lanzó contra los fugitivos.

- ¡Luchen! ¡No huyan! ¡Cobardes! – les gritaba mientras los azuzaba con el látigo (SIERRA, 2003, p. 251).

Os soldados não têm a coragem dela em permanecer na luta quando atacados de surpresa, mas ela fica e tenta detê-los, demonstrando sua valentia e fidelidade aos seus princípios de lutar pela justiça e pela república.

Uma amostra da personalidade de Anita e de sua consciência em ser mais valente que outros soldados está na narração do fato de quando a protagonista é impedida por Bento Gonçalves de lutar em uma batalha. Furiosa com a atitude do chefe farroupilha, ela se gaba diante de seu companheiro italiano: “*Embarazada o no, yo puedo pelear mejor que cualquiera – protestó ella –. Estoy segura de que no fue ésa la razón. Lo que le molesta es que yo sea mujer y su orgullo no le permite reconocer que peleo mejor que cualquiera*” (SIERRA, 2003, p. 162). Para ela, o problema não é a gravidez, mas é que ela, sendo uma mulher, sabe lutar melhor que muitos soldados farroupilhas e isto, ela acredita, aborrece o chefe dos farrapos que, provavelmente, também pensa que as mulheres devem ficar em casa e que

guerra não é lugar para elas. Reconhecer a intrepidez de Anita é ir contra os códigos aceitos desde sempre, de que a mulher não sabe nada de guerra e que deve ficar em casa, cuidando das tarefas domésticas e educando os filhos.

Mesmo louvando a personalidade de sua protagonista, o narrador coloca a reação das pessoas frente à atitude de Anita de deixar sua vida em Laguna para viver com Garibaldi. É um entrelaçamento de pensamentos e modos de viver: para a protagonista, o que lhe importa são os seus sentimentos e os seus desejos, mas para a sociedade há regras e preconceitos aceitos desde sempre, os quais deveriam ser observados, mesmo que se trate de manter as aparências.

No romance, as atitudes consideradas erradas pelas pessoas chegam ao conhecimento do governador de Santa Catarina pela voz de seu assistente:

- Era costurera y se casó con Duarte. Dicen que es una mujer difícil y descarada. Que ya era así desde niña. Una vez la encontraron bañándose desnuda en una playa – informó el asistente [...]. Parece que ni siquiera el marido pudo con ella. Y ahora vive con Garibaldi en su barco. Muchas veces anda vestida de varón y es la única mujer de la nave (SIERRA, 2003, p. 126).

Para a sociedade da época, Anita não é ainda a heroína que se exalta nos dias atuais, mas sim uma mulher que transgride regras sociais. Assim também é a protagonista do romance: as pessoas que com ela convivem não aceitam as suas atitudes e a condenam por não viver sob as normas impostas pela sociedade patriarcalista.

O narrador, quando escuta o relato de Garibaldi sobre a sua companheira, coloca as atitudes dela como algo positivo. No entanto, na época em que ocorrem os fatos, a fama de Anita ser uma mulher irreverente, dona de suas vontades e companheira de Garibaldi é visada como um ataque moral dos imperialistas contra os farrapos, como se percebe na ordem que o governador professa a seus soldados:

- *Ordene a nuestros hombres allá que hagan conocer públicamente la vida de esta mujer que no sólo deshonra a su heroico marido, sino también a todo el pueblo que la vio nacer. Es una ofensa a la moral y las costumbres de las familias decentes de Laguna* (SIERRA, 2003, p. 127).

A fama de mulher perdida chega até os soldados imperiais por meio não só do comunicado do governador, mas principalmente das histórias que andam de boca em boca: “[...] *que había matado con sus propias manos al marido porque era partidario del Imperio, que había obligado a Garibaldi a llevarla con él, que no había hombre que pudiera domarla...*” (SIERRA, 2003, p. 151). Isso demonstra como a sociedade é hostil a Anita e a sua relação com Garibaldi. Para essas pessoas, o importante não é o que Anita deseja, mas sim a manutenção das regras sociais que cultivam e que são embasadas na ideologia patriarcal.

Por Anita não aceitar as normas da sociedade e por fazer aquilo que acha certo, sem prestar contas a ninguém, é que a sociedade a julga como “mulher perdida”, de “má fama”, cujo exemplo não deve ser seguido pelas outras mulheres. Contudo, interiormente, Anita é afetada pelo preconceito de seu povo e “*se sintió incomprendida y rechazada. [...] A nadie le importaban sus sentimientos*” (SIERRA, 2003, p. 127), o que revela, um pouco, o sofrimento da personagem que se sente excluída.

Durante o dia, a protagonista entretém-se com as tarefas domésticas e com conversas com suas novas amigas e vizinhas, que se interessam por suas histórias no Brasil durante a Revolução Farroupilha, pois sua atuação lembra as de um herói épico, que luta por causas nobres:

- *Vamos Anita, cuéntanos cómo hiciste para escapar de prisión – le pedían una y otra vez. En otras ocasiones le pedían que contara los detalles de las batallas en las que había participado [...]*
 - *¿No extrañas aquella vida de aventuras?*
 - *Mucho. Pero ahora debo ocuparme de Menotti y de la casa* (SIERRA, 2003, p. 189).

Assim, as aventuras de Anita no Brasil são propagadas de boca em boca e chegam até a Itália, pois nenhum jornal republicano da América menciona a heroína e seus feitos:

Sobre Anita nunca se había escrito nada. Sin embargo, la gente la conocía a través de relatos que circulaban en los mercados, en los atrios de las iglesias, en todo lugar que congregara a la gente del pueblo [...] Se hablaba de su heroísmo en las batallas libradas en el lejano continente americano sin que ningún diario farroupilha ni uruguayo lo hubiera mencionado (SIERRA, 2003, p. 218).

Nota-se que até a imprensa da época é dirigida pelas regras sociais estabelecidas, pois se escrevem os feitos de Garibaldi nos jornais, mas nunca mencionam a sua companheira intrépida e determinada. As histórias de Anita circulam oralmente e, assim, são divulgadas e sua fama chega até a Itália, antes de sua partida para lá.

Assim, o romance *Anita Garibaldi*, de Julio A. Sierra, apresenta a sua protagonista em luta contra a sociedade por causa de seus conceitos de liberdade e justiça para os homens e também para si mesma como mulher.

Já no romance *Anita cubierta de arena*, de Alicia Dujovne Ortiz, a ruptura das normas da sociedade por Anita não se limita à sua participação na guerra, abandonando sua vida medíocre de Laguna, mas também no seu modo de vestir, ao usar roupas tipicamente masculinas, como descreve a narradora na ida para Lages: “*Va vestida de hombre. Lleva un sombrero calabrés con una pluma [...] unas calzas marrones y un áspero capote. El pelo se lo ata como sea. Las mujercitas al bies se peinan en bandeaux*” (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 55). Apesar de o romance de Dujovne Ortiz não centralizar seu foco na imagem de Anita guerreira, ao descrever a protagonista com roupas masculinas, relembra uma vez mais a figura da donzela-guerreira que esconde principalmente o cabelo para não ser identificada.

No entanto, nesse trecho, a personagem não tem preocupação de esconder a sua feminilidade e não demonstra temer que as pessoas a julguem por usar roupas masculinas. Talvez também a figura de Anita, nesse romance, seja a da donzela-consorte, que é aquela que acompanha o homem na guerra, sendo esposa e mãe, conforme a classificação de Hobsbawm (apud GALVÃO, 1998, p. 83).

Historicamente, muitas mulheres seguiam seus maridos no séquito das tropas, como Wolfgang. L. Rau demonstra por meio de um boletim de Teixeira Nunes publicado no jornal da época: “Muitas senhoras que seguiam a retaguarda da coluna que nós perseguíamos, em cujas fileiras ainda existem seus maridos, [...] foram obrigadas a parar” (RAU, 1975, p. 115). Rau também afirma que as mulheres seguiam seus homens ao comentar que Manuel não quis “levar Anita no séquito da tropa, em contrário de muitos dos demais componentes que se faziam acompanhar de suas mulheres” (RAU, 1975, p.114). O historiador gaúcho Lindolfo Collor confirma que era normal mulheres seguirem a tropa: “Como de costume, grande número de mulheres acompanhava a soldadesca. Ocupavam-se algumas, destras cavaleiras, em cuidar as pontas de gado, sempre em risco de se extraviarem” (COLLOR, 1977, p. 387).

A diferença de Anita Garibaldi em relação a essas mulheres é que elas geralmente eram esposas de soldados rasos, enquanto Anita teve a sorte de ter sido a companheira daquele que se tornaria o herói da unificação da Itália e que, por meio das suas *Memórias*, perpetuou a sua imagem como heroína e guerreira nata.

O romance *A guerrilheira* comenta também que algumas mulheres seguem a tropa farroupilha – “Junto com Anita, desta vez, marchavam outras mulheres que, como os novos recrutas, também foram bater no acampamento de Campo Verde”

(SANTOS, 1987, p. 238) – e, dentre elas, destaca-se Vacareana, uma velha prostituta, “já de cabelos brancos, mas destemida como cem perros” (SANTOS, 1987, p. 239), que ajuda Anita a cuidar dos feridos. Na luta que os farrapos têm com os imperiais para passar a fronteira do Rio Grande, Vacareana se engaja no pelotão de Rossetti e atravessa o rio inúmeras vezes para levar os cavalos até a outra margem. Quando tem oportunidade, ela não vacila em pegar uma espingarda e atirar no inimigo. A valentia dessa personagem representa inúmeras mulheres que, na vida real, lutaram nas batalhas, mas cujos nomes nunca foram lembrados pela história.

Em *Anita cubierta de arena*, muitas mulheres acompanham as tropas para servir os soldados, desempenhando o papel social que sempre lhes coube. A protagonista entra na guerra para fazer os serviços que sempre foram impostos às mulheres, cuidando de seu companheiro: “*Libre. Lava su blusa blanca y la camisa de José, ancha y clara. Pero no es ni cocinera ni lavandera de tropa*” (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 37). Ela não cuida das tarefas domésticas de toda a tropa, mas concentra sua atenção em Garibaldi, na sua roupa e bem estar. Ou seja, mesmo que a narradora afirme que Anita é “livre”, ocorre o contrário, pois ela não se desvencilha das funções domésticas.

A menção da lavagem da roupa branca, mais do que mostrar que ela serve apenas ao seu companheiro, talvez queira ressaltar a brancura de sua roupa, pois essa cor, além de relacionar-se com a pureza, é símbolo de ritual de passagem. Anita, nesse momento, já vive com Garibaldi em seu barco, mas ainda não participou de nenhum combate, e, por isso, sua roupa não foi manchada com sangue do inimigo.

Também o narrador de *Anita* sublinha a presença das mulheres, cuidando

das tarefas “domésticas” em meio ao planalto, e, quando precisa, elas também entram nos combates para defender as munições:

Talco viu uma fina fila de cores variadas destacar-se do pinheiral e vir coleando em direção do riacho, mais acima da beira do penhasco. Eram as mulheres que acompanhavam a tropa, preparando-se para lavar as roupas, as mantas, fardas em trapos, palas e ponchos ainda chamuscados da guerra à beira-mar (AGUIAR, 1999, p. 99).

E elas lutavam também; com frequência, ficavam encarregadas de proteger os mantimentos e mesmo as munições quando a maioria dos homens saía nas cargas pelos campos (AGUIAR, 1999, p. 105).

O romance de Julio A. Sierra mostra que nem todas as mulheres do Rio Grande do Sul ficam em seu lar, cuidando da família e das tarefas domésticas. Essas podem ser a maioria, ou então, podem ser as esposas daqueles que detêm o poder e o dinheiro e que por isso têm seu modo de vida imposto como “exemplo” para as demais mulheres. Mas também há aquelas que acompanham os soldados, como relata o narrador:

Garibaldi me contó que casi todas las mujeres de Río Grande del Sur, como ocurría en todo el Imperio en esa época, se quedaban en su casa. Hacían jabón, tenían hijos, preparaban los dulces y las conservas. Pero había otras mujeres que, en tiempos convulsionados como aquéllos, decidían acompañar a sus hombres a las campañas militares. ‘Chinas’. ‘Vivandeiras’ o ‘proveedoras de comida’. ‘Soldaderas’. De muchas maneras se las llamaba (SIERRA, 2003, p. 162-163).

No livro de Sierra, são exaltadas a coragem e a força de vontade dessas mulheres, que se fazem donas de seu próprio destino. Apesar de estarem em situações atípicas, elas cumprem seu papel social de mulher – lavar roupa, fazer comida, cuidar dos homens e das crianças. Ou seja, elas cumprem uma dupla jornada: cuidam das chamadas tarefas domésticas, atribuídas às mulheres pela sociedade, e também lutam, quando preciso, para ajudar as tropas, o que demonstra que elas não constituem o sexo frágil, muito pelo contrário:

Estas soldaderas eran, por lo general, mestizas de sangre india, de

sangre negra, de sangre española. Eran indispensables para los hombres en guerra, inseparables compañeras que ayudaban, alimentaban, parían hijos y también luchaban. No había desafío que no enfrentaran. Cuanto más salvaje era el terreno más salvajemente ellas trataban de sobrevivir. Eran mujeres fuertes e implacables (SIERRA, 2003, p. 163).

Todavia, essas mulheres não pertencem às famílias abastadas e nem são mulheres burguesas. Pelo contrário, são mulheres de classe social inferior, cuja família não detém algum tipo de poder e nem tem posses. Elas vivem suas vidas atrás dos soldados, como mãe e esposa, e os auxiliam lavando suas roupas, preparando comidas, servindo de amantes (pois algumas são esposas, mas outras são simplesmente prostitutas) e até saqueando os mortos após as batalhas. Várias delas também se engajavam na luta, mas não foram reconhecidas.

É interessante notar que essas mulheres são frutos da mestiçagem racial entre índios, negros e europeus, geralmente de relações extraconjugais, nascidas de mulheres que estão à margem da sociedade e cujos filhos possuem como destino, também, a marginalização. Suas vidas não foram registradas pela história por uma dupla razão: porque são mulheres e porque não pertencem a uma classe social rica ou nobre. Elas são duplamente relegadas à inferioridade social por causa do fator racial e sexual.

Walnice N. Galvão (1998, p. 83), ao tratar das mulheres brasileiras que se engajam nas guerras como soldados, afirma que elas “mostram o desejo bastante compreensível de invadir uma área vedada à experiência feminina, área que, em momentos de grandes causas públicas como é a convocação para a guerra, está sendo excepcionalmente valorizada”.

Além disso, tanto no livro de Felício dos Santos como no de Dujovne Ortiz aparece uma personagem feminina já de idade, por quem Anita terá certa afeição. Em *A guerrilheira*, a já mencionada Vacareana é uma mulher idosa que se engaja

com fervor e coragem na luta dos farroupilhas e é morta em um dos combates descritos no livro. Apesar da idade, Vacareana não se intimida com a guerra e luta com destemor. Assim também é a protagonista de *A guerrilheira*: ela não se deixa amedrontar pelo inimigo e luta com bravura por seus ideais.

No romance de Dujovne Ortiz, uma mulher idosa, sem nome, aparece quando Garibaldi e Anita estão saindo do Brasil para o Uruguai. Ela foi capturada pelos índios quando jovem e, naquele momento, abandona seus filhos, querendo voltar para a “civilização”. Trata-se aqui da retomada de uma conhecida lenda que surge na região do *Río de la Plata*, no século XVII, com a história de Lucía Miranda, “*La cautiva*”.

Segundo Claudia Luna (2000), durante a conquista da América, com a ausência de riquezas materiais no território rio-platense, os espanhóis teriam como conquista apenas as terras e a realização sexual. Assim, inúmeras mulheres índias foram tiradas de suas famílias e se tornaram propriedades dos espanhóis. Contudo, na literatura argentina, Ruy Díaz de Guzmán inverte a situação, criando o “mito branco da conquista”, ao publicar, em 1612, a crônica *La Argentina manuscrita*, na qual “*es el indio quien viola el territorio sagrado de los españoles [...] y rapta a una blanca, traicionando, por su acto, la confianza que en él tenían los españoles*” (LUNA, 2000, p. 137). Trata-se de uma nova versão do mito da cativa branca que tem sua origem na Antiguidade, com o aparecimento do patriarcado. Na literatura espanhola, encontram-se referências a esse mito no *Romancero Viejo* e no *Cantar de Mio Cid*.

Durante o Romantismo hispano-americano, o argentino Esteban Echeverría atualiza a lenda quando publica o poema narrativo “*La cautiva*”, no livro *Las rimas* (1837), não somente no sentido literário, mas também no domínio político, já que

coincide com a ocupação dos territórios indígenas. O poema traz a história de um casal que é aprisionado pelos índios dos pampas: María consegue fugir e levar seu marido Brián, mas eles passam por inúmeros perigos. Ele morre ao longo do percurso e ela, mesmo sendo resgatada pelas tropas cristãs, não consegue sobreviver à notícia da morte de seu filho. Cláudia Luna sublinha que *“el relato presenta una interpretación del embate entre las culturas, a partir del punto de vista del sufrimiento femenino”* e que a personagem *“de la cautiva adquiere el sentido de un mito de frontera que, más que entre pueblos, señala el abismo intransponible entre civilización y barbarie”* (2000, p. 139).

Em *Anita cubierta de arena*, quando a protagonista está cruzando o território do Uruguai em direção a Montevideú, aparece essa personagem bastante conhecida da literatura rio-platense. A mulher em questão consegue escapar dos índios, que seriam o símbolo do paganismo e da barbárie, para voltar à civilização e ao cristianismo. Anita está deixando a sua terra natal, que naquele momento vive um momento de revolução, para entrar em um país estrangeiro, onde a língua e a cultura são diferentes e onde tem que viver sob as regras do patriarcalismo ainda vigentes na sociedade latino-americana do século XIX.

A mulher havia sido raptada pelos índios, viveu em um povoado que não era o seu e teve filhos que rejeitou e abandonou para voltar a seu lugar de origem. Anita está partindo para um lugar onde nunca vivera por livre e espontânea vontade, porque quer ficar ao lado do homem que ama e por quem abandona a sua vida passada: mãe, irmãos, marido e amigos. A narradora afirma que essa mulher é o reverso de Anita. Ao contrário da mulher que era branca, velha e está abandonando os filhos e aqueles que a raptaram, Anita é uma mulher jovem e não-branca, está levando seu filho consigo e seguindo Garibaldi, por vontade própria.

Pode-se dizer que os romances de Alicia Dujovne Ortiz e de Julio A. Sierra fazem uma comparação indireta entre Anita Garibaldi e Evita Perón, que se destacou na história da Argentina do século XX ao lado do general Juan Domingo Perón. Ela foi uma figura cativante para muitos argentinos porque, a seu modo, ajudava os mais necessitados, ouvindo-os e realizando os seus anseios – como ter uma bicicleta ou um enxoval de noiva, entre outras coisas. Ela também discursava para o povo da sacada da Casa Rosada, sempre a favor de seu marido, e era ovacionada pelo povo, que gritava seu nome e a aplaudia. Os dois autores argentinos fazem um paralelo com Evita quando descrevem a cena de Anita em Gênova, saudando o povo da sacada da casa dos amigos em que estava hospedada. A sacada é uma parte da casa que dá acesso ao espaço aberto, público, e fazer um discurso estando nele é uma forma de apropriar-se desse universo vetado às mulheres.

No romance de Julio A. Sierra, Anita, ao chegar à Europa, vai a Gênova por alguns dias, onde se hospeda na casa de parentes de Garibaldi. Uma noite, voltando do teatro, encontra em frente da casa uma multidão que canta um hino patriótico e grita vivas a Garibaldi e a Anita. Diz o narrador que:

El entusiasmo era incontenible. Anita agradecía desde un balcón, emocionada.

[...]

- Muchas gracias, señor Mameli. Me hace feliz haberos conocido, pues de vuestro corazón joven y patriota ha brotado el himno que Garibaldi esperaba [...] ¡Gracias, muchísimas gracias! Por mi marido, por mí, por Brasil y por Uruguay.

Terminado su discurso, Anita tomó una flor de uno de los canteros del balcón y después de besarla la arrojó a la multitud que otra vez vitoriaba a sus nuevos héroes (SIERRA, 2003, p. 220-221).

Esta cena da personagem sendo aplaudida na sacada e jogando flores à multidão lembra os gestos de Evita Perón. Essa demonstra afeição ao povo, por suas obras de caridade, mas é odiada pelas classes sociais mais abastadas, que a

consideram uma dominadora e manipuladora do povo. Sabendo que o autor Sierra é argentino e que escreve biografia das esposas mais destacadas de presidentes de seu país, é totalmente congruente fazer tal associação entre Evita e Anita, na sacada jogando flores àqueles que as louvam e agradecendo efusivamente o apoio deles aos seus maridos.

O romance de Dujovne Ortiz comenta que Anita parte para Itália antes que Garibaldi, o que acaba com seu medo de ser deixada para trás, de ser esquecida por seu companheiro. Ela leva uma tarefa: “*José le estaba dando un papel: aparecer en el balcón para saludar el pueblo en su nombre*” (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 156).

Afirma a narradora de *Anita cubierta de arena* sobre a protagonista:

Por la mañana la despertaron los gritos. Evviva Garibaldi, evviva il Re, evviva il Papa, evviva l'Italia. Se puso a las apuradas el vestido de mujer de Garibaldi [...]
Un clamor doble la envolvió: ‘¡Garibaldi!’ y ‘¡Anita!’.
[...]
Anita era mucho más que una heroína para la gente de abajo, la que gritaba, la que aplaudía, Anita era una madre (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 160-161).

A cena descrita por ambos é a mesma: Anita na sacada da casa de seus amigos genoveses, saudando e discursando para o povo. Na obra de Dujovne Ortiz, a comparação pode ser estabelecida inclusive pela semelhança fonética de “*Evviva*”, que lembra o nome de “Evita” e também evoca o nome “Anita”. Além disso, a autora argentina publica, em 1995, uma biografia de Evita Perón, cuja imagem, se pode dizer, é de uma mulher romântica, que dedica sua vida ao homem que ama, assim como ela descreve Anita em relação a Garibaldi.

No romance *Anita cubierta de arena*, não há como não estabelecer a relação com Evita, um dos maiores mitos da Argentina do século XX, uma mulher que atuou na política ao lado do marido, por quem demonstra total fidelidade e uma

paixão arrebatadora, ficando ao lado dele até a sua morte. É provável que Dujovne Ortiz quisesse fazer uma correlação com Anita Garibaldi, uma mulher que marcou a história do Brasil, cuja imagem é a da mulher apaixonada e fiel ao seu amado, seguindo-o até o fim de sua vida.

É interessante esse paralelo que os escritores fazem entre Anita Garibaldi e Evita Perón, pois ambas são consideradas, pela história, mulheres batalhadoras, que sempre estiveram ao lado de seus maridos, lutando por suas ideologias, o que não deixa de ser uma visão tradicional, pois elas atuam no espaço público não para defenderem o seu ponto de vista ou os seus desejos, mas estão lá para reforçar os ideais de luta de seus homens e para apoiá-los na luta por seus princípios políticos.

A imagem que Sierra elabora de Anita, emocionada na sacada da casa, ou de Dujovne Ortiz, na qual a protagonista é tida como mãe dos italianos, são imagens que relembram Evita porque ela se fazia mãe dos “descamisados” e demonstrava emoção com o carinho do povo argentino.

A ligação entre Anita e Evita remete a outra comparação: a de Giuseppe Garibaldi com Juan Domingo Perón. Assim como Garibaldi é um herói de seu país, lutando pela liberdade, Perón também teria lutado por um movimento popular democrático que favorecesse os interesses do povo. Dessa forma, haveria uma correlação entre os ideais que ambos combatiam. No romance de Dujovne Ortiz, pode-se associar ainda Simon Bolívar à ligação entre Perón e Garibaldi, pois aquele também lutou pela independência de vários países hispano-americanos, defendendo as ideias libertárias para a América.

Evita Perón foi uma mulher pública que, por ter participado de assuntos políticos e frequentado o espaço público, acabou sendo alvo de muitas críticas da sociedade. A classe burguesa, especialmente, enxergava em Evita um constante

perigo: uma mulher de classe social baixa, que irrompe na esfera pública e política, dominando as massas e tendo sua imagem santificada pelas mesmas. As mulheres abastadas criticavam suas atitudes, que transgrediam as normas sociais vividas pela sociedade argentina da primeira metade do século XX, e os políticos temiam que sua popularidade fizesse Perón continuar por muito tempo na presidência do país.

Assim como Evita, os romances ressaltam que Anita tornou-se uma mulher pública quando rompeu com os códigos rígidos da sociedade em que vivia e seguiu Garibaldi até o fim de seus dias, sendo criticada pelas classes dominantes por sua atitude anticonvencional. Mesmo os chefes do exército imperial utilizaram de sua transgressão para atacar moralmente os farroupilhas, numa tentativa de diminuir a adesão dos rio-grandenses e dos santo-catarinenses à causa dos farrapos.

Como se pode perceber, de alguma maneira os quatro romances analisados neste estudo partem das *Memórias* de Garibaldi para construir a personalidade de Anita Garibaldi, ou para corroborar a imagem criada pelo italiano ou para desconstruí-la. De qualquer forma, todas as obras acabam por trazer à tona a vida da heroína brasileira, rememorando seus feitos e ficcionalizando a sua vida.

Por ela ter sido uma mulher do século XIX que irrompe no espaço público ao lado de Garibaldi, muitas vezes foi alvo de crítica da sociedade, especialmente dos seus conterrâneos que condenaram o fato dela deixar a cidade para seguir a um homem que não era seu marido. Mesmo sendo considerada uma heroína e exaltada por diversos historiadores, sua conduta não deixa de ser reprovada por uma sociedade que tinha como base os conceitos patriarcais. Os romances de Felício dos Santos, de Dujovne Ortiz, de Sierra e de Aguiar dão destaque aos “laços que tecem e que fazem a opinião pública” (PERROT, 1998, p. 07).

Ratificando ou não o mito heroico de Anita construído por Garibaldi, os romances analisados reiteram a atuação de uma mulher que ganhou destaque no espaço público e entrou para os anais da história como a “heroína dos dois mundos”.

3 UMA MULHER DE AMOR E DE LETRAS

*América latía, aún ignorada para sí misma,
en los hondos ojos de las mujeres, que no hacían
las leyes pero hacían a los hombres y alguna vez
forjarían varones a la medida de sus deseos.
María Rosa Lojo – Las libres del Sur*

Desde a Antiguidade, a sociedade excluía as mulheres do espaço público (guerras, comércio, ruas e outros espaços fora da esfera doméstica), confinando-as em certos espaços privados. Rosiska Darcy de Oliveira (1999, p. 98) define o que é espaço privado:

[...] o que se passava num cenário, num espaço físico bem delimitado, a casa, no interior da qual uma pessoa, a mulher, se ocupava de fazer viver uma família. Essa ocupação incluía a criação dos filhos e, em muitos casos, a sobrevivência dos velhos. A mulher, por sua vez, era mantida com os recursos provenientes de um salário que outra pessoa – o homem – obtinha em troca de seu trabalho em um espaço exterior à casa, espaço onde os gestos eram valorizados e remunerados por critérios econômicos. O cotidiano das mulheres era marcado por tarefas gratuitas que interessavam à família. O cotidiano dos homens por um trabalho remunerado que interessava à sociedade. Essa fronteira demarcava claramente um universo privado onde se movimentavam as mulheres e um universo público onde se movimentavam os homens.

Esse tipo de sociedade, denominada patriarcal, pois o chefe da família era o homem mais velho, que possuía autoridade sobre a mulher, imperava no Brasil do século XIX. Por isso, diversos historiadores fazem questão de destacar a atuação de Anita Garibaldi na esfera privada, assim como os escritores dos romances aqui analisados, cada qual enfatizando a ideologia que permeia o enredo.

A primeira aparição de Anita no romance *A guerrilheira*, de João Felício dos Santos, já é um indício de que para a protagonista, no entanto, não há lugares que somente homens podem frequentar, nem assuntos a serem discutidos só por eles, como impunha a sociedade patriarcal. Em uma noite fria de 1835, ela aparece na botica onde ocorria frequentemente um serão, envolvendo alguns homens da cidade que discutem os assuntos do momento, de preferência a política. Nessa

noite, em especial, a discussão é sobre a Regência de Feijó e a Guerra dos Farrapos, e Anita se integra ao grupo para conversar, procedimento pouco usual para uma mulher do século XIX. Isso se percebe na fala do padraсто de Anita no dia seguinte ao serão:

Dom Rafael estava furioso e, desde a véspera, não conseguia esconder seus sentimentos de revolta contra o mau procedimento de Anita.

- Com que então – dom Rafael começou a catilinária que havia preparado durante toda a noite. – Com que então, a senhora dona Ana de Jesus, minha enteada, andou, ontem, em serão de homens, não é verdade?

Anita fez que sim com a cabeça, ar muito sério.

- E pior! Pelo que soube... me contaram... a discutir políticas com forasteiros ... a se declarar farroupilha! (SANTOS, 1987, p. 39).

São várias as normas rompidas por Anita com sua atitude: frequentar um espaço público participando de um serão, discutir política com homens, expor a opinião própria declarando-se a favor de um grupo contrário ao governo imperialista, conversar com homens desconhecidos. No entanto, a personagem não enxerga nenhum impedimento ou algo negativo em suas atitudes. O narrador do romance faz questão de deixar claro que Anita tem um modo de pensar distinto e uma ampla visão do mundo, diferentemente da sociedade em que vive.

A reunião na botica do Chaves, descrita no romance de João Felício, tem dupla função narrativa: a primeira é a de introduzir o contexto histórico, com a apresentação das discussões políticas, e a segunda é a de apresentar características que serão essenciais na construção da personagem: sua personalidade forte e rebelde. Enquanto escuta Anita falando da revolução, o escrivão Galdino vai se lembrando de algumas passagens da vida dela: quando criança, ela agride o pároco por lhe negar a comunhão porque vestia botas e bombacha na missa; pouco tempo depois, ataca os donos de escravos por maltratá-los. Tais episódios fazem Galdino classificá-la de “destrambelhada”, “cabeça-de-

vento” ou “menina desarranjadinha do juízo”.

A reação de dom Rafael é importante porque através de sua fala se conhece a ideologia predominante naquele momento histórico; além de fixar o presente da protagonista, que prefere fazer “coisas de homens” a realizar as “tarefas de mulheres”. Por meio de tal reação fica claro que aquela sociedade se organiza em papéis sociais bem definidos, distintos para homens e mulheres, e que não é aceitável a mulher sair de sua esfera doméstica e privada para conversar publicamente sobre assuntos tidos como da alçada masculina. Assim se manifesta o padraço:

Outra coisa: a senhora sua mãe anda queixosa de seu comportamento em casa, sabe? [...] Diz mais que suas agulhas e linhas andam espalhadas por toda a casa. Suas roupas... saiba que sua tesoura encontrei-a eu mesmo, ontem, no quintal! Depois, que entende a senhora de políticas? de Regência? de escravidão? Que sabe de guerras? de coisas de homens? Na verdade, a senhora que coisas sabe para discutir em público com forasteiros, às vezes até perigosos? (SANTOS, 1987, p. 41).

Agulhas, linhas e tesoura são elementos constituintes do ofício de costureira, um trabalho atribuído normalmente às mulheres. O fato de Anita abandonar esses utensílios por toda a parte revela que ela não se submete e não aceita as regras sociais impostas às mulheres.

Conforme é possível constatar por meio do fragmento transcrito, a tesoura foi deixada no quintal. Como um objeto cortante, geralmente ela é associada à ação de romper algo, de cortar o vínculo. Na mitologia grega, pode-se fazer associação às Moiras, três irmãs responsáveis pelo fio da vida, que se utilizam da tesoura para cortar esse fio, ou seja, para determinar a morte do indivíduo. No contexto da obra, a tesoura pode representar a ruptura de Anita com as normas sociais, determinando o fim de sua submissão a tais regras.

Um outro dado interessante é que a tesoura de Anita é encontrada no

quintal de sua casa, um lugar intermediário entre o espaço privado e público. Apesar de ser um local pertencente à casa, o quintal é um espaço aberto e, muitas vezes, permite que as pessoas observem a rua. Assim, pode-se interpretar o fato de Anita esquecer o objeto no quintal como um desejo de renunciar ao ofício de costureira e, com ele, às regras impostas às mulheres.

Até o momento do sermão de dom Rafael, a história de Anita é apresentada por meio da voz de outras personagens. No entanto, ao ser questionada pelo padrasto sobre o que sabe a respeito dos “assuntos de homens”, Anita expõe suas ideias e convicções, revelando que tem capacidade de entender as discussões empreendidas pelos homens e formular opiniões próprias, muitas vezes divergentes do raciocínio deles. Comprova, assim, que a mulher tem potencial para interpretar a realidade de modo coerente:

[...] com sua licença, dom Rafael, digo que sou analfabeta mas não sou burra! Escuto as coisas, tchê! Avalio, peso, raciocino... Se dizem que sou violenta, não tenho culpa. Nasci assim, ora! [...] se me tenho metido em entreveros é porque, isso, não tolero. Não posso nem ver. Não aceito, por exemplo, a escravatura. Não me passa um homem ser dono de outro homem. Vomito! Infelizmente nós também ainda somos escravos de um rei... Que coisa é um rei? Um idiota feito ainda mais idiota pelos ladrões que o rodeiam... (SANTOS, 1987, p. 41).

Mais adiante, nas lutas entre farrapos e imperiais, Anita será a mesma mulher, corajosa e determinada que foi em sua infância e adolescência. Garibaldi, precisando deixar Laguna para lutar contra os barcos imperiais, tenta enganar Anita para que ela fique na cidade, mas, para o espanto do italiano, ela não se deixa iludir e se joga às águas para alcançar a frota farroupilha. Assim, a protagonista se mostra como uma mulher diferente das demais, por não aceitar o papel social e o lugar imposto pela sociedade patriarcal e por buscar a realização de seus desejos, mesmo que isso implique adentrar o espaço masculino e participar da guerra como qualquer soldado.

No entanto, mesmo gostando da agitação da guerra, Anita tem que aprender a esperar e a viver com maior tranquilidade por causa de sua gravidez. É uma batalha diferente a que ela tem que enfrentar; uma luta cheia de tédio e monotonia. Então, as coisas que lhe agradam – as aulas de italiano e a aprendizagem de receitas e massas – já não causam divertimento, mas essa inércia que passa por sete meses não lhe impede de alimentar e estimular o seu espírito com livros: “Mas Anita, sempre em sua luta morna para ver passar as horas de fastio, lia realmente [...] Anita lia, sobretudo, política e assuntos que se referissem às sociedades em geral, às guerras da humanidade, à Revolução Francesa...” (SANTOS, 1987, p. 253).

Ao contrário do que ocorre com as mulheres burguesas do século XIX, que leem romances românticos e, muitas vezes, se deleitam com a narrativa por verem seus desejos concretizados na leitura desses livros, a personagem Anita lê sobre política, filosofia e outros assuntos que não são lidos nem discutidos por mulheres. Ela é uma mulher distinta das demais e sua preferência como leitora também é diferente. Isso ocorre porque o narrador apresenta uma mulher que tem conceitos de igualdade e justiça, ideias que suas leituras a ajudam a reafirmar. A política e outros assuntos lidos por Anita geralmente eram vedados às mulheres, por se acreditar que elas não tivessem a capacidade de entendimento desses temas. Assim, a protagonista realiza mais uma ruptura no comportamento social feminino de sua época.

O fato de estar grávida e, posteriormente, com o filho recém-nascido não faz de Anita uma mulher frágil ou vulnerável, nem é empecilho para a sua vontade de lutar, guerrear e fugir das tropas imperiais. Quando Garibaldi lhe conta que Bento Gonçalves sugere que o italiano vá para o Uruguai, Anita o encoraja, já que a

personalidade dela é de uma guerreira e não de uma dona de casa, do tipo que a sociedade da época esperava do sexo feminino: “Ora, vamos nos tocar pro Uruguai. Vamos, sim [...] Vamos às armas de novo, chico, porque, do que não gosto é de jogo de prendas, é de lavar roupas, é de varrer casa...” (SANTOS, 1987, p. 278). Aqui se evidencia claramente o desprezo da protagonista pelas tarefas domésticas e seu afã pela guerra, ou seja, ela repudia o modo de viver encerrado e se deleita em participar do espaço público, destinado aos homens.

Em *A guerrilheira*, Anita é descrita como uma mulher de comportamento distinto daquele que se espera de uma pessoa do sexo feminino de seu tempo. No início da obra, quando participa do serão da botica, ela se encontra em um lugar público e conversa com um homem que não conhece, o que leva seu padrasto a chamar-lhe a atenção, como já se viu anteriormente, pois, o que se deduz é que, para a sociedade daquela época, esse ato poderia ser considerado um escândalo.

Historicamente, entretanto, há indícios de que naquela região talvez a sociedade não fosse tão tradicional, como já se enunciou anteriormente. O botânico francês Auguste de Saint-Hilaire traz uma descrição das mulheres da província de Santa Catarina do início do século XIX, mencionando a presença das mulheres nas ruas da cidade – o que era raro em outras regiões do Brasil nas quais ele esteve –, destacando uma sociabilidade maior por parte delas e um comportamento feminino não tão recatado como se costumava encontrar naquela época, no interior do Brasil:

Elas não se escondem à aproximação dos homens e retribuem os cumprimentos que lhe são dirigidos. [...] Elas não demonstram o menor embaraço, e às vezes chegam mesmo a ter um certo encanto; [...] mas quando andam pelas ruas em grupos, colocam-se geralmente ao lado uma das outras; não receiam dar o braço aos homens e, muitas vezes, chegam a fazer passeio pelo campo. Para sair, elas não se envolvem num manto negro ou numa capa grossa [...] (apud PEDRO, 2002, p. 279).

Joana Maria Pedro assevera que essa imagem das mulheres de Santa

Catarina, como mais sociáveis do que as mulheres de outras regiões, é constante nos relatos dos viajantes do início do século XIX, lembrando que esses autores sempre se referem às mulheres brancas de famílias abastadas, ou seja, burguesas, pois não se interessavam em comentar o comportamento das mulheres pobres. Essas últimas tinham maior acesso às ruas e podiam ser vistas com mais frequência em lugares públicos.

Langsdorff, no ano de 1804, também destaca que na cidade de Desterro, atual Florianópolis, “[...] o belo sexo recebe com muita gentileza os hóspedes e, em geral, não vive retraído ou confinado como na própria terra natal, Portugal” (apud MARKUN, 2003, p. 134). O navegador francês Louis Isidore Duperrey também observou essa característica, mas afirmando que “existe em seus costumes algo que parecia contraditório com a vida retirada que elas levam no campo, pois que freqüentemente fazem amizade com os marinheiros que aportam em suas costas” (apud MARKUN, 2003, p. 135).

Se essas descrições das mulheres do Desterro podem ser aplicadas às mulheres de Laguna, talvez o que se pensa atualmente sobre a vida das mulheres no início do século XIX seja um pouco diferente para aquela região. Desses registros históricos valem-se os historiadores e Felício dos Santos para construir uma Anita que nega o papel de dona de casa e que tem certo espírito de rebeldia.

Conforme a autora Lúcia O. Zolin assevera em seu texto “Crítica Feminista”, os autores canônicos representam a figura feminina como mulher sedutora, mulher megera ou mulher-anjo. O romance de João Felício dos Santos, contudo, não perpetua boa parte dos valores tradicionalmente presentes nas obras canônicas de autoria masculina que reproduzem as personagens femininas de modo bastante esquemático e estereotipado.

Apesar do fascínio que desperta em Garibaldi, Anita não se encaixa no molde da mulher que seduz o homem somente para tirar vantagens e muito menos é descrita como uma mulher má, que não se importa com os demais. A característica principal da mulher-anjo é a sua abnegação, o que não ocorre com a protagonista de *A guerrilheira*. A imagem dela é de uma mulher audaciosa que abandona sua vida em Laguna para ficar ao lado do italiano Giuseppe Garibaldi, lutando por justiça e igualdade entre os homens.

A Anita de Felício dos Santos sempre busca a satisfação pessoal, seja para frequentar lugares que são vedados às mulheres, seja para usar roupas confortáveis como calças e bombachas, ou mesmo para conquistar um homem, como ela faz com Manuel. Ela é uma mulher de vontades próprias, que não está acorrentada aos estereótipos sociais e que tem coragem de lutar por aquilo que julga o melhor para si e para os demais.

A sociedade descrita no romance é construída sobre parâmetros estabelecidos pelo patriarcalismo. O padrasto de Anita, por exemplo, tenta educá-la dentro das convenções sociais, segundo as quais a mulher deve cuidar da casa e das tarefas domésticas, restringindo-se a permanecer no espaço privado do lar, enquanto o espaço público é por tradição um lugar masculino. Assim também a guerra: é consenso que esse é um assunto a ser tratado pelos homens. Contudo, a personagem não se submete a essas regras sociais que marcam a mulher como um ser submisso, resignado, que não possui voz para impor seus desejos e pensamentos.

A Crítica Feminista utiliza os termos de “mulher-objeto” e “mulher-sujeito”, segundo Zolin (2005, p. 183), para caracterizar o comportamento feminino diante dos parâmetros sociais estabelecidos: a primeira seria um tipo de mulher que se

define pela submissão às normas, não impondo as suas vontades; já a segunda se caracteriza pela insubordinação ao paradigma e pela imposição de seus anseios. A protagonista de João Felício dos Santos, apesar da autoria masculina, tem características da “mulher-sujeito”, que tenta subverter a ordem patriarcal ao ser caracterizada como uma mulher inconformada com as normas sociais impostas às mulheres e aos escravos e que transforma as regras, lutando por liberdade e satisfazendo os seus anseios.

A demarcação das atividades masculinas e femininas está presente na bronca que dom Rafael dá em Anita, em que esclarece que a enteada não realiza as incumbências domésticas que lhe cabem, como bordar e costurar, para executar atividades que são culturalmente do âmbito masculino: andar a cavalo sozinha e sem rumo, frequentar lugares públicos como o mercado e a botica da cidade, conversar sobre a revolução farroupilha com pessoas que não conhece e se declarar a favor dos revolucionários. Todas essas atitudes de Anita são sinal de sua insubordinação a um modelo que estabelece a opressão feminina.

Pode-se dizer que a personagem é a favorável à igualdade dos sexos, pois não consegue entender porque há lugares e assuntos diferentes para homens e mulheres. Ela quer o direito de também executar as mesmas tarefas atribuídas aos homens, frequentar lugares públicos e discutir assuntos considerados masculinos.

Outra atitude da personagem que marca a ruptura das convenções sociais é não abaixar os olhos em sinal de submissão, especialmente quando conversa com os homens, o que espanta e desequilibra seu interlocutor por não estar acostumado com essa atitude vinda de mulheres. É assim com o general farroupilha Canabarro – pois ele, ao aproximar-se dela na praia de Laguna, “fixou os olhos severos na guria. Embaraçou-se, porém. É que Anita sustentou o olhar dentro de

seus olhos sem nenhum receio” (SANTOS, 1987, p. 113) –, que se irrita com tamanha petulância, pois é aceito culturalmente que as mulheres não encarem os homens quando conversam, principalmente se não os conhecem.

O mesmo procedimento ela tem com o general imperial Albuquerque, quando esse a faz prisioneira em Curitiba:

Anita insistiu, sem baixar os olhos, não obstante a força do olhar de Albuquerque. Este era um tipo de duelo que, em qualquer circunstância, sempre lhe agradava:

- Garibaldi morreu?

Albuquerque manteve o olhar mas já não tão seguro. Mesmo tendo percebido o jogo de sua prisioneira. Impressionante o jeito de Anita! Sua coragem... sua altivez! (SANTOS, 1987, p. 213).

A personagem, marcada por sua bravura e coragem, pode concretizar o seu ideal de lutar pela liberdade e igualdade entre os homens ao entrar para o exército dos farrapos. Se antes de conhecer Garibaldi ela dá mostras de não tolerar as regras sociais que diferenciam os papéis masculinos e femininos, na Revolução Farroupilha ela vai corroborar sua tese de que as mulheres conseguem realizar as mesmas tarefas dos homens e com a mesma eficácia porque elas também são dotadas de qualidades.

No romance *A guerrilheira*, há muitas personagens secundárias que são criadas pelo autor para colaborar na progressão do enredo; personagens que não são históricas, mas cuja função é ajudar a construir o pano de fundo histórico. Por exemplo, são personagens como o droguista Chaves, o médico Teodoro e o escrivão Galdino, entre outras, que se reúnem nos serões realizados na botica da cidade e que explicitam no enredo a política do Brasil de 1830 a 1840 e os diversos partidos políticos existentes naquela época, pois cada personagem tem uma ideologia diferente.

Outro exemplo é Ferrabraz, escravo de uma família rica de Morrinhos, que conhece Anita e ouve as pessoas comentarem que os farroupilhas, além de

almejem a República, também querem a abolição da escravatura. Motivado por tais ideias, ele foge de seus donos e consegue encontrar Anita em Lages, integrando-se ao exército farrapo. Mesmo que a história de Ferrabraz seja uma invenção, ela não pode deixar de propor uma versão à historiografia, pois os farrapos eram compostos por inúmeros escravos que desejavam a liberdade e é verossímil que alguns deles tenham combatido ao lado dos farroupilhas por causa de Anita, ou mesmo que a tenham conhecido antes de se tornar a mulher de Garibaldi.

O mesmo fato pode ter ocorrido com a personagem Licota, amiga de Anita, dos tempos de solteira. O historiador Lindolfo Collor (1977, p. 264) apenas cita o nome dessa colega, assim como Valentim Valente (1949, p. 39), sem oferecer nenhum acontecimento que envolvesse ambas, e nem mesmo menciona alguma característica dela. Felício dos Santos pode ter tirado desses livros o nome de sua personagem. É verossímil que Anita tivesse uma grande amiga quando solteira, a quem podia acorrer quando precisasse. No romance, é Licota quem cuida do cavalo da amiga e é para ela que Anita pergunta sobre sua família, antes de partir da cidade.

Um fato interessante apresentado pelo romance, envolvendo as duas amigas, ocorre quando, após um combate, às margens do rio Pelotas, Anita procura uma clareira no mato e, invocando orixás, manda um recado para sua amiga que está em Morrinhos. Conforme Wolfgang L. Rau (1975), a região sul do Brasil não teve uma cultura africana muito arraigada e as mulheres se dedicavam, evidentemente, ao catolicismo. A pesquisadora Joana Maria Pedro (2002, p. 280), da mesma forma, aponta que o litoral de Santa Catarina

[...] foi povoado de forma planejada a partir de meados do século XVIII, com casais oriundos das ilhas dos Açores e da Madeira. Essa

forma de povoamento iria se repetir em meados do século XIX, como parte de um projeto de 'branqueamento' e de preenchimento de 'vazios' territoriais [...]

Assim, a região foi povoada por um grupo predominantemente europeu, sendo a presença negra bastante pequena e de pouca influência na cultura local. Em *A guerrilheira* o autor descreve Anita como uma pessoa conhecedora e praticante da religião africana – o que provavelmente não aconteceu – e Licota é a personagem que compartilha com ela esse conhecimento. A imagem que o escritor mineiro elabora de sua protagonista é de uma mulher mulata, adepta das religiões afro-brasileiras como o candomblé, que é uma das marcas da cultura brasileira de outras regiões, naquele momento. Assim, o autor atribui a Anita um traço brasileiro em geral, mas pouco frequente naquela zona.

Desse modo, as personagens inventadas pelo autor vão deixando a sua contribuição na narração da vida de Anita Garibaldi e na constituição do cenário da sociedade em que a protagonista vive, em uma combinação entre a história e a ficção, já que, mesmo na posição de seres imaginários, construídos no papel, eles se concretizam no tecido literário e são modelados pela ideologia do autor ao criar a trama ficcional.

O autor João Felício dos Santos também enfoca a sua personagem Anita Garibaldi no contexto da esfera privada, mas não para reforçar a ideia de muitos historiadores de que Anita teria sido uma mãe exemplar e dona de casa que se encaixa nos moldes da sociedade. Ao contrário, a protagonista é avessa às tarefas domésticas e nunca desempenhou o papel de mulher burguesa, como exigia a sociedade. Sua principal característica dentro da esfera privada é de transgressão: ela não consegue e não quer exercer as atividades impostas às mulheres e vai em busca daquilo que lhe apraz, que corresponde ao espaço público e às atividades e assuntos normalmente da alçada masculina.

Nesse sentido, o autor de *A guerrilheira* diverge de vários autores que afirmam ter sido Anita Garibaldi uma dona de casa admirável. Ele cria sua personagem como uma mulher fora dos padrões estabelecidos na época em que ela viveu, destacando os rompimentos com a esfera privada e exaltando a sua atuação na esfera pública. Desse modo, a heroicidade de Anita consiste não apenas na sua esplêndida participação na guerra, mas também na refutação dos papéis femininos da sociedade.

No entanto, há alguns trechos do romance em que a protagonista é descrita como uma mulher submissa ao homem. Quando está grávida, Anita começa a aprender e a preparar “receitas de doces, polentas e massas”, pois esses seriam pratos que Garibaldi degustava na Itália. Outro exemplo ocorre com relação à tropa: “Obedecendo ordens do marido, Anita não se afastava do meio da tropa. Ia entre os dois pelotões, zangada com a inércia a que era obrigada pela posição na marcha” (SANTOS, 1987, p. 207). Essas afirmações são incongruentes com a personalidade da protagonista, que vinha sendo descrita no romance: uma mulher que não se deixa ser comandada por qualquer pessoa, especialmente os homens, e que é totalmente avessa às tarefas domésticas. No entanto, mesmo construindo uma personagem feminina que foge dos padrões da sociedade, o autor Felício dos Santos parece não conseguir se libertar totalmente da ideologia patriarcal que ainda influencia a sociedade brasileira do final do século XX.

O título *A guerrilheira* refere-se à atuação de Anita no universo público, na guerra, pois a protagonista não tem nenhuma afinidade ou gosto por qualquer coisa relacionada ao espaço privado. A sua atitude é a de uma donzela-guerreira, que, como Palas Atena, “[...] representa a transgressão do papel tradicional da mulher, submetida historicamente aos desejos masculinos e insere-a no mundo das

guerras, espaço dos homens, transitando neste mundo como uma vencedora” (VASCONCELOS, 1998, p. 124). Por ser vitoriosa na esfera pública, a protagonista de Felício dos Santos renuncia totalmente ao estereótipo de mulher burguesa, o qual nunca preencheu suas expectativas, para ser uma autêntica guerrilheira nos campos de batalha.

No romance *Anita*, de Flávio Aguiar, o mulato Costa é o elemento primordial que desencadeia no enredo vários acontecimentos relacionados a Anita Garibaldi. Um desses fatos é o casamento dela com Garibaldi; sabe-se que Anita casa-se com o italiano no Uruguai, como se pode verificar no livro de Rau.

O historiador traduziu os documentos das atas antenupciais: na primeira, redigida pelo próprio Garibaldi, ele afirma ser solteiro e querer casar-se com Anita. A segunda, feita pelo tabelião, registra que Dona Ana Maria de Jesus se declara solteira e que também quer contrair matrimônio e que “sua Sra. mãe expôs lhe dava e deu licença e benção materna para que possa casar-se com o dito Garibaldi” (RAU, 1975, p. 235). Os textos históricos apontam que o casamento foi forjado e justificado historicamente por Garibaldi, no que é seguido pelos historiadores que mitificam Anita, já que não havia nenhuma comprovação da viuvez dela. Também é dado por certo que a mãe de Anita não foi ao Uruguai e que outra mulher se fez passar por dona Maria Antonia.

Em *Anita*, Costa se torna o elemento-chave para o desenrolar da ação e, assim, o romance oferece a sua leitura para o episódio do casamento de Garibaldi e Anita:

Por intervenção de Costa, essa providencial mãe foi desempenhada pela Generosa, que, assim, voltou momentaneamente às glórias de sua carreira artística. Chegou até a derramar lágrimas furtivas na igreja de São Bernardino, quando a noiva, às 11 da manhã de 26 de março de 1842, adentrou pela porta principal (AGUIAR, 1999, p. 140).

O narrador de *Anita* revela aos seus leitores o propósito da personagem Anita querer oficializar a união com Garibaldi, pois esse:

[...] era o alvo preferido de um sem-número de olhares e suspiros femininos em Montevideu, e aquilo exasperava Anita, que se ressentia do fato de não ter dinheiro para comprar um vestido, um sapato novo, um chapéu dos franceses, que as lojas, apesar da guerra, ostentavam nas vitrines. Queria assim publicar o seu estado e que aquele italiano carismático e apaixonante tinha quem o esperasse todas as noites em casa (AGUIAR, 1999, p. 140).

No trecho transcrito, percebe-se que Anita tem suas preocupações de mulher – um estereótipo da mulher burguesa do século XIX: o ciúme do marido e a mágoa de não poder comprar roupas novas. Também se verifica que a Anita de Aguiar em alguns momentos se deixa levar por aquilo que a sociedade impõe, como arrumar-se para o seu amado e comprar roupas, sapatos e acessórios novos. Mas esses momentos são estimulados por sua condição de mulher do legionário italiano, por querer ostentar o título de esposa legítima às outras mulheres que têm condições financeiras de se arrumarem e de se vestirem para atrair a atenção dos homens.

É como se a situação específica vivida no Uruguai a fizesse proceder de determinada maneira. No sul do Brasil, ocorria uma guerra que propicia a Anita adentrar o universo masculino, o que não ocorreu em Montevideu, pois ela não pôde participar da guerra. No Uruguai, ela é obrigada a viver dentro dos padrões estabelecidos pela sociedade. Em alguns momentos do romance de Flávio Aguiar, a personagem tende a querer viver como uma mulher burguesa, como demonstra o trecho anteriormente citado.

Entretanto, há alguns trechos do romance de Aguiar em que Anita refuta tal ideologia. Na Itália, quando os legionários fogem dos austríacos, e Anita já se encontra muito doente, Garibaldi quer que ela fique em San Marino e o padre Bassi tenta convencê-la de que o marido está certo:

Entraram na casa. Bassi subiu. Costa ficou embaixo, e ouviu o vozerio em cima [...]

- Sabes o que ela pediu? Sabes? Que lhe compremos outro vestido, ou que se troque o que ela ganhou em Cetona por algo mais prático para montar. Diz que se vamos, se Giuseppe vai, ela vai, e ninguém vai obrigá-la a ficar, nem ele! Que quem decide o seu destino é ela, e mais ninguém... (AGUIAR, 1999, p. 234).

Se por um lado Anita se deixa levar pelo estereótipo de mulher burguesa, por querer bens materiais, aqui o narrador reafirma a negativa de Anita em aceitar esse papel, pois isso implica ficar longe de seu marido. Verifica-se que não é o fato de Anita ser uma mulher exemplar no espaço privado que se quer descrever, mas sim o caráter da personagem.

No fragmento transcrito, confirmam-se as características de Anita que o narrador apresenta no início do enredo: que “Ana era impulsiva, dona de vontades próprias”. É isso que se verifica ao longo da narrativa: ela tem seus desejos e luta para que eles sejam realizados – o que faz da personagem uma mulher diferente da maioria das outras, que submetem sua vontade à dos homens e que não possuem voz para impor os seus desejos, ou não têm como impor sua vontade. Anita faz com que suas vontades sempre sejam realizadas por meio de suas atitudes, ações e palavras.

O fato de Anita ser ou não alfabetizada será aproveitado por Aguiar: Costa será o responsável por ensinar Anita a ler e a escrever. O interessante é o fato de um negro, filho de escrava, ensinar uma mulher a ler em pleno século XIX, quando ambos, mulher e negro, não têm voz nem acesso à escrita na sociedade patriarcalista. Costa é uma exceção dentro da narrativa, já que nunca foi escravo e aprendeu a ler e a escrever com a mãe. Anita não é uma mulher da burguesia e, naquela época, são raras as pessoas do povo que são alfabetizadas, mas ela, intuitivamente, percebe a importância da leitura e da escrita e busca tal conhecimento, quando a situação lhe é favorável.

Assim, em seu romance, Aguiar apresenta a versão de que Anita era alfabetizada. A oportunidade desse aprendizado surge quando a personagem vive no Uruguai: Garibaldi tenta ganhar um dinheiro lecionando e Anita cuida da casa e dos filhos, bem de acordo com o papel reservado à mulher burguesa na época. O casal Garibaldi vive com muito poucos recursos e Anita, que tem o desejo de aprender a ler, precisa convencer Costa de ser seu professor e seu cúmplice em relação às costuras, já que Garibaldi não permite que sua mulher o auxilie nas despesas da casa:

Posso costurar, remendar, consertar roupas, e o senhor é a pessoa adequada para me ajudar nisto, porque o Giuseppe não pode saber nada. As aulas também serão de proveito para que ele não saiba das costuras. O senhor pode levar e trazer encomendas, sem que ele nem mais ninguém desconfie. (AGUIAR, 1999, p. 135)

Quanto às costuras, a historiografia afirma que Anita as utiliza para as despesas domésticas. O ofício de costurar, para a sociedade influenciada pela ideologia patriarcal, só é aceitável para as mulheres se essas costurarem para os membros da família. Se for utilizada para o sustento da casa, torna-se uma forma da mulher sair do ambiente privado, o que se torna transgressão das normas sociais.

No romance, Anita costura para ajudar nas despesas da casa e está relacionado com as aulas de leitura, ambos ligados ao universo masculino, do qual Anita tenta se apropriar. Costa torna-se o principal elemento para os dois acontecimentos: para aprendizagem de Anita e para o ofício de costureira. Desse modo, além de explicar, sob a ótica da ficção, como Anita arranja as costuras, o narrador introduz aqui um dos fatos mais importantes para essa personagem: a sua alfabetização.

A preocupação de Anita ao longo do romance de Flávio Aguiar é entrar no

universo da leitura. A personagem é apresentada, inicialmente, como uma mulher que não sabe ler e que vê em Costa a possibilidade de ter o seu desejo realizado. O livro pelo qual Anita começa a ser alfabetizada é o de histórias de santos, que havia sido da mãe de Costa. Várias histórias desse livro falavam de mulheres que tinham uma vida “desregrada”, conforme a visão da sociedade, e que, ao serem convertidas, disfarçavam-se de monges, frequentavam o universo masculino e tinha a identidade descoberta apenas quando morriam. Essa é uma excelente metáfora para desmitificar as histórias das santas, pois, como qualquer relato, são construções discursivas, manejadas por outras pessoas para exaltar a sua imagem. A apresentação da mulher que se disfarça de homem para ingressar na Igreja (e, assim, ter acesso à escrita que era considerado próprio do universo masculino) não deixa de ser uma variante da mulher guerreira.

Na verdade é isso o que acontece com a personagem histórica Anita depois de sua morte: ela é praticamente santificada por Garibaldi em suas *Memórias* e, posteriormente, pelos demais historiadores que manipulam o discurso e constroem um modelo de mulher que beira a perfeição. O romance *Anita*, então, quer apresentá-la sem essa mitificação, sugerindo que ela talvez não fosse tão “perfeita”, como Garibaldi a descreve.

Pode-se dizer que o interesse de Anita pelas histórias de santas, no romance, centralize-se no fato de a personagem gostar de se vestir como um homem e guerrear como um deles, como é particular da figura da donzela-guerreira, mas sem que isso demonstre que ela quer ser um deles. Parece que ela procura uma igualdade entre os sexos, embora sem nunca tê-lo dito, que inconscientemente determina suas ações.

O fato de saber ler é tão importante para Anita que, mesmo doente, isso a

preocupa: em seus últimos dias, fugindo dos austríacos, ela apoia a cabeça no ombro de Costa, perguntando-lhe se já sabia ler. N'Dry, a mãe de Costa, quando está na África, orgulha-se por ter aprendido a ler e a escrever e o seu conhecimento causa inveja às pessoas ao seu redor; por isso, o marido a vende como escrava. Convém lembrar que o letramento era um orgulho às mulheres de inícios do século XIX, pois, nesta época, essa era uma habilidade para poucos e quase exclusiva dos homens.

A obra *Anita* abarca a história da primeira metade do século XIX até os anos de 1860, no Brasil e na Europa, época em que a leitura é exclusividade de um grupo seletivo, no qual as mulheres começam a ingressar gradativamente como resultado da Revolução Industrial. Por isso, N'Dry se sente superior às outras mulheres, e provavelmente, Anita também soubesse da importância da leitura. A narrativa descreve essas duas personagens lendo apenas livros religiosos e as histórias com que elas se encantam são de mulheres que mudam o seu próprio destino. É como se a leitura pudesse ajudá-las a mudar o rumo de suas vidas.

No caso de N'Dry, ela muda o seu destino e o de seu filho quando resolve seduzir um negociante português que os leva para o Brasil, porque ela temia por suas vidas. Isso não é exatamente o que uma santa faria, pelo contrário; a mãe de Costa não se deixa levar pela sedução, mas trata-se de um componente bastante comum em histórias românticas do período. N'Dry, na realidade, quer se libertar da escravidão a qualquer preço, mesmo que isso implique ser cafetina e amante de alguém que detinha o poder. Na verdade, com tais personagens Flávio Aguiar, de certo modo, trata de romper o cânone patriarcal.

A oportunidade de Anita aprender a ler surge, então, no Uruguai, paradoxalmente associada à costura. Sabe-se, no entanto, que a origem das

palavras texto e tecido é a mesma. Anita, então, une o seu papel social de mulher à aprendizagem da leitura e escrita. Costurar sempre foi um trabalho atribuído socialmente às mulheres e a personagem, assim, não estaria fazendo nada de especial. A novidade está no fato de uma mulher branca ser alfabetizada por um negro, como já se comentou anteriormente. Aliás, a leitura é um assunto presente na vida de Costa e Anita desde a sua primeira conversa:

- Não sei ler, senhor Talco. Minha mãe ensinou-me alguma coisa em criança, mas muito pouco.

Ela cravou os olhos nele:

- Gostaria que alguém me ensinasse.

[...]

- E o que a leva a crer que eu teria, senhora?

- Já vi como gosta dos livros, já vi que escreve. O senhor parece gostar das letras. E este livro, o que é?

Talco contou-lhe, de modo resumido, a história do livro. Deu-se conta de que estava, na verdade, contando para ela a sua própria história [...]

- Sabe, senhor Talco, essa história que me contou é muito bonita. É engraçado. Os homens como o senhor em geral são rudes, mal sabem falar, muitas vezes se dão melhor com seus cavalos do que com moças num salão. O senhor não [...] Afinal, eu mesma quis mudar de destino, como o senhor está mudando (AGUIAR, 1999, p. 100).

Como se percebe, a leitura é o assunto que surge nesse primeiro diálogo entre eles e será uma preocupação constante de Anita, porque ela tem consciência da importância da leitura e do conhecimento que poderia obter por meio das letras, adentrando, assim, no universo masculino. Observadora, ela percebe a paixão de Costa pelos livros, bem como o fato de ele não se assemelhar aos demais homens, por ser letrado. Assim, a leitura é considerada por Anita um fator de mudança. Ela acredita ter mudado sua vida ao seguir Garibaldi, mas sente que algo lhe falta e encontra em Costa a esperança de poder ser uma pessoa alfabetizada.

O romance coloca Anita Garibaldi não só diferente de outras mulheres por causa da leitura, mas também porque ela muda a sua vida para seguir Garibaldi e lutar pela república. Além de Anita outras mulheres seguiam os soldados no

exército farroupilha, como se pode constatar no seguinte fragmento: “[...] algumas seguiam os seus homens, outras simplesmente seguiam os homens, e todas aumentavam o tom colorido do passar das tropas” (AGUIAR, 1999, p. 105).

Contudo, Anita não era a mulher de um soldado raso, mas sim a companheira de um italiano exilado de seu país, por ter participado de um movimento contra a monarquia. Ao lado de Garibaldi, ela luta e incentiva os soldados. Mesmo doente, ela segue batalhando, como o narrador comenta quando da tomada de uma guarnição austríaca na Itália: “O oficial em comando, mal desperto, ficou boquiaberto ao se ver, em seu quarto, na estalagem improvisada em quartel [...] uma mulher de cabelos negros e olhar febril, porém vibrante, que lhe apontava uma pistola ao peito” (AGUIAR, 1999, p. 236).

Nesse sentido, a obra de Aguiar também perpetua a visão de uma mulher dona de suas vontades e guerreira transmitida pela história e, com isso, não descreve Anita como uma mulher exemplar dentro da esfera privada, sendo dona de casa e mãe abnegada. As atuações de Anita que poderiam estar relacionadas ao modo de viver do espaço privado (como cuidar de doentes) aparecem na narrativa com outros objetivos, como se verá adiante, no diálogo entre Costa e Anita.

No Uruguai, Costa entra para a legião italiana formada por Garibaldi. Nas guerras, alguns homens saqueiam mortos e feridos e roubam dinheiro e mercadoria dos navios. Costa entra para esse “negócio”. Na cidade de Salto, em 1840, ele encontra Anita cuidando dos feridos. Ela puxa a conversa:

- Tinha pensado em lhe falar depois, com mais calma, senhor [...]
- O que posso ter-lhe feito para causar algum desagrado? Diga-me, e eu terei pressa em desfazê-lo.
- Para mim nada, senhor. Só tenho boas recordações, e tenho aproveitado muito os ensinamentos que me deu [...] Mas me preocupo com as companhias em que o senhor anda, e tenho

ouvido que o senhor se dedica à venda de trastes que consegue nas batalhas. Tivesse a vida que tivesse, o tenente Talco jamais faria isso (AGUIAR, 1999, p. 159).

Além de impor suas vontades, Anita tem voz para falar aquilo que pensa e sente e não se intimida em dizer o que quer. Ela sabe dos saques feitos por Costa; não acha certo e sabe que precisa dizê-lo, pois não consegue se calar frente a uma situação que considera incorreta, mas isso pode ser considerado falso moralismo, pois, afinal, as posses não fariam falta aos mortos. Ademais, a personagem Anita não se preocupa com outras normas, como ser casada e ir embora com outro homem, em adentrar em um espaço masculino – a guerra, por exemplo – e dele fazer parte, mas recrimina Costa por se dedicar “à venda de trastes”, que não serviam mais aos seus donos. Esse trecho, despercebidamente, pode ser lido como mais uma atitude de heroísmo da personagem, que não tem medo de dizer o que acha correto ou não. Contudo, o momento vivido é de guerra, e, nesse contexto, o ato de Costa não seria algo tão ilícito, pois ele “furta os trastes” dos mortos para revender e, assim, poder sobreviver.

Anita é descrita no romance como uma mulher diferente das outras de sua época, porque escolhe a vida que quer viver, isto é, seguir Garibaldi e lutar a seu lado nos combates pela independência e também porque batalha por suas vontades e fala aquilo que pensa. A personagem é descrita como uma mulher-sujeito, de ação e de palavra. Mesmo quando é dona de casa, no Uruguai, ela consegue realizar seu desejo de ler, com o auxílio de Costa, além de oficializar o seu relacionamento com Garibaldi. Como se pode perceber, o “mulato” é uma pessoa importante na trajetória da heroína, estando presente nos principais momentos da vida que Ana Maria de Jesus Ribeiro escolheu para si: ser Anita Garibaldi, a esposa de Giuseppe Garibaldi.

Em *Anita Garibaldi*, de Julio A. Sierra, percebe-se que, na primeira parte do

romance, o narrador constrói a personalidade de sua protagonista como uma moça que se sente livre para andar pelo espaço público e cavalgar sem destino pelos arredores da vila. Assim, ela quebra com o paradigma patriarcal que dita que a mulher deve se restringir ao espaço privado. Mas o romance também apresenta Anita como uma pessoa que é capaz de se sacrificar para o bem estar das pessoas, na visão do narrador que coloca a atitude de Anita de despojar-se de seus desejos como algo louvável. Como está no subtítulo do livro de Sierra, Anita é, ao mesmo tempo, uma mulher guerreira e heroína: guerreira, porque luta com ardor por seus ideais de justiça, liberdade e igualdade; heroína, porque sabe renegar suas vontades para acatar algo em benefício dos outros, o que incoerentemente a colocaria dentro do papel que a sociedade tradicional reserva para as mulheres.

Os episódios narrados na primeira parte do romance, como afirma o narrador, teriam sido relatados por Anita a Garibaldi, já que se trata da vida da personagem antes de conhecer o italiano. Isto é, a protagonista conta os episódios de sua infância e juventude a Garibaldi, dando sua interpretação. O herói italiano, ao final de sua vida, repassa-os à sua maneira para o narrador.

Assim, Anita seria uma mulher avessa aos afazeres da casa. Todavia, ela não titubeia em cuidar da casa: quando sua irmã mais velha se casa e vai para o Rio de Janeiro, Anita assume o comando das tarefas domésticas e, inclusive, chega a costurar para algumas vizinhas para conseguir algum dinheiro. Aqui já se manifesta o caráter de doação da personagem, que se preocupa com o bem estar dos seus.

O narrador descreve a transformação no temperamento de Anita para justificar a mudança que ela apresentará quando sua mãe impuser o casamento com o sapateiro. No entanto, essa primeira alteração na sua vida não a faz parar de

cavalgar sozinha e de tomar banho de mar, o que ainda leva as pessoas a censurá-la:

- *No está bien que pases tanto tiempo en la playa – la censuraban las hermanas.*
- *Mi madre dice que no es decente que una niña de su casa se bañe en el mar – recomendó una de las amigas* (SIERRA, 2003, p. 25).

Percebe-se que as proibições partem das próprias mulheres, que julgam as atitudes de Anita, mantendo as tradições que receberam de suas mães, o que revela que, muitas vezes, é a própria mulher quem mantém e repassa às outras os códigos morais impostos pela sociedade. Aquelas que criticam ou quebram essas normas são condenadas também pelas mulheres.

Pode-se perceber que os lugares frequentados por Anita – praia e mar – são símbolos femininos ligados à água, à fertilidade, à pureza e à vida. Mesmo sendo espaços abertos, eles estão relacionados à mulher.

O modo “rebelde” e decidido de agir e pensar de Anita leva sua mãe a arranjar-lhe um casamento: *“María Bento [...] no dudaba de la vieja costumbre de casar jóvenes a las hijas. Pero con Aninha estaba decidida a acelerar la entrega en matrimonio. Bien sabía ella que sólo un marido podía domar la rebeldía de su Aninha”* (SIERRA, 2003, p. 19). Para a mãe, a correção do modo de ser de sua filha só pode ser feito por um homem, como se ele fosse a solução de todos os “problemas” da família e da sociedade.

Quem auxilia María Bento na busca de um marido para Anita e na tentativa de convencê-la a aceitar as bodas é o padre Francisco, evidentemente defendendo os pontos de vista da religião. Os argumentos dele soam-lhe muito forte: *“Manuel es un buen hombre y velará por ti y por tu familia. Hazlo aunque más no sea por eso. Tus hermanas y hermanos menores encontrarán así un alivio a la extrema pobreza en la que los dejó tu padre”* (SIERRA, 2003, p. 41-42).

Apesar de seu caráter decidido e de ser dona de suas vontades, Anita aceita as bodas como se fosse seu destino irremediável. Esse fato é apresentado pelo narrador como um ato de abnegação e desprendimento da heroína, de acordo com o que se espera da mulher passiva: “*Hasta ese momento había derramado lágrimas y había protestado contra la imposición de aquel novio no deseado. Pero ahora tendría que aceptar su destino como un sacrificio por la familia*” (SIERRA, 2003, p. 42).

A imagem de Anita, nesse momento, é de uma mártir que sacrifica a sua vida em favor dos mais necessitados, que são seus irmãos menores. Mesmo tendo sido uma garota indomável, que fazia o que lhe dava vontade, sem prestar contas a ninguém, a protagonista é descrita como uma mulher capaz de deixar a vida de liberdade que tanto quer e de se submeter a um casamento arranjado. Essa sujeição de Anita chega a ser incongruente com a imagem que se vinha construindo da protagonista, como uma jovem que não se importa com a sociedade, mas somente consigo mesma.

No entanto, a ideologia aqui expressa – e que já está manifestada quando Anita assume os cuidados domésticos – é que a heroína sabe se desprender das coisas que trazem benefícios somente para si para aceitar algo que lhe tolhe, de certa forma, sua liberdade, mas que traz proveito para outras pessoas mais necessitadas, o que também reitera o papel da mulher abnegada, imposto pela sociedade.

É assim que ela age, por exemplo, ao final de uma batalha: “*Cuando la acción imponía una pausa, la implacable guerrera se convirtió en dedicada enfermera con la palabra justa para consolar a los jóvenes soldados heridos*” (SIERRA, 2003, p. 119). Mesmo sendo uma mulher guerreira no campo de batalha,

ela sabe também desempenhar as funções de enfermeira, função considerada feminina porque, conforme pensava a sociedade, a mulher sabe ter cuidados com os doentes e feridos e, assim, eles teriam um consolo maternal.

Ao viver em Montevideu com Garibaldi, Anita se torna uma mãe e esposa zelosa, apesar de sua vontade de guerrear, como se percebe na fala da personagem a doña Bernardina: *“A veces siento que esta nueva situación de ama de casa y de madre me alejan de la lucha por la libertad y la justicia. Pero también sé que debo cuidar a mis hijos y mantener tibio el hogar para cada regreso de José”* (SIERRA, 2003, p. 204). Assim, Anita seria uma mulher louvável em todos os sentidos e em todos os momentos.

A imagem de Anita como uma santa que enfrenta o seu martírio com resignação, conforme a ideologia do narrador, está também expressa nas cartas da personagem, em especial, em uma mensagem que ela envia a seu tio Antonio, comentando o seu casamento com Manuel: *“Usted puede imaginar la iglesia engalanada para la ceremonia, con la alfombra roja de las solemnidades extendida desde el atrio hasta el altar. A mí me parecía un río de sangre”* (SIERRA, 2003, p. 52).

Nesse trecho, ela expressa o que seria uma das piores provações (ter a sua liberdade cassada), quando atravessa o tapete vermelho da igreja, o que simbolizaria o seu “martírio”, para se casar com alguém que não ama e cuja personalidade se distingue consideravelmente da sua. Ainda nessa mensagem, ela revela que sua pureza não é manchada nem mesmo no casamento: *“Quiero que sepa que mi casamiento no es un casamiento verdadero. Desde el comienzo me rehusé a ir a la cama con Manuel, y él no insistió, por lo menos hasta ahora”* (SIERRA, 2003, p. 52).

A virgindade declarada por Anita no romance comprova a imagem de santidade que vem sendo construída ao longo do enredo, tomada das *Memórias* de Garibaldi. Como expresso na epígrafe do livro, a história está sendo modificada para dar um sentido à vida de Anita Garibaldi.

Ao contrário do que ocorre no romance *Anita*, de Flávio Aguiar, o processo de alfabetização de Anita não tem destaque na narrativa de Sierra, sendo apresentado como algo natural. O romance apresenta Anita como uma jovem que, no início do enredo, depende de sua amiga María do Rosario para ler e escrever cartas e é essa mesma amiga quem lhe ensina a assinar o nome “Aninha Ribeiro”. Depois, quando já está casada com Garibaldi, um dos amigos italianos de seu companheiro a auxilia na escrita, como ela declara nas cartas: “*Francesco hasta tiene la paciencia de enseñarme ortografía y yo estudio durante las largas horas de ocio*” (SIERRA, 2003, p.176). O importante não é a pessoa ou as pessoas que a alfabetizaram, mas o empenho de Anita em estudar e querer adquirir conhecimento.

A protagonista tem consciência da importância de ser uma pessoa letrada, como ela indica em um de seus diálogos com Rosario: “*¡Qué gran invento es la escritura! Yo también quiero aprender a escribir. Algún día voy a encontrar a alguien que me enseñe*” (SIERRA, 2003, p. 21). É possível que ela acredite que é assim que o conhecimento pode ser divulgado pelo mundo e que ela pode aprender muito com os livros, além de poder participar do mundo letrado, que é convencionalmente masculino.

Deve-se destacar aqui a preocupação do narrador em sublinhar que Anita era uma mulher culta e que tinha facilidade de apreender os assuntos relacionados à guerra ou mesmo à aquisição de uma língua estrangeira:

Pudo en todo ese tiempo escuchar y participar de las discusiones más importantes, que iban desde estrategias militares hasta

cuestiones ideológicas que sustentaban el ideal republicano. Cuando llegaron a San Gabriel, Anita ya dominaba la lengua italiana. Con la proximidad del Uruguay, a través de los mensajeros que desde allí llegaban, tuvo los primeros contactos con la lengua española (SIERRA, 2003, p. 179-180).

Quando os personagens se encontram no Uruguai, Anita manifesta grande habilidade de mover-se em culturas diferentes, como se pode ser perceber no seguinte trecho:

Rápidamente Anita se adaptó a la nueva cultura, a las nuevas costumbres, a la nueva lengua. Al poco tiempo ya hablaba, además del italiano y el portugués, el español y un poco de francés [...]. Era una mujer inteligente que asimilaba con rapidez lo que oía. Y al participar en aquellas conversaciones aportaba sus propias ideas y reflexiones (SIERRA, 2003, p. 192).

É provável que a intenção do narrador seja a de mostrar a facilidade que sua personagem possuía para se adaptar a novos contextos linguísticos e sociais e, assim, participar das discussões políticas junto com Garibaldi. Anita é uma mulher que se destaca em cada lugar que passa, ora por seu desprendimento, ora por sua coragem, ora por suas ideias.

A protagonista, no romance de Julio Sierra, é descrita como uma mulher inteligente, que se interessa por assuntos políticos e ideias revolucionárias, o que destoa do papel determinado pela sociedade brasileira às mulheres da época. Ainda quando está no Brasil, Rossetti ensina-lhe as ideias de igualdade e de justiça social que ele e Garibaldi defendem. Anita também era apta às *“ideas de Saint Simon, que predicaba el deber de todo hombre de luchar no solo por su propia libertad y la de su pueblo, sino también por la libertad de los demás, de las demás naciones víctimas de la opresión, sin esperar recompensas materiales”* (SIERRA, 2003, p. 159), o que vai ao encontro de seus anseios, já que, mesmo sem conhecer essas ideias, a personagem já tinha consigo que devia lutar pelos mais necessitados e combater qualquer tipo de opressão.

A segunda parte do romance trata da vida de Garibaldi desde a infância até sua ida a Laguna junto com os demais farroupilhas. Ele luta pela república na Itália e também no Brasil, na época de seu primeiro exílio, sendo um partidário da Revolução Farroupilha. Por ter sido sua mulher e lutar ao seu lado é que Aninha torna-se Anita Garibaldi.

O narrador se utiliza da voz de Garibaldi para complementar e, provavelmente, para dar verossimilhança a seu relato. Por exemplo, sobre a vida de Anita no Uruguai, ele descreve através da voz de Garibaldi:

‘Impávida ante los sinsabores y los peligros de la guerra, era admirable en la vida doméstica’, recordaba Garibaldi. Y en otra de nuestras conversaciones me dijo: ‘En todo el tiempo que estuve al servicio de esta República, ella no participó en ninguno de los problemas de la guerra, sino que se ocupó solamente de las tareas domésticas’ (SIERRA, 2003, p. 189-190).

Aqui, por meio do relato de Garibaldi, exalta-se a imagem de Anita, mesmo quando ela cumpre as obrigações impostas pela sociedade. Para a Crítica Feminista, não há admiração no fato de a mulher se submeter às tarefas domésticas, pois isso é uma maneira de opressão feminina. Ou seja, apesar da intenção do narrador de destacar a participação da mulher em assuntos e espaços tidos da alçada masculina, ele também está impregnado da ideologia patriarcal e sublinha que a atuação de Anita no universo privado também merece ser elogiada através da fala do italiano.

Garibaldi seria a testemunha perfeita para o efeito de veracidade à narração, já que ele foi o companheiro de Anita e o seu relato é considerado, no livro, como algo inquestionável. O narrador se aproveita dessa estratégia para reforçar a cada instante que a sua narrativa provém de suas conversas com o herói italiano, como se pode perceber nesta sequência que trata da chegada e dos primeiros dias do casal no Uruguai:

‘Sólo al atravesar las transparentes aguas del río Negro desaparecieron casi cuatrocientas cabezas’, recordaba Garibaldi en una de nuestras conversaciones en Caprera (SIERRA, 2003, p. 183).

‘Llegamos a Montevideo con apenas trescientos cueros el 17 de junio de 1841’, precisó Garibaldi en su relato (SIERRA, 2003, p. 184).

‘En esos días’, me contó Garibaldi, ‘yo recibía la ayuda de mis amigos para poder subsistir’ (SIERRA, 2003, p. 190).

Por essa sequência, percebe-se que as intervenções do narrador para expressar que Garibaldi lhe contou os fatos são muito frequentes e próximas, como se comprova pela numeração das páginas.

Percebe-se que a intenção do narrador ao reproduzir as falas de Garibaldi é a de indicar a autoridade do seu relato, que seria quase a transcrição das *Memórias* de Garibaldi sobre a sua vida ao lado de Anita, constituindo uma espécie de memórias apócrifas. Entretanto, sabe-se que a memória registra os fatos à sua maneira e quase nunca é fiel ao que ocorreu. Também se observa que o narrador indica que seu interlocutor já se encontra na velhice. Assim, o leitor mais atento poderia “desconfiar” da narração, pois se trata de uma pessoa, que, na velhice, quer passar sua versão dos fatos.

Em nenhum momento Garibaldi ou mesmo o narrador apontam algum defeito ou falha de Anita. Cada cena descrita, cada qualidade pintada revigora e reforça a imagem de heroína, como se ela não fosse humana e, por isso, não errasse nunca. É dessa imagem construída no romance, baseada nas *Memórias* de Garibaldi, que o leitor tem que desconfiar, já que Anita era um ser humano e, provavelmente, tinha seus limites e imperfeições. Todavia, a figura da protagonista, ao longo do enredo, é congruente com a ideologia proposta desde o início da obra, já que reafirma sempre seu heroísmo e sua índole de guerreira.

Se na primeira parte do romance o narrador descreve Anita como uma

jovem que não quer se submeter às normas sociais, na quinta parte ele mostra uma personagem dividida entre sua vontade e os cuidados com a família. Em Montevideu a fama de Garibaldi é imensa quando ele e a família se trasladam para lá. Conforme o relato do romance, as histórias da heroína brasileira correm de boca em boca. Contudo, na nova cidade, a vida da protagonista se reduz à monotonia dos cuidados da casa e da família. Quando quis costurar para algumas conhecidas para conseguir umas moedas para o sustento familiar, Garibaldi a proíbe. Em uma carta a sua irmã, ela reclama:

Cuando José se enteró se volvió loco y salió de la casa dando un portazo. De esta manera se venían abajo sus bellas teorías francesas sobre la igualdad entre los hombres y las mujeres, de la que habla con tanto entusiasmo. La mujer es la compañera de lucha, de cama y de trabajo, con libertad y respecto recíproco (SIERRA, 2003, p. 190).

Percebe-se nesse desabafo da personagem que, mesmo sendo Garibaldi adepto às teorias de igualdade entre homens e mulheres, dos seguidores de Saint Simon, ele está impregnado da ideologia dominante da época, que separa os papéis de homens e de mulheres. Aliás, no Uruguai, Anita não participa de nenhum combate, somente quando sua filha falece é que Garibaldi a chama para a cidade de Salto, para cuidar dos feridos, uma tarefa que a sociedade também delega às mulheres, pois essa missão é cumprida em ambientes fechados – a casa ou o hospital – e os feridos e doentes têm a possibilidade de receber um conforto maternal.

Enquanto vive em Montevideu, por várias vezes, Anita se angustia em se ver dividida entre a obrigação de cuidar dos filhos e a vontade de lutar pela justiça e liberdade. Algumas mulheres, como doña Bernardina, reforçam para ela o estereótipo da mulher como “esposa do lar” cuja única tarefa é cuidar da família: “*Dios nos ha puesto en la tierra para cuidar y proteger a nuestros niños y dar amor a*

nuestros hombres. Mientras ellos luchan por la patria, nosotras debemos cuidar el hogar. Este es nuestro sitio” (SIERRA, 2003, p. 204).

Como esposa do presidente do Uruguai, doña Bernardina representa a figura da mulher burguesa e reforça o estereótipo através de sua fala e suas ações. São mulheres como ela que perpetuam a conduta submissa do sexo feminino. Mesmo Feliciano, a amiga uruguaia que auxilia Anita a legitimar o casamento, apresenta razões sociais para a união ser reconhecida pela sociedade:

- *Tu marido ocupa un lugar importante en la vida de Montevideo y hasta en ocasiones tiene que ver al presidente de la República. E incluso tú debes alternar con las esposas de los funcionarios...*
 [...]

 - *No te enojas conmigo. Sólo quiero que nadie pueda dañarte. Más ahora que esperas a tu segundo hijo* (SIERRA, 2003, p. 193).

O motivo alegado é a adequação do relacionamento de Garibaldi e Anita frente a uma sociedade calcada em princípios morais rígidos. Para eles e seus filhos serem reconhecidos nessa sociedade, o casal teve que oficializar o casamento.

No entanto, uma das causas que move a vontade de Anita em querer sair para lutar ao lado de Garibaldi é o ciúme. Ela já havia deixado de lado a história da traição de seu marido com Lucía Esteche, como fazem as demais mulheres, que “aceitam” a traição para não perder o marido e manter o casamento. Mas o problema de Anita, na verdade, é que ela se sente diferente das outras mulheres, como confessa à sua irmã por carta: *“El hecho es que me siento enojada con ellas porque son totalmente diferentes de mí, todas ellas hermosas, bien cuidadas, elegantes, maquilladas. ¡Si vieras los mohínes y los grititos que lanzan cuando se amontonan alrededor de mi marido!”* (SIERRA, 2003, p. 204). Em primeiro lugar, Anita é de uma classe social inferior e, principalmente quando o pai morre, sua família passa por necessidades; em segundo, ela nunca se preocupou em se vestir

para agradar a algum homem e, por isso, não sabe se arrumar para seu marido.

Essa ideia é algo imposto pela sociedade, ou pelas classes dominantes: a mulher deve estar sempre bonita e bem arrumada para satisfazer o homem; se ela não é casada, ela deve se arrumar para conquistar um marido. Como se percebe na carta da personagem, Anita não é uma mulher de se cuidar, de se maquiar e de se arrumar para esperar o marido, até porque ela nunca teve condições financeiras de comprar roupas, chapéus e maquiagem. Ela sente ciúmes das mulheres que se arrumam, principalmente por causa de Garibaldi.

Certa vez, Anita percebe que os cabelos loiros de Garibaldi é que chamam atenção e que fazem as mulheres uruguaias se encantarem. Então, em um ataque de raiva, Anita vira Dalila e corta o cabelo de seu Sansão, na esperança de que, com os cabelos curtos, ela consiga acabar com o galanteio das mulheres a seu marido e aplacar os seus ciúmes.

No final desses relatos de ciúmes narrados por Garibaldi, o narrador afirma que a *“velada sonrisa que me pareció descubrir en su rostro a la tenue luz del atardecer en Caprera me hace sospechar que los celos de Anita no eran del todo infundados”* (SIERRA, 2003, p. 205). É que tais fatos, na realidade, alimentam o “ego” de Garibaldi, fonte principal desses relatos.

Todavia, na sexta parte do romance, Anita tem que enfrentar uma guerra diferente entre mulheres quando, ao chegar à Itália, ela hospeda-se na casa da mãe de Garibaldi:

A los veintisiete años, Anita debió acomodarse a la convivencia con una mujer de sesenta y dos, con costumbres y cultura totalmente diferentes, muy religiosa, apegada a sus rutinas [...]. El choque era inevitable. La más joven estaba habituada a los fragores de la guerra, a una vida independiente, a las tensiones de la política [...]. Sin duda, esta joven brasileña, poco afecta a las prácticas religiosas, acostumbrada a no depender de nadie, orgullosa y endurecida por la vida, no era la nuera ideal para Rosa Raimondi (SIERRA, 2003, p. 221-222).

A mãe de Garibaldi é uma mulher apegada aos costumes de sua época e segue fielmente a religião católica. Anita, no entanto, não se importa com as normas sociais, gosta de participar da guerra e não tem devoção. Como mulher devota, a mãe de Garibaldi tem suas dúvidas quanto à legitimidade do casamento de seu filho com Anita e é possível que tenha preconceito contra uma “mulata” sul-americana, que se veste como um homem e segue os revolucionários como uma mulher que não tem princípios (burgueses).

Na Itália, Anita tampouco consegue ficar longe das lutas, ou não consegue ficar longe de Garibaldi. Aproveitando-se da situação de “guerra” que se instala no país, por duas vezes vai ao encontro do marido para auxiliá-lo. E quando Garibaldi precisa se retirar de Roma, mesmo grávida,

Anita estaba junto a él, montada en un caballo bayo claro. Se había cortado el cabello en una melena corta que cubría con un sombrero oscuro con plumas. Llevaba botas de montar. Vestía el traje de los legionarios. A la cintura llevaba un cinto con una pistola de un lado y una pequeña espada del otro. Esta vestimenta, típicamente masculina, era la indicación de que estaba dispuesta a luchar con ellos hasta el final (SIERRA, 2003, p. 248).

Anita, que em Montevideu não participa de nenhuma batalha, volta a ser a heroína guerreira, vestida de homem, como no Brasil, quando lutava a favor dos farrapos. Ela se prontifica a acompanhar Garibaldi pela Itália em busca de seus ideais republicanos; para isso, ela renuncia, uma vez mais, aos trajes tipicamente femininos (saia ou vestido) por serem desconfortáveis e inapropriados para tal situação e se traveste de soldado legionário, como os demais homens de Garibaldi. Aqui, a protagonista corta todo e qualquer vínculo que a prende socialmente à esfera privada e às normas sociais que oprimem a mulher para conquistar o espaço público.

Assim, o romance constrói a imagem de uma mulher de princípios liberais, dotada de coragem para lutar pelos necessitados e que é uma companheira fiel

àquele a quem ama. Por causa do testemunho de Garibaldi ao narrador, Anita é descrita como uma heroína romântica e uma guerrilheira da liberdade, mesmo assim, não escapa de ser uma dona de casa, enfermeira e mãe.

O romance de Julio Sierra, paradoxalmente, desde o subtítulo, demonstra que a protagonista Anita Garibaldi é uma mulher guerreira e heroína. No início, ela é descrita como uma jovem atraente, que gosta de viver livremente pelos campos e pela praia, o que faz as pessoas, especialmente as “comadres”, reprovarem os seus modos: *“Además de bañarse desnuda en el mar – continuó su discurso la primera comadre –, sale cabalgando como loca por el campo o la playa. Esa niña es un peligro y un mal ejemplo. Son cosas que una mujer decente no hace”* (SIERRA, 2003, p. 31).

O campo, o mar e a praia, na época em que vive Anita, são espaços que remetem à ideia de liberdade. Ao banhar-se nua no mar, Anita expõe o corpo, o que é uma transgressão à sociedade, que fazia as mulheres esconderem o corpo, além de estabelecer uma relação íntima com o elemento água, símbolo da vida e da fertilidade. O ato de cavalgar pressupõe estar em um espaço aberto, isto é, um lugar frequentado por homens e onde a presença feminina é censurada. Daí, a recriminação das comadres, que representam a voz da sociedade patriarcal, que vivem no universo privado e, algumas vezes, condenam aquelas que sublevam as normas.

No romance, a população de Laguna é contrária ao relacionamento entre Garibaldi e Anita:

[...] más allá de los comentarios entre divertidos y maliciosos de comadres y chismosas, no pasó mucho tiempo antes de que la conducta de Aninha estuviera otra vez en boca de todo el pueblo. Su relación con José comenzaba a chocar contra las reglas sociales aceptadas y prejuicios cultivados desde siempre (SIERRA, 2003, p. 104-105).

Para a sociedade, não importa os sentimentos e a vontade da mulher; importa seguir as regras sociais impostas, imprescindíveis para se ter “bom exemplo” de comportamento, o que eles chamam de mulheres decentes, cujas vidas são aceitáveis pelo grupo. Nesse sentido, manipula-se a vida da mulher, submetendo-a à vontade masculina, e se reforça a opressão feminina.

Entretanto, o romance apresenta a versão de Anita sobre os fatos em uma carta à sua irmã, em que defende seu ponto de vista e apresenta sua análise sobre o comportamento castrador da sociedade:

... esta unión es verdaderamente sagrada y no la otra. No me juzgues mal. Trata de comprenderme. Con el tiempo voy a demostrar que nuestra unión es indisoluble. [...] En esta ocasión, se unieron a ellas las condenas de los que no tienen ninguna simpatía por la causa revolucionaria, es decir, aquellos que tienen miedo de perder sus privilegios, aquellos que ya son ricos a costa de nosotros, los pobres. Todos, y son muchos, hablan de la afrenta que le estamos infligiendo a Manuel, que en las historias forjadas por ellos se ha convertido en un héroe del ejército imperial (SIERRA, 2003, p. 105).

O narrador expõe os argumentos de sua personagem, demonstrando que muitas vezes há uma segunda intenção sob as críticas que fazem àqueles que não se submetem às normas sociais. Ao oferecer a versão de Anita, o narrador a coloca como a mais coerente e aceitável, demonstrando a face de uma sociedade conservadora e intolerante, e fazendo com que o leitor também opte pela versão da protagonista.

O livro relata que poucas mulheres, como a mulata Manuela, apoiam Anita nas denúncias contra abusos masculinos e defendem a sua causa perante as demais: *“Basta de hablidurías – las intimó –. Deberían sentirse orgullosas de que por lo menos una de nosotras se atreva a denunciar esos holgazanes”* (SIERRA, 2003, p. 31). Percebe-se assim que, se a maioria das pessoas julga o modo de ser de Anita, há algumas mulheres que a defendem. Ou seja, há mulheres que vivem

sob as regras sociais, mas que no íntimo não as aceitam e, por isso, não avaliam a atitude de Anita como algo negativo, mas, ao contrário, gostariam de ter a mesma coragem que a protagonista tem.

Julio A. Sierra descreve a personagem de seu romance como uma mulher avessa às tarefas domésticas, mas que também sabe renunciar ao seu próprio bem-estar em benefício de outros. Por isso, mesmo não compartilhando com a ideologia da sociedade em que vive, em determinados momentos Anita se submete às regras sociais para ajudar sua família ou mesmo para ser considerada esposa de Garibaldi pelos uruguaios. O romance descreve a protagonista como uma mulher exemplar tanto na esfera pública como na esfera privada, destacando-se por seu desprendimento em favor dos povos e de sua própria família.

Desse modo, Sierra corrobora a imagem mítica de Anita elaborada nas *Memórias* de Garibaldi e perpetuada por diversos historiadores brasileiros: de que ela é uma grande guerrilheira, que sabe lutar pela causa dos povos; uma mulher modelo no seio de sua família e uma esposa fiel a seu marido.

O romance *Anita cubierta de arena*, da argentina Alicia Dujovne Ortiz, também parte dos acontecimentos descritos nas *Memórias* de Garibaldi e acrescenta uma nova leitura desses fatos. O singular é a forma como a narrativa reconstrói a história: valendo-se de uma narradora que usa o ponto de vista da protagonista, narrando em discurso indireto, destacando a forma como Anita age e pensa e revelando seus conflitos interiores.

O que se percebe no relato da narradora é a descrição de pequenos detalhes, como o olhar de Anita sobre o corpo de Garibaldi, notando a presença de sardas, a forma do nariz, a cor dos olhos, entre outros pormenores, além da narração da aflição e dos pensamentos de Anita enquanto espera que Garibaldi

volte da guerra, da constante busca de identidade e dos seus sentimentos em relação ao seu companheiro.

A visão dessa narradora sobre a trajetória de Anita ganhará uma nova leitura distinta do que é relatado na historiografia. O enredo inicia-se com a descrição da visita de Garibaldi à Manuelita Sáenz, amante de Simon Bolívar. Nesse encontro, Manuelita pede ao italiano que lhe conte o que ocorreu com Anita. Entretanto, o desabafo de Garibaldi não aparece no romance. Isso ocorre porque, historicamente, o italiano deixa sua versão em forma de memórias, revelando o seu ponto de vista. O que aparece na narrativa é a história de Anita narrada em terceira pessoa, em discurso indireto livre. A proposta revela, assim, outra visão dos fatos históricos. Por exemplo, sobre o momento em que vê Anita de seu barco e a procura em terra, Garibaldi afirma em suas *Memórias*, via Dumas:

[...] do meu bordo, eu descobria as belas jovens ocupadas nos seus diversos afazeres domésticos. Uma delas atraía-me mais especialmente que as outras [...]
'Virgem criatura, tu serás minha!', foi o que disse ao ter a jovem diante de mim (DUMAS, 2006, p. 90-91).

Nesse relato se pode perceber que Garibaldi se interessa em ir atrás de Anita. Já a narradora apresenta outra leitura, descrevendo o que Anita faz para chamar a atenção do corsário e como ela se porta quando estão um frente ao outro:

[...] *frunce la cara para distinguir al marino que sigue mirándola con el anteojo y, tranquilizada, adopta un aire ausente mientras con aparente distracción se baja un hombro de la blusa. Cuando lo ve llegar, se suelta el pelo [...] pero le da los ojos de frente* (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 21).

Assim, Anita participa do jogo amoroso, chamando a atenção do italiano para a beleza do seu corpo ao deixar à mostra o seu ombro. Quando ele se aproxima, ela não disfarça o interesse e, ao contrário do que fazem as mulheres de sua época, não baixa os olhos em sinal de submissão ou vergonha.

A releitura do passado histórico é uma das características do romance histórico contemporâneo e essa nova leitura veta as versões oficiais hegemônicas para propor pontos de vista diferentes. É o que acontece com o episódio da bandeira da legião italiana, para citar um exemplo. A bandeira tem o desenho de um vulcão, o Vesúvio, fazendo uma referência à Itália, pátria mãe dos legionários garibaldinos. Mas, segundo a leitura do romance, Garibaldi tem a inspiração do desenho de um vulcão quando sua companheira vê o uniforme vermelho da legião:

*Anita se lo probó una tarde. José no estaba. Ella no resistió la tentación.
En vez de atarse el pelo se lo dejó suelto. Las serpientes negras llamearon sobre el rojo.
Tan absorbida estaba en la contemplación de si misma que no oyó venir [...].
- Estaba buscando nuestra bandera – le dijo –. Ahora la tengo: el estandarte de la Legión Italiana será de seda negra con un volcán en llamas, como vos (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 130).*

De tal modo, o romance apresenta a origem da bandeira da legião italiana, apontando Anita como a musa inspiradora de Garibaldi e não o Vesúvio. Para o romance, essa é a versão para tal bandeira.

O desejo de Anita em querer viver ao lado de Garibaldi, por exemplo, leva a personagem a um ciúme doentio, o que fará seu companheiro desejar lutar bem longe de casa, quando estava no Uruguai:

[...] los celos de Anita y la envidia de Anita y las recriminaciones de Anita y su fuego oscuro y su sombría pasión devoradora que le impedía ver, tocar, oler, entender otra cosa que no fuera José [...] le aumentaban las ganas de salir a defender Montevideo lo más lejos posible (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 138).

Novamente, a narradora descreve a obsessão de Anita por Garibaldi – representada nas palavras ciúmes, inveja, recriminação, paixão e fogo – destacando que a personagem não consegue viver sem o seu amado e que a paixão dela chega a sufocá-lo, a ponto de Garibaldi querer estar longe dela.

Enquanto a protagonista se preocupa apenas com o seu bem-estar, ela

“goza de la perfección del amor y espera contemplar la de la guerra” (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 42), pois o amor e a guerra são os dois elementos que a unem ao italiano e que propiciam à Anita consideração recebida por ser mulher de Garibaldi.

O amor e a guerra também são elementos relacionados às esferas pública e privada. O amor pode ser associado ao espaço privado, ao relacionamento de um casal que se concretiza no âmbito familiar, e, como se pode interpretar pela leitura do romance, principalmente no leito conjugal. Já a guerra se realiza no universo público que, na sociedade de princípios patriarcais, é vedado à mulher. Contudo, Anita pretende romper essa norma social, não porque quer impor igualdade entre os sexos, mas para estar ao lado do homem a quem ama.

Assim como ocorre nos demais romances analisados, em *Anita cubierta de arena* o comportamento de Anita também é condenado pela sociedade, conforme é possível notar no seguinte fragmento: “*La población de Laguna no piensa igual. Anita ha cometido adulterio, y el gringo metido a comandante naval es culpable de haberse robado a una hija de aquel pueblo decente*” (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 34). O que se percebe é que as pessoas são conduzidas por um código moral rígido e não são capazes de entender aqueles que não se adaptam às normas sociais.

A personagem não tem preocupação com o modo de se arrumar e se pentear, como a sociedade impõe às mulheres. Sua única preocupação é agradar Garibaldi, mesmo que isso implique que ela seja diferente das demais mulheres de sua época, pois, enquanto as outras “*podrán alumbrarse con opalinas y colgarse camafeos, ella se alumbra con carne de gringo rosa y ata el pañuelo farrapo para matar por él*” (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 64).

Ao contrário do que as obras históricas normalmente relatam, afirmando que Anita Garibaldi é uma heroína que luta pelos ideais republicanos e que combate

ao lado de seu companheiro por razões humanitárias, a narrativa descreve uma mulher preocupada com seu homem e que, se enfrenta a guerra, é por causa dele e não pelas razões pelas quais ele combate, como se essa atitude de dependência da mulher ao homem fosse louvável em pleno século XXI, após todas as conquistas das mulheres para a sua independência e valorização pessoal.

Uma das propostas do Movimento Feminista é justamente provar aos homens que as mulheres não necessitam da aprovação deles e que elas têm as suas próprias razões. A luta das feministas para acabar com a subordinação feminina e estabelecer o companheirismo entre homens e mulheres, e não para que haja uma relação de dependência ou submissão entre os sexos.

Desse modo, o romance se afasta da imagem que Garibaldi elaborou de Anita em suas *Memórias*, ao mostrar uma mulher que não tem, mesmo inconscientemente, ideais de liberdade e justiça. A obra tira Anita do pedestal de heroína, no qual ela é ovacionada, e dá-lhe dimensões humanas ao construir uma mulher preocupada com a sua vida amorosa, conforme se pode perceber na seguinte passagem:

Garibaldi ya ha conocido en Sudamérica a más de una. Todas han hecho lo contrario. Mujercitas finas. [...] El que Anita invierta las cosas lo toma de sorpresa. Rato después, la criolla y el gringo se pierden tras las cabañas de pescadores. Si de algo sabe Anita es de necesidades. La de él la imagina, la suya la conoce. Así que ha elegido un lugar amistoso para hacer lo que deben: una playita redonda y protegida por unas piedras romas del color de la carne (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 21).

O relacionamento de Anita com Garibaldi descrito no romance não se parece ao de um casal que vive nos anos de 1830, quando impera um grande tabu em relação ao sexo. Aliás, como assinala Antonio R. Esteves, a personagem se parece mais com uma mulher do século XX, que não tem o sexo como algo proibido ou perigoso, como a ideologia do século XIX faz acreditar que era: “Fogosa na

cama, ela pratica uma sexualidade sem tabu, mais próxima do século vinte que da época em que viveu. As mais belas páginas do romance são aquelas em que o erotismo dá a tônica à narrativa, sob o foco da mirada feminina” (ESTEVEVES, 2007 b, p.77).

Segundo Georges Bataille, o erotismo faz parte da vida do ser humano como resposta que ele busca para suas perguntas pessoais e, com isso, afirma o autor, o “erotismo do homem difere da sexualidade animal justamente na medida em que ele coloca a vida interior em questão. *O erotismo está na consciência do homem, o que faz com que ele seja um ser em questão*” (BATAILLE, 2004, p. 46, grifo do autor). Assim, o sujeito “se perde” e se identifica com o objeto do desejo.

Nesse sentido, a protagonista de *Anita cubierta de arena* não se preocupa se está transgredindo as regras da sociedade, porque o seu foco está no objeto amado, Garibaldi. Ela justifica, assim, os seus atos e o seu modo de encarar a sexualidade como algo prazeroso e do qual ela não se envergonha.

Bataille (2004, p. 170, grifo do autor) também assevera que o conceito de erotismo pode ser mencionado quando:

[...] um ser humano se conduz de uma maneira que estabelece um contraste com as condutas e julgamentos habituais. O erotismo deixa entrever o *reverso* de uma fachada da qual a aparência correta nunca é desmentida: no *reverso* são revelados sentimentos, partes do corpo e das maneiras de ser das quais comumente temos *vergonha*.

Contudo, Anita não incorpora os julgamentos e as normas sociais sobre a conduta das mulheres; ao contrário, ela tem uma sexualidade sem interdições, permitindo ser observada por seu amado, ao mesmo tempo em que ela também não se envergonha de olhá-lo:

Ahora [Garibaldi] puede mirarla a sus anchas. Ella se deja mirar. Tiene un cuerpo sin melindres, un cuerpo que ignora las formas aprendidas. Sus pechos son pechos, sus piernas piernas, y él

empieza a decirse que también sus palabras – breves, escasas, claras – son lo que son. [...] Se deja mirar pero mirando a su vez, palpando y oliendo. Aunque no sepa de qué tierra sale Garibaldi, conoce el mar y le basta (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 22).

Essa é uma das grandes marcas do romance de Alicia Dujovne Ortiz em relação aos demais romances sobre Anita Garibaldi: o foco do enredo não se centra na experiência da personagem feminina na esfera pública, e sim na descrição de sua vivência no espaço privado, usufruindo de uma sexualidade prazerosa, sem interdições ou culpa por parte da mulher. Os conflitos vividos não são os exteriores, realizados em campos de batalhas pelos homens, mas o entrechoque dos desejos de Anita com as normas impostas pela sociedade às mulheres e, especialmente, a procura pela sua identidade.

A heroicidade da protagonista aparece relacionada à presença de Garibaldi, como se pode verificar no trecho seguinte: “*Su coraje es menos coraje cuando él no la ve, Anita es menos Anita cuando él no le dice con la mirada que ella es ella*” (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 68). Isto é, ela se faz de heroína, de mulher corajosa, para se mostrar a Garibaldi e poder provar-lhe que é capaz de segui-lo nas batalhas.

A bravura e a intrepidez não estão relacionadas com as ideias de liberdade, de igualdade e de pensamentos humanitários. Ao contrário, a personagem está pensando em si mesma, em querer ficar ao lado de quem ama, mesmo que o preço para tal ato seja enfrentar a guerra como um soldado. Assim, pode-se notar que a identidade de Anita depende da presença de Garibaldi, pois ela não é a mesma pessoa quando ele não está por perto. Sua coragem e determinação nas guerras provêm do fato da presença do italiano. Essa não é a primeira vez que a narradora relaciona a identidade de Anita com Garibaldi.

A personagem regula seu comportamento conforme a vontade de seu

companheiro, no intuito de agradá-lo: “Siamo diversi. Diversi, ¿entienden, señoras?, quiere decir distintos. Somos distintos. El vestido me lo pongo porque a Garibaldi le gusta, pero yo ya no soy una mujer como las otras” (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 63). Mesmo não gostando de roupas “femininas”, como vestido ou saia, Anita as coloca para agradar a Garibaldi e não por causa das regras sociais que também separam as vestimentas para homens e mulheres. A transgressão das normas sociais por Anita se dá não por ela querer a liberdade ou os mesmos direitos para homens e mulheres, mas por vontade própria, pois ela se submete ao desejo de seu homem e se deixa conduzir por ele.

No capítulo “Anita en la terraza”, a narradora relata os primeiros anos do casal Garibaldi em Montevidéu e, nessa cidade, Anita é proibida de lutar ao lado do seu marido, tendo que permanecer em casa. Mesmo assim, ela encontra um espaço que a ajuda a buscar a sua identidade naquela cidade que lhe é estranha: o terraço da casa torna-se o lugar privilegiado da personagem, porque é uma parte da casa que dá acesso ao mundo exterior, fazendo com que ela também participe do espaço masculino, onde se encontra o seu marido.

Esse local ajuda Anita a ser mais ela: “*Anita a bordo, Anita montada y Anita con José había sido más ella que nunca. La terraza también cumplía con el papel de elevarla por encima de ella*” (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 93). Assim como o barco, o cavalo e Garibaldi participam da identidade de Anita, ao viver no Uruguai, o terraço também terá a sua participação ao ser a parte da casa em que ela não precisa encenar nenhum papel social: o de ser mãe, dona de casa ou esposa.

Como ocorre com o quintal no romance *A guerrilheira*, o terraço em *Anita cubierta de arena* é um espaço de transição entre as esferas privada e pública. Ele é uma parte da casa, localizada em um andar superior, que dá acesso ao universo

público e por onde se pode observar a rua. No romance de Dujovne Ortiz, o terraço é a representação da protagonista naqueles anos vividos no Uruguai, pois ela se divide entre as obrigações domésticas e os cuidados com os filhos, com o desejo de participar da guerra ao lado de seu companheiro.

Esse espaço também é preferido por Anita para tomar as decisões importantes de sua vida com Garibaldi. Por viverem dentro das normas vigentes, o casal tem que oficializar o seu relacionamento: ele, porque se torna um servidor oficial do governo e ela, porque quer legitimar o filho e ter o sobrenome de seu companheiro. Para conversarem a esse respeito, Anita escolhe seu lugar preferido da casa, pois ao subir *“a la terraza era como sacar la cabeza de ese pozo del patio donde las vecinas se juntaban a murmurar [...] Como si Anita en la terraza vistiera de nuevo sus calzas marrones y su sombrero calabrés. Como si en la terraza se librara de ser mujer”* (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 106).

O poço e o terraço são dois lugares opostos. O primeiro fica no baixo, cavado na terra para encontrar água; já o terraço é o lugar mais alto da casa, de onde se pode ver a cidade, sem ser visto. Ao redor do poço, Anita encontra as outras mulheres que compartilham o edifício e tem que cumprir seu papel de mãe e esposa. No terraço, ela é livre para fazer o que quiser sem estar presa a normas sociais. Embaixo, ela tem que se adequar às fofocas das vizinhas; em cima, ela pode conversar o que quiser com seu marido. No poço, ela tem que se vestir como ditam as regras da sociedade; no terraço, ela solta os cabelos e se sente livre de toda opressão.

Em Montevideú, a sociedade obriga a protagonista a ser como as outras mulheres: cuidar da casa e dos filhos, não se intrometer nos assuntos dos homens, vestir-se e pentear-se dentro do padrão social estabelecido. Mas, ao subir ao

terraço, ela não precisa manter a aparência que a sociedade impõe e, por isso, é como vestisse as roupas confortáveis que usava quando acompanhava Garibaldi nos combates no Brasil.

O poço é um lugar onde as mulheres se juntam para buscar água e falar da vida alheia. Como se trata de um buraco cavado na terra, o poço é um lugar escuro, de visão limitada, que se encontra abaixo do nível do chão. Provavelmente, a narradora está fazendo uma associação do poço com as mulheres que se juntam ao seu redor, pois são mulheres oprimidas pela sociedade, que vivem sob suas normas, muitas vezes não conseguem enxergar a condição de submissão em que estão e não têm meios de reivindicar sua independência ou autonomia.

O terraço, em relação ao poço, proporciona uma visão ampla e viva do mundo, além de ser um espaço aberto. Ao estar em volta do poço, Anita se sente sufocada pela representação social que ali tem que encenar, já o terraço permite-lhe estar acima das normas sociais e ali ela não precisa de uma máscara social.

Se no Brasil Anita não se importa com o que as pessoas falam ou pensam dela e, por isso, não se constrange em se vestir e se pentear fora das normas que se exige das mulheres, no Uruguai, ela percebe a pressão dos padrões impostos e, assim, sente-se coagida com *“los peinetones de las señoras, altos y envueltos en mantillas de encaje negro”*, ao passo que ela *“llevaba su propia cabecita nítida y reluciente, con el pelo apretado en un rodete y al promediar la mollera, nada”* (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 98). Na cidade grande, que não é a sua, ela sente o peso das normas sociais regidas pelo patriarcalismo e também do modelo de mulher burguesa, no qual ela tem que se encaixar.

Para as mulheres uruguaias, prender o cabelo é questão de condição social: as mulheres casadas andam somente de cabelo preso, mas Anita gosta de

deixá-los soltos. O ato de prender o cabelo é sinal de submissão às normas patriarcais, de se deixar levar pelos padrões da sociedade. Sendo assim, sempre que sobe ao terraço, ela solta “*las serpientes negras para largarlas ao viento [...] un lujo que en Montevideo nunca podía darse porque una madre se ata el pelo*” (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 106), pois o ato de prender o cabelo remete à submissão feminina frente a uma sociedade que valoriza o homem, seus trabalhos e os espaços que ele frequenta. O ato de soltar os cabelos revela que Anita deseja uma vida sem restrição.

No Brasil, Anita ignora as normas regidas pela sociedade que estabelecem que as mulheres devem ficar em suas casas e cuidar das tarefas domésticas, enquanto que a guerra é assunto e lugar só para os homens. Ela abandona a sua vida em Laguna para acompanhar Garibaldi. No entanto, no Uruguai, ela não pode acompanhar seu marido na guerra contra o caudilho argentino porque “*ella era mujer, porque era madre, y porque no estaban en una selva desprolija sino en una ciudad de líneas rectas donde cada uno debía quedarse en el rectángulo que le correspondía*” (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 100). O traçado da cidade é comparado à conduta da sociedade, a qual exige que Anita fique em casa, cuidando dos filhos, e que exige de Garibaldi o sustento da casa e a participação na guerra, confirmando que homem e mulher têm seu papel e lugar definidos socialmente.

Em sua terra natal também havia normas sociais, mas o fato é que se vivia uma guerra que lhe propiciou a subversão das mesmas. Enquanto vive no Brasil, Anita fala aquilo que pensa e protesta contra a má-fé dos chefes farroupilhas. Como a sua liberdade é tolhida ao chegar a Montevideú, ela prefere calar e deixar Garibaldi tomar as decisões, pois ela já “*no era la Anita que murmuraba agudas y pertinentes maldades sobre la perfidia de Canabarro y de Bento Gonçalves. Era una*

Anita silenciosa que lo dejaba solo con su resolución” (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 104). Ou seja, Anita é dotada de uma perspicácia que a leva a perceber as más intenções dos chefes farroupilhas e ela não teme argumentar com Garibaldi. Contudo, no Uruguai, ela muda de atitude, assim como tem que mudar de comportamento ao se tornar mãe e esposa, encarregada das tarefas domésticas. Os anos que ela vive nesse país sul-americano a fazem ser uma pessoa diferente do que ela quer ser.

É provável que, pelo silêncio de Anita em Montevideu, a narradora comente sobre o papel do terraço em relação à protagonista: “*Pero qué elevación tan quieta*” (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 93), pois a personagem em vez de utilizar sua voz para reclamar, apenas impõe sua presença como sinal de protesto.

A mudança no comportamento não ocorre porque ela não queria lutar contra as regras sociais, mas pela postura tomada por seu companheiro. A narradora aponta a diferença de atitudes de Anita no Brasil e de Garibaldi no Uruguai: “*Ella en Laguna se había atrevido a subirse al Rio Pardo delante de todos, así la llamasen perdida. Él en Montevideo no se atrevía a enfrentar la mirada de sus jefes ni la de sus soldados, mostrando a una mujer soldado vestida de rojo*” (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 131-132).

Assim como a protagonista ignora a conduta social ao subir no barco para seguir Garibaldi, provavelmente ela também o faria em qualquer outra cidade. Contudo, o que lhe impede é a atitude de Garibaldi que se submete às normas da sociedade e do governo uruguaio e não é capaz de levar sua mulher para a guerra. Anita sabe enfrentar a sociedade e fazer prevalecer a sua vontade, mas Garibaldi não tem a mesma coragem frente aos comandantes de Montevideu.

Mesmo que não tenha feito prevalecer as suas vontades, Anita não deixa

de se afligir por causa delas, como explicita a narradora: “¿Y ella qué quería? Que José estuviera en casa [...]. Porque también quería que luchara por el Río sobre las tres cascaritas, para recobrar al Garibaldi de luces que se le había esfumado. Y además, que la llevara con él” (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 104). Não é Anita quem quer ficar, mas Garibaldi que não quer levá-la para a guerra. Para ela, não importa estar em casa ou nas batalhas, só quer estar com seu marido – por isso, a vontade de partir com ele, mesmo que isso implique deixar seus filhos com outras pessoas.

Para Anita é um golpe duro ter de ficar em casa com os filhos e não poder lutar ao lado de seu companheiro. Quando ele volta da guerra, ela constata que ele, em “ocho meses había tenido tiempo de traicionarla de dos modos, como mujer y como compañera de armas” (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 121), pois Garibaldi se envolve com outra mulher enquanto está fora e também é aclamado herói sem que ela tenha lutado ao seu lado.

Anita e seus filhos passam por necessidades quando vivem no Uruguai e protesta com Garibaldi, pois, quando ganha algum dinheiro, ele reparte com outras pessoas necessitadas. Comenta a narradora que para Anita ser “heroica le había resultado tanto más fácil que ser mezquina, y tanto más entretenido” (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 136). Isto é, para a personagem é mais fácil ser uma heroína, enfrentar um combate, do que brigar com seu marido por causa de bens materiais e da vida cotidiana. Novamente, aparece o desejo de Anita de ir para a guerra, de estar em um lugar que a sociedade julga como interdito às mulheres.

Em relação aos filhos, Anita tem cuidados com eles e é “una madre capaz de privarse para alimentarlos a ellos. Pero no juguetona ni acariciadora: una madre atraída por algo que sucedía en un lugar donde ellos no estaban” (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 145). Entretanto, ela não é uma mulher de ficar em casa, cuidando

das tarefas domésticas e dos filhos, por mais que os ame; sua vontade é estar ao lado de Garibaldi. No Uruguai, ela vai somente uma vez ao encontro do italiano durante a guerra, logo após a morte de sua filha Rosita, para cuidar dos feridos. É uma forma de passar o tempo para esquecer a tragédia.

Enquanto observa o marido ir e vir da guerra, Anita passa o tempo cuidando da casa e dos filhos e questionando sua própria identidade. Na vida que leva em Montevideu, ela encena algo que não se conforma com sua personalidade, com sua identidade:

[...] los trajes inventados por su marido eran como aquellas calzas marrones y aquel sombrero calabrés por los que ella aún suspiraba. Nunca había sido tan Anita como disfrazada de soldado [...] ¿Pero ahora quién era Anita? No requería grandes búsquedas la imagen que se le había pegado encima. Nada más fácil de hallar que el atavío de mujer cualquiera, apagada, modesta, pobre (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 128).

Anita não tinha encontrado ainda sua verdadeira identidade, apesar de saber que não havia nenhuma probabilidade de encontrá-la no papel de dona de casa, que era naquele momento a imagem que tentava passar. O que mais se aproxima à sua identidade é o disfarce de soldado, ou seja, aquilo que deveria ser uma encenação, uma representação, é o que mais se relaciona com ela. Mas o que é mais encenação: vestir-se de soldado ou vestir-se de mulher burguesa, mãe de família, com os cabelos presos, peineta e mantilha negra? A sociedade dita que o certo é se vestir como uma mulher burguesa, mas isso também é um disfarce, já que a mulher tem que aceitar esse papel como verdadeiro.

Sua imagem também muda conforme os lugares pelos quais ela passa: *“Para Rio Grande do Sul había sido una famosa guerrillera. Para Montevideo, nadie. Para Itália era la mujer del héroe del que los diarios se hacían lenguas desde que él peleaba junto a ella en Rio Grande do Sul”* (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 151). Ser guerrilheira, mulher de um herói ou dona de casa são também papéis sociais que

não preenchem Anita, são apenas representações exteriores que as pessoas têm de sua personalidade.

Quando surge a ideia de que Garibaldi deve voltar à sua terra natal, a questão contagia o espírito de Anita, que se anima com a viagem porque têm Anita e a Itália algo em comum: *“las dos ansiaban ser”* (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 152). Anita está em busca de sua própria identidade e o país de Garibaldi ainda não está unificado. Anita e Itália buscam um elo que as fizesse um ser total.

A ideia de partir para a Itália não parece a Anita algo monótono, pois os jornais italianos falam dela como a mulher do herói Garibaldi. Em um recorte de jornal que uma amiga lhe traz, *“Anita aparecía envuelta en un extraño chal con dibujitos que la cubría de pies a cabeza, otra vez como la Virgen en su huida a Egipto”* (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 152). Essa não é a primeira vez que aparece no romance a comparação de Anita e Garibaldi com a Sagrada Família. Quando o casal e o filho Menotti chegam a Montevidéu, a narradora comenta que parecia *“una estampita de la huida a Egipto”* (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 97). A imagem bíblica de São Mateus é bem empregada, já que nenhuma das três personagens está em sua terra natal e eles procuram abrigo e proteção em uma terra estrangeira.

Enquanto espera Garibaldi chegar à Itália, Anita vai à praia, em Nice, com seus filhos. Um dia, uma brincadeira deles a faz estremecer, sem saber o porquê do susto: Menotti enterra sua irmã Teresita na areia, deixando apenas o rosto para fora. Anita não entende *“por qué le congelaba la sangre el cuerpo bajo la arena”* (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 166). Além do título, que lembra o primeiro enterro de Anita, esse episódio ocorrido com Teresita é uma espécie de antecipação do enterro de Anita nas areias de Madriole.

Na Itália, Anita tem oportunidade de voltar a lutar ao lado de Garibaldi. Ao

ficar sabendo do cerco dos franceses a Roma, em 1849, ela vai ao encontro de seu companheiro para lutarem juntos, mesmo estando grávida de seu quinto filho. Ao fugir da cidade, ela corta o cabelo e se veste como homem. Nesse momento, além de voltar ao passado, sua identidade é totalmente relacionada a Garibaldi, pois

No es la primera vez que Anita está junto a José, frente a los otros, pero sí la primera que aparece como una versión de José, con su mismo sombrero de alas blandas y de penacho negro. Un José hombre y una José mujer. Un José de dos cabezas. No por doblez como Canabarro: por amor (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 205).

Nesse momento, a narradora explicita que Anita torna-se uma versão de Garibaldi, a mulher guerreira, uma espécie de duplo ou um complemento que forma com ele um ser andrógino. Se antes ela se sente incompleta e busca algo que a complete, já quase no final de sua vida, Anita acredita que sua identidade é Garibaldi, seu grande amor. Ela percebe que sua existência não será nada sem ele e, por isso, renuncia ser ela mesma para ser o complemento de seu companheiro. Ou seja, na busca de algo fora de si mesma, Anita se descobre no outro, o homem, identificando-se com o objeto amado.

Nesse movimento em busca de algo fora de si mesma, na maioria das vezes, a mulher encontra sua identificação no homem e se conforma com tal achado, como algo natural, como se não houvesse outras opções. É assim que atua a protagonista, que se realiza ao ser uma versão feminina de Garibaldi. Por isso, diz-se que o romance pode ser classificado como “feminino”, utilizando-se a nomenclatura de Showalter, pois a mulher, nesse caso Anita, não consegue tornar-se independente do homem, Garibaldi.

O corsário italiano – que em Montevideu sente vontade de largar Anita e fica nas guerras mais tempo do que precisa, por não suportar as reprovações e os ciúmes dela –, por fim, cede à entrega total:

A las seis de la tarde, las dos cabezas de Garibaldi, la de hombre y la de mujer, llegan a caballo la una junto a la otra. Pareja de estatuas. Qué pasa que también José de repente quiere que ella sea él, mostrarla galopando importante como otra él. Al fin se habría convencido de que Anita le agrega, y de que él se enaltece con no ser uno sino dos (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 206).

Aqui se recorda o mito do andrógino relatado em *O banquete, ou, do amor* (1970), de Platão. Aristófanes conta aos seus companheiros que, no início da natureza, existiam três gêneros da humanidade: o masculino, o feminino e o andrógino. Esse último era um ser esférico, com um tronco só, que tinha os dois sexos, quatro braços e quatro pernas, uma cabeça com duas faces situadas em lados opostos e era dotado de grande força e presunção. Os andróginos se voltaram contra os deuses e pretendiam escalar os céus. Assim, Zeus resolveu cortá-los ao meio, para torná-los mais fracos e vulneráveis. Eles se separaram e se espalharam pelo mundo, desorientados em busca de seu par, de seu complemento.

No último trecho transcrito do romance de Dujovne Ortiz, a personagem Anita é colocada como se tivesse encontrado a sua outra parte, formando com ela, novamente, a perfeição e resgatando o seu equilíbrio. Ao longo da narrativa, a protagonista se divide em querer ficar ao lado de Garibaldi e em buscar a sua identidade. Ao final de sua vida, ela percebe que os seus dilemas se fundem, porque Garibaldi é a sua identidade, e ele também aceita Anita como sua complementação, como algo que lhe é inerente e que o torna mais fortalecido.

Por causa do cerco que os franceses fazem à cidade de Roma, resta aos personagens que lá se encontram fugirem em direção ao mar, buscando uma saída. Durante a fuga, Anita começa a sentir-se mal e piora após dormir uma noite sobre as palhas. Mesmo doente e sendo carregada no final de sua vida, ela não desiste de seguir seu amado.

No final do capítulo que leva o mesmo nome do romance, o próprio

Garibaldi é quem conta o momento da morte de Anita para Manuelita Sáenz, coincidindo o final de seu relato com o final da história de Anita, que vinha sendo descrita pela narradora: “*Era el 4 de agosto, a las siete pasadas de la mañana – concluyó el marino rubio de barba roja [...]. Le grité como un loco, la sacudí pidiéndole que me contestara, había soportado tanto que no podía ser, debía de estar desvanecida*” (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 222).

A história da vida de Anita termina, então, com esse relato de Garibaldi; um final triste e amargurado, como é o final do romance de Dujovne Ortiz, pois Manuelita tampouco vê um futuro promissor nas lutas empreendidas por Garibaldi e por Bolívar. Ela percebe que o herói italiano foi manipulado pelas pessoas a quem serviu com tanta abnegação – os chefes farroupilhas, os caudilhos do Uruguai e os burgueses da Itália –, assim como Anita que, muitas vezes, não entendia o porquê das guerras e indagava as verdadeiras intenções dessas lutas, sendo uma espécie de “consciência” de Garibaldi.

Em *Anita cubierta de arena*, a autora elabora a noção de autoconhecimento, em que a personagem feminina está em constante busca de sua identidade. Contudo, ela não a encontrará dentro de si mesma, mas no objeto amado, no homem que ama e no qual vê a sua razão de existir.

A caracterização de Anita Garibaldi, no entanto, segue o modelo de heroína romântica: aquela que ama desenfreadamente, que sofre, que tem ciúmes e que sabe perdoar a traição do marido. No romance, Anita tem uma só preocupação: estar ao lado do seu amor em qualquer circunstância. É o amor que ela sente pelo italiano que a faz lutar nas batalhas e servir ao mesmo propósito pelo qual ele luta. Fica explícito que ela não tem princípios políticos claros, lutando apenas para provar a Garibaldi que é capaz de estar ao seu lado em qualquer situação. No

episódio do batismo de fogo de Anita, a narradora comenta que ela “*hace fuego para mostrarle a él que puede hacerlo*” (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 44), e não porque seja a favor das ideias republicanas.

Desse modo, apesar da autoria feminina, o feminismo presente na obra difere daquele que a Crítica Feminista geralmente defende para as mulheres, ou seja, enquanto essas lutam pela independência e individualidade femininas, o romance apresenta uma personagem totalmente dependente do homem, que mede suas ações a partir da aprovação masculina e que não consegue enxergar uma razão de ser ou de viver se ele não está por perto.

Dessa maneira, a evolução adquirida pelas mulheres escritoras sobre a representação da personagem feminina – da submissão ao modelo patriarcal para a busca de identidade e independência dos homens – retrocede com o romance *Anita cubierta de arena*. Se Gardarsdóttir (2005, p. 173) afirma que no “*contexto de la literatura argentina finisecular escrita por mujeres debemos necesariamente partir de las nociones de protesta (feminista) y de descubrimiento (identidad)*”, essa asserção não se aplica a Alicia Dujovne Ortiz, pois a descrição da mulher em seu romance aqui analisado está ainda na primeira fase de classificação de Elaine Showalter (1986), denominada “*feminine*” (feminina), na qual as mulheres escritoras imitam os modelos da literatura dominante, permeadas pela ideologia patriarcal, apresentando as mulheres confinadas no universo privado, como seres submissos aos homens e dependentes deles.

É o que se pode perceber pela descrição da protagonista em *Anita cubierta de arena*, que se deixa guiar pela ação e aprovação masculina. Mesmo que a personagem feminina tente subverter as normas sociais, almeje a realização de seus desejos e esteja em busca de sua identidade, o objetivo final é o homem,

personificado na figura de Garibaldi.

Anita coberta de areia é a última imagem da protagonista no romance, a que dá nome ao livro de Alicia Dujovne Ortiz, cujo intento parece ser justamente tirar o pó que encobre a figura de Anita. O que se descobre não é a heroína celebrada por Garibaldi em suas *Memórias*, mas sim uma figura humanizada. Anita-mulher, eis a imagem da protagonista em *Anita cubierta de arena*.

Dos romances analisados, esse é o único que traz como foco narrativo os sentimentos, os pensamentos e a busca de identidade de Anita. A leitura dessa obra demonstra que a narrativa parte dos fatos narrados nas *Memórias* de Garibaldi, para propor uma nova interpretação deles, baseada nos pensamentos e ações da protagonista. Ela é uma pessoa que não se preocupa com as normas vigentes da sociedade, mas sempre procura satisfazer os seus desejos, agradar Garibaldi e cuidar de sua vida amorosa.

O livro tira Anita do pedestal de heroína no qual foi posta, primeiramente por Garibaldi e pelos italianos e depois pelos brasileiros, para dar-lhe dimensões mais humanas, apresentando-a como uma mulher que se preocupa com sua vida amorosa e não como uma pessoa que se despoja de si para lutar pelos oprimidos. Como se percebe na análise da obra, a configuração da sexualidade da protagonista se aproxima da mulher do final do século XX, repleta de erotismo, já que para ela o sexo não era algo interdito.

A obra de Dujovne Ortiz é repleta de imagens como a do poço, do terraço, do cavalo, entre outras, relacionadas com a personalidade da protagonista. É por meio delas que Anita procura a sua identidade. O que ela percebe é que o modelo de mulher burguesa proposta pela sociedade patriarcal não satisfaz a sua busca; ao contrário, é apenas uma máscara que esconde ainda mais a sua verdadeira feição.

Como se verifica no final, Anita vai encontrar a sua identidade em Garibaldi, tornando-se, assim, o seu duplo, encontrando a outra metade que a complementa, como no mito do andrógino.

Dos quatro romances analisados neste trabalho, *Anita cubierta de arena* é o que mais enfatiza a cor da pele de Anita como reflexo de sua terra:

Anita es una criollaza brava, cetrina, casi verdosa. Robusta, musculosa, acostumbrada a los caballos y los botes. Con las mejillas carcomidas. Algunos dirán: picadas de viruela. Nos es viruela, son los sobresaltos sufridos por una piel aceitunada que el ardor devora (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p.22).

A palavra *criollo* em espanhol designa a pessoa descendente de espanhóis nascida na América. Entretanto, ao chamar Anita de “criollaza”, a narradora associa a palavra, no âmbito argentino, ao *criollo* como nativo, aquele que pela relação direta com a terra e a natureza hostil adquiriu certa brutalidade. E o adjetivo “brava” tem origem na forma de ser dos animais, ou seja, mais próximo da natureza bruta do que da cultura. Essas são características que Sarmiento, em *Facundo*, atribuiu ao *gaucho* ou ao *criollo* (o próprio Facundo, no caso). Isso se reforça pelo aumentativo “azo”, de certo modo depreciativo. É como se a narradora estivesse atribuindo a Anita certo ar selvagem, como uma mula indomada ou uma vaca brava.

Anita é pintada, no romance, como sendo uma mulher de pele escura, como indicam as palavras *cetrina* e *aceitunada* (cuja tradução de ambas pode ser “azeitonada”) e também “verdosa”, que quer dizer esverdeada. Aqui se tem uma tentativa de determinar, por exclusão, a cor da pele de Anita, que não era uma mulher branca. A cor verde pode estar associada à natureza, ao elemento natural da vegetação.

Em *A guerrilheira*, por sua vez, a descrição da personagem aparece no início do enredo, por meio do pensamento de Escobar, um gaúcho que se encontra

em Laguna: “Morocha – constatou – e que graça lhe davam aqueles cabelos mui fartos, negros e lisos, apanhados atrás, por baixo do chapelinho mole, de um azulado feio” (SANTOS, 1987, p. 22-23). A palavra morocha é utilizada no espanhol rio-platense e também no Rio Grande do Sul para conceituar as pessoas de pele morena. A personagem, então, seria uma morena de cabelos pretos.

Em outro momento, o narrador sublinha que Anita tinha “aqueles olhões muito pretos da rude mestiçagem”, associando a cor de seus olhos à mestiçagem racial que ocorreu no Brasil entre os brancos, negros e índios. Assim, tanto no romance de Felício dos Santos quanto no de Dujovne Ortiz, Anita seria uma pessoa que teria o sangue mestiço de seu país e, por isso, é a sua heroína. Aparece também no romance a ideia de que ela tem um ar selvagem, quando uma personagem diz à protagonista: “[...] senti seu cheiro selvagem de mata virgem”, associando-a à natureza de sua terra.

Já em *Anita*, de Flávio Aguiar, comenta o narrador durante o episódio da festa de batizado de uma criança da qual Anita é madrinha:

Ana era muito moça ainda, morena, de olhos negros e profundos, tinha uma cabeleira negra, que por vezes usava presa em coque, por detrás, outras vezes solta a cobrir-lhe os ombros. Não era alta, tinha seios fartos, cintura bem fina e dançava com graça em seus meneios, para lá e para cá (AGUIAR, 1999, p. 75-76).

Concordando com o romance de João Felício dos Santos, a descrição de Anita em Flávio Aguiar também mostra uma mulher morena, de cabelos negros. Aqui o narrador comenta rapidamente sobre o seu corpo da protagonista, dando a entender que ela é uma jovem vistosa.

O narrador de *Anita Garibaldi* comenta sobre sua personagem:

Con la edad se había transformado en una mujercita un poco más alta de lo habitual, y la vida al aire libre, los baños de mar y las largas cabalgatas por el campo o por la playa habían contribuido a modelar su cuerpo ágil, esbelto y atractivo. Con sus ojos y su pelo

negros, con su piel morena, era un blanco codiciado para la mirada no siempre inocente de los mozos de Laguna (SIERRA, 2003, p. 29).

Bonita como era, llena de vida, con el cuerpo ya en plenitud de formas, más alta que las jóvenes de su edad, de pecho generoso, rostro ovalado con algunas pecas, grandes ojos oscuros y almendrados, pelo negro, largo y siempre en libertad... (SIERRA, 2003, p. 32).

No romance de Sierra, assim como nos demais, Anita aparece como uma jovem morena, de cabelos e olhos pretos. Quanto à sua estatura, o narrador diz que ela é mais alta do que geralmente são as jovens de seu tempo, ao contrário da descrição do livro de Flávio Aguiar, que diz que ela não é alta. Entretanto, ambos concordam que ela tinha um busto farto e um corpo definido. O narrador de Sierra ainda comenta detalhes do rosto de Anita: a presença de sardas, os olhos amendoados e o rosto oval. No romance de Felício dos Santos é interessante notar o intuito do autor em elaborar uma personagem gaúcha pelo seu modo de expressão, ao utilizar a segunda pessoa do singular e expressões como “chico”, “tchê”, entre muitos outros.

Entretanto, mais do que a descrição física de Anita, os romances se voltam para a sua personalidade, descrevendo suas atitudes e pensamentos. Em todas as obras, exceto *Anita*, de Flávio Aguiar, o foco se volta as atitudes e pensamentos da personagem, que se chocam com as ideias da sociedade patriarcalista. Anita será sempre a mulher que transgride normas sociais, ou porque sua índole é de uma guerreira nata, ou porque quer estar ao lado do homem que ama.

Tanto *A guerrilheira* como *Anita cubierta de arena* descrevem sua protagonista como uma mulher que sabe conquistar um homem e não tem vergonha de fazê-lo. No primeiro livro, é Anita quem se enamora de Manuel e o conquista, propondo-lhe casamento, e também é ela quem chama a atenção de Garibaldi quando o vê chegando de navio. No segundo livro, de maneira mais sutil,

a protagonista chama a atenção do corsário para a sua beleza física. Em ambos, a protagonista Anita é descrita como uma mulher realista, que avalia os fatos e tira suas próprias conclusões, percebendo as verdadeiras intenções dos comandantes militares, ou mesmo prevendo o caminho que um determinado fato está trilhando.

Em *A guerrilheira*, Anita pressente o fracasso da Revolução Farroupilha, ao perceber a desunião dos chefes farrapos e a falta de recursos para continuar a guerra:

– Papin, será que nossa guerra não anda se perdendo? – Anita ficou desapontada com o imprevisto. – Será que...?
[...]
– Mas uma guerra, tchê! só se vence com armas... com tropa... com dinheiro – Anita foi prudente e realista –, mas sobretudo, com muita união (SANTOS, 1987, p. 250).

Em *Anita cubierta de arena*, a personagem tem consciência de que os chefes a quem Garibaldi serve se aproveitam de sua boa-fé: “*Nunca le dicen que no, siempre le dan un poco para que no se diga, y para tenerlo lejos*” (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 171). Ela é tida como uma pessoa que prevê as verdadeiras intenções das pessoas em relação ao seu amado, tentando provar a Garibaldi que suas deduções estão corretas, ainda quando ele não a escuta.

Mesmo narrando a história de uma mulher que se destaca na história por sua atuação na guerra em pleno século XIX, um espaço público e masculino por excelência, os quatro romances analisados destacam a vivência da personagem no espaço privado e a sua reação frente às normas impostas às mulheres pela sociedade.

Enquanto a protagonista de João Felício dos Santos combate com ações e palavras para se libertar do jugo social e irromper na esfera pública como um indivíduo totalmente familiarizado com o ambiente externo, a personagem de Flávio Aguiar tira proveito do momento em que permanece em casa para realizar o seu

grande anseio: aprender a ler e a escrever, ou seja, uma forma de romper o privado e entrar no público. Isto é, cada personagem, à sua maneira e com os meios que possui, impõe a sua vontade e consegue a realização de seus desejos.

Já a protagonista de Julio A. Sierra é descrita como uma jovem que anula seu desejo de ser livre e andar pelo espaço público para beneficiar a sua família. Mesmo quando decide seguir Garibaldi, ela sofre com os ataques morais da sociedade, desabafando seus sentimentos nas cartas à sua irmã.

No romance de Dujovne Ortiz o único desejo da Anita é estar ao lado do seu amado. Todavia, ela não consegue acompanhá-lo quando estão em Montevideu e, assim, sente-se presa, acorrentada pelas normas sociais. Somente no momento em que se torna uma “versão de José” é que ela se realiza. Entretanto, essa realização não ocorre dentro de si mesma, mas é algo exterior e que depende da aprovação do homem.

Assim, embora de modo muito semelhante, em cada romance Anita Garibaldi se torna uma personagem distinta e com pensamentos e ideias diferentes acerca de si própria e em relação às demais pessoas. Em cada obra se revive a sua saga e se faz ressurgir o mito dessa heroína brasileira, conforme a imagem que cada autor possui da sua protagonista. Todos eles partem da descrição de Anita nas *Memórias* de Garibaldi, ou para corroborá-la ou para negá-la. Contudo, em todos os casos, o que permanece é o interesse em narrar a vida da “heroína dos dois mundos”.

PALAVRAS FINAIS

A análise do *corpus* literário aponta para a dualidade dos âmbitos público e privado presentes na história de Anita Garibaldi, revelando uma personagem ambígua, caracterizada com elementos masculinos e femininos. Como afirma Ruth S. Brandão (2006, p. 29), a personagem feminina na literatura “encarna o pretendido enigma de uma feminilidade que se pode representar falicamente”, no entanto, a incompletude da mesma provém do fato de que se ela “se mostra com adornos fálicos, estes, entretanto, são o brilho do que ela não é”. É assim que se revela a personagem Anita nas obras literárias selecionadas para este trabalho.

A historiografia costuma apresentar Anita como uma mulher que se apropria do universo masculino e, por isso, é representada como guerreira, ou seja, uma mulher que sabe manejar os objetos tipicamente masculinos, como são as armas. Contudo, esses mesmos objetos não costumam compor a imagem de uma mulher do século XIX, época de domínio de uma sociedade embasada na ideologia patriarcal.

Isso se verifica na descrição de Anita feita por Garibaldi em suas *Memórias*. O italiano associa a imagem de sua companheira a elementos e personagens típicos do universo da guerra – à deusa grega Palas Atena, à valentia de soldado, à agilidade de cavaleiro, entre outros – que não conseguem abarcar a figura feminina por completo. Por isso, a contribuição dos demais historiadores citados no primeiro capítulo é importante para descrever Anita no espaço privado, cumprindo as funções domésticas e o papel de mãe e esposa, como uma mulher burguesa de seu tempo.

A ambiguidade da figura histórica de Anita é retratada em maior ou menor grau nos romances analisados neste trabalho. A personagem Anita de A

guerrilheira, por exemplo, é uma mulher que se opõe totalmente às funções delegadas às mulheres pela sociedade e se engaja por completo na guerra. No entanto, em um ou dois momentos do enredo, o narrador a coloca obedecendo às ordens de Garibaldi, mesmo contra a sua vontade, e assumindo algumas tarefas domésticas. Isso ocorre porque João Felício dos Santos, apesar do intuito de construir uma personagem feminina ambientada e familiarizada no espaço público, mantém alguns resquícios da influência da ideologia patriarcal, que ainda vigora na segunda metade do século XX.

Com a proposta de apresentar uma personagem feminina que ganha o espaço masculino, João Felício dos Santos aproxima a representação da protagonista ao modelo histórico de Anita elaborado por Garibaldi, acentuando as características de mulher guerreira que irrompe na guerra como vencedora, a ponto de poder se associar a personagem literária ao mito da donzela guerreira. Ele a descreve como uma guerrilheira nata, que possui princípios libertários desde pequena e por eles luta com convicção.

Assim, o autor atualiza o protótipo de mulher guerreira construído por Garibaldi, solidificando o mito heroico de Anita por meio da ficção. No entanto, mesmo corroborando a imagem de Anita elaborada pelo italiano, Felício dos Santos se distancia do modelo histórico para criar uma guerrilheira nata, mais próxima ao arquétipo literário da donzela-guerreira.

Além de apresentá-la como guerreira, Garibaldi sublinha em suas *Memórias* que Anita é fiel a ele, lutando sempre ao seu lado e pelas mesmas causas. A leitura apresentada por Flávio Aguiar tenta desfazer esse mito ao questionar a lealdade de Anita ao marido revolucionário. Todavia, essa leitura é apenas sugerida pelo narrador do romance *Anita*, que deixa no texto fissuras, que devem ser completadas

pelo leitor. A ambiguidade da personagem feminina não é tão explícita como nos demais romances analisados, mas percebe-se essa dualidade na vida da protagonista quando ela se divide para desempenhar os papéis de heroína e de mulher burguesa, conforme as regras do país em que se encontra, e na tentativa de se inserir no espaço público por meio da leitura.

Um dos pontos mais importantes em destaque na obra de Aguiar é o letramento de Anita, pois apresenta a trajetória da personagem até ser alfabetizada. A questão das letras e da leitura também é abordada por outras obras, mas no romance de Aguiar esse tema adquire singularidades como a consciência da personagem sobre a importância de ser alfabetizada, e, assim, adentrar no território masculino, e o fato de ter como professor outra personagem marginalizada pela sociedade.

Aqui, pode-se perceber o diálogo que o professor Flávio Aguiar estabelece com a Crítica Feminista e os Diálogos Culturais, tão em voga na passagem do século XX para o XXI. Ao negar a imagem heróica de Anita descrita por Garibaldi e discutir o modelo de mulher romântica, o escritor se distancia do modelo histórico e apresenta uma personagem feminina baseada em uma versão literária que se recusa a imitar o discurso hegemônico da história.

Os romances *Anita Garibaldi* e *Anita cubierta de arena* não divergem muito da imagem histórica de Anita, mas demonstram explicitamente a ambiguidade da personagem feminina entre o espaço público e privado. A obra de Julio A. Sierra repete em seu enredo a descrição de Anita nas *Memórias de Garibaldi*, por Alexandre Dumas, não se afastando do modelo histórico. A protagonista aparece lutando contra o inimigo e animando os soldados nas mesmas situações narradas pelo italiano. Aliás, o fato de Garibaldi ser uma personagem do enredo e ter relatado

ao narrador a história de Anita, já é um indício de que o romance se aproxima do discurso histórico, imitando o protótipo tradicional de heroína de Anita Garibaldi.

Quanto ao embate entre o público e o privado, o romance demonstra, já no primeiro capítulo, o conflito da protagonista entre querer ser livre no espaço aberto e lutar contra a imposição da sociedade em mantê-la no espaço restrito da casa. O entrechoque das atitudes de Anita e o julgamento da sociedade torna-se mais acirrado quando ela decide seguir Garibaldi. Para que a personagem possa explicar seus sentimentos, o autor opta por trazer para narrativa trechos do livro *Anita Garibaldi, a mulher do general*, da bisneta Anita Garibaldi, provavelmente no intuito de provar ao leitor que as razões da protagonista são corretas. Desse modo, Sierra não consegue se desprender da história e criar uma obra literária que ofereça uma leitura diferente daquela proposta pela historiografia.

Anita cubierta de arena, de Alicia Dujovne Ortiz, apresenta a personagem lutando ao lado de Garibaldi, nos mesmos contextos descritos nas *Memórias*. Contudo, na obra de Ortiz, o propósito de Anita não é lutar pela “causa dos povos”, como o revolucionário afirma em seu relato, mas sim permanecer ao lado do homem que ama. Ou seja, se a versão do romance de Flávio Aguiar questiona a fidelidade da heroína em relação ao seu companheiro, a narrativa de Dujovne Ortiz ratifica essa lealdade e a imagem de mulher romântica que está na narrativa do italiano.

Apesar de os estudos feministas apontarem que a narrativa argentina escrita por mulheres esteja ou na fase feminista, de protesto contra a ideologia patriarcal, ou na fase “da mulher”, de descoberta da identidade feminina, pode-se dizer que *Anita cubierta de arena* ainda está na primeira fase, a feminina, na qual se representa a personagem feminina submissa e dependente da vontade masculina,

o que remete à representação da mulher na sociedade patriarcal. A protagonista de Dujovne Ortiz transgride regras sociais, não como forma de protesto ou para exigir a liberdade feminina, mas para estar junto com Garibaldi, tanto na guerra quanto em casa.

O conflito entre ser mulher no espaço público e privado aparece no romance associado à busca de identidade da protagonista, que não a encontra no papel de mulher burguesa ou dona de casa. Contudo, ao procurá-la no ambiente público, Anita encontra a sua identidade em Garibaldi. Desse modo, ela acaba tornando-se uma versão feminina de seu companheiro, uma espécie de ser andrógino que contém características femininas e masculinas.

Percebe-se, assim, que a ambiguidade da figura feminina está presente nos romances ao apresentar a personagem Anita circulando entre o espaço público e o privado, transitando entre eles, muitas vezes sem se fixar em nenhum deles. Com isso, a representação de Anita muda de posição a cada discurso: de guerreira em Felício dos Santos à mulher romântica em Dujovne Ortiz, próxima ao modelo histórico em Sierra ou distanciado desse protótipo em Aguiar.

Quanto à representação da personagem feminina de autoria masculina e feminina, a grande diferença está no fato de Alicia Dujovne Ortiz ter focado situações conflitivas internas de sua protagonista. No entanto, ao invés de direcionar esse conflito em protesto à submissão feminina frente à dominação masculina e/ou procurar caminhos que levassem a personagem a encontrar uma identidade fora do universo masculino, a autora assevera a subserviência de Anita em relação ao homem que ama. Ao contrário do que ocorre, por exemplo, com a protagonista de Felício dos Santos que não se deixa submeter às normas sociais e luta pela liberdade da mulher com atitudes e palavras, o romance de Sierra

praticamente repete a imagem histórica de Anita e o romance de Aguiar a desconstrói, descrevendo algumas atitudes dúbias por parte da personagem Anita.

Os romances brasileiros, assim, são os que mais inovam na releitura histórica e, por isso, diferenciam-se dos romances argentinos, inclusive daquele de autoria feminina. Os escritores brasileiros são os que mais elaboram ficcionalmente a personagem Anita, cada qual de uma forma diferente: Felício dos Santos reitera o mito heroico de Anita e Aguiar questiona o modelo elaborado por Garibaldi. Os autores argentinos não conseguem se distanciar muito do protótipo histórico de Anita: Julio A. Sierra ratifica a sua heroicidade enquanto Dujovne Ortiz destaca o amor e a fidelidade de uma mulher romântica a seu amado.

Nota-se, ainda, que com exceção do romance *Anita*, de Flávio Aguiar, os demais validam a imagem de Anita construída por Garibaldi e complementada por outros historiadores, sem questionar o fato de que a Anita histórica é também uma construção discursiva e que seu idealizador queria garantir a heroicidade de ambos. Aguiar questiona a construção do mito heroico romântico de Anita, apresentando uma releitura muito diferente da história.

Em cada obra literária analisada neste trabalho é possível distinguir algumas estratégias narrativas que auxiliam a construção do enredo e da personagem Anita. Em *A guerrilheira*, destaca-se a presença de várias personagens ficcionais que atuam em segundo plano para recompor, didaticamente, o contexto histórico e social, e formam, muitas vezes, o coro que julga as atitudes de Anita como transgressora. Por meio de suas falas, observa-se o modo de agir que uma mulher deveria seguir, segundo as normas da sociedade, e a postura que a protagonista adquire frente ao domínio masculino. Deve-se realçar a onisciência do narrador em relação à história narrada, selecionando a ordem dos fatos e das

personagens a serem apresentados ao leitor.

Assim, a Anita de João Felício dos Santos é uma personagem feminina que rechaça o domínio masculino e luta pela liberdade (do regime político, dos negros e das mulheres) e que faz do espaço público o seu universo.

No romance *Anita*, Aguiar vale-se do recurso do manuscrito encontrado para reiterar a metaficcionalidade de seu romance. Com um narrador intruso e uma personagem que está à margem da sociedade, o romance abarca não só a história de Anita, mas a todo um contexto histórico e cultural do século XIX e dialoga com a literatura e com a crítica literária desse período. A presença de Anita se verifica do começo ao fim da história, mesmo que o fato relatado não esteja ligado diretamente a sua vida, assim como as mulheres sempre estiveram presentes na história e foram ignoradas pelo discurso masculino. Desse modo, a evocação de Anita na obra é a representação de inúmeras mulheres que atuaram na história e cuja vida não foi registrada. A imagem de Anita pintada por Flávio Aguiar é a de uma mulher distinta daquela apresentada pela história hegemônica.

Em *Anita Garibaldi*, o argentino Sierra recorre às cartas apócrifas do livro da bisneta Anita Garibaldi, reproduzindo várias delas ao longo da narrativa. Nelas, a protagonista justifica sua oposição às normas sociais alegando que age conforme seus sentimentos e se inocenta das acusações. Nesse romance, Garibaldi é a personagem que relata a história de Anita para o narrador e este garante que reproduziu fielmente a narração de seu interlocutor. Assim, a Anita de Sierra é tecida pela voz de seu companheiro, que é a mesma das *Memórias*, mas o faz também através da técnica do uso de cartas. De tal modo, o que prevalece é a imagem de Anita forjada pelo discurso histórico.

Na obra de Dujovne Ortiz, *Anita cubierta de arena*, percebe-se que a

narradora privilegia o discurso indireto e o foco narrativo a partir da visão de Anita para recompor a história da heroína brasileira, dirigindo a leitura para os conflitos da personagem feminina que não encontra a sua identidade nos diversos papéis sociais que desempenha ao longo de sua vida. Todavia, ela encontra tal identidade no ser amado e se submete a ele livremente. Por isso, a Anita de Alicia Dujovne Ortiz é uma figura feminina que depende do homem, Garibaldi, para existir, o que não deixa de corresponder com a realidade extratextual, uma vez que a Anita histórica só existe por causa das memórias do italiano, que a apresenta como uma companheira de amor e de armas.

Pode-se dizer, então, que não há uma Anita apenas, mas diversas Anitas textuais. A primeira é feita pelo discurso histórico por meio das *Memórias* de Garibaldi, que elabora um modelo feminino atuante no espaço público. Sem negar esse primeiro protótipo, os demais historiadores que a ela se referiram completaram a sua caracterização, descrevendo-a também na vivência do universo feminino.

Os romances *A guerrilheira*, de João Felício dos Santos, *Anita*, de Flávio Aguiar, *Anita Garibaldi*, de Julio A. Sierra, e *Anita cubierta de arena*, de Alicia Dujovne Ortiz, são, enfim, uma forma de reinterpretação do exemplar Anita elaborada historicamente. Cada um, no entanto, apresenta uma Anita diferente, conforme a ideologia que cada autor possui do passado histórico. Vale lembrar aqui a afirmação de Magdalena Perkowska em *Historias híbridas* (2008, p. 42): “*la novela histórica latinoamericana no cancela la historia sino que redefine el espacio declarado como “histórico” [...] configurando en su lugar las historias híbridas que tratan de imaginar otros tiempos, otras posibilidades, otras historias y discursos*”. É provável que não seja intenção dos escritores anularem a história de Anita Garibaldi, ao contrário, eles elaboram uma “história híbrida”, apresentando uma

releitura baseada nos vestígios históricos.

Assim, todas as narrativas literárias analisadas neste trabalho têm a intenção de fazer aflorar a história da heroína brasileira, revivendo a sua saga em um discurso emaranhado de história e ficção. Ao tentar desvelar os relatos que a encobrem, os romances fazem, no entanto, com que Anita Garibaldi continue coberta por histórias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Flávio. *Anita*. São Paulo: Boitempo, 1999.
- AINSA, Fernando. La nueva novela histórica latinoamericana. *Plural*. México, 240, p.82-85, 1991.
- AINSA, Fernando. Invención literaria y 'reconstrucción' histórica en la nueva narrativa latinoamericana. In: KOHUT, KARL (Ed.) *La invención del pasado. La novela histórica en el marco de la postmodernidad*. Frankfurt; Madrid: Veveuert, 1997.
- AINSA, Fernando. *Reescribir el pasado*. Historia y Ficción en América Latina. Caracas: Celarg, 2003.
- ANTONIO Muniz, s.v. "Herói", *E-Dicionário de Termos Literários*, coord. de Carlos Ceia. Retirado de <www.fcsh.unl.pt/edt/verbetes/H/heroi.htm> Acesso em 13 nov. 2009.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Cláudia Fares. São Paulo: Arx, 2004.
- BORBA, Francisco S. (Org.) *Dicionário UNESP do português contemporâneo*. São Paulo: UNESP, 2004.
- BRASIL, Luis Antonio de A. *Cães da província*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- BRANDÃO, Ruth S. *Mulher ao pé da letra: a personagem feminina na literatura*. 2.ed. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- CAMPANELLA, Hebe N. *La novela histórica argentina e iberoamericana hacia fines del siglo XX*. Buenos Aires: Vinciguerra, 2003.
- CAPUANO, Yvonne. *De sonhos e utopias: Anita e Giuseppe Garibaldi*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1999.
- CHEVALIER, Jean; GREERBRANT, Alain. *Dicionário dos símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Trad. Vera da Costa e Silva et al. 17. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- CIPLIJAUSKAITÉ, Biruté. *La novela femenina contemporánea*. Barcelona: Editorial Antropos, 1988.
- COLLOR, Lindolfo. *Garibaldi e a Guerra dos Farrapos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977.
- CUNHA, Gloria da (Org.) *La narrativa histórica de escritoras latinoamericanas*. Buenos Aires: Corregidor, 2004.
- DUJOVNE ORTIZ, Alicia. *Anita cubierta de arena*. Buenos Aires: Alfaguara, 2003.
- DUJOVNE ORTIZ, Alicia. *Eva Perón: a madona dos descamisados*. Trad. Clóvis Márquez. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

DUMAS, Alexandre. *Memórias de Garibaldi*. Porto Alegre: [s.e], 1907.

DUMAS, Alexandre. *Memórias de Garibaldi*. Trad. Antonio Caruccio-Caporale. Porto Alegre, L&PM, 2006.

ELIBIO Jr., Antonio M. *Uma heroína na história: Representações sobre Anita Garibaldi*. 2000. 165f. Dissertação. (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina - Florianópolis, 2000.

ELMORE, Peter. La fábrica de la memoria. *La crisis de la representación en la novela histórica latinoamericana*. Lima: FCE, 1997.

ESTEVES, Antonio R. El lugar de la mujer en la utopía latinoamericana: Anita cubierta de arena (2003), de Alicia Dujovne Ortiz. In: *I Congreso Regional del Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana*. 2005. Rosario. *Actas del Congreso Regional III*. Rosario: Aula Rama, 2007a.

ESTEVES, Antonio R. Imagens do Brasil em romances históricos hispano-americanos contemporâneos. In: SEDYCIAS, João (Org.) *A América Hispânica no imaginário literário brasileiro = Brasil en el imaginario literario hispanoamericano*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007b.

ESTEVES, Antonio R. Imagens do Brasil (e da República Rio-Grandense) nas Memórias de Garibaldi (por Alexandre Dumas). In: CAIRO, Luis Roberto; SANTURBANOS, Andrea; PETERLE, Patricia; OLIVEIRA, Ana Maria D. de (Org.). *Visões poéticas do espaço: ensaios*. Assis: FCL-Assis-UNESP-Publicações, 2008. p. 75-86.

FERNÁNDEZ PIETRO, Celia. Relaciones pasado-presente en la narrativa histórica contemporánea. In: ROMERA CASTILLO, José; GUTIÉRREZ CARBAJO, Francisco; GARCÍA-PAGE, Mario (Ed.) *La novela histórica a finales del siglo XX*. Madrid: Visor, 1996.

FERNÁNDEZ PIETRO, Celia. *Historia y novela: poética de la novela histórica*. Barañáin: EUNSA, 1998.

FIGUEIREDO, Vera F. de. Da alegria e da angústia de diluir fronteiras: o romance histórico hoje na América Latina. *Cânones e contextos: Anais do 5º. Congresso ABRALIC*. Rio de Janeiro, ABRALIC, 1998, vol. 1. p. 479-486.

GALVÃO, Walnice N. *A donzela-guerreira – um estudo de gênero*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1998.

GARDARSDÓTTIR, Holmfrídur. *La reformulación de la identidad genérica en la narrativa de mujeres argentinas de fin de siglo XX*. Buenos Aires: Corregidor, 2005.

GARIBALDI, Anita. *Anita Garibaldi, a mulher do general*. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

GARIBALDI, Annita. *Garibaldi na América*. Trad. Renato Travassos. Rio de Janeiro: 1931.

GARIBALDI, Giuseppe. *Le memorie di Garibaldi in una delle redazione definitiva del 1872*. Bologna: L. Capelli, 1932. Vol. I.

GIUFFRÉ, Mercedes (Org.) *En busca de la identidad* (La Novela Histórica en Argentina). Buenos Aires: Ed. del Signo, 2004

GONZÁLEZ ECHEVARRÍA, Roberto (Org.) *Historia e ficción en la narrativa hispanoamericana: Coloquio de Yale*. Caracas: Monte Ávila, 1984.

GONZÁLEZ MARRENO, Secundino. Guerrilla. In: REYES, Román (Dir.) *Diccionario Crítico de Ciencias Sociales*. Publicación Electrónica de la Universidad Complutense Madrid. Retirado de <<http://www.ucm.es/info/eurotheo/diccionario/G/index.html>> Acceso em 14 nov. 2009.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LOJO, María Rosa. *Las libres del Sur*. Buenos Aires: Sudamericana, 2004.

LUKÁCS, Georges. *La novela histórica*. Trad. Jasmim Reuter. 3.ed. México: Era, 1977.

LUNA, Cláudia. La cautiva. In: CÁRCAMO, Silvia Inés (Org.) *Mitos españoles: imaginación y cultura*. Rio de Janeiro: APEERJ, 2000. p. 135-142.

MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa (Org.) *Dicionário da crítica feminista*. Porto: Afrontamento, 2005.

MARKUN, Paulo. *Anita Garibaldi: uma heroína brasileira*. 5.ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2003.

MÁRQUEZ RODRÍGUEZ, Alexis. *Historia y ficción en la novela venezolana*. Caracas: Monte Ávila, 1991.

MATA INDURÁIN, C. Retrospectiva sobre la evolución de la novela histórica. In: SPANG, K. et al. (ed.) *La novela histórica*. Teoría y comentarios. Barañáin: Universidad de Navarra, 1995. p. 13-63.

MATHIEU, Corina. Argentina. In: CUNHA, Gloria da (Org.) *La narrativa histórica de escritoras latinoamericanas*. Buenos Aires: Corregidor, 2004. p. 29-68.

MENTON, Seymour. *La nueva novela histórica de la América Latina, 1949-1992*. México: FCE, 1993.

OLIVEIRA, Rosiska D. de. *Elogio da diferença: o feminismo emergente*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

PEDRO, Joana M. Mulheres do sul. In: DEL PRIORE, Mary (Org.) *História das mulheres no Brasil*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002. p. 278-321.

PERKOWSKA, Magdalena. *Historias híbridas: la nueva novela histórica latinoamericana (1985-2000) ante las teorías posmodernas de la historia*. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt am Main: Vervuert, 2008.

PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PLATÃO. *O banquete, ou, do amor*. Trad. Prof. J. Cavalcante de Souza. São Paulo: DIFEL, 1970.

PONS, María Cristina. *Memorias del olvido*. La novela histórica de fines del siglo XX. Madrid: Siglo Veintiuno, 1996.

QUINTELLA, Ary. *Amor que faz o mundo girar*. Belo Horizonte: Ed. Lê, 1990.

RAPUCCI, Cleide A. "Exposta ao vento e ao sol": a construção da personagem feminina na ficção de Angela Carter. Tese. 380 f. (Área de Teoria Literária e Literatura Comparada) – UNESP-Assis, 1997.

RAU, Wolfgang L. *Anita Garibaldi*. O perfil de uma heroína brasileira. Porto Alegre: Edeme, 1975.

RICHARD, Nelly. *Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política*. Trad. Romulo Monte Alto. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

RUAS, Tabajara. *Os varões assinalados*. Porto Alegre: L&PM, 2005.

SANTOS, João F. *A guerrilheira: o romance da vida de Anita Garibaldi*. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

SIERRA, Julio A. *Anita Garibaldi*. Guerrillera en América del Sur, heroína de la unidad italiana. Buenos Aires: Sudamericana, 2003.

SHOWALTER, Elaine. A literature of their own. In: EAGLETON, M. (Ed.). *Feminist literary theory: a reader*. Cambridge, Mass.: Blackwell. 1986. p. 11-15.

SOUZA, Raymond D. La historia en la novela hispanoamericana moderna. Bogotá: Tercer Mundo, 1988.

TROUCHE, André Luís G. *América: história e ficção*. Niterói: EDUFF, 2006.

VALENTE, Valentim. *Anita Garibaldi*. Heroína por amor. Rio de Janeiro: Irmãos Pongueti, 1949.

VARGAS-LLOSA, Mario. La verdad de las mentiras. In: *La verdad de las mentiras*. Ensayo sobre literatura. 2.ed., Barcelona: Seix Barral, 1990. p. 7-18.

VASCONCELOS, Vania Maria F. *A donzela guerreira e a descostura irônica do novo romance histórico em Viva o Povo Brasileiro*. Dissertação. 194 f. Universidade Federal do Ceará – Fortaleza, 1998.

ZOLIN, Lúcia O. Crítica feminista. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia O. (Org.) *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2. ed. Maringá: Eduem, 2005. p. 181-203.

WEINHARDT, Marilene. *Considerações sobre o romance histórico*. Letras, Curitiba, n. 43, p. 49-59.

WEINHARDT, Marilene. Quando a história literária vira ficção. In: ANTELLO, Raul et al. (Org.) *Declínio da arte: ascensão da cultura*. Florianópolis: ABRALIC; Letras Contemporâneas, 1998.

WEINHARDT, Marilene. *Ficção histórica e regionalismo*. Curitiba: Ed. UFPR, 2004.

WIERZCHOWSKI, Leticia. *A casa das sete mulheres*. 13. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.